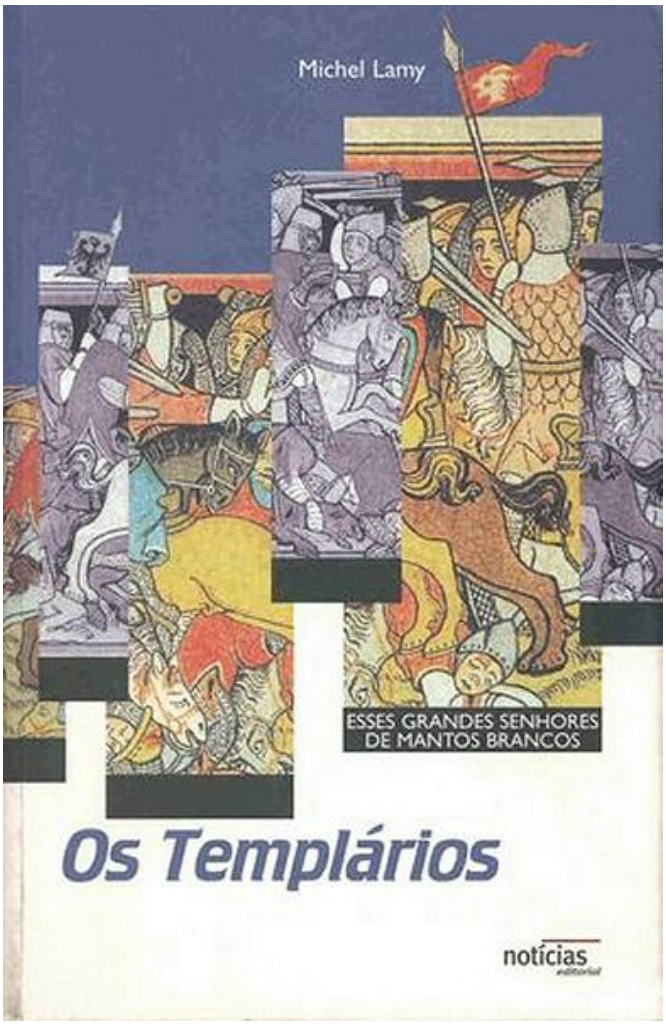
MICHEL LAMY

OS TEMPLÁRIOS

ESSES GRANDES SENHORES DE MANTOS BRANCOS

Os seus costumes, os seus ritos, os seus segredos



http://groups.google.com/group/digitalsource

DIGITAL Source

4ª edição
Notícias Editorial

NOTA DO EDITOR PORTUGUÊS

Não se sabe ao certo se, entre os primeiros nove templários que foram a Jerusalém, um deles seria do Condado Portucalense: Gondomar (ou Gondemar?). Mas supõe-se que a presença da Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo (mais tarde denominada por Ordem do Templo) em Portugal data de 1126, e sabe-se que os Templários estavam solidamente implantados no país em 1157, quando foi nomeado Grão-Mestre Gualdim Pais, figura emblemática que comandou a reconquista de Santarém e Lisboa, ao lado de Martim Moniz. Em 1128, D. Teresa concedeu-lhes o castelo de Soure, e como recompensa dos seus feitos guerreiros, D. Afonso Henriques outorgar-lhes-á a cidade de Tomar, bem como as terras compreendidas entre Tomar e Santarém. Foi assim que o castelo de Almourol, contemplando todo o Tejo, entrou na posse da Ordem.

É também certo que a decisão papal de extinguir a Ordem não seria bem acolhida e, em 1311, D. Dinis ordenou o levantamento de um processo, que decorreu em Salamanca, para averiguar a culpabilidade dos templários da Península Ibérica. Os templários portugueses seriam ilibados. Logo depois, D. Dinis enviou ao papa João XXII dois emissários para negociarem o renascimento da Ordem do Templo. Surgiu a Ordem de Cristo, de que foi investido Grão-Mestre Gil Martins (em 15 de Março de 1319), e cujos cavaleiros usavam um hábito idêntico ao dos templários: apenas uma cruz branca inscrita dentro da cruz vermelha (para assinalar a pureza da instituição ressurgida) os distinguia. Os dignatários do Templo conservaram os seus lugares na nova Ordem, que alojou também muitos templários refugiados, de França e outras nações europeias.

É em Tomar que encontramos uma maior concentração de bastiões da Ordem, contributos inestimáveis para o nosso patrimônio arquitetônico. E o caso do castelo de Tomar (também chamado dos Templários), que estaria unido por passagens subterrâneas à Igreja de São João Baptista (santo venerado pela Ordem, que nos seus templos e capelas conta com inúmeras representações de *baphomets* - cabeças degoladas) e à Igreja de Santa Maria do Olival, onde Gualdim Pais foi sepultado. O seu túmulo, ao que se sabe, está vazio - mais um enigma para a constelação dos mistérios do Templo.

A arte gótica, segundo Michel Lamy, terá sido introduzida pelos Templários, que se associaram a mesteirais *cagots*, possuidores de segredos de construção e dos trabalhos em pedra (possíveis antecessores dos «pedreiros-livres» ou franco-maçons). O estilo manuelino será, em Portugal, o herdeiro direto do gótico e o seu grande expoente é o Convento de Cristo, cripta da Ordem de Cristo, após se ter

instalado por alguns anos em Castro Marim e ter regressado à original sede do Templo. Na charola do Convento de Cristo encontramos a disposição octogonal, fiel à cosmologia da época e representando o hemisfério celeste. Os Templários, e os seus herdeiros Cavaleiros de Cristo, teriam desenvolvido os conhecimentos de astrologia e astronomia (as duas ciências, como se sabe, eram indissociáveis) que lhes serviram para iniciar a aventura dos Descobrimentos. A esfera armilar, na famosa Janela do Capítulo, lá está para nos lembrar o papel dos Cavaleiros nas Descobertas, assim como o ângulo de 34º que encontramos nos vértices das fachadas das capelas góticas, que será o ângulo que a constelação de Cão Maior faz com a Taça (Graal) e com Leão, conforme representado no baixo-relevo da Igreja de São João Baptista. Esta estará ainda ligada por subterrâneos a um outro monumento de Tomar, o Convento de Santa Iria, onde se observa um boi esculpido na pedra (Constelação do Boieiro), herança visigótica de que a Ordem do Templo se terá apropriado. No plano arquitetônico, há também que realçar o «olho de boi» sobre a Janela do Capítulo, de que se diz indicar a direção do ovo alquímico, que serviria para a transmutação do metal em ouro e que, juntamente com a carga trazida das viagens marítimas à Terra Nova, seria a explicação do tesouro templário, misteriosamente desaparecido e talvez depositado em... Tomar.

Podemos não dar crédito a todas estas suposições (ao ponto de nos parecer, lendo as obras dos que investigaram os «segredos» dos Templários, que a Ordem seria uma espécie de súmula das mais variadas e díspares esotéricas de todo o Mundo, sendo quase impossível encontrar um fio de coerência). Mas parece inegável que os Templários e a Ordem de Cristo desempenharam um papel fundamental nos Descobrimentos Portugueses. Diz-se de D. Dinis, o grande defensor da continuação da Ordem, que estaria «iniciado» nos segredos templários... E não foi ele o «plantador de naus a haver», segundo a Mensagem de Fernando Pessoa, último Cavaleiro de Rosa-Cruz, essa Ordem da cruz mística que muitos julgam herdeira dos Templários?

O grande impulsionador das Descobertas foi D. João, mestre de Aviz, e sabemos que a Ordem de Avis estava intimamente ligada a Calatrava e, portanto, ao Templo. Assim, também, as primeiras caravelas ostentavam o pavilhão da Cruz de Cristo, e o Infante D. Henrique, se não era Mestre, era pelo menos governador da Ordem de Cristo. Finalmente, e sem esgotar os grandes nomes da história nacional que estariam ligados a uma pretensa «missão templária», o último rei de Avis foi D. Sebastião, o Desejado, dominado pelo sonho megalômano do Império «onde nunca o Sol se põe» (era, indiscutivelmente, objetivo dos Templários ligar ao Ocidente o Oriente). E foi D. Sebastião que ordenou ao D. Pedro Álvares que escrevesse a história da Ordem de Cristo, *Compilação das Escrituras da Ordem de Cristo*, ordenada por Alvará d' El Rei D. Sebastião, de 16 de Dezembro de 1560. Nesta obra, em vários volumes, conta-se «que a Igreja de Santa Maria do Olival era a única paroquial Igreja de toda a terra de Thomar e Ceras e que o vigairo dela era representado pelo Mestre e Convento sem instituição nem autoridade doutrem», «que a Ordem de Cristo se pode chamar a Ordem do Verdadeiro Templo», e que «parece que o dito Infante D. Henrique soube do tempo da sua morte e como se

preparou para ela», entre outras várias «histórias» que valerá a pena esmiuçar-se se se quiser traçar o percurso dos Templários em Portugal, que parece ser indissociável da consolidação e afirmação da nossa nacionalidade.

Vemos, pois, que Portugal esteve decisivamente envolvido na implantação e preservação da Ordem do Templo, o que Michel Lamy deixa entrever na sua obra. Esta nota e a documentação iconográfica selecionada para ilustrar a obra, pretendem fornecer algumas pistas para quem deseje prosseguir um estudo sobre a ação dos Templários em Portugal.

ADVERTÊNCIA

A história da Ordem do Templo é um terreno escorregadio que provoca desconfianças aos universitários atuais. Demasiado enigmático, demasiado ligado ao esoterismo para não desagradar aos apoiantes da escola quantitativista, suscita muito poucas vocações em comparação com o que aconteceu outrora. No entanto, deu origem, ao longo dos tempos, a inúmeras obras de qualidade. Investigadores de todos os horizontes tentaram compreendê-la, contribuindo com a luz que era própria da sua formação ou do seu empenhamento político.

Por que razão acrescentar mais um livro aos milhares já publicados em todo o mundo e que estudam pormenorizadamente a vida dos cavaleiros do Templo nas suas Comendas, as operações militares que realizaram, a sucessão dos seus Grão-Mestres, a sua alimentação, as suas armas, etc.?

Se se tratasse apenas disso, bastaria efetivamente remetermo-nos para as muito boas obras de John Charpentier, Albert Ollivier, Georges Bordonove, Marion Melville, Raymond Oursel, Alain Demurger e muitos outros. Mas essas obras, por mais sérias que sejam, não resolvem todos os enigmas que a Ordem do Templo levanta.

Muitos investigadores se dedicaram às zonas de sombra desta história, com maior ou menor felicidade, maior ou menor loucura, é preciso dizê-lo. Nem todas as suas hipóteses são fiáveis, mas muitos deles trouxeram o seu quinhão de luz a um tema que tinha muitos espaços de trevas. São necessários nomes como os de Louis Charpentier, Daniel Réju, Gérard de Sède, Gilette Ziegler, Guinguand, Weysen, para desbravar as veredas da História Secreta, por mais perigosas e assustadoras para o caminhante que sejam.

Porque, finalmente, digam o que disserem determinados historiadores encartados, a criação da Ordem do Templo continua envolta em mistérios; e o mesmo acontece com a realidade profunda da sua missão. Inúmeros locais ocupados pelos Templários apresentam particularidades estranhas. Atribuíram-se aos monges-soldados crenças heréticas, cultos curiosos e às suas construções significados e até poderes fantásticos. A seu respeito, fala-se de gigantescos tesouros escondidos, de segredos ciosamente preservados e de muitas outras coisas.

As diversas hipóteses formuladas contêm, sem dúvida, muito mais partes de sonho do que fatos provados, mas, mesmo por detrás das mais loucas, há muitas vezes parcelas de verdade que há que pôr a claro, por muito que desagrade aos

racionalistas inveterados.

No que a isto respeita, convém determo-nos, por breves instantes, num caso curioso: o de Umberto Eco. Depois do seu êxito mundial, *O Nome da Rosa*, este universitário italiano vendeu vários milhares de exemplares de uma outra obra: *O Pêndulo de Foucault.* Nela, amalgama a seu bel-prazer tudo o que se relaciona com o esoterismo e os Templários, acumulando citações desinseridas do seu contexto, truncando-as de forma a adulterar as teses apresentadas; em resumo, utilizando processos bem conhecidos da desinformação. O objetivo de Umberto Eco parece ter sido ironizar, troçar de todos quantos procuram a verdade fora dos caminhos muito trilhados, o que, no entanto, é, em certa medida, também o seu caso. Encarniçou-se especialmente contra aqueles que se interessam pelos mistérios dos Templários: uns loucos! Por três vezes, é a frase que põe na boca de uma das suas personagens: «Desde o tempo em que eles [os Templários] haviam sido enviados para a fogueira, uma multidão de caçadores de mistérios procurara encontrá-los em todo o lado, e sem nunca apresentar a menor prova» - «Quando alguém repõe em jogo os Templários, é quase sempre um louco» - «Mais tarde ou mais cedo, o louco põe os Templários em jogo» - «Também há loucos sem Templários, mas os loucos dos Templários são os mais insidiosos» - «Os Templários continuam a ser indecifráveis devido à sua confusão mental. É por isso que tantas pessoas os veneram.»

Pois bem, assim seja. Convido todos quantos se interessam pelos Templários a partilharem um pouco de loucura comigo, na investigação dos mistérios da Ordem do Templo. Deixemos Umberto Eco entregue ao seu psicanalista, para que este lhe explique o que o levou a ler centenas de obras a que não atribui qualquer crédito e que procura ridicularizar.

Corramos antes o risco de, em conjunto, nos aventurarmos por caminhos não balizados, mesmo que possamos perder-nos neles. Tentemos esclarecer, de passagem, os mistérios das origens da Ordem e a influência de São Bernardo. Interessemo-nos pela colossal potência econômica e política que a Ordem do Templo representou e pelos meios que empregou, pelas fontes da sua riqueza. Investiguemos se foi herética e que cultos estranhos foram eventualmente praticados no seu seio. E, para tal, dediquemo-nos a examinar os vestígios que os Templários nos deixaram, nomeadamente gravados na pedra. Interroguemo-nos sobre a origem do impulso que deram à arquitetura da sua época e sobre as fontes dos seus conhecimentos nesta matéria. Procuremos na sua prisão e no seu processo as chaves mais misteriosas. Estudemos o que pode sobreviver desta Ordem e, por fim, visitemos alguns locais onde podemos respirar o odor estranho da sua presença e procurar os sinais tangíveis daquilo a que se convencionou chamar a História Secreta dos Templários.

Mas, antes, refresquemos por um instante os nossos conhecimentos, passando em revista os dois séculos da história da Ordem, de modo a adquirirmos assim os pontos de referência necessários para a análise da sua evolução no tempo.

PRIMEIRA PARTE

O NASCIMENTO DA ORDEM DO TEMPLO

I

BREVE HISTÓRIA DA ORDEM DO TEMPLO

Esta obra não tem a ambição de retomar toda a história da Ordem do Templo sob o ângulo dos acontecimentos fatuais, mas sim de esclarecer as suas zonas mais obscuras. No entanto, para compreender o que se passou, há que ter presente no espírito que esta Ordem viveu dois séculos e evoluiu necessariamente. À data da sua morte, não podia ser idêntica ao que era à nascença. Mudou porque o seu ideal se viu confrontado com duras realidades. Teve de se adaptar, uma e outra vez, tomar em mão as questões temporais, perdendo sem dúvida, ao longo dos anos e das necessidades, uma parte da sua pureza original, tal como um adulto que por vezes tem dificuldade em encontrar em si a criança maravilhada, o minúsculo ser de olhos puros que, no entanto, foi.

A Ordem do Templo foi influenciada pelo seu tempo, mas este modificou-a, orientou-a, contribuindo para a História com as suas próprias correções.

Para nos orientarmos nesta evolução, pareceu-nos útil apresentar, de forma muito breve, neste primeiro capítulo, uma história breve dos Templários e, sobretudo, da sua época.

Nos caminhos de peregrinação

Recuemos no tempo até ao final do século X. Na nossa época, temos dificuldade em imaginar o que foram os terrores do ano 1000. A interpretação das escrituras convencera toda a cristandade de que o Apocalipse se produziria nesse ano fatídico. Revelação, no sentido etimológico do termo, mas também destruição, dor: regresso de Cristo à terra e julgamento dos homens, separação entre eles para mandar alguns para o paraíso, para junto dos santos, e os outros para os infernos, a fim de aí serem submetidos a tormentos eternos.

Os cristãos viveram com angústia esse ano 1000 e a sua aproximação. E nada se passou, pelo menos nada pior do que nos anos precedentes. A Igreja enganara-se na sua interpretação das Escrituras? Deus teria esquecido os seus filhos na terra? Não, claro que não. Era algo diferente. A catástrofe fora evitada. Deus

fora tocado pelas preces dos homens. Perdoara. Sim, mas por quanto tempo? E se apenas se tratasse de um adiamento? Era preciso rezar, cada vez mais, rezar sempre.

No século anterior, os cristãos tinham-se feito à estrada para irem em peregrinação a locais onde estavam enterrados santos. Estes últimos haviam, sem dúvida, intercedido em favor dos homens e Deus deveria ter-se deixado convencer. Um dos mais eficazes deveria ter sido Santiago que, de Compostela, atraía milhares de homens e mulheres que deixavam a sua família, o seu trabalho, abandonando tudo para irem rezar àquele local da Galiza onde a terra acaba.

Tinha-se passado perto da catástrofe final, as fomes de 990 e 997 eram prova disso. Tinha-se evitado o pior, o método já era conhecido: era preciso cada vez mais que os homens se fizessem à estrada, que os monges rezassem, que todos fizessem penitência. Não seria conveniente ir mais longe, realizar a suprema peregrinação, a única que merecia verdadeiramente a viagem de uma vida: ir aos lugares onde o filho de Deus sofrera para resgatar os pecados dos homens, Jerusalém?

Michelet escreveu: «Os próprios pés conheciam o caminho», e John Charpentier faz notar: Feliz aquele que regressava! Mais feliz aquele que morria perto do túmulo de Cristo e que podia dizer-lhe, segundo a audaciosa expressão de um contemporâneo [Pierre d'Auvergne]: Senhor, morrestes por mim e eu morri por vós.

Multidões cada vez mais numerosas puseram-se a caminho de Jerusalém. A cidade pertencia aos califas de Bagdade e do Cairo que permitiam o livre acesso aos peregrinos. Mas tudo mudou quando os Turcos se apoderaram de Jerusalém, em 1090. De início, contentaram-se com vexar os cristãos e, por vezes, espoliá-los, infligindo-lhes humilhação atrás de humilhação, obrigando-os a executarem gestos contrários à sua religião. De escalada em escalada, a situação agravou-se: houve execuções, torturas. Falou-se de peregrinos mutilados, abandonados nus no deserto. De Constantinopla, o imperador Alexis Comnène lançara o sinal de alarme.

Libertar Jerusalém

O Ocidente emocionou-se. Não podia tolerar-se que os peregrinos fossem mortos. Não podiam deixar-se os lugares santos nas mãos de infiéis. O ano 1000 passara, mas...

Pedro, o Eremita, que assistira, em Jerusalém, a verdadeiros atos de barbárie, regressara muito decidido a erguer a Europa e pôr os cristãos no caminho da cruzada. Viram-no percorrer distâncias consideráveis, montado na sua mula, a que a multidão arrancava as crinas aos punhados, para com elas fazerem relíquias. Quando Pedro, o Eremita, passara por algum lugar, os espíritos encontravam-se inflamados; homens, mulheres, crianças, mostravam a impaciência de tudo deixarem para se dirigirem a um único destino: Jerusalém. E, uma vez lá, se veria o que se fazia...

Do lado dos senhores notava-se um pouco mais de prudência na atitude.

Mais razão, sem dúvida, mas também mais a perder: as terras que já não seriam protegidas, os bens que poderiam atrair cobiças, etc.

A 27 de Novembro de 1095, o papa Urbano II pregou num concílio provincial reunido em Clermont. Proclamou: «Cada um deve renunciar a si mesmo e carregar a cruz.» O sumo pontífice via aí também uma ocasião de meter na ordem esses leigos que se espojavam na luxúria e brincavam aos arruaceiros. Ir libertar Jerusalém seria o caminho da salvação.

Aos milhares, os peregrinos haviam cosido sobre as suas vestes cruzes de tecido vermelho, que viriam a valer-lhes o nome de cruzados. Inicialmente, foram os pobres, os mendigos, os famintos, que quiseram libertar Jerusalém, metendo-se ao caminho em bandos andrajosos que gritavam «Deus assim o quer!» E aqueles que não partiam faziam dádivas para que os outros tivessem com que sobreviver, durante a viagem. Alguns tomavam a decisão obedecendo a um impulso, a um sinal: uma mulher seguira um ganso que deveria levá-la à Cidade Santa.* Foram também referidos pássaros, borboletas e rãs que se pensava mostrarem o caminho.

[* Há que ver aí uma similitude com o jogo da glória ou do ganso e o jogo da semana, que conduziam ambos ao Paraíso ou à Jerusalém celeste (cf Michel Lamy, *Histoire secrète du Pays Basque,* Albin Michel).]

Pedro, o Eremita, e o seu lugar-tenente, Gauthier-Sans-Avoir, arrastavam atrás de si uma turbamulta heteróclita que começou a sua cruzada matando os judeus do vale do Reno e pilhando os bens dos camponeses húngaros. Chegaram a Constantinopla no sábado de Aleluia de 1096. Foi o início do fim. Na Ásia Menor, depois de Civitot, uma parte desses cruzados mal armados que não sabiam combater foi massacrada. Os sobreviventes pereceram quase todos de fome ou de peste, em frente a Antioquia.

Estes últimos viram chegar então - melhor seria dizermos, por fim - o exército dos cruzados, o dos homens de armas que tinham acabado por seguir o exemplo dos mendigos. Fortemente armados, determinados, esses guerreiros apoderaram-se de Antioquia. O objetivo final estava próximo: Jerusalém, terra prometida. Os cantos elevaram-se mal avistaram as muralhas da cidade. Deixou de haver mendigos e nobres, restando apenas cristãos em êxtase, maravilhados com a sua façanha.

A 14 de Julho de 1099, a tropa pôs-se em movimento e atacou a cidade. Jerusalém foi conquistada, num fogoso ímpeto, logo na manhã do dia 15.

No entanto, os cruzados não eram santos. De passagem, tinham pilhado e violado, a ponto de os cristãos orientais se terem visto forçados a refugiar-se junto dos Turcos: inconcebível. Em Jerusalém, também se não comportaram com uma caridade digna de nota. Inúmeros muçulmanos tinham-se refugiado na mesquita Al-Aqsa; os cristãos desalojaram-nos e fizeram uma hecatombe. Um cronista anotava: «Lá dentro, o sangue chegava-nos aos tornozelos», e Guilherme de Tiro precisava: A cidade apresentava um espetáculo tal de carnificina de inimigos, uma tal efusão de sangue, que os próprios vencedores se sentiram chocados pelo horror e a repugnância.

Durante uma semana, sucederam-se os massacres e combates de rua, até o

odor do sangue provocar náuseas.

O reino latino de Jerusalém

No entanto, os cruzados tinham fincado pé na Terra Santa e tencionavam ficar por lá. Foi fundado o reino latino de Jerusalém. Godofredo de Bouillon foi nomeado rei, mas recusou-se a cingir a coroa naquele lugar onde Cristo apenas usara uma coroa de espinhos. Godofredo, o rei cavaleiro do cisne, morreria pouco depois, em 1100.

Para além do reino de Jerusalém, que se estendia do Líbano ao Sinai, formaram-se progressivamente três outros Estados: o condado de Edessa, a norte, meio franco meio armênio, fundado por Balduíno de Bolonha, irmão de Godofredo de Bouillon; o principado de Antioquia, que ocupava, grosso modo, a Síria do Norte, e, finalmente, o condado de Antioquia.

Godofredo foi substituído por Balduíno I. A conquista fora realizada mas agora tratava-se de conservar e administrar os territórios obtidos. Era conveniente conservar as cidades e as praças fortes e velar pela segurança das estradas. O inimigo fora vencido, mas não eliminado. Fundaram-se ordens, a que foram atribuídas missões diversas. Houve, entre outras, a Ordem Hospitaleira de Jerusalém, em 1110, a Ordem dos Irmãos Hospitalários Teutônicos, em 1112, e a Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo (futuros Templários), em 1118, quando Balduíno II era rei de Jerusalém.

O nome de Ordem do Templo só aparece em 1128, por ocasião do Concílio de Troyes, que codificou a sua organização. Em 1130, São Bernardo escrevia o seu *De laude novae militiae ad Milites Templi,* para assegurar a divulgação da Ordem. Dentro em pouco, as doações tinham-se tornado importantes, o recrutamento progredia e, quando o primeiro Grão-Mestre, Hugues de Payns, morreu, em 1136, sucedendo-lhe Robert de Craon, a Ordem do Templo já era coesa. Três anos mais tarde, Inocêncio III reviu alguns aspectos da regra e concedeu ao Templo privilégios exorbitantes.

Em 1144, Edessa foi retomada pelos muçulmanos, o que levou à organização da segunda cruzada, pregada por São Bernardo em 1147, enquanto a Ordem do Templo continuava a adaptar-se e desenvolver-se. A operação viria a saldar-se num malogro, mas, no terreno, os cruzados resistiam, ainda assim, bastante bem aos assaltos muçulmanos. Todavia, Saladino conseguia, pouco a pouco, unificar o mundo do Islã. Em 1174, apoderava-se de Damasco e, em 1183, de Alepo. Em seguida, após o desastre de Hattin, onde morreram inúmeros cristãos, Saladino conseguiu retomar Jerusalém, em 1187, reduzindo assim o reino latino à região de Tiro.

Uma terceira cruzada foi organizada em 1190, quando Robert de Sablé era Grão-Mestre da Ordem do Templo. Viria a permitir reconquistar Chipre e Acra, em 1191. Reunia Filipe Augusto, Frederico Barba Ruiva e Ricardo Coração de Leão. Este último bateu Saladino em Jafa e, depois, tendo sido vencido, tentou regressar a Inglaterra disfarçado de templário. Reconhecido, foi feito prisioneiro,

uma história que é bem conhecida de todos quantos, na infância, vibraram com as aventuras de Robin dos Bosques. Infelizmente, ao contrário do que reza a lenda, Ricardo Coração de Leão não foi o rei nobre que é descrito com bonomia e esteve longe de se comportar sempre de forma cavaleiresca. Morreu em 1196, três anos depois de Saladino e de Robert de Sablé.

Em 1199, foi decidida a quarta cruzada que teve muitas dificuldades para se pôr a caminho. Quando os cruzados avistaram Constantinopla, em 1912, esqueceram o seu objetivo, conquistaram a cidade, pilharam aquele reino cristão e organizaram os Estados Latinos da Grécia.

No dealbar desse século XIII, Wolfram von Eschenbach escrevia o seu *Parzifal,* onde os Templários apareciam como os guardiões do Graal.

Depois de se ter desviado do seu objetivo, a Palestina, para pilhar o reino bizantino, a cavalaria ocidental - nomeadamente a francesa - deve ter dito a si própria que não era necessário ir tão longe para enriquecer. Em 1208, foi pregada nova cruzada, mas esta consistia em ir sangrar o Sul de França, onde os Cátaros opunham a sua heresia a um clero local pouco convincente, porque demasiado corrompido. Os barões do Norte preferiram ir matar os Albigenses a esbarrarem nas cimitarras dos muçulmanos.

Mesmo assim, foi organizada uma quinta cruzada, entre 1217 e 1221. Terminou com a tomada de Damieta, no Egito, e sem mais êxitos. Foi esta a época escolhida pelos Mongóis para lançarem uma operação de invasão, criando uma nova frente, muito difícil de manter. Sem muita dificuldade, apoderaram-se do Irã. Todavia, Frederico II de Hohenstaufen, imperador germânico excomungado pelo papa, devolvera Jerusalém aos cristãos. O que as armas não haviam conseguido, obtivera Frederico II mediante negociações diplomáticas. Infelizmente, em 1244, a Cidade Santa viria a cair nas mãos dos Turcos.

O fim de um reino e de uma ordem

Durante todo este tempo, os Templários estiveram praticamente em todas as frentes, alimentando, graças à gestão genial de um patrimônio ocidental colossal, o esforço de guerra no Oriente. Mas o povo, os nobres, começavam indubitavelmente a cansar-se. As vitórias e as derrotas sucediam-se, tornavam-se banais. Já não existia o entusiasmo inicial. Em contrapartida, o Oriente influenciara o Ocidente. O contacto com outra civilização deixara marcas. Tinham aparecido produtos novos nos mercados da Europa; haviam-se desenvolvido técnicas e ciências graças a frutuosas relações estabelecidas entre sábios e letrados das duas civilizações.

O Ocidente abria-se ao fascínio do Levante.

Um homem pensava ainda ter o dever de levar o ferro, em nome de Cristo, ao seio dos infiéis: São Luís. Em 1248, iniciou a catastrófica sétima cruzada. Em nome de um ideal, desdenhava das realidades, recusando-se a ouvir aqueles que, como os Templários, conheciam bem os problemas locais. Acumulou erros e sofreu uma grave derrota em Mansurá, enquanto os Mamelucos turcos

consolidavam o seu poder no Egito. Em 1254, São Luís regressou a França. Quatro anos mais tarde, os Mongóis apoderaram-se de Bagdade, pondo fim ao califado abássida. Em 1260, foram repelidos para a Síria pelos Turcos e, no ano seguinte, os Gregos retomavam Constantinopla.

Em 1270, São Luís, que nunca percebera nada e nem sempre retirara as lições da sua primeira campanha, participava na oitava cruzada. Encontrou a morte em frente a Túnis, nesse mesmo ano.

Em 1282, foi concluída uma trégua de dez anos com o Egito, enquanto os Cavaleiros Teutônicos haviam decidido levar as suas espadas mais para norte e criar um reino na Prússia. Em 1285, Filipe III, cognominado o Audaz, que sucedera a São Luís no trono de França, extinguia-se, deixando o lugar a Filipe IV, o Belo.

Seis anos mais tarde, com a derrota de São João de Acre, no decurso da qual foi morto o Grão-Mestre da Ordem do Templo, Guillaume de Beaujeu, a Terra Santa foi perdida e evacuada. Os Templários retiraram para Chipre.

Em 1298, Jacques de Molay tornou-se Grão-Mestre da Ordem: o último Grão-Mestre. Um ano mais tarde, organizou uma expedição ao Egito, mas o reino latino de Jerusalém acabara de vez.

Filipe, o Belo, teve violentos confrontos com o papa Bonifácio VIII, que o excomungou, em 1303. O sumo pontífice morreu nesse mesmo ano. Em 1305, o seu sucessor, também ele em litígio com Filipe, o Belo, morreu envenenado e o rei de França tornou papa um homem com quem fizera acordos: Bertrand de Got, que reinou sob o nome de Clemente V.

Nesse mesmo ano, foram lançadas acusações de extrema gravidade contra a Ordem do Templo, que assumiram a forma de denúncias feitas perante o rei de França. Acusações duvidosas mas que surgiam num bom momento: a Ordem inquietava, agora que o seu poder já não tinha onde se exercer no Oriente.

Em 1306, Filipe, o Belo, sempre sem dinheiro, baniu os judeus do reino de França, não sem antes os ter espoliado dos seus bens e de ter mandado torturar alguns deles. Em 1307, mandou prender todos os templários do reino e escolheu para tal fim a data de 13 de Outubro. A 17 de Novembro, o papa acedeu a pedir a sua prisão em toda a Europa.

Foram realizadas acusações estereotipadas e a instrução do processo fez-se com a ajuda da tortura. Mesmo assim, o papa tentou organizar a regularidade dos procedimentos mas não ousou atacar diretamente o rei de França. Pouco a pouco, os Templários tentaram formalizar a sua defesa mas, a partir de 1310, alguns deles foram condenados e conduzidos à fogueira. Em 1312, quando do segundo concílio de Viena, a Ordem do Templo foi extinta sem ser condenada. Os bens dos Templários foram, teoricamente, devolvidos aos Hospitalários de São João de Jerusalém.

A 19 de Março de 1314, o Grão-Mestre, Jacques de Molay, e vários outros dignatários foram queimados vivos. Um mês mais tarde, a 20 de Abril, morreu, por sua vez, o papa Clemente V. No dia 29 de Novembro ocorreu a morte de Filipe, o Belo.

A Ordem do Templo extinguira-se mas a sua história não terminara. Deixou

vestígios que, tal como as catedrais que ajudara a construir, transpuseram o tempo. Vivera dois séculos, período durante o qual a evolução da civilização ocidental fora muito importante, muito mais do que deixa entender a concepção estática que geralmente se tem em relação à Idade Média. Dois séculos de evolução econômica, de desenvolvimento do comércio e do artesanato, de progresso nas artes. Dois séculos que marcaram para sempre o mundo.

A Ordem do Templo esteve intimamente ligada a essa evolução e esse não é o menor dos mistérios que agora teremos de abordar.

II

O MISTÉRIO DAS ORIGENS

Jerusalém, cenário do nascimento da Ordem

Antes das cruzadas, o Mediterrâneo era um lago muçulmano onde os Barbarescos quase faziam reinar a sua lei. De início, tinham tolerado os peregrinos antes de os destruírem, tanto em terra como no mar. A cruzada deveria pôr tudo em boa ordem, mas manter Jerusalém e mais algumas cidades ou praças fortes não era cobrir todo o território e a insegurança mantinha-se. Quanto à capital, parecia pacificada.

Godofredo de Bouillon mandara limpar rapidamente a cidade - e nomeadamente os lugares santos - dos cadáveres que o furor dos cruzados acumulara. No Santo Sepulcro, instalara um capítulo de vinte cônegos regulares, reunidos sob a denominação de Ordem do Santo Sepulcro. Envergavam um manto branco ornado com uma cruz vermelha.

Mandara também reparar as muralhas guarnecidas com torres que protegiam a Cidade Santa e fora dispensado um cuidado muito especial às igrejas: Santa Maria Latina, Santa Madalena, São João Baptista e, é claro, Santo Sepulcro, com a sua rotunda ou *anastasis*, que albergava o túmulo de Cristo. Também fora ampliado um hospital que devia ser entregue aos Hospitalários de São João de Jerusalém e reparara-se a mesquita de Omar, isto é, a cúpula do rochedo que exibia a pedra sobre a qual Jacob vira, em sonhos, a escada que conduzia ao céu. Quanto à mesquita de Al-Aqsa, viria a tornar-se, em 1104, residência do rei de Jerusalém, Balduíno I, antes de ser devolvida aos Templários, a partir de 1110.

Quem era Hugues de Payns?

Tudo é mistério nos primórdios da Ordem. Primeiro enigma, que não é o mais importante: a personalidade do seu fundador. Geralmente, dá-se-lhe o nome de Hugues de Payns. Segundo os registos e as crônicas dessa época, encontramo-lo também sob os nomes de Paganensis, Paenz, Paenciis, Paon, etc. Guilherme de Tiro designa-o como «Hues de Paiens delez Troies», dando assim a sua origem geográfica. Com efeito, pensa-se geralmente que tenha nascido em Payns, a um

quilômetro de Troyes, por volta de 1080, no seio de uma família nobre aparentada com os condes de Champagne. Era senhor de Montigny e teria mesmo sido oficial da Casa de Champagne, uma vez que a sua assinatura figura em dois registos importantes do condado de Troyes. Pela família de sua mãe, era primo de São Bernardo, que lhe chamava amigavelmente «carissimus meus Hugo». O irmão de Hugues de Payns teria sido abade de Sainte-Colombe de Sens. Casado, Hugues teria tido um filho que alguns autores transformam no abade de Sainte-Colombe, em lugar de seu irmão. Esse filho, que encontramos nos textos sob o nome de Thibaut de Pahans, teve um dia alguns dissabores por haver empenhado uma cruz e uma coroa de ouro ornada de pedrarias que pertenciam à sua abadia. É verdade que foi por uma boa causa, dado que se tratava de conseguir cobrir as despesas da sua participação na segunda cruzada. Mas, mesmo assim...

Em resumo, sabemos muito pouco sobre o cavaleiro de Champagne chamado Hugues de Payns. De Champagne... nem disso há a certeza. Foram avançadas outras hipóteses quanto às origens da sua família. Entre outros, encontraram-se-lhe antepassados italianos ligados a Mondovi e a Nápoles. Para alguns, o seu nome verdadeiro teria sido Hugo de Pinos e seria necessário procurar a sua origem em Espanha, em Baga, na província de Barcelona, o que seria atestado por um manuscrito do século XVIII, conservado na Biblioteca Nacional de Madrid.

Sobretudo, afirma-se também que seria de Ardèche, saído de uma família que inicialmente vivera na Alta Provença e que, depois, se teria fixado em Forez. Segundo Gérard de Sède, os seus antepassados teriam sido companheiros de Tancredo, o Normando. Hugues teria nascido a 9 de Fevereiro de 1070, no castelo de Mahun, na comuna de Saint-Symphorien-de-Mahun, em Ardèche. Aliás, em 1897, foi encontrado o registo de nascimento, mas pode tratar-se de uma homonímia. As suas armas teriam sido de ouro com três cabeças de mouros, lembrando o apodo de seu pai. Este, natural de Langogne, em Lozère, era conhecido, efetivamente, como «o Mouro da Gardille». Laurent Dailoliez precisa que: A biblioteca municipal de Carpentras conserva um manuscrito que regista uma doação, de 29 de Janeiro de 1130, de Laugier, bispo de Avinhão. Nessa ocasião, Hugues de Payns é referido como originário de Viviers, em Ardèche.

Tudo isso pareceria dar alguma credibilidade às origens de Hugues de Payns em Ardèche. Ficaria, portanto, por averiguar que circunstâncias o teriam levado a tornar-se oficial do conde de Champagne. Por isso, e porque existe um Payns perto de Troyes e também em razão do parentesco com São Bernardo, optaremos antes por uma origem champanhesa do primeiro Grão-Mestre da Ordem do Templo.

A criação da Ordem do Templo e o policiamento das estradas

Também a fundação da Ordem comporta muitas zonas obscuras. Analisemos, em primeiro lugar, a versão oficial tal como nos foi transmitida pelos cronistas da época. Guilherme de Tiro, nascido na Palestina em 1130, bispo de Tiro em 1175, não pôde assistir ao início da Ordem e, portanto, falava dele em função

do que lhe fora contado.

Jacques de Vitry era mais preciso, embora tenha escrito um século mais tarde. Devia estar de posse de alguns pormenores «oficiais» sobre os primórdios da Ordem, porque estava muito ligado aos Templários. Poderemos, pois, pensar que o que se segue lhe foi contado diretamente por dignitários do Templo: Alguns cavaleiros, amados por Deus e ordenados para o seu serviço, renunciaram ao mundo e consagraram-se a Cristo. Mediante votos solenes pronunciados perante o patriarca de Jerusalém, dedicaram-se a defender os peregrinos dos arruaceiros e ladrões, a proteger os caminhos e a servir de cavaleiros ao soberano rei. Observaram a pobreza, a castidade e a obediência, segundo a Regra dos Cônegos Regulares. Os seus chefes eram dois homens veneráveis, Hugues de Payns e Geoffroy de Saint-Omer. Inicialmente, só houve nove que tomaram uma decisão tão santa e, durante nove anos, serviram com vestes seculares e cobriram-se com aquilo que os fiéis lhes deram como esmola. O rei, os seus cavaleiros e o senhor patriarca encheram-se de compaixão por esses nobres homens que tudo haviam abandonado por Cristo e deram-lhes algumas propriedades e benefícios para proverem às suas necessidades e pelas almas dos doadores. E porque não tinham igreja ou casa que lhes pertencesse, o rei instalou-os no seu palácio, perto do Templo do Senhor. O abade e os cônegos regulares do Templo deram-lhes, para as necessidades do seu serviço, um terreno que não ficava distante do palácio e, por essa razão, foram mais tarde chamados Templários.

No ano da graça de 1128, depois de terem ficado nove anos no palácio, vivendo todos juntos em santa pobreza, de acordo com a sua profissão, receberam uma Regra por intervenção do papa Honório e de Estêvão, patriarca de Jerusalém, e foi-lhes atribuído um hábito branco. Isso foi feito no concílio realizado em Troyes, sob a presidência do senhor bispo de Albano, legado apostólico, e na presença dos arcebispos de Reims e de Sens, dos abades de Cister e de muitos outros prelados. Mais tarde, no tempo do papa Eugênio (1145-1153), puseram a cruz vermelha nos seus hábitos , usando o branco como emblema de inocência e o vermelho pelo martírio. [...] O seu número aumentou tão rapidamente que em breve havia mais de trezentos cavaleiros nas suas assembleias, todos envergando mantos brancos, sem contar os inúmeros servidores. Adquiriram também bens imensos deste e do outro lado do mar. Possuíam [...] cidades e palácios, de cujos rendimentos entregavam, todos os anos, uma determinada soma para a defesa da Terra Santa, nas mãos do seu soberano mestre, cuja residência principal é em Jerusalém.

Jacques de Vitry dava também algumas indicações sobre a disciplina que reinava no interior da Ordem. Poderíamos recorrer também a Guilherme de Nangis ou pedir alguma ajuda à versão latina da sua Regra, que afirma no preâmbulo: «pelas orações de mestre Hugues de Payns, sob cuja direção a referida cavalaria teve início pela graça do Espírito Santo».

Que deveremos concluir? Que alguns cavaleiros renunciaram ao mundo sob o comando de Hugues de Payns para se colocarem ao serviço dos peregrinos e que assim nasceu a Ordem do Templo.

Podemos dizer também que os Templários foram apenas nove, durante nove anos, e esse número já foi muito glosado. Mas, quem eram esses nove paladinos. Para além de Hugues de Payns, encontramos Geoffroy de Saint-Omer, um flamengo; André de Montbard, nascido em 1095 e tio de São Bernardo pela sua meia-irmã, Aleth. Havia também Archambaud de Saint-Aignan e Payen de Montdidier (por vezes designado pelo nome de Nivard de Montdidier), ambos flamengos. E, depois, Geoffroy Bissol, sem dúvida originário do Languedoque e Gondomar, que talvez fosse português. Por fim, um tal Roral, ou Rossal, ou Roland, ou ainda Rossel, de quem nada mais sabemos, e um hipotético Hugues Rigaud, que teria sido originário do Languedoque.

Uma vez mais, as informações fiáveis são muito tênues. Por que razão se juntaram estes homens? Jacques de Vitry já no-lo disse: para defenderem os peregrinos dos arruaceiros, protegerem os caminhos e servirem de cavalaria ao seu soberano-rei.

Na verdade, os exércitos de cruzados que haviam permanecido no local não tinham meios para dominarem todo o território, tanto mais que muitos homens haviam regressado ao Ocidente. As cidades estavam bem controladas mas a maior parte do país continuava sob domínio muçulmano. Algumas pequenas cidades nem sequer tinham guarnição cristã. Os Francos contentavam-se com vagos patos de não agressão e obrigavam-nas a pagar um tributo. Alguns senhores árabes aproveitavam-se desta situação para efetuarem golpes de mão e assaltarem as caravanas de peregrinos. Os camponeses muçulmanos, para resistirem ao invasor, não hesitavam em organizar o bloqueio econômico das cidades a fim de as reduzirem à fome ou capturavam cristãos isolados e vendiam-nos como escravos. Nas próprias cidades ocorriam atentados. Em resumo, a segurança era uma palavra vã.

Havia uma estrada que era especialmente considerada exposta e pouco segura. Ligava Jafa a Jerusalém, e os egípcios de Ascalon faziam amiúde incursões contra ela. Os peregrinos só podiam circular por ela agrupados em pequenas hostes, o melhor armados que fosse possível. Hugues de Payns teria decidido remediar essa situação constituindo uma equipe «para que guardassem os caminhos, lá por onde os peregrinos passavam, dos ladrões e salteadores que grandes males aí soíam fazer», como dizia Guilherme de Tiro.

Hugues de Champagne e o nascimento da Ordem

A Ordem do Templo foi fundada a 25 de Dezembro de 1118. Hugues de Payns e Geoffroy de Saint-Omer tinham prestado juramento de obediência entre as mãos do patriarca de Jerusalém no preciso dia em que Balduíno era coroado rei.

Mas nove cavaleiros não seriam bem poucos para guardar as estradas da Terra Santa? É certo que poderemos supor que cada um deles deveria ter consigo alguns homens, sargentos de armas ou escudeiros. Isto era muito corrente, mesmo que tal não fosse referido.

Mesmo assim, os primórdios foram bastante modestos e não devem ter

permitido que os primeiros Templários desempenhassem a missão que, aparentemente, se haviam atribuído. Diz-se que guardavam o desfiladeiro de Anthlit, entre Cesareia e Caifa, no preciso local onde, mais tarde, edificaram o famoso Castelo-Peregrino. Tal tarefa não deveria ser muito fácil, estando sediados em Jerusalém.

Quase desprovidos de meios, não podiam fazer muito. A lógica exigia que procurassem recrutar pessoas para desempenharem melhor a sua missão. Era indispensável. E, no entanto, nada fizeram. Evitaram, inclusive, com muito cuidado, durante os primeiros anos, qualquer aumento da sua pequena hoste. Guilherme de Tiro e Mathieu de Paris são formais: recusaram toda e qualquer companhia, excepto, em 1125 ou 1126, a do conde Hugues de Champagne, filho de Thibaut de Blois, um senhor cujo condado era mais vasto do que o domínio real. Porquê esta recusa? Como é possível que aqueles nove cavaleiros não tenham participado em qualquer operação militar, embora o rei não tenha parado de combater, de Antioquia a Tiberíades, passando por Alepo?

Tudo isto não convence e o papel de polícias das estradas parece, nestas condições, uma simples capa que disfarça uma outra missão que deveria permanecer secreta.

É talvez graças à chegada de Hugues de Champagne que vamos perceber um pouco melhor o que se passou.

Em 1104, depois de ter reunido alguns grandes senhores, dos quais um se encontrava em relação muito estreita com o futuro templário André de Montbard, Hugues de Champagne partira para a Terra Santa. Tendo regressado rapidamente (em 1108), deveria voltar lá em 1114 para regressar à Europa em 1115, a tempo de doar a São Bernardo uma terra onde este construiu a Abadia de Clairvaux.

Em todo o caso, a partir de 1108, Hugues de Champagne tinha entabulado contatos importantes com o abade de Cister: Estêvão Harding. Ora, a partir dessa época, embora os cistercienses não fossem considerados habitualmente homens de estudos - ao contrário dos beneditinos -, eis que começaram a estudar minuciosamente textos sagrados hebraicos. Estêvão Harding pediu mesmo ajuda a sábios rabinos da Alta Borgonha. Que razão poderia ter originado um entusiasmo tão repentino por textos hebraicos? Que revelação se pensava que esses textos poderiam trazer para que Estêvão Harding tenha posto, assim, os seus monges a trabalhar com o auxílio de sábios judeus?

Neste quadro, a estada de Hugues de Champagne na Palestina pode parecer como uma viagem de verificação. Podemos imaginar que documentos descobertos em Jerusalém ou nos seus arredores tenham sido trazidos para França. Foram traduzidos e interpretados, e Hugues de Champagne teria ido então procurar informações complementares ou então verificar, no local, a correção das interpretações e a validação dos textos.

Sabemos, por outras fontes, o papel importante que São Bernardo, protegido de Hugues de Champagne, devia desempenhar na política do ocidente e no progresso da Ordem do Templo. Escreveu a Hugues de Champagne, a propósito da sua vontade de ficar na Palestina:

"Se, pela graça de Deus, te fizeste conde, cavaleiro, e de rico, pobre, felicitamo-nos pelo teu progresso, dado que é justo, e glorificamos a Deus em ti, sabendo que isto é uma mutação à mão direita do Senhor. Quanto ao resto, confesso que não suportamos com paciência sermos privados da tua alegre presença por não sei qual justiça de Deus a menos que, de tempos a tempos, mereçamos ver-te, se tal for possível, o que desejamos mais do que todas as coisas."

Esta carta do santo cisterciense mostra-nos até que ponto os protagonistas desta história estão ligados entre si e são capazes, portanto, de guardar o segredo em que trabalham. Aliás, o próprio São Bernardo interessou-se muito de perto por antigos textos sagrados judeus. Em todo o caso, parece que Hugues de Champagne considerou as revelações suficientemente importantes para legitimarem uma fixação na Palestina. Era casado e, para entrar na Ordem do Templo que acabara de se criar, era necessário que a sua mulher aceitasse entrar para um convento. A cara esposa não entendia assim as coisas. Hugues de Champagne hesitou durante algum tempo mas, como a sua mulher lhe era notoriamente infiel, repudiou-a. Aproveitou esse fato para deserdar o filho, em relação ao qual tinha fortes desconfianças de não ser seu, e abdicou de todos os seus direitos em favor de seu sobrinho, Thibaut. Entrou para a Ordem do Templo e nunca mais deixou a Terra Santa, onde faleceu em 1130.

Quem seria capaz de nos fazer crer que repudiou a mulher e abandonou tudo para guardar estradas com pessoas que não queriam a ajuda de ninguém, e isso sob as ordens de um dos seus próprios oficiais?*

[*É provável que Hugues de Payns tenha vindo para a Palestina ao mesmo tempo que Hugues de Champagne, isto é, em 1104. Com efeito, a primeira cruzada realizou-se em 1099 e, nessa época, Hugues de Payns ainda devia encontrar-se na Champagne, dado que aí encontramos a sua assinatura num documento de 21 de Outubro de 1100.]

Era preciso ser muito ingênuo, mesmo que tomemos em consideração que a fé é capaz de dar origem a muitos abandonos. Não se trataria antes de ajudar os Templários na verdadeira tarefa que lhes fora confiada e que Hugues de Champagne tinha boas razões para conhecer?

Tudo iria acelerar-se. A Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo só fora criada oficialmente em 1118, isto é, vinte e três anos depois da primeira cruzada, mas foi apenas em 1128, a 17 de Janeiro, que recebeu o nome de Ordem do Templo e a sua aprovação definitiva e canônica, mediante a confirmação da regra. Até mesmo essas datas são contestadas por vezes e fala-se, respectivamente, de 1119 e de 13 de Janeiro de 1128. Podemos pensar que os documentos que tudo indica terem sido trazidos da Palestina por Hugues de Champagne (que sem dúvida os descobrira juntamente com Hugues de Payns) não deixariam de estar relacionados com o local que, em seguida, foi afetado ao alojamento dos Templários.

O Templo de Salomão

O rei de Jerusalém, Balduíno, atribuiu-lhes como alojamento uns edifícios situados no local do Templo de Salomão. Chamaram ao local caserna de São João. Fora necessário mandar sair de lá os cônegos do Santo Sepulcro que Godofredo de Bouillon lá instalara primitivamente. Por que razão não se procurara antes outra habitação para os Templários? Que necessidade imperiosa havia de lhes oferecer para toca aquele local em particular? De qualquer modo, a razão não tem nada que ver com o policiamento das estradas.

As caves eram formadas por aquilo a que se chamavam as estrebarias de Salomão. O cruzado alemão João de Wurtzburg dizia que eram tão grandes e tão maravilhosas que podiam alojar-se lá mais de mil camelos e quinze centenas de cavalos. No entanto, foram afetadas na sua totalidade aos nove cavaleiros do Templo que, antes de mais, se recusavam a fazer recrutamento. Desentulharam-nas e utilizaram-nas a partir de 1124, quatro anos antes de receberem a sua regra e estimularem o seu desenvolvimento. Mas utilizaram-nas apenas como estrebarias ou realizaram nelas buscas discretas? E que procuraram?

Um dos manuscritos do mar Morto, encontrado em Qumran e decifrado em Manchester em 1955-1956, referia quantidades de ouro e de vasos sagrados que constituíam vinte e quatro conjuntos enterrados sob o Templo de Salomão. Mas, nessa época, esses manuscritos dormiam no fundo de uma gruta e, mesmo que possamos imaginar a existência de uma tradição oral a esse respeito, poderemos pensar que as pesquisas foram orientadas antes para textos sagrados ou objetos rituais e não para vulgares tesouros materiais.

Que poderão ter encontrado no local e, antes de mais, que sabemos sobre esse Templo de Salomão de que tanto se fala? Para além das lendas, muito pouco: nenhum vestígio identificável por arqueólogos; essencialmente, tradições veiculadas ao longo do tempo e algumas passagens na Bíblia (no Livro dos Reis e nas Crônicas).

Sem dúvida que foi construído cerca de 960 a. C. - pelo menos na sua forma primitiva. Salomão, que desejaria construir um templo à glória de Deus, fizera acordos com o rei fenício Hiram que se comprometera a fornecer-lhe madeira (de cedro e de cipreste). Enviar-lhe-ia também operários especializados: canteiros e carpinteiros recrutados em Guebal, onde os próprios egípcios costumavam contratar a sua mão-de-obra qualificada.

As obras duraram sete anos, abrangendo também um palácio suficientemente grande para albergar as setecentas princesas e trezentas concubinas do rei Salomão.

O Templo era retangular. Entrava-se no vestíbulo transpondo uma porta dupla de bronze e, então, encontravam-se duas colunas: Jachin e Boaz, também de bronze. Seguia-se uma porta dupla, em madeira de cipreste, que permitia o acesso ao *hékal*, ou local santo, uma sala com lambris de madeira de cedro e cheia de objetos preciosos e sagrados: o altar dos perfumes, em ouro maciço, a tábua dos pães de oração, em madeira de cedro forrada a ouro, dez candelabros e lâmpadas de prata, copos para libações finamente cinzelados, bacias sagradas e braseiros que

serviam para a celebração de sacrifícios. Em seguida, entrava-se no *debir*, uma sala cúbica onde se encontrava a Arca da Aliança. O conjunto era feito de pedras talhadas, madeira e metais. Em frente ao Templo, o «mar de bronze», grande reservatório que podia conter cinquenta mil litros de água, suportado por doze estátuas de touros, dominava a esplanada. Os elementos de decoração eram cobertos de folhas de ouro. Todo o empedrado tinha placas de ouro. A prata e o cobre também se encontravam em profusão. Os metais preciosos estavam verdadeiramente em todo o lado, incluindo o telhado, onde agulhas de ouro impediam que os pássaros pousassem. O Templo existiu sob esta forma até 586 a. C. Nessa data, Nabucodonosor cercou Jerusalém e apoderou-se dela. A cidade foi incendiada e o Templo de Salomão destruído.

Cerca de 572 a. C., Ezequiel teve a visão do Templo reconstruído das suas ruínas. No entanto, teve que esperar até 538 a. C. para se ver Zorobadel iniciar a sua reconstrução. O novo santuário, muito mais modesto do que o precedente, foi arrasado pelo Selêucida Antíoco Epifânio. Herodes decidiu reconstruí-lo. Durante dez anos, mil operários trabalharam no estaleiro. O resultado foi grandioso, mas durou pouco, dado que o edifício foi destruído no tempo de Nero, menos de sete anos depois de ter sido terminado. Em 70 d. C., uma vez mais, Jerusalém foi tomada e o Templo pilhado, por Tito. Os objetos sagrados, como o candelabro dos sete braços e muitas outras riquezas, foram levados para Roma e apresentados ao povo, quando do «triunfo» de Tito'. Quando os Templários se instalaram no local onde se erguera, apenas restava do Templo um pedaço do muro das lamentações e um magnífico empedrado quase intacto. Em sua substituição, erguiam-se duas mesquitas: Al-Aqsa e Omar. Na primeira, a grande sala de oração foi dividida em quartos para servir de alojamento aos Templários. Juntaram-lhe novas construções: refeitórios, adegas, silos.

Os Templários e a Arca da Aliança

Parece que os Templários fizeram descobertas interessantes no local. Mas, de que se tratava?

Se a maior parte dos objetos sagrados desaparecera por ocasião das diversas destruições, e nomeadamente quando do saque de Jerusalém por Tito, havia um que se volatilizando pura e simplesmente, não parecia ter sido retirado de lá. Ora, fora para alojar esse objeto que Salomão construíra o Templo: a Arca da Aliança, que continha as Tábuas da Lei. Uma tradição rabínica referida pelo Rabi Mannaseh ben Israel (1604-1657) explica que Salomão teria mandado fazer um esconderijo sob o próprio Templo, para se colocar lá a Arca, em caso de perigo. Essa Arca tinha a forma de uma caixa de madeira de acaju com dois côvados e meio (1,10 m) por um côvado e meio (66 cm), tendo tanto de altura como de largura. Tanto no interior como no exterior, as paredes estavam cobertas com folhas de ouro. O cofre abria-se para cima, por meio de uma tampa de ouro maciço por cima da qual se viam dois querubins de ouro martelado, frente a frente, com as asas dobradas e viradas uma para a outra. Havia argolas fixadas, que permitiam a inserção de barras

- também elas cobertas de ouro - para transportar a Arca que, assim, teria um aspecto igual ao de certos móveis litúrgicos egípcios. Por fim, uma placa de ouro estava colocada sobre a tampa, entre os querubins. Este *kapporet* era considerado pelos Hebreus como o «trono de Iavé». Assim o afirma o Êxodo, onde Iavé diz a Moisés:

É aí que me encontrarei contigo, de cima do propiciatório, do espaço compreendido entre os dois querubins colocados sobre a Arca do Testemunho, que te comunicarei as ordens destinadas aos filhos de Israel.

Que quer dizer isso?

Para os amantes de OVNIS, a Arca poderia ser uma espécie de receptor de rádio intergaláctico que permitia receber mensagens vindas do espaço ou de outro lugar. Para os outros, resta classificar isto na misteriosa rubrica dos objetos ditos de culto cujo destino não é conhecido. Os querubins alados parecem sugerir «homens voadores», «anjos» intermediários entre os homens e os deuses. Pelo nosso lado, vamos abster-nos de dar qualquer opinião quanto a esta questão, mas não poderíamos afastar a priori nenhuma hipótese enquanto não for fornecida uma explicação totalmente convincente, e sem dúvida que não será fácil explicar por que razão a Arca fora construída como um condensador elétrico.

Em todo o caso, a Arca encontrava-se bem protegida. Paul Poêsson* lembra que era proibido tocar-lhe sem uma autorização expressa para tal (e, muito possivelmente, equipado com proteções especiais), sob pena de se ser fulminado de imediato. Um dia, quando a transportavam, e porque ia mal segura, a Arca deu a impressão de ir cair ao chão. Um homem precipitou-se para a segurar. Foi uma infelicidade, porque morreu imediatamente fulminado. Pode considerar-se que a Arca se protegia a si própria, querendo dizer com isso que seria difícil admitir que a cólera divina tenha fulminado alguém apenas porque pretendera impedir que a Arca caísse.

*[Paul Poêsson, *Le Testament de Noé]*

A Arca foi, pois, colocada no Templo de Salomão, no ano 960 a. C. No Livro dos Reis, Salomão dirige-se a Deus, através dela:

"O Eterno declarou que habitaria na escuridão. Acabei de edificar uma casa que será a Tua residência, oh Deus, uma casa onde Tu habitarás eternamente."

Robert Laffont escreve:

"Curioso, tratando-se de um ser da Luz. De notar que Salomão parece fazer uma distinção entre o deus a que se dirige e o Eterno."

Tal como já dissemos, não parece que a Arca tenha sido roubada quando das diferentes pilhagens ou pelo menos, quando tal aconteceu, foi recuperada, de acordo com os textos. O seu desaparecimento por roubo teria deixado inúmeros vestígios, tanto nos escritos como nas tradições orais. Apenas uma lenda sugere que ela teria sido roubada pelo próprio filho de Salomão. Esse filho, que teria tido da rainha do Sabá, tê-la-ia roubado para a levar para o reino de sua mãe. Mas esta lenda é pouco credível e não encontramos nada que a possa apoiar, na Bíblia.

Louis Charpentier lembra:

"Quando Nabucodonosor tomou Jerusalém, não há qualquer referência à

Arca, no saque. Manda incendiar o Templo, em 587 a. C. E a Arca arde com ele."

Diz Wegener:

"Ora, é certo que a Arca foi enterrada. E Salomão não disse que ela ficaria na escuridão? O que não podia ser o caso do Santo dos Santos."

Charpentier vê a prova disso num texto que refere:

"Quando a Arca da Aliança foi enterrada, levou-se para a *ghenizah* o recipiente que continha o maná, porque estivera em contacto com as Tábuas da Lei."

Para Charpentier, isso não tem a menor dúvida: a Arca ficou no local, escondida sob o Templo, e os Templários descobriram-na. Esta afirmação deverá ser aceite com muita circunspecção, mas não deixa de ter interesse. Se admitirmos, por um instante, a sua validade como hipótese de investigação, torna-se lógico pensar que, entre 1104 e 1108, Hugues de Champagne e Hugues de Payns, uma espécie de aventureiros da Arca perdida, tenham conseguido descobrir documentos que permitiam localizá-la. O trabalho dos monges de Cister e dos sábios judeus que os ajudaram, teria consistido então na tradução e interpretação dos textos, eventualmente, fragmentários trazidos por Hugues de Champagne. Depois, munidos de informações adequadas, e depois de terem obtido como alojamento o local do Templo de Salomão, os primeiros cavaleiros do Templo teriam podido realizar escavações que conduziriam à descoberta da Arca. Quanto a isto, Charpentier cita em primeiro lugar, como memória, uma tradição oral que faria dos Templários os detentores das Tábuas da Lei. Lembra o regresso ao Ocidente dos primeiros templários, em 1128. Assim, abandonavam a sua missão. É claro que se tratava de obter a fundação de uma ordem militar dotada de uma regra especial, mas seria necessário, para tal, abandonar tudo no Oriente, durante um longo período? Não bastaria enviar um embaixador, tanto mais que os cavaleiros não tiveram a menor dificuldade em obter o que desejavam graças à força dos apoios de que beneficiavam? Ora, o preliminar da regra que então lhes foi dada por São Bernardo começava assim:

"Bem agiu Damedieu conosco e com o Nosso Salvador Jesus Cristo, o qual enviou os seus amigos da Santa Cidade de Jerusalém à Marca de França e da Borgonha [...]."

Charpentier comenta e sublinha:

"A obra é realizada com a ajuda de *Nous*. E os cavaleiros foram mesmo mandados à Marca de França e da Borgonha, isto é, à Champagne, sob a proteção do conde de Champagne, onde podem ser tomadas todas as precauções contra qualquer ingerência dos poderes públicos ou eclesiásticos: naquele lugar onde, nessa época, se pode garantir melhor um segredo, uma vigilância, um esconderijo."

E Charpentier pensa que os Cavaleiros do Templo, ao regressarem ao Ocidente, traziam, se assim o podemos dizer, nas suas bagagens, a Arca da Aliança. E precisa:

"No portal norte de Chartres, o portal chamado «dos Iniciados», existem duas colunatas esculpidas em relevo e ostentando, uma, a imagem do transporte da Arca por uma junta de bois, com a legenda: *Archa cederis*; a outra, a Arca que um

homem cobre com um véu, ou agarra com um véu, perto de um monte de cadáveres entre os quais se distingue um cavaleiro de cota de malha; a legenda é: «*Hic amititur Archa cederis*»" (*amititur* possivelmente em vez de *amittitur*).

Terá de ver-se aí um indício suficiente para apoiar a tese de Charpentier? Podemos, temos inclusive o dever de sermos extremamente cépticos. No entanto, é mesmo a Arca da Aliança que parece estar representada, em cima de um carro de quatro rodas, em Chartres. Com efeito, uma escultura idêntica, representando o transporte da Arca, encontra-se nas ruínas da sinagoga de Cafarnaum. Essa representação mostra que, em Chartres, se atribuía um interesse muito especial ao transporte da Arca e poderia significar que os escultores não ignoravam que ela fora deslocada. Isso não quer dizer, de modo algum, que tenha sido trazida para o Ocidente pelos Templários, nem sequer que estes tenham uma relação especial com essa deslocação. Precisamente, poderemos observar que a decoração da catedral de Chartres evoca mais de uma vez os cavaleiros do Templo.

O outro segredo de Salomão

O segredo descoberto no local do Templo pelos Templários pode não ter qualquer relação com a Arca da Aliança, embora continue ligado a Salomão. De qualquer modo, é forçoso reconhecer que há muitos pontos comuns entre os Templários e este rei. Em primeiro lugar, temos de lembrar que, logo no início, Hugues de Payns e os seus amigos tinham tomado o nome de «Pobres Cavaleiros de Cristo» e isso até terem ocupado o local do Templo de Salomão - pelo menos é o que geralmente se diz. Ora, a partir do momento em que obtiveram a sua regra (logo, após as suas possíveis descobertas), lê-se no prólogo da versão francesa: «Aqui começa a regra da pobre cavalaria do Templo.»

Muito em breve encontramos nas doações que lhes foram feitas os títulos de cavaleiros do Templo de Salomão. A expressão não veio, pois, por hábito e foi decidida muito rapidamente. Notemos, por outro lado, que o *minnesänger* alemão, Wolfram von Eschenbach, que se afirmava Templário, escrevia no seu *Parzival* que o Graal fora transmitido por Flégétanis, «da linhagem de Salomão», e que os Templários eram os seus guardiões. Voltaremos a este ponto. Pensemos também na construção do Templo que Salomão confiara a mestre Hiram. O arquiteto, segundo a lenda, foi morto por companheiros invejosos aos quais recusara a divulgação de determinados segredos. A seguir ao desaparecimento de Hiram, Salomão enviara nove mestres à sua procura, nove mestres como os nove primeiros Templários à procura do arquiteto dos segredos. E depois, Salomão, tal como os Templários, apostou muito no comércio, sobretudo dos cavalos. Quis ter uma frota comercial para facilitar o seu negócio e os Templários, por sua vez, possuíram uma frota poderosa. Que pensava disso São Bernardo que fez a propaganda dos Templários e escreveu sobre o Cântico dos Cânticos, atribuído ao rei Salomão?

A própria personalidade de Salomão é interessante de estudar, neste quadro. É símbolo de justiça: o seu julgamento é célebre; símbolo de sabedoria, também. Rei dos poetas, é autor do Cântico dos Cânticos que alguns pensam ser um

documento cifrado, uma espécie de testamento de adepto.

Não podemos falar de Salomão sem lembrarmos a rainha do Sabá. Esta chegou a Jerusalém acompanhada por uma magnífica caravana de camelos carregados de presentes fabulosos. Balkis, a magnífica, vinha pôr à prova Salomão, cuja reputação chegara até ela e tinha a intenção de lhe apresentar enigmas muito difíceis de resolver. O Corão contém, a propósito da visita de Balkis, reflexões bastante interessantes. Assim:

"Salomão herdou de David e disse: Homens! Ensinaram-nos a linguagem dos pássaros, e, de todas as coisas, fomos contemplados copiosamente. Na verdade, esse é por certo um favor evidente!"

A alusão à linguagem dos pássaros deixa entender que Salomão tinha conhecimento dos segredos ocultos da natureza. Esse tipo de denominação era bem conhecido dos trovadores e leva-nos de volta à escrita do Cântico dos Cânticos de Salomão, estudado de perto por São Bernardo. Mas, regressemos ao Corão:

As tropas de Salomão, formadas por Djinns, Mortais e Pássaros foram reunidas à sua frente, divididas por grupos. Assim, Salomão tinha ao seu serviço homens mas também «gênios» - isto é, conhecia os elementares * - e pássaros, isto é, seres voadores.

*[O Espírito dos elementos, segundo o ocultismo. (N. do E.)]

Então, Arca da Aliança, segredos de arquitetura, linguagem dos pássaros? Ou outra coisa encontrada na Palestina? Mas o quê? Segredos ligados a Jesus? À sua vida? A Maria Madalena? Ao Graal, talvez...

Satã prisioneiro

Consideremos mais uma possibilidade, por mais louca que seja. Segundo o Apocalipse de São João, depois de ter sido vencido e expulso do céu com os anjos que foram afastados da graça divina, Satã é acorrentado no abismo. Ora, a tradição afirma que esse abismo tem saídas e que estas se encontram obturadas. Uma delas encontrava-se, precisamente, selada pelo Templo de Jerusalém. O quartel dos Templários ficaria, pois, situado num local de comunicação entre diferentes reinos, característica comum à da Arca da Aliança. Ponto de contacto tanto com o Céu como com os Infernos, um dos locais sagrados sempre ambivalentes, dedicados tanto ao bem como ao mal. Um local de comunicação ideal de que os Templários se teriam tornado guardiões.

Uma lenda referida pelo Senhor de Vogüé conta que, na época de Omar, um homem, ao debruçar-se, avistou uma porta no fundo do poço donde tirava água. Desceu ao poço e transpôs a porta. Apareceu-lhe um jardim magnífico. Arrancou uma folha de uma árvore e trouxe-a como prova da sua descoberta. Mal saiu, apressou-se a ir prevenir Omar. Correram para lá, mas a porta desaparecera e ninguém voltou a encontrá-la. Ao homem restou apenas a folha que nunca murchou. Isto passava-se no local do Templo de Salomão. Uma tradição mais para transformar o local numa passagem entre diversos níveis e reinos.

Relata-se também que o Templo de Salomão fora precedido, no local, por um templo pagão dedicado a Poseidon. Ora, ignora-se demasiadas vezes que Poseidon só muito tardiamente se tornou deus do mar. Antes, tinha a posição de Deus supremo e foi apenas com a chegada à Grécia dos Indo-Europeus que Zeus assumiu a liderança das divindades. Poseidon fora, no tempo dos povos pelasgos, o Deus criador, demiurgo que tinha um lugar privilegiado nas águas-mães salgadas. Era o grande agitador das terras, senhor das forças telúricas e, em alguns aspectos, aproximava-se de Satã.

Eugène Delacroix, iniciado da Sociedade Angélica, sabia-o bem quando decorou o teto da capela dos Santos Anjos, na igreja de Saint-Sulpice, de Paris. Pintou nela São Miguel a deitar ao chão o demônio. Ora, esse demônio das origens, representou-o sob a forma de Poseidon, perfeitamente reconhecível devido aos seus atributos.

Muito bem! Os Templários encarregados de guardarem os locais por onde Satã poderia evadir-se da prisão que lhe fora atribuída na noite dos tempos, é algo que parecerá, sem dúvida, grotesco a muitos leitores modernos mas que seria conveniente reinserir nas crenças da época. E, depois, nunca se sabe... Tanto mais que Salomão também mandou construir santuários para «divindades estrangeiras». Mandou dedicar, nomeadamente, templos à Astarté, «a abominação dos Sidonenses» e à Milkom, «o horror dos Amonitas». O «deus ciumento» de Israel deve ter ficado furioso. Nesse campo, Salomão não se limitaria a ceder às pressões das inúmeras concubinas estrangeiras? Se agiu desse modo, que não teria feito em recordação da rainha do Sabá, cujo reino podemos localizar, sem a menor dúvida, no *Iémen*? Na sua maioria, os deuses do país de Baffis cheiravam muito a enxofre.

Os Templários e os segredos de Salomão

Em resumo, podemos considerar como uma quase certeza o fato de Hugues de Payns e Hugues de Champagne terem descoberto documentos importantes, na Palestina, entre 1104 e 1108. Esses achados estiveram, sem dúvida, na base da constituição dos nove primeiros Templários e devemos ligá-los à decisão de lhes atribuir, como residência, o local do Templo de Salomão. Aí, levaram a cabo escavações. Nessa fase, estava fora de questão aumentarem os seus efetivos, por causa do segredo. As suas pesquisas devem tê-los levado a encontrar algo realmente importante, pelo menos a seus olhos. A partir desse momento, a política da Ordem mudou.

Que tinham encontrado? A Arca da Aliança? Um modo de comunicarem com poderes exteriores: deuses, elementares, gênios, extraterrestres ou outros? Um segredo relativo à utilização sagrada e, por assim dizer, mágica da arquitetura? A chave de um mistério ligado à vida de Cristo ou à sua mensagem? O Graal? A forma de reconhecer os locais onde a comunicação, tanto com o Céu como com os Infernos, é facilitada, com o risco de libertar Satã ou Lúcifer?

Poderíamos pensar que nos encontramos numa novela de H. P. Lovecraft, é certo, mas estas perguntas, embora não sejam racionais, surgem imperativamente

no contexto da época.

Iremos procurar, ao longo dos próximos capítulos e dos indícios que nos irão ser fornecidos pela história da Ordem, separar o trigo do joio e restringir os nossos pressupostos, explicar por que razão, a partir de então, a política dos Templários mudou brusca e radicalmente.

III

SÃO BERNARDO E OS MONGES-GUERREIROS

Obter uma regra

Em 1127, quando Hugues de Payns regressou ao Ocidente em missão especial, encontrava-se acompanhado por mais cinco Templários. Ora, ainda eram apenas nove, ou talvez dez. Logo, tinham ficado apenas três ou quatro no Oriente para assegurarem a falada proteção dos peregrinos. Mesmo que tivessem junto deles alguns sargentos de armas, a hoste deveria ser bem magra no caso de um recontro com o inimigo. Decididamente, essa missão era muito mal desempenhada. Isso prova insofismavelmente que apenas se tratava de um «disfarce». Aliás, houve que esperar até 1129 para se ver os Templários enfrentar pela primeira vez os infiéis em combate. Isso não impediu os modestos guardiões do desfiladeiro de Athlit de se verem chamados «ilustres pelas suas façanhas guerreiras» inspiradas diretamente por Deus, e isso ainda antes de se terem batido verdadeiramente. A propaganda não é, por certo, uma invenção moderna, mas, este exemplo é especialmente interessante. Mostra que a publicidade que lhes foi feita não se baseava numa realidade e se integrava, deliberadamente, naquilo que podemos considerar uma segunda fase da Ordem: o seu desenvolvimento e a sua transformação numa ordem militar. Do pequeno número discretamente ocupado com a descoberta de segredos importantes, passava-se à procura do poder, o que indica que as pesquisas tinham, sem dúvida, dado os seus frutos e estavam terminadas. Convinha, desde logo, pôr em execução a política que elas tivessem sugerido e podemos perguntar-nos se, a partir desse momento, não existiu uma vontade de criar uma espécie de poder sinárquico que se sobreporia aos reinos.

Hugues de Payns parou em Roma, antes de seguir para a Champagne. Ali, encontrou-se com o papa Honório II (1124-1130) que se interessava muito por aquela Ordem nascente. Em Janeiro de 1128, Hugues de Payns encontrava-se em Troyes para participar no concílio onde foi proposto adotar uma regra especial para a Ordem do Templo. O texto, nas suas linhas gerais, fora elaborado em Jerusalém. Tratava-se também de dar a conhecer a Ordem, de começar a recrutar, recolher dádivas, estimular a fundação do poder futuro do Templo. Hugues de Payns tinha no bolso a carta de recomendação do rei de Jerusalém, Balduíno II; que sem dúvida financiara a viagem. Dirigia-se a São Bernardo e pedia-lhe que desse o maior apoio aos projetos de Hugues de Payns e dos seus companheiros. Pelo seu lado, o patriarca de Jerusalém pedia ao papa a concessão de uma regra especial a esses

monges.

A carta de Balduíno II a São Bernardo referia:

"Os irmãos Templários, que Deus inspirou para a defesa desta província e protegeu de uma forma notável, desejam obter a confirmação apostólica bem como uma regra de conduta. Devido a isso, enviamos André e Gondemarc, ilustres devido às suas proezas guerreiras e pela nobreza do seu sangue, para que solicitem ao Soberano Pontífice a aprovação da sua ordem e se esforcem por obter dele subsídios e ajudas contra os inimigos da fé, coligados para nos suplantarem e derrubarem o nosso reino. Sabendo bem quanto peso poderá ter a vossa intercessão, tanto junto de Deus como do seu vigário e dos outros príncipes ortodoxos da Europa, confiamos à vossa prudência esta dupla missão cujo êxito nos será muito agradável. Fundamentai as constituições dos Templários de tal forma que eles se não afastem dos ruídos e dos tumultos da guerra e continuem a ser os auxiliares úteis dos príncipes cristãos... Fazei de maneira que possamos, se Deus o permitir, ver em breve uma conclusão feliz desta questão.

Dirigi por nós orações a Deus. Que Ele vos tenha na Sua Santa Guarda.

São Bernardo"

São Bernardo deveria, efetivamente, desempenhar um papel importante no progresso da Ordem. Convém determo-nos um pouco nesta personagem sobre a qual Marie-Madeleine David escreve:

"Bernardo é o homem mais representativo do renascimento do século XII."

Nascido no final do século XI, em 1090, e falecido em 1153, insere-se em plena época de fecundidade intelectual e de transformações econômicas e sociais.

Nascido no castelo de Fontaine, a noroeste de Dijon, era o terceiro filho da Dwna Aleth. Antes do seu nascimento, a sua mãe tivera sonhos curiosos. Via o seu futuro filho sob a forma de um cãozinho que ladrava furiosamente. Inquieta, abrira-se com um religioso que a acalmara afirmando-lhe que, mais tarde, o seu filho apenas ladraria para defender a Igreja.

O pai de Bernardo, Tescelin, era senhor do castelo de Fontaine e os seus compatriotas tinham-no apodado de «o baio», porque era loiro-arruivado. Tinha a fama de ser um homem de honra, corajoso e fiel ao seu suserano, o duque da Borgonha.

Aleth, que era filha do duque de Montbard, velara por que o seu filho recebesse uma boa educação. Confiara-o, pois, aos cônegos de Saint-Vorles, em Châtillon-sur-Seine. Eles haviam-lhe ensinado o *trivium* (gramática, retórica, dialéctica) e o *quadrivium* (aritmética, música, geometria, astronomia) e tinham-no obrigado a ler Cícero, Virgílio, Ovídio, Horácio. Também o tinham ajudado a vencer uma timidez quase doentia.

Foi na igreja de Saint-Vorles que caiu em êxtase perante Maria, vendo aquela «imagem da Mãe de Deus, feita de uma madeira que a idade escureceu mais do que o sol». Fora essa virgem negra de madeira que, miraculosamente, teria apertado o seu seio, de modo que teriam caído três gotas de leite nos lábios de Bernardo.

Os seus contemporâneos descreviam o jovem Bernardo como belo, esbelto, com uma cabeleira revolta, um olhar que se impunha. Mas essa beleza não era para as mulheres, porque pretendia preservar a sua castidade. Um dia, pensando que olhara uma mulher com demasiada complacência, fora mergulhar num lago gelado para apagar o desejo que sentia crescer dentro de si. Do mesmo modo, tratara com desprezo uma outra mulher que viera meter-se, nua, na sua cama. Pelo menos, é o que conta a sua lenda dourada. De qualquer modo, escolheu o claustro que comparava à escola de Deus. Robert Thomas lembra-nos como São Bernardo via os monges:

"Tal como os anjos, vivem puros e castos; tal como os profetas, elevam os seus pensamentos acima das coisas da terra; tal como os apóstolos, deixam tudo e vão ouvir a palavra do Mestre, recordá-la nos seus corações, esforçar-se por a guardar, por a pôr em prática. Cada mosteiro será uma escola onde Jesus ensina."

São Bernardo escolheu Cister onde entrou, no tempo do abade Estêvão Harding, com cerca de trinta companheiros que mais ou menos arrastara consigo.

Definia-se como alguém que procurava Deus e pensava que, neste caso, «quem procura, encontra». Era exigente com os outros mas, antes de mais, consigo mesmo. Recusava-se a respeitar apenas o voto de obediência que lhe não parecia um compromisso suficiente. Era necessário ir além disso. Não podia compreender que um monge se ficasse pelo mínimo obrigatório. Escrevia:

"A obediência perfeita ignora o que é apenas uma lei, não está encerrada em limites; a vontade ávida estende-se até aos limites da caridade, entrega-se por si mesma a tudo o que lhe é proposto e, com o fervor de uma alma ardente e generosa, vai sempre em frente, sem ter em conta limites ou medidas. Para ele «a medida de amar a Deus é amar sem medida»."

Bernardo não se contentava com meditar, adorar. Estudava também. Lia as escrituras, comentava-as, dissecava-as, até, procurando ir até à fonte em vez de se limitar aos comentadores precedentes. O que estava em jogo em tudo isto: conhecer-se a si mesmo e conhecer Deus. Mas conhecer-se consiste também em descobrir quão insignificante se é. No entanto, a sua atitude na vida desmentiu, amiúde, essa aparente humildade.

São Bernardo, o admirado e o temido

Bernardo em breve se tornou notado e foi a ele que se confiou a fundação da abadia de Clairvaux, em 1115, num local que tinha o belo nome de Vale de Absinto. Afirmou-se lá e continuou a pregar a humildade, e nem por isso deixou de ser cada vez mais seguro de si, a tal ponto que é necessário ser um hagiógrafo para negar o orgulho de São Bernardo. Afirmava:

"Os assuntos de Deus são meus e nada do que lhe diz respeito é estranho para mim."

O que é mais extraordinário é que, em seu redor, todos achavam isso normal de tal modo a sua personalidade era, ao mesmo tempo, forte e sedutora. Estava dotado de uma energia e de uma vontade sem falhas, daquelas que fazem vergar as

pessoas em seu redor. Para além da autoridade e da violência verbal, sabia manejar também a delicadeza e a persuasão. Bernardo foi um ser dúplice, dividido entre a meditação e a ação. Tão depressa arrastava os irmãos, repreendia os grandes, influenciava a política de todo o Ocidente, como se retirava para uma choupana e se entregava a mortificações até esgotar o seu corpo e o tornar doente, «semelhante a um arco que, depois de ter sido distendido, retesado de novo, recupera toda a sua força: como uma torrente retida por uma barragem que, liberta, retoma a impetuosidade do seu curso, regressa às suas práticas, como se tivesse pretendido castigar-se por esse repouso, e reparar as perdas da ascese interrompida».

Robert Thomas escreve:

"Uma saúde arruinada, um corpo extenuado, uma alma que, até ao fim, será senhora daquele corpo e lhe fará a vida dura, assim é Bernardo."

Dedicou-se à Ordem de Cluny para a qual defendeu uma reforma monástica. Acusava os monges clunicenses de terem costumes dissolutos. Compreenderemos facilmente, com base nisso, que São Bernardo não defendesse para os Templários uma regra especialmente suave e que se esforçasse por os tornar aguerridos através da própria dureza da vida que deveriam levar.

Bernardo foi também quem lutou contra Abelardo, até o ter derrubado, aniquilado social e psicologicamente. Abelardo era um mestre com uma inteligência notável que ensinava uma juventude estudantil que o adulava. Dialéctico brilhante, gostava das lides oratórias mais por elas mesmas do que pelo seu conteúdo. Tinha uma tendência nítida para o racionalismo e não admitia que, para um problema religioso, a única resposta avançada fosse: é um mistério. Crer e não discutir era inconcebível para ele. Bernardo considerava perigoso o seu ensino, tanto mais pernicioso quanto as suas teses eram, amiúde, sedutoras. Opôs-se-lhe violentamente e redigiu um tratado dos erros de Abelardo que dirigiu ao papa Inocêncio III. Não parou enquanto o não conseguiu condenar. A esse respeito, Dom Jean Leclerq escreveu:

"Esse excesso de injúrias, de acusações baseadas em denúncias sumárias, traía, em São Bernardo, uma paixão mal dominada."

Este episódio não é, certamente, o mais glorioso da vida de São Bernardo.

O culto da Dama Celeste

Bernardo teve também um amor louco por Maria, embora tenha escrito muito menos sobre esse tema do que acerca de outros. As poucas páginas que deixou sobre a Virgem ressumam literalmente fervor e amor. Inventou uma oração a Maria, na qual ela aparece como a «Rainha» da Salve Regina, que intercede em prol dos homens, junto de Cristo, a Virgem coroada que aceitou a provação desejada por Deus, triunfou sobre ela, é capaz de mostrar o caminho aos homens. A devoção de Bernardo à Virgem parece profunda, o que não é tão habitual na sua época. Daí, poderemos imaginar que não tenha sido alheio à veneração que os Templários sempre tiveram por Nossa Senhora.

Todavia, tenhamos cautela porque talvez se tenha tendência para atribuir

uma importância desmesurada a São Bernardo, a partir do momento em que se trata dos Templários. Baseando-nos nos depoimentos prestados por estes últimos no seu processo - dois séculos mais tarde - poderíamos pensar que fora o próprio Bernardo quem redigira a sua regra. Na verdade, mesmo que seja quase certo que meteu a sua mão na tarefa, deve ter trabalhado a partir de um texto prévio redigido pelo patriarca de Jerusalém, Estêvão de La Ferté. O que é certo é que tornou mais fácil a sua aprovação e, nesse sentido pelo menos, os Templários deveram-lhe a sua regra. Assim, Bernardo enviou uma carta a Thibaut de Champagne, dizendo-lhe:

"Dignai mostrar-vos cheio de solicitude e de submissão pelo legado, em reconhecimento por ter escolhido a vossa cidade de Troyes para a realização de um grande concílio, e dignai-vos dar o vosso apoio e a vossa assistência às medidas e resoluções que este julgar convenientes no interesse do bem."

O pedido não está isento de uma certa firmeza. No entanto, por detrás de um São Bernardo aparentemente na primeira linha, esconde-se talvez uma outra personagem cuja importância, nos bastidores do Templo, nos parece considerável.

Estêvão Harding e a tradição hebraica

Podemos interrogar-nos quanto ao fato de saber quem foi, quanto ao fundo, a personagem mais importante para a constituição da Ordem do Templo: São Bernardo ou Estêvão Harding, abade de Cister, que congeminara tudo, desde o início, com Hugues de Champagne?

Inglês de origem, Estêvão Harding fora, inicialmente, monge no mosteiro de Sherbone. Depois, prosseguira estudos na Escócia e, em seguida, em Paris e em Roma. Marion Melville lembra o que dele dizia Guillaume de Malmes:

"Sabia casar o conhecimento das letras com a devoção; era cortês nas suas palavras, risonho no rosto: o seu espírito rejubilava sempre no Senhor."

Depois de uma passagem por Molesmes, fundara Cister. Alguns anos mais tarde, tornara-se o seu terceiro abade.

Estêvão Harding acumulara quase todos os conhecimentos intelectuais que podiam adquirir-se nessa época. Reformou a liturgia e fez da sua abadia um centro cultural único. Empreendeu um trabalho gigantesco: a redação da Bíblia de Cister, com um espírito de correção crítica notável. Para o ajudarem, recorrera a sábios judeus. De acordo com as suas observações, mandou efetuar duzentas e noventa correções e cinco versículos completos de Samuel foram completamente reescritos. Findo isso, Estêvão Harding proibiu que se tocasse numa só palavra daquela Bíblia.

Daniel Réju refere que uma personagem curiosa vivia então em Troyes: o rabino Salomon Rachi (1040-1105). Foi considerado o maior exegeta dos textos hebraicos e o principal comentador e intérprete do Talmude. Analisava sempre os textos a três níveis: literal, moral e alegórico.

É difícil saber se Estêvão Harding conheceu pessoalmente Rachi, dado que este morreu em Praga, em 1105. Em todo o caso, é bastante provável que os seus genros tenham vindo trabalhar para Cister, ao lado dos monges, para facilitar a tradução de documentos sagrados especialmente difíceis de interpretar. Por este

meio indireto, os Templários beneficiaram de um apoio extremamente importante para a pesquisa que pareciam estar a levar a cabo no Ocidente.

São Bernardo partilhou, sem dúvida, o interesse de Estêvão Harding pelos textos hebraicos, embora as provas sejam escassas. Em todo o caso, ergueu-se muitas vezes contra as perseguições que os judeus tiveram de sofrer um pouco por toda a Europa. Fustigou os autores dos *pogroms* e manifestou bastante mais indulgência religiosa pelos judeus do que pelos cátaros.

O concílio de Troyes: para uma regra feita à medida

Claro que Estêvão Harding participou no concílio de Troyes, mas teria sido por qualquer coisa relacionada com a redação da regra? Isso é mais difícil de dizer. Alguns quiseram ver nesse texto uma espécie de cópia das regras de vida observadas pelos essênios, no tempo de Cristo. Mas que se sabia, no século XII, sobre esses essênios que nos foram sobretudo revelados graças à descoberta dos manuscritos do mar Morto, em Qumran? Seriam veiculadas tradições a eles respeitantes nos meios judaizantes? Teriam os próprios Templários descoberto, por acaso, documentos essênios? Por certo temos de relegar isto para o campo das simples conjecturas.

Em todo o caso, o concílio de Troyes reuniu-se «no dia da festa do Senhor Santo Hilário, no ano da Encarnação de Jesus Cristo de 1128, ao nono ano do início da supramencionada cavalaria». A assembleia consular foi presidida pelo legado do papa: Mathieu d'Albano. Assistiram a ela os bispos de Sens, Reims, Chartres, Soissons, Paris, Troyes, Orléans, Auxerre, Meaux, Châlons-sur-Marne, Laon, Beauvais. Encontravam-se também presentes vários abades, entre os quais Estêvão Harding, é claro, e leigos como Thibaud de Champagne e o conde de Nevers. Entre todas estas personagens, algumas eram amigas de São Bernardo.

Logo no prólogo da regra, apercebemo-nos de que a publicidade da Ordem estava pronta para favorecer o seu progresso e que o conjunto se inseria num plano deliberado, a longo prazo. Pode ler-se:

"Falamos, em primeiro lugar, a todos quantos desprezam ir atrás das suas próprias vontades e desejam, com pura coragem, servir como cavalaria ao soberano-rei, e com um desvelo aplicado desejam vestir e vestem perpetuamente a muito nobre armadura da obediência. E, portanto, admoestamo-vos - a vós que haveis seguido, até agora, secular cavalaria na qual Jesus Cristo não tomou parte, mas que seguistes apenas por favor humano - a seguir aqueles que Deus escolheu da massa da perdição e ordenou, pela sua agradável piedade, para a defesa da Santa Igreja, e a que vos apresseis a juntar-vos a eles perpetuamente [...]."

Hugues de Payns expôs, perante a douta assembleia, as necessidades da Ordem, tal como as concebia. Depois, o texto foi estudado e discutido, artigo após artigo. A regra latina que daí resultou compreendia setenta e dois artigos. Tudo, ou quase tudo, estava previsto nela: os deveres religiosos dos irmãos, os regulamentos que fixavam os atos quotidianos (refeições, distribuição de esmolas, vestes, armamento, etc.), as obrigações dos irmãos uns em relação aos outros, as relações

hierárquicas...

A preocupação com o pormenor foi levada muito longe, dado que se decidia nela como seriam feitos os sapatos, como se cortariam os bigodes, o número de orações a recitar nesta ou naquela ocasião, etc.

Tratava-se de adaptar uma regra monástica aos imperativos com que os guerreiros deparavam. Aos Templários, por exemplo, não podiam ser impostos jejuns tão severos como nas outras ordens, senão como teriam forças para se bater? Pela mesma razão, um monge fatigado era dispensado de satisfazer todas as suas obrigações de oração: precisavam de descansar para reconstituírem as suas forças de guerreiros. Mesmo assim, a obediência ao Mestre devia ser absoluta, militar.

A regra foi rapidamente complementada por várias bulas pontificais, bem como pelos «Retrais» que desenvolveram, nomeadamente, tudo o que se relacionava com a disciplina e as sanções eventuais e que enumeraram o conjunto dos deveres aos quais cada um estava submetido.

A regra foi traduzida para francês, em 1140, e recebeu, nessa altura, algumas modificações. Nomeadamente, o novo texto recomendava que se atraíssem os excomungados para a Ordem, para sua redenção. Com efeito, o artigo diz:

"Lá onde souberdes que se reúnem cavaleiros EXCOMUNGADOS, é lá que vos ordenemos que vades, e se houver entre eles quem queira ir juntar-se à cavalaria de Além-Mar, não devereis esperar o lucro temporal tanto quanto a salvação eterna da sua alma, quando o texto da regra latina afirmava: «Lá onde souberdes que se reúnem cavaleiros NÃO EXCOMUNGADOS...», isto é, precisamente o inverso..."

Erro de copista? É o que pensa a maior parte dos comentadores, mas é impossível porque outras passagens da regra latina que proibiam o convívio com homens excomungados foram modificadas. Tratava-se, pois, de uma alteração voluntária - e importante - a que teremos ocasião de voltar.

Aliás, outras alterações tinham sido introduzidas sem sequer esperar pela redação da regra em francês. Quando Hugues de Payns regressou ao Ocidente, o patriarca de Jerusalém revira doze artigos e acrescentara vinte e quatro, entre os quais o fato de reservar o manto branco da Ordem apenas aos cavaleiros.

Na realidade, a versão latina e a versão francesa parecem corresponder a duas lógicas diferentes, em vários pontos. O concílio de Troyes dissera que deixava ao papa e ao patriarca de Jerusalém o cuidado de aperfeiçoarem a regra de acordo com as necessidades da Ordem no Oriente. Foi, aliás, essencialmente a partir de 1163, após a publicação da bula *Omne Datum Optimum*, que todos esses regulamentos foram fixados definitivamente. Esse texto reforçava ainda mais os poderes da Ordem e do seu Grão-Mestre. Autorizava os Templários a conservarem para si mesmos o saque tomado dos Sarracenos, colocava a Ordem sob a tutela exclusiva do papa, permitindo-lhe assim escapar a qualquer outra forma de poder da Igreja, incluindo o do patriarca de Jerusalém. Quando sabemos, por exemplo, que a nomeação dos bispos dependia em grande medida do rei e do poder político em geral, compreendemos a importância de uma tal medida, dado que protegia os Templários de qualquer ingerência a esse nível e dava-lhes, até certo ponto, um

estatuto internacional. A bula confirmava, ademais, que os bens da Ordem estavam isentos de dízimo; em contrapartida, com a anuência do bispo local, os Templários tinham o direito de lançar o dízimo em proveito próprio. Por outro lado, o texto proibia que os Templários fossem submetidos a juramento e estipulava que apenas os irmãos da Ordem podiam participar na eleição do Grão-Mestre. A bula fixava e condensava os estatutos da Ordem e proibia a quem quer que fosse, eclesiástico ou não, de alterar alguma coisa neles. Permitia, por fim, que o Templo tivesse os seus próprios capelães, junto dos quais os irmãos podiam confessar-se sem terem de recorrer a uma pessoa exterior à Ordem, e construíssem capelas e oratórios privados. Ademais, eram os únicos que podiam utilizar as igrejas e capelas das paróquias excomungadas.

Assim, a Ordem do Templo encontrava-se perfeitamente autônoma, sem que ninguém, a não ser o papa - mas teria ele esse poder? -, pudesse imiscuir-se nos seus assuntos. Esta independência era uma realidade, tanto no campo econômico como no da organização militar ou no campo espiritual e ritual. Tudo se passou como se se tivesse deixado aos Templários o cuidado de preservarem segredos, evitando-lhes terem necessidade do que quer que fosse exterior à Ordem, mesmo que fosse para se confessarem. Não deveremos ver aí, se não a prova, pelo menos um indício importante que confirma a existência de um «segredo» da Ordem, sem dúvida relacionado com descobertas feitas em Jerusalém?

O monge e o guerreiro ou a teologia da guerra

O Templo não tinha nada que ver com uma ordem religiosa normal. Os seus privilégios eram exorbitantes, quer se tratasse do poder de decisão, de organização, ou da criação de um potentado financeiro e econômico, em sentido amplo. Os cavaleiros cultivavam a pobreza pessoal, mas a Ordem via serem-lhe conferidas todas as possibilidades para se tornar extremamente rica e, de certa forma, rica a expensas do resto da Igreja, dado que estava isenta de dízimo. Isto era justificado pela necessidade, para a Ordem, de manter um verdadeiro exército na Terra Santa, mas, ao mesmo tempo, o fato de ser uma ordem militar, com o que isso representa em termos de poderio, poderia tornar esse um privilégio suplementar. Aliás, isso levantava um problema terrível: não deveria considerar-se que existia incompatibilidade entre as funções de monge e as de soldado? Não deveria ver-se nas noções de procura da santidade e procura cavaleiresca duas éticas radicalmente opostas? Demurger escreve, a este propósito:

"Para as conciliar, era necessária uma evolução espiritual considerável, a mesma, aliás, que permitiu a cruzada. A Igreja teve de modificar a sua concepção da teologia da guerra. Teve de aceitar a cavalaria e arranjar-lhe um lugar na sociedade cristã, na ordem do mundo desejada por Deus."

O cristianismo primitivo é representado amiúde como condenando toda a guerra e toda a violência. Preconizava, como única resposta, o amor e apenas o amor, mesmo em caso de agressão. Segundo Mateus, quando Pedro puxou da espada para cortar a orelha do criado do Grão-Sacerdote, não lhe disse Cristo:

«Embainha a tua espada, porque aqueles que matam com a espada morrerão pela espada»?

Numa abordagem destas, não há lugar para a batalha, mesmo de modo defensivo. Mas as coisas não são assim tão simples. Em primeiro lugar, a censura feita a Pedro é relatada de uma forma muito diferente pelos outros evangelistas. Marcos não relata esta frase e Lucas contenta-se com pôr Jesus a dizer: «Basta» e com fazê-lo curar a orelha ferida. Quanto a São João, atribui a Jesus esta reflexão: «Embainha a tua espada. Não beberei eu o cálice que o meu Pai me deu?», o que é o sinal da aceitação do seu destino, por Cristo, da sua submissão ao necessário sacrifício, e não de uma censura a São Pedro. Por outro lado, noutra ocasião, o próprio Mateus refere uma outra palavra de Cristo:

"Não julgueis que vim trazer a paz à Terra; não vim trazer a paz, mas sim a espada."

Do mesmo modo, encontramos no evangelho apócrifo de São Tomás:

"Por certo que os homens pensam que vim para lançar a paz sobre o Universo. Mas eles não sabem que vim para lançar, sobre a Terra, as discórdias, o fogo, a espada, a guerra."

Paul du Breuil vê aí uma alusão de Cristo à extrema subversão de toda a verdade.

Os teólogos não estavam, pois, desprovidos de recursos para justificar atos guerreiros. No entanto, era necessário escorar, mediante uma verdadeira teologia da guerra, escolhas que teriam podido lançar a perturbação nos espíritos. Evitou-se, portanto, considerar o fenômeno em si mesmo, para, atribuindo apenas interesse às suas razões, se chegar a uma noção de guerra justa. Bater-se para se apoderar das riquezas de outrem ou por simples bravata não podia ser admitido, mas bater-se para se defender ou salvar os seus, para manter o direito e a ordem, tornou-se legítimo, desde que todos os outros métodos estivessem esgotados.

Santo Agostinho foi, sem dúvida, o primeiro a elaborar uma teologia da guerra justa:

"São chamadas justas todas as guerras que vingam as injustiças, quando um povo e um Estado, a quem a guerra deve ser feita, descurou de punir os delitos dos seus ou de restituir o que foi roubado por meio dessas injustiças."

Escrevia também:

"O soldado que mata o inimigo, tal como o juiz ou o carrasco que executam o criminoso, em meu entender, não pecam, porque, ao agirem assim, obedecem à lei."

Santo Agostinho dizia também: «Devemos querer a paz e fazer apenas a guerra por necessidade, porque não procuramos a paz para preparar a guerra, mas fazemos a guerra para obter a paz. Sede, pois, pacíficos, mesmo ao combaterdes, a fim de trazerdes, pela vitória, aqueles que combateis à felicidade da paz.»

Demurger assinala que, no século VIII, Santo Isidoro de Sevilha acrescentou, a esta definição, uma precisão capital:

"É justa a guerra que é feita após advertência para recuperar bens ou para repelir inimigos."

Isto irá permitir justificar as cruzadas, enquanto recuperação dos lugares santos. Era preciso, a todo o preço, mesmo que fosse o de uma guerra, manter na terra a ordem desejada por Deus. Recusar a violência teria tido como consequência um recuo do cristianismo e teria feito o jogo do demônio, entregando-lhe populações cujas almas se teriam perdido. A partir de então, passou-se rapidamente da noção de guerra justa à de guerra santa. Tratava-se de defender o único Deus verdadeiro e a fé do seu povo. O guerreiro batia-se por Cristo, defendendo o cristão contra o infiel. Devia até permitir que os povos pudessem receber o ensinamento da «verdadeira fé» e converter-se, uma vez destruído o poder dos seus antigos amos.

A guerra santa

A noção de guerra santa era, aliás, bem conhecida no Oriente. No entanto, continuava, em teoria, muito ligada espiritualmente à purificação interior, e isso tanto nas doutrinas essênias ou zoroastrianas como *najihad* islâmica.

A espiritualidade do monge e o papel do guerreiro haviam sido conciliados, tanto quanto possível, no islamismo, antes de o serem no cristianismo. Assim, os muçulmanos rabitas de Espanha, que levavam uma vida muito austera e faziam voto de defender as fronteiras contra os cavaleiros cristãos, preferiam morrer a recuar. E não é a única aproximação que pode fazer-se entre as concepções guerreiras no Oriente e no Ocidente.

Vemos bem quais os desvios que a noção de guerra santa podia trazer, dado que fazia desaparecer a de guerra justa, defensiva. Doravante, podia-se, em nome de Deus, levar a cabo guerras de conquista sob a única condição de que os territórios envolvidos fossem povoados por heréticos, pagãos ou infiéis. Esta concepção serviu para justificar, um pouco mais tarde, a cruzada contra os Albigenses. Não passou de uma maneira de os barões do norte rapinarem o Languedoque, sob o pretexto de uma guerra santa contra os cátaros, declarados heréticos. Foram, aliás, os monges de Cister que pregaram esta pseudo-cruzada, com o apoio de São Bernardo.

Nota: Na verdade, esta cruzada começou cerca de cinquenta anos depois da morte de São Bernardo.

Bernardo foi para o Languedoque, esperando trazer os heréticos de volta ao caminho reto. Encontrou diferentes recepções, caracterizadas, na maior parte das vezes, pela indiferença, e até enervamento, da população. Por vezes, foi mesmo recebido à pedrada, o que tinha o condão de o exasperar ao ponto de se dirigir a Deus a fim de que este fizesse secar a região. Acontece que, tendo perdido toda a esperança de converter esses hereges obstinados, Bernardo pensou que só restava reduzi-los por meio da espada e do fogo das fogueiras. E foi um cisterciense que, segundo se diz, exclamou em Béziers, quando foi levantada a questão de saber como se distinguiriam, na população, os cátaros dos bons católicos: «Matem-nos a todos, Deus reconhecerá os seus.»

Tudo isto ilustra os desvios possíveis de uma teologia da guerra. Todavia,

será forçoso reconhecer que a Igreja não podia opor-se à luta contra a insegurança. Eram, pois, necessários homens armados para policiarem, para se oporem aos bandos inimigos, vindos para pilhar.

Ora, dado que esses homens de armas, esses defensores, eram muitas vezes tentados a tornarem-se, por sua vez, saqueadores, violadores, era indispensável «moralizar» a função de soldado. Talvez tenha muito bem sido desta idéia que nasceu a Cavalaria, com o seu código de honra que se julgava impedir os exageros. Aquele que era armado cavaleiro jurava bater-se apenas por causas justas. Não se trata de uma idéia muito original, dado que já era aplicada no Irã, muito antes das cruzadas. Segundo Paul du Breuil, «os Persas tinham constituído uma instituição, a *fotowwat* - substantivo que significa, em sentido próprio, liberdade, generosidade, abnegação - que caracterizava bem uma espécie de confraria cujo grau de fato era conferido pelos *sheiks*, senhores ou mestres de sociedades iniciáticas».

A introdução do sistema cavaleiresco permitiu à Igreja atalhar o mal. Completou o seu arsenal de luta contra a violência impondo períodos de sossego: as «tréguas de Deus». Multiplicou, por ocasião das festas religiosas, os períodos durante os quais qualquer combate era proibido. Devia fazer também que o cavaleiro não se desviasse do papel que lhe era atribuído. Para tal, possuía uma arma temível: a excomunhão e, para as faltas menos graves, a peregrinação penitencial. Eis o princípio geral de coexistência de uma sociedade religiosa e de uma sociedade guerreira. Mas estamos longe desse equilíbrio precário devido ao fato de se misturarem completamente as funções de monge e de guerreiro. Quando o braço que abençoa é o mesmo que mata, há razões para surgirem alguns problemas de consciência.

São Bernardo, sargento recrutador dos monges-guerreiros

Na época, alguns insurgiram-se contra a criação de uma ordem militar. Assim o testemunha a carta enviada a Hugues de Payns pelo prior da Grande Cartuxa, Guigues:

"Não saberíamos, na verdade, exortar-vos às guerras materiais e aos combates visíveis; também não somos mais aptos para vos inflamar para as lutas do espírito, a nossa ocupação de cada dia, mas desejamos, pelo menos, alertar-vos para que penseis nisso. Com efeito, é vão atacar os inimigos externos, se não dominamos, antes de mais, os do interior..."

Nota: É precisamente o sentido da *Jihad* islâmica.

Façamos, antes de mais, a nossa própria conquista, amigos muito caros, e poderemos em seguida combater com segurança os nossos inimigos de fora. Purifiquemos as nossas almas dos seus vícios, e poderemos depois purgar a terra dos bárbaros. Porque não é contra adversários de carne e sangue que temos de lutar, mas contra os principados, os poderes, contra os que governam este mundo de trevas, contra os espíritos do mal que habitam os espaços celestes, isto é, contra os vícios e os seus instigadores, os demônios. Estas críticas chegarão, por vezes, a fazer duvidar os próprios Templários, e Hugues de Payns teve de lembrar, numa

carta dirigida aos primeiros dentre eles, que se tratava de uma necessidade. Tentando dissipar as suas dúvidas, escrevia:

"Vede, irmãos, como o inimigo, sob o pretexto da piedade, se esforça por vos conduzir à armadilha do erro. Oh trombeta inimiga, quando te calarás? Como é que o anjo de Satã se transforma em anjo de luz? Se o diabo aconselhasse a desejar as pompas do mundo, reconhecê-lo-íamos facilmente. Mas ele diz aos soldados de Cristo que deponham as armas, que deixem de fazer a guerra, que fujam do tumulto, que façam um qualquer recuo de modo que, apresentando uma falsa aparência de humildade, dissipa a verdadeira humildade. Com efeito, que é ser orgulhoso senão não obedecer ao que nos é ordenado por Deus? Tendo abanado deste modo os superiores, Satã volta-se para os inferiores, para os derrotar."

"Por que razão", diz ele, "trabalhais inutilmente? Por que razão despender em vão um tal esforço? Esses homens que servis obrigam-vos a participar no seu labor, mas não querem admitir-vos na participação da fraternidade (confraria). Quando vêm até aos soldados do Templo as saudações dos fiéis, quando são feitas orações no mundo inteiro pelos soldados do Templo, não se faz qualquer menção a vós, nenhuma lembrança. E quando quase todo o trabalho corporal vos incumbe, todo o fruto espiritual se repercute neles. Retirai-vos pois dessa sociedade e oferecei o sacrifício do vosso trabalho noutro local onde o zelo do vosso fervor seja manifesto e frutuoso."

O Grão-Mestre respondia assim também às tentativas de provocar a deserção dos homens que serviam o Templo sem serem cavaleiros. Hugues de Payns compreendera bem onde se encontravam os pontos fracos da Ordem. Era preciso não deixar desenvolver-se a crítica, convinha responder-lhe antes de se estender e tornava-se urgente que uma personalidade da Igreja, incontestável, viesse em socorro dos Templários. Por três vezes pediu ao seu amigo Bernardo que desempenhasse esse papel de autoridade espiritual e defendesse a missão particular dos Templários.

O santo homem de Clairvaux respondeu-lhe:

"Por três vezes, salvo erro da minha parte, me pediste, meu muito caro Hugues, que escrevesse um sermão de exortação para ti e para os teus companheiros [...]. Disseste-me que seria para vós um verdadeiro conforto encorajar-vos por meio das minhas cartas, dado que vos não posso ajudar pelas armas. E garantistes-me que seria muito útil se animasse, com as minhas palavras, aqueles que não posso ajudar pelas armas."

E Bernardo redigiu o *De laude novae militiae*, verdadeira ferramenta de propaganda, crítica aos guerreiros tradicionais e apologia desta nova milícia de Deus que constituía a Ordem do Templo. Começou por criticar vigorosamente os homens de armas do seu tempo:

"Qual é, cavaleiro, esse inconcebível erro, essa inadmissível loucura que faz que despendas para a guerra tanto esforço e dinheiro e apenas recolhas frutos de morte ou de crime?

"Embiocais os vossos cavalos de sedas e tapais as vossas cotas de malha com não sei quantos panos. Pintais as vossas lanças, os vossos escudos e as vossas selas,

incrustais os vossos freios e os vossos estribos com ouro, prata e pedras preciosas. Vestis-vos com pompa para a morte e correis para a vossa perdição com uma fúria sem vergonha e uma insolência impudente. Esses ouropéis serão os arneses de um cavaleiro ou os atavios de uma mulher? Ou então julgais que as armas dos vossos inimigos se desviam do ouro, pouparão as gemas, não furarão a seda? Por outro lado, demonstraram-nos amiúde que são necessárias três coisas principais na batalha: que um cavaleiro esteja alerta para se defender, seja rápido na sela e esteja pronto para o ataque. Mas, pelo contrário, penteais-vos como mulheres, o que dificulta a vossa visão; embaraçais os pés em camisas longas e largas e escondeis as vossas mãos delicadas dentro de mangas largas e de amplas aberturas. E, assim ataviados, bateis-vos pelas coisas mais vãs, tais como a cólera irracional, a sede de glória ou a cobiça dos bens temporais. Matar ou morrer por tais objetos não põe a alma em segurança."

Que requisitório! A esta guerra de rendas, fútil, Bernardo contrapunha a dos monges-soldados da Ordem do Templo. Punha a tônica na simplicidade dos seus costumes, no seu desinteresse e na sua caridade e explicava por que razão aqueles monges tinham o direito e, até, o dever de matar, o que constituía a santidade da sua missão:

"O cavaleiro de Cristo mata em consciência e morre tranquilo: ao morrer, obtém a sua salvação; ao matar, trabalha para Cristo. Sofrer ou dar a morte por Cristo não tem, por um lado, nada de criminoso e, por outro, merece uma imensidade de glória."

Sem dúvida que não seria necessário matar os pagãos, tal como os outros homens, se tivéssemos outro meio de deter as suas invasões e de os impedir de oprimir os fiéis. Mas, nas circunstâncias presentes, é melhor massacrá-los do que deixar a vara dos pecadores suspensa sobre a cabeça dos justos e deixar os justos expostos a cometerem também a iniquidade. Pois então? Se nunca fosse permitido a um cristão bater com a espada, o precursor de Cristo teria apenas recomendado aos soldados que se contentassem com o seu soldo? Não lhes teria antes proibido o ofício das armas?

Mas não é assim, pelo contrário. Empunhar as armas é permitido, àqueles, pelo menos, que receberam a sua missão do altíssimo e que não fizeram profissão de uma vida mais perfeita. Existe alguém mais qualificado, pergunto-vos, do que esses cristãos cuja poderosa mão sustém Sion, a nossa praça-forte, para a defesa de todos nós, e para que, depois de expulsos os transgressores da lei divina, a nação santa, guardiã da verdade, a ela tenha um acesso seguro? Sim, que eles dispersem, têm esse direito, esses gentios que querem a guerra; que suprimam aqueles que nos perturbam; que ponham fora da cidade do Senhor todos esses obreiros de iniquidades que sonham pilhar ao povo cristão as suas inestimáveis riquezas encerradas em Jerusalém, conspurcar os Lugares Santos e apoderar-se do santuário de Deus!

Depois de ter justificado o papel dos Templários, Bernardo quis mostrar que eram um escol, os melhores entre os homens, e participar assim na excelência do seu recrutamento:

"Agora, para dar aos nossos cavaleiros, que militam não para Deus mas para o diabo, um modelo a imitar, ou antes, para os inspirar e fazer sair da confusão, contarei em breves palavras o tipo de vida dos Cavaleiros de Cristo, o seu modo de se comportarem tanto na guerra como em suas casas. Quero que se veja claramente a diferença que existe entre os soldados seculares e os soldados de Deus. E, antes de mais, a disciplina não falta entre estes. Não têm desprezo pela obediência. Sob a ordem do chefe, vão, vêm; veste-se o hábito que ele dá e não se espera de outrem nem a roupa nem a alimentação. Tanto na vida como nas vestimentas, evita-se o supérfluo; reserva-se a atenção para o necessário.

É a vida em comum, levada na alegria e na mesura, sem mulheres nem filhos. E para que a perfeição angélica seja realizada, todos habitam na mesma casa, sem nada possuírem em particular, prestando atenção para manterem entre eles um único espírito de que a paz é o laço. Dir-se-ia que essa multidão tem apenas um corpo e uma alma, dado que cada um, em vez de seguir a sua vontade pessoal, se apressa tanto a seguir a do chefe. Nunca estão ociosos; não vão nem vêm por simples curiosidade; mas quando não estão em campanha (o que acontece raramente), para não comerem o seu pão sem o terem ganho, cosem as suas roupas rasgadas, reparam as suas armas [...]. Entre eles, não há preferências de pessoas; julga-se segundo o mérito e não de acordo com a nobreza [...]. Nunca uma palavra insolente, uma tarefa inútil, uma gargalhada excessiva, um murmúrio, por mais fraco que seja, ficam impunes. Detestam o xadrez, os jogos de azar, têm horror à caça com galgos e a cavalo e nem sequer se divertem com a caça de altanaria, com que tantos se deleitam. Os *númos*, os que leem a sina, os jograis, as canções jocosas, as peças de teatro, são, a seus olhos, tão cheias de vaidade e de loucura, que se afastam delas e as abominam. Têm os cabelos curtos, porque sabem que, segundo as palavras do apóstolo, é vergonhoso para um homem cuidar da cabeleira. Nunca se penteiam e raramente tomam banho. É assim que são vistos, descuidados, hirsutos, negros de poeira, com a pele queimada pelo sol e tão bronzeada como a sua armadura."

Que retrato, que forma de justificar esses homens e de os mostrar tão diferentes dos outros guerreiros! Não podemos dizer que Bernardo tente atrair recrutas prometendo-lhes facilidades, mas os homens de que o Templo necessita devem ser capazes de dar provas da mais total abnegação e de suportar uma vida rude entremeada de sofrimento.

Bernardo procurava levar cada um a empenhar-se mais e, ao pregar a segunda cruzada, em Vézelay, exclamava:

"A terra treme, é abalada porque o Deus do céu está em vias de perder a sua terra, a que é dele desde que viveu entre os homens mais de trinta anos [...]. Agora, por causa dos nossos pecados, os inimigos da cruz erguem de novo a sua cabeça sacrílega e a sua espada despovoa essa terra bendita, essa terra prometida. E se ninguém resiste, pobres de nós, eles vão lançar-se sobre a própria cidade do Deus Vivo, para destruírem os lugares onde se consumou a salvação, para macularem os Lugares Santos que o sangue do Cordeiro Imaculado purpurou. Dareis vós aos cães o que há de mais santo, aos porcos as pérolas preciosas? Mas, digo-vos, o Senhor

oferece-vos uma oportunidade. Contempla os filhos dos homens para ver se, entre eles, haverá alguns que o compreendam, que o procurem e que sofram por ele. Deus tem piedade do seu povo; àqueles que sucumbiram aos erros mais graves, propõe uma forma de salvação. Pecadores, pensai nesse abismo de bondade, enchei-vos de confiança. Ele não quer a vossa morte, mas sim a vossa conversão, a vossa vida: arranja-vos uma possibilidade não contra vós mas por vós. Ousa chamar a servir, como se estivessem prenhes de justiça, homicidas e ladrões, perjuros e adúlteros, homens acusados de todos os tipos de crimes. Não será isso, da sua parte, uma invenção excêntrica e que só Ele podia encontrar?"

De qualquer modo, não foi mal pensado, da parte de São Bernardo. Que homem político! Com uma só cajadada matava dois coelhos, recrutando homens rudes para se baterem no Oriente e aliviando o Ocidente de uma parte das más reses que nele habitavam. Em certa medida, inventava a Legião Estrangeira e dava realmente uma oportunidade a esses homens para se regenerarem. No entanto, pelo menos nos primeiros tempos, a Ordem do Templo foi, quanto a ela, muito seletiva no recrutamento e não aceitou as pessoas sem eira nem beira que se lhe ofereceram e, de qualquer modo, não as transformou em cavaleiros.

Doravante, os Templários já tinham meios para fazerem a guerra, já estavam fixados. Na sua esteira, também se havia transformado a Ordem dos Hospitalários de São João de Jerusalém em ordem militar? Por que razão não mandaram fundir os nove ou dez templários dos tempos iniciais com os Hospitalários? No entanto, teria sido a solução mais lógica em vez de organizar duas estruturas diferentes com as suas logísticas próprias. Mas, não o esqueçamos, o Templo tinha uma missão especial a assumir, depois das descobertas feitas em Jerusalém. A partir de então, não era possível misturar as duas ordens, dado que não prosseguiam objetivos estritamente idênticos.

E como escreve Louis Lallement em *La Vocation de l'Occident*, a propósito dos Templários:

"A Ordem do Templo, cujo manto branco ornado com uma cruz vermelha era das cores vermelhas de Galaad, constituía, no século XII, como que a armadura da cristandade."

Uma armadura que muitos, a partir de então, apenas pensaram em destruir.

SEGUNDA PARTE

O TEMPLO, POTÊNCIA ECONÔMICA E POLÍTICA

OS MISTÉRIOS DA SUA RIQUEZA

I

OS BENS DO TEMPLO

Assegurar a logística

Uma vez aprovada a Ordem e permitindo-lhe a sua regra assumir o seu papel duplo, religioso e militar, poderíamos considerar que estava adquirido o enquadramento jurídico favorável ao seu desenvolvimento. Condição necessária mas não suficiente porque os Templários tinham necessidade de uma logística poderosa. Precisavam, não só, de realizar recrutamentos importantes para formarem batalhões de monges-soldados na Terra Santa, mas também garantir a manutenção desses exércitos em operações. Era necessário fornecer-lhes alimentação, armas, vestuário, equipamentos, cavalos, etc.

As necessidades em breve iriam tornar-se colossais. Imaginamos mal, hoje em dia, como os Templários conseguiram fazer-lhes frente. Por vezes, houve que manter até quinze mil «lanças» na Palestina e uma lança significa um cavaleiro com o seu séquito: escudeiro, sargento de armas. Essas quinze mil lanças representam, na verdade, entre sessenta e cem mil homens. A isso há que acrescentar a intendência: todos os irmãos conversos encarregados dos abastecimentos, manutenção, reparações e alojamentos. Pensemos que, a fim de ter sempre à disposição uma montada fresca, cada cavaleiro possuía três cavalos enquanto mais dois eram atribuídos a cada um dos seus sargentos. Em redor desta tropa gravitavam também os capelães do Templo e os operários encarregados das construções e da sua manutenção. Não esqueçamos que os Templários construíram e defenderam imensas fortalezas na Palestina e que asseguraram também a guarda de inúmeras praças-fortes em Espanha. Logo, era absolutamente necessário garantir as retaguardas da Ordem e financiar o esforço de guerra a partir do Ocidente. Depender de uma corrente contínua de donativos teria sido muito arriscado e, de qualquer modo, insuficiente. Essas dádivas eram perfeitamente necessárias, mas, a utilização dos seus produtos devia ser racionalizada e maximizada. Convinha, é claro, provocar um verdadeiro ímpeto de simpatia e de

generosidade para com o Templo e torná-lo o mais duradouro possível. Depois, seria necessário gerir por forma a multiplicar a eficácia do financiamento.

O peditório

No que se refere à primeira fase, a propaganda organizada por São Bernardo viria a revelar-se eficaz: os que se não alistassem nas fileiras da Ordem sentir-se-iam amiúde obrigados a dar para participarem nesse ímpeto. A verdadeira «digressão» que Hugues de Payns e os seus companheiros fizeram depois do concílio de Troyes permitiu acionar o sistema. Tinha, é claro, o duplo objetivo do recrutamento e da coleta de dádivas.

Hugues de Payns começou pelas regiões onde tinha a certeza de ser bem recebido: a Champagne, em primeiro lugar, como é lógico, e, em seguida, Anjou e o Maine. Conhecia bem Foulques V de Anjou, que participara na primeira cruzada e mantinha uma centena de homens de armas na Terra Santa. Já estava conquistado para a causa dos Templários. O que é mais, Hugues de Payns fora encarregado, junto dele, de uma missão muito agradável, dado que era portador de uma carta de Balduíno, rei de Jerusalém. Este, que não tinha herdeiro macho, desejava ver Foulques casar com a sua filha, Mélisande, e suceder-lhe no trono de Jerusalém. Foulques aceitou e ajudou a facilitar a digressão de Hugues de Payns junto dos seus vassalos.

Hugues continuou o seu périplo passando pelo Poitou e pela Normandia. Aí, encontrou o rei Henrique I de Inglaterra que o aconselhou a transpor a Mancha. O primeiro Mestre da Ordem, com a recomendação no bolso, dirigiu-se então à Grã-Bretanha e chegou, inclusive, à Escócia. Foi bem recebido em toda a parte e acumulou dádivas e presentes diversos. O ouro e prata recolhidos foram rapidamente expedidos para Jerusalém, enquanto Hugues continuava a sua digressão, passando pela Flandres, para a concluir no seu ponto de partida: a Champagne. Nesse momento, uma pequena hoste já se formara em seu redor, ao longo das etapas, pronta para embarcar para o Oriente. Durante esse tempo, os seus companheiros da primeira hora não tinham ficado inativos. Também eles haviam recrutado, tendo-se cada um deslocado ao local onde tinha a certeza de ser melhor recebido: Godefroy de Saint-Omer, na Flandres, Payen de Montdidier, no Beauvaisais e na Picardia, Hugues Rigaud, no Delfinado, na Provença e no Languedoque. outro fora a Espanha. Assim, em 1129, os habitantes dos vales do Ródano puderam ver passar uma tropa comandada por Hugues de Payns e Foulques de Anjou, com destino à Terra Santa. Em muito pouco tempo, o Mestre do Templo conseguira recrutar trezentos cavaleiros, sem contar os escudeiros e os sargentos que os acompanhavam.

A digressão de propaganda fora um verdadeiro êxito e as dádivas começavam a afluir de todos os lados. Durante décadas, o movimento em prol do

Templo não iria deixar de crescer. No Ocidente, já se criavam casas da Ordem, que tinham como dever não só assegurar a intendência, mas também, continuar a propaganda com o fito de atraírem novos recrutas e dádivas. Se olharmos bem, o progresso da Ordem do Templo parece fantástico, quase inexplicável na sua magnitude.

Tudo se doa

As primeiras dádivas foram, é claro, as dos primeiros Templários, dado que a sua regra os proibia de terem propriedade privada. Foi, portanto, o caso dos bens de Hugues de Payns, de Godefroy de Saint-Omer, em Ypres, na Flandres, dos de Payen de Montdidier, em Fontaines, etc. Mas houve também bens e direitos oferecidos por particulares: casas, terras, armas, objetos diversos, dinheiro, roupas, «taxas»... Havia até quem doasse a sua própria pessoa à Ordem do Templo em troca de uma vantagem espiritual. Bernard Sesmon de Bézu foi um curioso exemplo disso. Doou a sua própria pessoa a fim de que os Templários o ajudassem a salvar a sua alma e o acolhessem na sua Ordem quando a sua morte estivesse próxima, fazendo-o assim participar *in extremis* no seu empenho e nos benefícios celestes que daí pudessem resultar. Precisava:

"E se a morte viesse surpreender-me enquanto estou ocupado no século, que os irmãos me recebam e que, num local oportuno, inumem o meu corpo e me façam participar das suas graças e benefícios."

Em contrapartida, fazia dos Templários seus herdeiros. Além destes aspectos testamentários, viu-se também pessoas venderem os seus bens à Ordem em renda vitalícia. Outros cediam direitos diversos ou locais particulares, como a levada de um ribeiro para que os Templários pudessem construir lá um moinho. Quanto a Roger de Béziers, foi muito generoso. Doou:

"[...] o seu domínio chamado Champagne, situado no condado de Razès, nas margens do Aude, que o divide ao meio [...] com todos os seus habitantes, homens, mulheres e crianças, as suas casas, foros, usufrutos, as suas terras isentas de foros e terras aráveis, os seus prados, pastagens, baldios, as suas culturas e terrenos incultos, as suas águas e aquedutos, com todos os moinhos e direitos de moinho, as pescarias com entradas e saídas."

Isto sem contrapartida alguma, visto que afirmava:

"Os irmãos do Templo não me deverão, sobre o seu domínio, nem rendimentos, nem vínculos pessoais, nem direito de portagem e de passagem."

Algumas dádivas foram nitidamente mais modestas, como a daquele camponês que se compromete a fornecer, todos os anos pela Páscoa, dez ovos à casa do Templo próxima do local onde habita.

Os que doavam eram amiúde desinteressados ou esperavam do seu ato um benefício quanto à remissão dos seus pecados. Mas outros tratavam isto como negócios. As suas doações eram realizadas então contra determinadas liberalidades por parte da Ordem e, muitas vezes, a garantia de esta os proteger, a eles e aos seus interesses, garantia muito apreciável naqueles tempos de insegurança.

De qualquer modo, foi tudo muito depressa. Os bens multiplicaram-se rapidamente. Assim, a casa dos Templários de Douzens, no Aude, não recebeu menos de dezesseis doações importantes, em cinco anos. Na Flandres, o entusiasmo foi fulgurante: em alguns dias, foram instaladas quatro comendas, em Ypres, Cassel, Saint-Omer e Bas-Wameton. A partir daí, toda a região foi percorrida de imediato, o conde Guillaume Clito concedeu-lhes as sisas das Flandres, isto é, os foros devidos por cada herdeiro quando entrava na posse do seu feudo.

No Languedoque, fora organizada uma reunião pública na catedral de Toulouse para dar a conhecer a Ordem. O efeito imediato foi, é claro, um peditório substancial, mas seguiram-se-lhe inúmeras doações, tanto no Languedoque como no Rossilhão. Esta região deu, aliás, um bom exemplo da extensão contínua da Ordem.

Em 1130, os Templários receberam um imóvel em Perpignan. Transformaram o local em fortaleza, com uma igreja fortificada. Em 1136 e 1137, foram-lhes doadas casas, campinas, terras cultiváveis, vinhas e os homens que nelas trabalhavam. Aconteceu o mesmo em 1138 e 1140. Sabemos menos bem o que se passou nos anos seguintes mas, em 1149, Gaufred, conde do Rossilhão, doou o Mas da Garrigue du Pont-Couvert-sur-Réart que foi transformado em recebedoria. Em 1157, os Templários viram transferidos para si diversos direitos. Em 1170, o conde Guinard doou-lhes o castelo do Mas-Pal, junto do qual criaram a aldeia de Bompas. Em 1176, outras terras vieram juntar-se a todas estas propriedades. Em 1180, começaram a secar um conjunto de pântanos que haviam acabado de lhes serem doados. Dez anos mais tarde, os Templários tornaram-se proprietários de todos os terrenos planos situados a oeste de Perpignan. Em 1207, o rei de Aragão concedeu-lhes terras que tinha no Rossilhão e, em 1208, o bispo de Elne atribuiu-lhes a igreja da cidade com os seus rendimentos. Ocorreram novas doações de terras e de direitos em 1214, 1215 e 1217. Em 1237, na sequência de novas doações, a comendadoria geral do Rossilhão foi instalada no Mas-Deu, entre Trouillas e Villemolagne. Isto mostra a regularidade das doações durante um século. Na verdade, neste lapso de tempo, o Templo recebeu, nesta região, muitas outras terras mas não as citamos, dado que nem sempre conhecemos as datas precisas.

O movimento de generosidade que se exerceu em prol da Ordem do Templo adquiriu proporções especialmente importantes em França. No entanto, outros países participaram nesta construção. Para esquematizar, poderíamos dizer toda a Europa. Mesmo assim, alguns foram mais longe do que outros. Isso foi especialmente verdade nos reinos da Península Ibérica. Logo em Maio de 1128, a Rainha D. Teresa, de Portugal, dera aos Templários o castelo de Soure, ponto de resistência aos sarracenos. Não esqueçamos que os árabes da dinastia dos Almorávidas ainda ocupavam, nessa época, metade da península.

Em 1130, a entrada de Raimundo III de Barcelona para a Ordem, trazendo com ele o castelo de Oranera, foi o ponto de partida de uma vaga de recrutamento, de doações de fortalezas e dinheiro. Quanto ao rei Afonso de Castela e Aragão,

quis inclusive doar, por testamento, um terço do seu reino aos Templários. Elevaram-se protestos e o testamento acabou por ser anulado, mas a Ordem foi indemnizada, apesar de tudo, com a atribuição das fortalezas de Curbin, Montjoye, Calamera, Monzon e Remolina.

Por vezes, algumas praças-fortes só lhes foram atribuídas em troca de alguns esforços. Foi assim que D. Afonso de Portugal lhes concedeu a de Ceira e toda a região que a rodeava, com a condição de expulsarem os sarracenos que a ocupavam. Eles fizeram-no e aproveitaram para fundar as cidades de Coimbra, Ega e Ródão. Perante o seu poderio crescente, as pequenas ordens militares que haviam sido fundadas em Castela e em Aragão, como a Ordem de Montreal, fundiram-se com a do Templo, trazendo consigo os seus bens. Assim, com bastante rapidez, a Ordem do Templo encontrou-se solidamente implantada em França, Espanha, Portugal, Inglaterra, Alemanha, Bélgica e, depois, na Armênia, em Itália e em Chipre, sem esquecer a Terra Santa.

A organização das comendas

Todas estas doações provocaram bastantes invejas. Vimos que o testamento do rei de Aragão foi contestado; aqui e ali, alguns particulares consideraram-se lesados, inclusive algumas ordens religiosas protestaram porque, à medida que aumentava o entusiasmo em relação ao Templo, viam rarefazer-se as dádivas de que eram alvo. Por uma espécie de equilíbrio misterioso inerente à natureza humana, quantos mais amigos tinham os Templários mais suscitavam invejas e inimizades. Inúmeras vezes, os bispos e até a Santa Sé tiveram de intervir para dirimir litígios. Assim, no caso da capela de Obstal, os Templários tinham obtido que as esmolas dadas nesse local, durante os três dias das Rogações e os cinco seguintes, pertencessem à Ordem, beneficiando delas, durante o resto do ano, os cônegos de Saint-Martin d'Ypres. Foi necessária a intervenção do arcebispo de Reims e dos bispos de Chartres, Soissons, Laon, Arras, Mons e Châlons e até mesmo uma confirmação pontifícia para tornar possível essa disposição.

Fosse como fosse, a quantidade e diversidade destas ofertas em breve exigiu, dos Templários, uma aptidão muito especial para a gestão e a organização. Escolheram para célula de base do seu desenvolvimento as comendas. Na verdade, se a sua criação dependeu, na maior parte das vezes, do acaso e se realizou em função das oportunidades, o seu desenvolvimento correspondeu a critérios racionais.

A organização dessas comendas ocidentais foi, em todos os aspectos, notável. Elas reuniram, segundo as regiões, culturas, prados, vinhas, fontes, ribeiros, lagos, construções diversas, rendas, direitos. Sempre que lhes foi possível, os Templários procuraram realizar uma cobertura eficaz das regiões onde estavam bem implantados. Procuraram também deitar a mão a determinados locais famosos por terem albergado cultos antigos e que se julgava possuírem poderes especiais. Tão frequentemente quanto podiam, dado que tinham os pés perfeitamente assentes em terra, tentaram também garantir rendimentos regulares, em

substituição dos aleatórios. Sempre que lhes foi possível, converteram os direitos e percentagens que haviam recebido em foros fixos. É verdade que, cada dia, a manutenção do seu exército do Oriente lhes custava extremamente caro e devia ser assegurada, a qualquer preço. Foi também por isso que criaram, um pouco por todo o lado, silos, comprando e armazenando cereais nos anos de grande produção e revendendo-os, mais caro, certamente, mas a um preço que continuava a ser bastante razoável, quando a colheita era má. Resultado: benefícios confortáveis para a Ordem, mas também uma ausência total de fome nas regiões em que estava implantada - e isso durante os dois séculos da sua existência.

Para racionalizar a exploração das suas terras e direitos e maximizar o rendimento deles, o Templo não podia satisfazer-se com as doações que lhe eram feitas. Gerir terras dispersas não teria sido muito prático nem muito econômico. A Ordem inventou, portanto, a reconstrução. Completou as suas propriedades mediante uma política de compras e permutas, procurando formar conjuntos coerentes para a exploração. Se havia direitos detidos por terceiros sobre as terras ou os bens que lhes haviam sido concedidos, tentava sempre comprar esses direitos, de modo a possuir um máximo de bens livres de quaisquer encargos. Quanto às terras mais isoladas ou menos interessantes que não se integravam no seio de uma exploração racional, não hesitava em livrar-se delas, quer trocando-as, quer cedendo a sua gestão.

O objetivo era sempre, numa primeira fase, permitir à comendadoria viver em auto-subsistência e, em seguida, libertar o máximo de excedentes possível de modo a financiar o esforço de guerra no Oriente.

O poderio da Ordem inquietava várias pessoas e não era raro tentarem dissuadir as pessoas de doarem os seus bens ao Templo. Os monges-soldados não hesitavam, para atingirem os seus fins, em recorrer à artimanha. Utilizavam intermediários, verdadeiros testas de ferro, para comprarem os bens que cobiçavam que, em seguida, lhes eram revendidos.

Na verdade, os Templários não eram os únicos que praticavam uma verdadeira política fundiária. Os seus amigos cistercienses eram um bocado parecidos com eles nessa matéria, mas procediam de forma menos sistemática. Desde o início que os Templários haviam tido consciência da importância das trocas comerciais para o desenvolvimento econômico. A utilização destes termos pode parecer curiosa porque pertencem a um vocabulário moderno. No entanto, apesar das diferenças de épocas, são adequados, na medida em que a Ordem do Templo se comportou exatamente do mesmo modo que as multinacionais atuais. O recrutamento fora rápido, mas todos quantos se desejavam alistar nem sempre eram talhados para se converterem em soldados de elite. Havia, entre eles, burgueses e camponeses que raramente eram feitos cavaleiros e, depois, havia também que «reciclar» os feridos que já não podiam combater. Na maior parte das vezes, eram adstritos às comendas ocidentais onde se utilizavam, da melhor forma, os conhecimentos e competências de cada um deles. Encarregaram-se das culturas, do arroteamento, do comércio. Havia poucos homens de armas nessas comendas, na maior parte das vezes, dois ou três cavaleiros e alguns sargentos, encarregados

sobretudo do policiamento, isto é, da proteção das casas do Templo e das rotas utilizadas para o seu comércio.

Para além do Mestre e de alguns cavaleiros, a comendadoria abrigava geralmente um esmoler, um enfermeiro, um ecônomo, um recebedor dos direitos devidos ao Templo, alguns artesãos «irmãos de mesteres», dirigidos por um «alveitar», um irmão responsável pela venda dos produtos, um capelão e um clérigo mais especialmente encarregado do correio e do equivalente aos atos notariais atuais. Juntavam-se-lhes criados e artesãos laicos que constituíam a «mesnada», a «gens» do Templo. Esta criadagem era bastante numerosa. Assim, em Baugy, no Calvados, compreendia um pastor, um vaqueiro, um porqueiro, um guardador dos frangos, um encarregado das florestas, dois porteiros e seis operários. É claro que a composição destes grupos dependia das explorações e da importância das terras possuídas porque, muitas vezes, os Templários tinham para gerir superfícies tão grandes como meia província, com quintas disseminadas, vilas fortificadas, múltiplas capelas para guarnecer, etc. Na administração dos bens da Ordem, o ecônomo ou recebedor podia ser secundado por um tenente ou por um celeireiro.

Os Templários sabiam empregar métodos racionais, mas isso não os impedia de se mostrarem pragmáticos e de se adaptarem aos hábitos locais. Isso era tanto mais necessário quanto empregavam uma mão-de-obra radicada no local: vilões ou servos. Estes últimos pertenciam-lhes muitas vezes, em consequência de doações ou heranças. Se alguns desses servos foram alforriados pelos Templários, tal não se deveu a razões humanitárias. Com efeito, os irmãos da Ordem possuíram inclusive escravos sem terem problemas de consciência. Acontecia comprarem-nos e venderem-nos. Tratava-se, geralmente, de prisioneiros mouros. Em Aragão, cada comendadoria utilizava, em média, duas dezenas de escravos.

Com efeito, os Templários submetiam-se às regras da região, sabendo muito bem que uma política demasiado liberal de alforria, por exemplo, poderia afastar deles uma nobreza que não teria desejado segui-los nesse campo e teria receado a expansão dessas medidas. Só utilizavam, portanto, os vilões naqueles locais onde isso não levantava qualquer problema mas, quando as condições se prestavam a tal, não hesitavam em alforriar os seus servos, porque se tinham dado conta de que os homens livres produziam nitidamente mais do que os outros.

Amiúde, ensinavam aos seus camponeses novos métodos de exploração e, não querendo perder esse investimento em formação, como diriam os economistas modernos, obrigavam-nos por vezes a assinar contratos que os obrigavam a investir na exploração mediante obras de benfeitoria. A partir de então, o vilão não se sentia tentado a ir-se embora, dado que pretendia recuperar os frutos dos seus esforços. Por este meio, o Templo estabilizava o seu pessoal e, ao mesmo tempo, organizava um sistema de investimento permanente que foi uma fonte importante de progresso para a agricultura da época.

Aos camponeses menos afortunados confiavam terras por arrendamento ou locação. Por vezes, nas regiões insuficientemente povoadas, deparavam-se-lhes dificuldades para assegurar a exploração das propriedades. Então, tinham de atrair cultivadores oferecendo-lhes vantagens especiais. Isso foi particularmente verdade

na Península Ibérica, em relação às terras tomadas aos árabes. Chegaram mesmo a recorrer a muçulmanos para cultivarem e valorizarem as suas propriedades, mediante determinadas condições de submissão. Assim, em Villastar, na fronteira do reino de Valência, pediram aos sarracenos expulsos pela reconquista cristã que regressassem. Para tal, em 1267, concederam-lhes um foral em que lhes garantiam o direito de praticarem o seu culto, os isentavam de rendas e foros durante um determinado período de tempo, exigiam deles uma estrita neutralidade militar e pediam-lhes que jurassem fidelidade à Ordem do Templo. Que exemplo de política realista numa época que julgamos, por vezes, integralmente submetida a um ideal religioso!

As comendas foram, realmente, centros de produção importantes e exemplos recolhidos no Sul e no Norte de França mostram-no bem. Em Richerenches, na Provence, a generosidade de numerosas famílias da região permitira aos Templários possuírem um imenso domínio. Várias centenas de pessoas foram contratadas para desmatar o solo, secar as zonas pantanosas. Depois, criaram-se, nessas terras, milhares de cavalos e carneiros que viviam quase livres em imensas superfícies rodeadas por muros de pedras. A lã dos carneiros permitia a confecção de roupas que, depois, eram exportadas. As peles serviam para fabricar sacos, proteções, arreios. A carne dos carneiros era salgada ou fumada para ser conservada e enviada, nomeadamente, para a Terra Santa. A própria comendadoria estava instalada num quadrilátero com 74 m a norte, 81 m a sul, 58 m a leste e 55 m a oeste, rodeada por muralhas e torres. No interior, para além da comendadoria propriamente dita, encontravam-se uma capela e as oficinas onde se desenvolvia um artesanato que não tinha como única finalidade a satisfação das necessidades locais.

Os Templários de Richerenches tinham arranjado também os ribeiros e lagos próximos, o que lhes havia permitido ampliarem as suas pastagens e entregarem-se à piscicultura. Apreciadores de peixes e, muitas vezes, também da boa mesa, estes monges-soldados deixaram-nos até receitas de cozinha. É o caso desta, conservada numa crônica:

"Uma bela solha de cinco a seis libras, esvaziada das entranhas, abundantemente lavada em água envinagrada, é recheada com tomilho, salva, louro, trufas e azeite. Cozinhada em forno muito quente durante uma hora, arrefecida no parapeito da janela e envolvida em gelatina, é cortada em fatias, como um patê..."

A comenda, potência econômica e comercial

Já vimos que, para além da exploração agrícola, os Templários se faziam pagar pelos serviços, como os moinhos que afetavam e cuja utilização estava sujeita a foros. Era, aliás, um dos pecadilhos dos seus amigos cistercienses cujos mosteiros borguinhões, no século XIII, possuíam cada um, em média, uma dezena de moinhos. Azenhas, na maior parte dos casos, mas também moinhos de vento, serviam, é claro, para a moagem de cereais, o esmagamento das azeitonas e do miolo das nozes para a extração de óleo, mas também para tarefas artesanais e

semi-industriais como o pisoar dos tecidos de lã. Por vezes, os Templários associavam tanarias aos seus moinhos ou aproveitavam-nos para criarem verdadeiras redes de irrigação. Os outros agricultores podiam beneficiar delas, a troco de foros.

Os Templários possuíam também fornos, mas é preciso notar que os direitos que obrigavam a pagar pela sua utilização eram geralmente menos elevados do que os dos outros proprietários, o que atraía para eles uma clientela fiel e lhes valia algumas inimizades entre os concorrentes.

Os Templários recebiam ainda outros direitos. Para além dos dízimos, que já referimos, retiravam rendimentos das casas que arrendavam, bem como de lojas. Detinham, por vezes, os direitos sobre o conjunto das vendas nas feiras, nomeadamente em Provins, como lembra Bruno Lafille:

"Não se vende, em Provins, nenhum novelo de lã, nenhuma meada de fio, nenhum colchão de penas, almofada, veículo ou roda sem que os Templários recolham um imposto sobre o preço de venda."

Com efeito, o conde Henrique cedera-lhes, contra dez marcos e meio de prata, o imposto de lugar recebido quando das feiras. Em 1214, adquiriram também o imposto de lugar sobre os animais destinados ao matadouro. Recebiam, por fim, um direito sobre a pesagem das leis. A pedra de peso que servia de padrão de pesagem na cidade de Provins foi-lhes confiada e montaram dois estabelecimentos de pesagem: um, em Sainte-Croix, na cidade baixa, e outro em La Madeleine, na cidade alta.

É difícil imaginar a riqueza que tudo isso representava na época. Em 1307, quando foi feito o inventário da casa dos Templários de Baugy, que era apenas um estabelecimento muito secundário e modesto, encontraram-se nada menos que: 14 vacas, 5 vacas leiteiras, 1 bezerro, 7 vitelas, 200 bois adultos, 100 carneiros, 180 ovelhas e cordeiros, 98 porcos e marrãs, 8 jumentos, 8 potros de mais de um ano, 4 potros de leite, 6 cavalos, tonéis de vinho e cerveja, silos cheios de trigo, frumento, aveia, celeiros cheios de feno e erva, três belas charruas e inúmeras alfaias para arar.
A riqueza agrícola das comendas devia-se, em grande parte, às extraordinárias qualidades de gestores dos Templários. Punha-os à frente daquilo a que poderíamos chamar um verdadeiro império financeiro, tanto mais que souberam também ser banqueiros, como veremos mais à frente. Mas utilizaram também a sua experiência para fazer progredir as técnicas da época. Nomeadamente, melhoraram as técnicas de armazenamento em silos, o que permitiu evitar, durante a existência da Ordem, todas as fomes. Estas reapareceram depois da extinção do Templo.

Em todo o caso, esta riqueza, legítima aos olhos de alguns, gerou todas as lendas escritas e faladas de tesouros escondidos nos locais das antigas comendas do Templo. É certo que só se empresta aos ricos, mas não esqueçamos que uma grande parte dessa riqueza era investida e que os excedentes serviam essencialmente para financiar o esforço de guerra no Oriente. Mesmo assim, todos têm o direito de sonhar ao descobrir esses subterrâneos de que as comendas eram, amiúde, dotadas. Louis Charpentier pensa que a sua entrada pode ser detectada em lugares, que, geralmente, têm nomes como Épine, Épinay, Pinay, Épinac, Belle-Épine, Courbe-

Épine, etc. Esses subterrâneos são, muitas vezes, difíceis de encontrar, hoje em dia. Em parte soterrados ou inundados, o solo revolto nem sempre permite encontrar os seus vestígios. Mesmo assim, conseguiu-se desenterrar alguns, como em Dormelle, no Seine-et-Marne. Encontrou-se lá uma bela galeria com abóbada de berço, suficientemente grande para que três cavaleiros pudessem cavalgar nela, lado a lado. Dirigia-se para a comenda de Paley, situada a nove quilômetros. E por certo haverá outras mais sob o solo de França. Mas veremos um pouco mais à frente que, se os subterrâneos existem mesmo e estão por vezes ligados a mistérios, não é apenas através das «épines» que podemos descobri-los, mas antes através de outras chaves, que são as de São Pedro.

II

O TEMPLO, POTÊNCIA FINANCEIRA

Garantir a segurança dos transportes e das trocas

Vimos como o Templo garantira um poderio fundiário considerável, como organizara a cultura das suas terras, o armazenamento, o artesanato, etc. Todavia, desde o início - e convém insistir neste ponto -, os Templários também tinham percebido perfeitamente que os bens criavam tanto mais riqueza quanto mais rápida era a sua circulação. Sobretudo, deviam encaminhar para a Palestina a maior parte dos seus excedentes ocidentais, quer se tratasse de abastecimentos, de equipamentos ou de espécies monetárias.

Antes das cruzadas, o Mediterrâneo era sulcado pelos navios comerciais italianos. Apesar dos inúmeros interditos formulados e renovados pelo papa, não hesitavam em comerciar com os infiéis, fornecendo-lhes, inclusive, armas. Sabemos muito bem, hoje em dia, como o interesse geral e o sentimento patriótico são noções estranhas ao mundo dos mercadores. Mesmo assim, esse tipo de trocas tornou-se muito mais difícil de realizar uma vez iniciadas as cruzadas. A manobra tornava-se um pouco mais visível. Os mercadores consolaram-se rapidamente ao aperceberem-se de que as necessidades de importações dos cruzados iriam ser enormes. Era preciso assegurar a intendência desse exército, entregar-lhes cereais, roupas, armamentos, cavalos, madeira (muito rara no Oriente). No regresso, os navios partiam com os porões cheios de tecidos de algodão e de especiarias. O Ocidente descobria os produtos orientais e a moda não tardaria a espalhar-se.

A implicação do império bizantino no conflito provocou também um desenvolvimento do comércio no mar Negro e no mar Egeu.

Os Templários não podiam desinteressar-se do comércio. Em cada uma das suas comendas, mantinham, com aquele sentido de organização que os caracterizava, o registo da situação precisa dos excedentes produzidos. Uma centralização das informações era realizada em cada província da Ordem a fim de organizar, da forma mais racional possível, o encaminhamento dos víveres para o

Oriente. O resto dos excedentes era armazenado ou vendido e os produtos financeiros daí resultantes eram, em parte, exportados, também, para garantirem a liquidação das despesas que tinham de ser feitas no local, na Terra Santa. As necessidades em espécies sonantes e com o peso da lei eram consideráveis. Citemos, por exemplo, a construção da fortaleza de Japhet. Custou 11000 besantes sarracenos aos Templários e eles tiveram de despender mais 40000 por ano na sua manutenção. Todos os dias, comiam lá 1800 pessoas e até 2200, em tempo de guerra. Todos os anos, devia ser encaminhada para lá a carga de 12000 mulas, de aveia e frumento, sem contar as outras vitualhas. A guarnição contava 50 irmãos cavaleiros, 30 sargentos, 50 turco-polos, 300 balistários, 820 escudeiros e homens de armas diversos e 40 escravos, todos eles alimentados, instalados e equipados a expensas da Ordem do Templo. E quase tudo vinha do Ocidente. Os próprios Templários organizavam os carregamentos graças à sua frota, a cujo papel voltaremos mais tarde. Na mesma época, encaminhavam também para a Palestina mercadorias por conta de terceiros.

A importância de todos esses carregamentos implicava não só os transportes marítimos mas também o encaminhamento de quantidades consideráveis de mercadorias em direção aos portos. Era preciso, pois, assegurar a proteção das estradas e do comércio em geral e, se a chamada missão original ligada com a proteção das estradas da Palestina não fora, sem dúvida, mais do que uma cobertura, em contrapartida, os Templários assumiram realmente essa tarefa no Ocidente. Tinham de proteger e facilitar o comércio e, para tal, fazer de modo que as mercadorias circulassem rapidamente e sem riscos. Isto esteve na origem daquilo a que poderíamos chamar as estradas dos Templários. Com efeito, organizaram locais de vigilância regulares nos caminhos importantes. Organizaram-se de modo a instalar casas ao longo das vias comerciais, distando cada uma da seguinte um dia de marcha. Isto permitia aos viajantes dormirem, todas as noites, ao abrigo de qualquer ataque, tanto eles como os seus bens. Ademais, os irmãos da Ordem patrulhavam essas vias a fim de dissuadirem eventuais malfeitores e, em caso de agressão, nunca estavam muito afastados e podiam, portanto, lançar-se em perseguição dos malandrins. Quando não havia casa, os Templários organizavam um campo protegido, perto de um poço onde se pudesse acampar.

Nos eixos mais importantes aos olhos da Ordem, as mudas dos Templários ainda eram mais próximas. Os pontos estratégicos e as passagens perigosas eram guardados por castelos ou locais fortificados como o Castelo-Peregrino, o *Krak* dos Cavaleiros ou o Vau de Jacob, na Terra Santa, o que era verdade por causa da guerra no Oriente, também o era por razões de segurança comercial, no Ocidente.

Nota: O *Krak* dos Cavaleiros não foi construído pelos Templários, mas, no entanto, eles mantiveram lá uma guarnição.

Encontramos inúmeros exemplos. Assim, entre Payns e Coulours, em Yonne, os Templários possuíam uma casa ou uma quinta, em média, a cada oito quilômetros, guardando em especial os vaus e as passagens perigosas. Para chegarem a esse resultado, tiveram, amiúde, de comprar ou trocar terras, o que demonstra, se tal fosse necessário, que se tratava mesmo de uma política deliberada.

Deste modo, o viajante encontrava-se sempre nas terras da milícia ou na sua zona de influência e vigilância.

As estradas dos Templários

Conseguimos descobrir quais eram os principais eixos comerciais utilizados e protegidos pela Ordem do Templo. Acompanhemos Louis Charpentier que dedicou interessantes pesquisas a este tema: duas vias essenciais ligavam o Mediterrâneo ao Norte de França, passando uma pela casa-mãe de Paris e outra pela de Payns. A primeira partia de Marselha e subia por Arles, Nimes, Alès, Le Puy, Lezoux, Saint-Pourçain-sur-Sioule, Pouques, Nemours, Paris, Tille-près-Beauvais, Abbeville, para atingir o mar perto de Berk no Temple-sur-Fauthie. Prolongava-se, sem dúvida, até Boulogne e Calais, onde normalmente se embarcava para Inglaterra. A menos que os Templários tenham disposto, perto de Berk, de um local de embarque discreto.

A segunda estrada partia também de Marselha e chegava a Avignon pelo lago de Berre, antes de subir o vale do Ródano pela margem esquerda, mantendo-se afastada do rio. Chegava a Lyon e, em seguida, Belleville, Mâcon, Châlon, Troyes, Payns e chegava a Abbeville por Compiègne e Montdidier.

Entre estes dois caminhos existia uma via intermadiária que permitia, sem dúvida, evitar a estrada coberta de neve do Maciço Central, no Inverno. Passava perto de Saint-Étienne e atravessava Bourbon-Lancy e Auxerre, onde bifurcava quer em direção a Payns, quer em direção a Paris. Uma outra via reforçava este percurso na parte leste e subia os Alpes por Grenoble, Voiron e Bourg.

Para se dirigirem para a Baixa-Mancha e a Bretanha, outro caminho partia da bacia do Thau e subia por Espalion, Rion-en-Montagne, seguia paralelamente ao Indre até Villandry e, em seguida, passava por Le Mans, Balleroy e pelo Contentin até Saint-Vaast-la-Houge e Valcanville, perto de Barfleur. De Le Mans, uma outra estrada permitia chegar a Rennes, Saint-Malo, Saint-Cast e Sant-Brieuc.

Da bacia do Thau podia também chegar-se a Bordéus por Montauban, encontrando em Damavan a via que vinha de Port-Vendres, por Perpignan e Toulouse.

Estradas transversais, que iam de oeste para leste, terminavam todas nas passagens e nos desfiladeiros, precisa Charpentier:

A da Flandres para Estrasburgo, reforçada por uma paralela de Berk a Colmar. A do Baixo Sena (entra-se em Caudebec) em direção ao Jura, pelo Sul ou pelo Norte de Paris, Payns, Troyes ou Besançon. A que se junta a da Bretanha que passa por Rennes, Le Mans, Orléans, Auxerre.

Uma estrada do Baixo Loire em direção às mesmas regiões do Jura, passava por Nantes, pelo Sul do Loire, Bourges, Pougues, Châlon.

De Payns irradiavam também diversas vias para leste, pelos Vosges e o Jura; a sudoeste, para La Rochelle e Bordéus.

É preciso referir também as estradas em direção aos desfiladeiros dos Pirenéus, onde se pode aceder, por transversais, a Puymorens, Peyresourde e ao

Somport.

Em direção aos desfiladeiros dos Alpes, por Restefond-Mont-Genèvre, Mont-Cenis e, certamente [...] em direção a São Bernardo.

A disposição dos estabelecimentos dos Templários ao longo dos caminhos era especialmente cerrada na Flandres e em Champagne, nessas regiões que constituíam a placa giratória do comércio do norte, nomeadamente no que se referia aos tecidos. Uma via especial ligava as grandes cidades de feiras de Champagne à Flandres, pelo principado de Liège.

A propósito da importância das estradas, Demurger faz notar, precisamente:

Não é por acaso que, na primeira lista das províncias da Ordem, dada pela regra, cerca de 1160, figura uma província da Hungria por onde passam obrigatoriamente as vias utilizadas pelos cruzados que não gostam de fazer a Santa Passagem por mar. Também em Itália, os caminhos seguidos pelos peregrinos atraíam os Templários: tinham um estabelecimento em Treviso, no início da estrada dos Balcãs para Constantinopla e, fora de Itália, em Trieste, Pola, Ljubliana e Vrana, na Croácia; Vercelli, no Piemonte, via chegar dos Alpes os peregrinos que iam para Roma e aqueles que queriam dirigir-se à Terra Santa; os Templários e os Hospitalários estavam, naturalmente, aí instalados.

Convém referir também a importância das implantações dos Templários ao longo dos caminhos de peregrinação que conduziam os peregrinos a Santiago de Compostela.

Pôr em funcionamento uma cobertura geográfica desta amplitude, instalá-la, equipá-la, dotá-la de homens, tudo isso não se fez de um dia para o outro. Um plano determinado desde o início conduzia sem dúvida o conjunto das operações.

Do comércio à finança

O Templo pretendia favorecer o comércio garantindo a segurança dos caminhos, mas também diminuindo a tarifa das portagens. Permitir a circulação das vitualhas e dos bens de uma província para outra, e de um país para outro, implicava o câmbio das moedas, a circulação das moedas. Também nesse domínio convinha garantir a segurança das transferências e criar instrumentos monetários adequados. As operações tradicionalmente realizadas pelos banqueiros italianos, na maior parte das vezes lombardos, eram extremamente limitadas. O Templo iria resolver esse problema. Beneficiando de uma formidável implantação, viria a transformar as suas comendas em balcões e agências bancárias e a criar um bom número de instrumentos financeiros novos. Assim, o Templo foi não só um grande proprietário fundiário, um produtor, um transportador e até, por vezes, comerciante, mas também um banqueiro, tudo isso concebido no mesmo espírito que as multinacionais modernas.

Em cada província da Ordem foi designado um irmão tesoureiro. Foi encarregado de coordenar o conjunto das operações financeiras e de verificar toda a contabilidade das casas. Com efeito, perante qualquer pedido da Ordem,

deveriam poder ser apresentadas de imediato todas as contas de receitas e despesas de qualquer casa.

Os tesoureiros da comenda de Paris desempenharam um papel de especial importância dado que, desde o início do século XIII, foram administradores do tesouro do rei de França. Geriram os fundos do Estado assumindo em muitos aspectos, se não totalmente, o mesmo papel que os futuros superintendentes de finanças. Em caso de necessidade, isto é, frequentemente, avançavam dinheiro ao rei. Por vezes, eram forçados a contrair empréstimos em nome do Tesouro real, junto dos banqueiros italianos, apresentando a sua garantia de pagamento. Verificavam as contas dos contabilistas e recebedores dos dinheiros públicos. Assim, a comenda de Payns estava encarregada de receber as taxas devidas ao reino de Champagne e na Flandres. Algumas comendas importantes viam-se investidas de responsabilidades financeiras suficientemente pesadas para que fosse julgado necessário juntar ao tesoureiro alguns contabilistas ou caixas.

Apesar dos cuidados postos na proteção das estradas, não valia a pena tentar o diabo transportando consigo somas consideráveis. Ora, as transações realizadas por altura das feiras podiam pôr em jogo enormes quantias em dinheiro. O problema das transferências de fundos assumia também uma importância crucial em relação ao Oriente. Os cruzados eram amiúde obrigados a contrair empréstimos consideráveis no local que se comprometiam a reembolsar com os seus rendimentos na Europa. Como tornar mais fácil esse jogo financeiro sem correr demasiados riscos?

Banqueiros na Idade média

Os irmãos do Templo criaram uma panóplia de instrumentos financeiros práticos e seguros, em relação aos quais podemos dizer que não diferiam nada, nos princípios, dos utilizados pelos bancos modernos. As comendas da Ordem transformaram-se, antes de mais, em bancos de depósitos. Aliás, não eram as únicas nem as primeiras a desempenharem esse papel. Era muitas vezes o caso dos mosteiros, bastante seguros na medida em que os malfeitores hesitavam em violar os locais de culto. No caso dos Templários, para além da proteção do príncipe, os depositantes podiam contar com uma defesa musculada dos seus bens. Aqueles monges eram soldados e isso constituía uma garantia suplementar apreciável, caso a outra não tivesse sido suficiente. Aliás, isso não impediu o Templo de Londres de ser atacado duas vezes. Em 1263, o jovem príncipe Eduardo, que se encontrava sem dinheiro, forçou os cofres do Templo e apoderou-se de dez mil libras pertencentes a cidadãos de Londres e, em 1307, Eduardo II roubou ao Templo cinquenta mil libras em dinheiro, jóias e pedras preciosas.

Fosse como fosse, e apesar de o rei de Inglaterra nem sempre ter sido honesto, os soberanos desse país tiveram suficiente confiança na probidade e segurança da Ordem para lhe confiarem, como aconteceu aliás com a França, a guarda do tesouro real. Um tal «Roger, o Templário», recebedor do Templo de Londres, foi também esmoler do rei Henrique II de Inglaterra e era ele que repartia,

como bem entendia, as esmolas reais entre os pobres que vinham pedir com insistência ao palácio.

Templários como Ugoccione de Vercelli e Giacomo de Montecuco foram também conselheiros financeiros do papa.

Para além desses clientes célebres, muitos havia que recorriam aos serviços do Templo para lá depositarem as suas riquezas. O dinheiro de cada depositante era encerrado numa arca que, por vezes, estava equipada com duas fechaduras, com uma chave para o cliente e outra para o tesoureiro.

Depositavam-se também jóias no templo, bem como objetos preciosos e até títulos de rendimentos e de propriedades. Por vezes, os depósitos serviam de caução a empréstimos pedidos por particulares. Com efeito, os Templários praticavam o empréstimo sobre penhores e o empréstimo hipotecário. Também faziam de notários, conservando registos e servindo de executores testamentários. Eram também administradores de bens por conta de outrem mas, neste caso, era designado um irmão diferente do tesoureiro. Não se misturavam as funções.

Como banqueiros, mantinham contas-correntes com particulares que depositavam o seu dinheiro com eles e podiam levantá-lo, mandar fazer pagamentos através da sua conta ou encarregar os Templários de fazerem recebimentos por eles. Regularmente, procedia-se a um acerto de contas. Recomeçava-se então a partir do saldo resultante do período precedente. Em geral, salvo motivo especial, a Ordem do Templo fazia acertos de contas três vezes por ano: na Ascensão, no dia de Todos os Santos e na Candelária. Ademais, os Templários tinham, para os seus grandes clientes, uma contabilidade por tipos de operações.

Jules Piquet apresenta o exemplo das rubricas que figuram nas contas entregues a Branca de Castela:

Receitas:

• Reembolsos de empréstimos concedidos a diversos particulares e abadias;

• Proveniente da exploração do domínio das arras da rainha-mãe:

- entregas dos prebostes;
- entrega dos bailios;

Subtotal:

- entregas referentes aos particulares.

• Receita proveniente da exploração do domínio de Crépy:

- entregas de impostos;
- entregas dos bailios;

Total.

• Uma entrega da rainha ao Templo:

+ Total das receitas durante quatro meses;
- Total das despesas durante quatro meses;
=Total geral e novo saldo credor da rainha junto do Templo.

O capítulo das despesas era menos dividido (empréstimos, dádivas, despesas de habitação da rainha). A conta era acompanhada por um extrato que mencionava

os diversos devedores da rainha-mãe. Nele se encontravam vestígios de adiantamentos muito importantes concedidos a mosteiros e abadias.

No dorso do documento, o contabilista inscrevera também outras informações que testemunhavam a sua preocupação de enviar um extrato de conta explícito e que evitasse qualquer má interpretação ou erro.

Ademais, a comparação das duas contabilidades - a mantida para a conta do cliente e a das comendas - constituía um embrião da contabilidade por partidas dobradas.

É certo que os Templários dedicavam um interesse muito especial, em França, à prestação de contas dos bailios, prebostes, mestres das moedas, etc., no quadro da missão de gestão do tesouro real, quando esta lhes estava confiada. De igual modo, tinham um extremo cuidado com as contas abertas em nome da Santa Sé para as quais centralizavam o produto de um determinado número de foros, nomeadamente os ligados ao financiamento das cruzadas.

Financeiros poderosos e inflexíveis

A importância de alguns tesoureiros da Ordem foi considerável. Foi o caso do irmão Aymard, homem de confiança de Filipe Augusto. Viram-no administrar o tesouro real, velar pelo valor das moedas, presidir às sessões do Tribunal Superior da Normandia e figurar entre os três executores testamentários de Filipe Augusto. Devem citar-se também Jean de Milli, o irmão Gillon e muitos outros. Convém, aliás, referir que, quando o tesoureiro do Templo de Paris geria o Tesouro real, era, na verdade, funcionário real e, nessa qualidade, era admitido no conselho do rei onde se decidiam as medidas relativas às finanças do reino. Isso chega para demonstrar a importância desse papel e o *lobby* financeiro que, na época, podia constituir a Ordem do Templo.

No plano técnico, a gama de instrumentos desenvolvida pela Ordem era bastante vasta. Assim, Jules Piquet lembra que:

"Quando o Templo tinha de fazer um pagamento por débito numa conta, exigia uma carta emitida pelo cliente e pelo menos selada com o seu selo. Esse escrito era necessário para evitar as consequências jurídicas de um pagamento feito com ausência da vontade do titular da conta."

Nesses «mandatos» do Templo figuravam a data de emissão, a quantia, o nome do beneficiário e do emitente, com o seu selo; o que equivale a dizer o conjunto de informações que figuram nos nossos cheques modernos. E, efetivamente, essas ordens funcionavam como cheques. Eram inclusive endossáveis, comportando menções que permitiam o pagamento a um terceiro ou a um representante. Ademais, uma forma de correspondência devia figurar na Ordem, indicando o motivo do pagamento, de modo a permitir a contabilização por tipo de operação.

No que respeitava a levantamentos, a fraca quantidade de moeda em circulação, na época, tornava delicadas as operações. O Templo também pedia que o prevenissem com algum tempo de antecipação, no caso dos levantamentos

importantes.

Para todos os pagamentos, o tesoureiro do Templo exigia um recibo semelhante a este:

"Eu, senhor Regnault de Nantollet, cavaleiro, faço saber a todos que recebi do tesoureiro do Templo quatro libras e quatro soldos parisienses, do trigo que foi tomado na Ronda para a rainha de Navarra, pelas quais quatro libras e quatro soldos parisienses me considero bem pago. Em testemunho disto, pus nas minhas cartas o meu selo. Dado em Paris, na segunda-feira após as Fogueiras."

Sempre que tal era possível, os Templários preferiam não transferir moedas sonantes e com curso legal e faziam antes transferência de conta para conta. Em 1224, como Henrique III de Inglaterra tinha de pagar catorze mil marcos de prata ao conde de La Marche, o Templo procedeu a uma transferência entre a casa de Londres e a de La Rochelle.

Os Templários eram, verdadeiramente, os reis da compensação que evitavam a manipulação de fundos. Assim, o rei de Inglaterra emprestara setecentos e oitenta marcos a uns mercadores florentinos. A quantia era pagável ao Templo de Londres, no Pentecostes de 1261. Em caso de atraso, estava prevista uma pena de duzentos marcos. Por outro lado, o rei da Escócia devia quinhentos e cinquenta marcos aos mesmos mercadores de Florença. Ora, o rei de Inglaterra devia também dinheiro ao rei da Escócia, num montante de quinhentos e cinquenta marcos. Os Templários procederam à compensação das dívidas: a do rei da Escócia foi extinta, mas não recebeu nada, e o rei de Inglaterra viu serem-lhe creditados duzentos e trinta marcos, pelos florentinos, para saldo da sua conta.

Verdadeiro banco de depósitos, o Templo concedia, é claro, empréstimos. A importância das doações, dos foros recebidos, os produtos excedentes comercializados punham a Ordem à frente de um encaixe monetário considerável e de enormes disponibilidades financeiras. Uma grande parte servia, por certo, para a Terra Santa, mas isso ainda deixava saldos bastante confortáveis. Eram utilizados para facilitar, mediante compras, a política fundiária do Templo ou para conceder empréstimos. Em primeiro lugar, aos cruzados que, amiúde, tinham falta de dinheiro no local. No que a isto respeita, o testemunho de Suger é eloquente. Escrevia a Luís VII:

"Não podemos imaginar como nos teria sido possível subsistir neste país sem a ajuda dos Templários... Emprestaram-nos uma soma considerável. Terá de ser-lhes paga. Pedimo-vos que lhes reembolseis, sem demora, dois mil marcos de prata."

Por vezes, as escrituras de empréstimos obtidos junto do Templo comportavam cláusulas especiais que mostram até que ponto os monges sabiam proteger-se em relação a qualquer perda. Assim, Pedro Desde, de Saragoça, e a sua mulher, Elizabete, obtiveram um empréstimo de cinquenta morabitinos para fazerem a sua peregrinação ao Santo Sepulcro, em troca da sua herança: casas, terras, vinhas e pomares. Deixavam aos Templários os rendimentos desses bens, durante a sua ausência. Deviam recuperar a sua propriedade quando do pagamento da sua dívida mas declaravam que, mesmo assim, a sua herança reverteria para o

Templo depois da sua morte. O mínimo que podemos dizer é que a Ordem fazia um bom negócio.

Juridicamente, todas estas transações levantavam, mesmo assim, alguns problemas aos Templários. Com efeito, a Igreja proibia os cristãos de emprestarem dinheiro a juros, deixando essa prática aos usurários judeus que, diga-se de passagem, se aproveitavam do fato para cobrarem taxas extremamente elevadas. Algumas ordenações reais do início do século XIII tentaram moralizar as suas práticas, proibindo-os de exigir mais de quarenta e três por cento ao ano. Os Templários tinham compreendido perfeitamente o que a posição da Igreja tinha de incômodo, dado que o crédito é uma das bases do comércio. Aliás, a igreja não era totalmente lorpa e, apesar de o papa S. Gregório Magno ter podido afirmar que era quase impossível não pecar quando se tinha como profissão comprar e vender, os prelados preferiam, em geral, fechar os olhos ao que se passava. Nem sempre desdenhavam de conviver com os comerciantes, desde que isso lhes trouxesse proveito, e protegiam, de um modo geral, os banqueiros lombardos, cujas práticas pouco diferiam das dos judeus. Todavia, aquilo que podia ser admitido em relação a simples fiéis era, sem dúvida, menos fácil de aceitar no caso de uma ordem religiosa. Ora, estava fora de questão para os financeiros do Templo emprestarem dinheiro e correrem riscos se isso não compensasse. Felizmente, não tiveram problemas para arranjar soluções.

É preciso considerar à parte um caso um pouco especial: os empréstimos ao Tesouro real. Eram efetivamente feitos sem juros mas, nem por isso, deixavam de ter vantagens para os Templários, em termos de notoriedade e no plano do poder econômico e político. Por exemplo, a Ordem era, ao mesmo tempo, depositária da «libra», padrão dos pesos do reino, o que era sinal, aos olhos de todos, da probidade dos monges-soldados e demonstrava que se podia confiar neles.

Para os outros casos, as taxas eram objeto de camuflagem. A quantia a pagar mencionada no contrato podia ser superior à realmente emprestada, o que permitia incluir os juros, sem os referir. Isso implicaria, no entanto, que os tesoureiros do Templo tivessem mantido uma contabilidade dupla ou disposto de sacos azuis.

De qualquer modo, os Templários rodeavam-se de um máximo de precauções: garantias diversas, nomeadamente hipotecárias, cauções. Algumas dessas garantias podiam, aliás, assumir formas curiosas. Por exemplo, um pedaço da Verdadeira Cruz serviu de penhor para garantia de um empréstimo feito a Balduíno II de Constantinopla. Aliás, praticavam amplamente o empréstimo sobre penhores, antepassado das atuais casas de penhores, mais conhecido como «O Invejoso», onde se pode pôr um objeto «no prego» e obter, em troca, um empréstimo, enquanto se espera recuperar o bem mais tarde.

Por vezes, não era o próprio Templo que emprestava, prestando apenas caução por alguém. De qualquer modo, a probidade da Ordem era tal que até os infiéis não hesitavam em recorrer à sua garantia, quando tratavam com os Francos. Era esta confiança na honestidade dos Templários que fazia que fossem amiúde escolhidos para fiéis depositários. Quando de um litígio, colocavam-se as quantias ou os bens em jogo nas mãos dos Templários, que deles tomavam cargo e

administravam até o assunto estar resolvido. Foi o caso de uma fortaleza de Gisors que era objeto de uma querela entre o rei de Inglaterra e o rei de França.

Tudo isto mostra quão grande era a gama de produtos e serviços, como diríamos hoje em dia, oferecida pelos Templários aos seus clientes. E ainda não referimos o seu papel de gestores por conta de outrem, de tesoureiros-pagadores de rendas (abundantemente entregues adiantadamente), etc. E, a tudo isso, há que juntar uma das suas missões mais delicadas: a organização de transferências de fundos. Os Templários evitavam, tanto quanto podiam, recorrer a elas, praticando a compensação em grande escala entre as suas comendas. Isso não impedia que os locais onde chegavam mais espécies nem sempre fossem aqueles onde as necessidades de liquidez eram mais fortes. Do mesmo modo, uma vez por outra, era necessário alimentar com espécies sonantes e de curso legal esta ou aquela comenda, ou então esvaziar os cofres demasiado cheios de outra. A Ordem tinha um grande hábito de organização destas transferências de fundos, que sabia proteger muito bem. A ponto de o papa lhe confiar, amiúde, a tarefa de expedir para a Terra Santa o produto das taxas impostas em favor das cruzadas.

Quando a missão era especialmente perigosa, a Ordem recorria a verdadeiros comandos de especialistas que formava especialmente para essa finalidade. Foi o caso quando tiveram de ser expedidos os fundos enviados pelo rei de Inglaterra ao conde de Toulouse, enquanto o Languedoque era assolado pelos velhos soldados de Simão de Montfort, durante a cruzada contra os Albigenses. Essa missão delicada foi confiada ao templário Alain de Kancia, que a desempenhou com êxito. Mesmo assim, sempre que possível, os Templários arranjavam formas de transferir o dinheiro à distância, sem terem de transportar moedas. Para tal, inventaram a carta de câmbio que redigiam segundo uma moeda de conta, uma espécie de estalão, que depois servia de referência de câmbio para as moedas locais.

Uma outra forma de repatriar produtos sem riscos: a particularidade do comércio com a Terra Santa. Com efeito, os abastecimentos que vinham do Ocidente e que eram vendidos, no local, aos cruzados, rendiam dinheiro aos Templários, que servia, em parte, para comprar produtos locais, mas não em quantidade suficiente para equilibrar esse mercado, longe disso. Ora, os cruzados tinham necessidade de dinheiro no local, o Templo emprestava-lhes o produto dessas vendas e fazia-se pagar no Ocidente com os produtos das terras dos cruzados que haviam pedido empréstimos. Assim, os capitais repatriavam-se a si próprios.

De qualquer forma, o lugar ocupado pela Ordem do Templo no mundo bancário da época foi rapidamente essencial, ao ponto de até os banqueiros italianos, embora invejosos por natureza, passarem muitas vezes pelo Templo para garantirem as suas próprias operações.

O mínimo que podemos dizer é que um mundo separa os «pobres cavaleiros de Cristo» que, segundo se dizia, apenas tinham um cavalo para cada dois, e este papel de financeiros que desempenharam muito pouco tempo depois. Um mundo entre esses pobres guardadores de estradas da Terra Santa e esses inventores de engenhosos instrumentos financeiros. Um mundo entre a lenda mantida sobre as

suas origens e esses contabilistas, esses manipuladores de capitais, essa multinacional quase inconcebível para a época.

III

A PRATA DO TEMPLO

Os navios do Templo

A Ordem organizara-se, pois, de modo a não depender de ninguém e até de forma a que fossem os outros a não poder passar sem ela. No entanto, tudo isso não teria servido para nada se os Templários tivessem estado à mercê de armadores para o transporte de mercadorias e pessoas por mar. Ademais, o transporte marítimo representava um aspecto estratégico importante em virtude do tráfego intenso que as cruzadas provocavam entre o Oriente e o Ocidente.

A Ordem do Templo não podia desinteressar-se deste aspecto. Logo, fez-se armadora, garantindo a sua independência nos mares e praticando o transporte de homens e mercadorias por conta de terceiros. Dotou-se de uma frota capaz de rivalizar com a da República de Veneza e tentou até apoderar-se do monopólio do comércio no Mediterrâneo. Não o conseguiu, no entanto, mas conseguiu reservar para si uma quota importante do mercado nos mais variados setores.

Para além das mercadorias, uma grande parte do tráfego provinha do transporte dos peregrinos. Somente a partir de Marselha, os Templários transportavam três a quatro mil por ano. Antes de os embarcarem, hospedavam-nos nas suas casas, como em Biot, Bari, Arles, Saint-Gilles, Brindisi, Marselha ou Barletta. Em Toulon, tinham mandado construir especialmente duas casas no bairro da *carriero del Templo*, ao lado das muralhas que protegiam a cidade de eventuais incursões de barbarescos. Tinham inclusive mandado abrir uma pequena porta especial na muralha, para circularem livre e discretamente.

Os peregrinos tinham confiança no Templo porque, tal como fez notar Demurger, não só os navios da Ordem eram escoltados, mas também não tinham o costume de venderem os seus passageiros como escravos aos muçulmanos, prática infelizmente demasiado frequente dos Pisanos e Genoveses.

Os nomes de alguns navios templários foram conservados até aos nossos dias: a *Rose du Temple*, a *Bénite*, a *Bonne aventure*, o *Faucon du Temple*. Havia-os de todos os tamanhos e de todas as especialidades. Alguns, os «porteiros», estavam equipados especialmente para o transporte de cavalos. Era preciso construí-los de um modo muito especial, tomando muito cuidado com as juntas. A esse respeito, Joinville escreveu:

"Abriram a porta do barco e metemos lá dentro todos os nossos cavalos que devíamos levar para o ultramar. Depois, fechamos de novo a porta, tapamo-la bem,

como se estopa um tonel, porque, quando o navio está no mar, toda a porta se encontra na água."

Durante o transporte, os cavalos eram peados de tal forma que quase não podiam mexer-se. Quanto à sua saída do barco, fazia-se quase segundo a técnica das atuais lanchas de desembarque, que permitem que se chegue o mais perto possível da margem. Cada navio porteiro apenas podia transportar entre quarenta e sessenta cavalos. Imaginamos facilmente a importância do tráfego permanente necessário para alimentar de cavalos o exército dos cruzados.

A fim de acompanhar e proteger essas naves meridionais um pouco desajeitadas, mas capazes de transportarem volumes importantes, tinham adaptado, no Mediterrâneo, navios mais rápidos do que aqueles que habitualmente o cruzavam.

Os portos templários

Para garantirem a sua independência, os Templários fizeram questão em possuir portos privados. Foi o caso do Mônaco, Saint-Raphaêl, Majorque, Collioure e, sem dúvida, Martigues, Mèze, na bacia de Thau, que ainda não estava separada do mar, e Saint-Tropez. Perto da Mancha, temos de citar Saint-Valéry-en-Caux e Barfleur, bem como Saint-Valéry-sur-Somme. Na Bretanha, podemos referir também o porto templário da Ile-aux-Moines, particularmente bem protegido porque situado no golfo do Morbihan. Geralmente, embarcavam aí os peregrinos que se dirigiam a Santiago de Compostela. No entanto, estes portos privados não chegavam para escoar a totalidade do seu tráfego. Assim, mantinham também pontões noutros portos importantes como Toulon, Marselha, Hyères, Nice, Antibes, Villefranche, Beaulieu, Menton.

Nos portos provençais, beneficiavam de liberdades concedidas pelo conde da Provença, o que não deixava de levantar problemas. Os armadores locais, que geralmente não beneficiavam de privilégios semelhantes, achavam essa concorrência um pouco desleal. A atmosfera era mesmo francamente pesada, em alguns casos. Em Marselha, as autoridades tiveram de ceder em parte à pressão e limitaram os direitos dos navios templários apenas ao comércio realizado com a Terra Santa e a Espanha. Isto é particularmente interessante porque significa que esses dois pólos importantes do comércio mediterrânico estavam longe de ser os únicos que interessavam aos Templários. De qualquer forma, considerando inadmissível esta restrição, os Templários, em breve seguidos pelos Hospitalários, abandonaram o porto de Marselha e passaram a ancorar os seus navios em Montpellier. Os Marselheses compreenderam rapidamente que esse desvio do tráfego lhes custava mais caro do que o que lhes rendia. A clientela do Templo era fiel e estava disposta a mudar de porto para fretar ou alugar os seus navios. Acabou por ser assinado um acordo, segundo o qual, duas vezes por ano, um navio templário e um hospitalário partiriam de Marselha sem pagarem qualquer taxa. Muito inteligentemente, a Ordem do Templo não se serviu desta possibilidade para embarcar as suas próprias mercadorias, que podia sempre carregar noutros portos

que lhe pertencessem, mas apenas para encher os seus porões com produtos pertencentes a mercadores marselheses. Eis algo que confirma, caso fosse preciso, que os Templários eram empresários especialmente sagazes e astutos. E como também eram uns organizadores natos, contribuíram tanto quanto se podia para os melhoramentos técnicos e a segurança dos portos. Assim, em Brindisi, deve-se-lhes a construção de um farol.

Os mistérios do porto de La Rochelle

Um porto parece ter merecido muito especialmente os cuidados da Ordem do Templo: La Rochelle. Porquê? Claro que se tratava de um ancoradouro especialmente bem protegido graças à ilha de Ré e à ilha de Oléron. Entre as duas, um canal que ainda tem o nome que lhe foi dado pelos Templários: o Pertuis d'Antioche. Mesmo assim, isso não explica por que razão seis grandes estradas templárias terminavam em La Rochelle, e parece bastante louco quando sabemos que se considerava que esse porto apenas servia aos Templários para garantir a exportação dos vinhos de Bordéus para a Inglaterra.

Em *Les Mystères templiers,* Louis Charpentier descreve essas seis estradas templárias:

1. La Rochelle-Saint-Vaast-La Hougue-Barfleur, com estradas adjacentes em direção à costa atlântica e à Bretanha.
2. La Rochelle-baía do Somme, por Le Mans, Dreux, Les Andelys, Gournay, Abbeville.
3. La Rochelle-Ardenas, por Angers, região parisiense, e Haute-Champagne.
4. La Rochelle-Lorraine, por Parthenay, Chatellerault, Preuilly-en-Berry, Gien, Troyes; estrada com um desvio de Preully à floresta de Othe por Cosnes.
5. La Rochelle-Genebra, pelo Bas-Poitou, Marca, Mâconnais, com derivação de Saint-Pourçain-sur-Sioule em direção a Châlon e Besançon.
6. La Rochelle-Valence du Rhône, pelo Bas-Angoumois, Brive, Cantal e Puy, com uma estrada de desvio que ligava La Rochelle a Saint-Vallier por Limoges, Issoire e Saint-Étienne.

Além disso, existia uma verdadeira rede de comendas para proteger La Rochelle, e isto num raio de cerca de cento e cinquenta quilômetros. Contavam-se cerca de quarenta comendas de proteção próxima, nas Charentes. A menos de cinquenta quilômetros, encontravam-se Champgillon, Sènes, Sainte-Gemme, Bernay, Le Mung, Port-d'Envaux. Duas dezenas de quilômetros mais além, poderíamos referir Saint-Maixent, La Barre et Clairin, Ensigne, Brêt, Beauvais-sur-Matha, Aumagne, Cherver, Richemont, Châteaubernard, Angles, Goux, Les Épaux, Villeneuve. Se juntarmos mais trinta quilômetros, encontramos novamente umas boas quinze comendas. Muito bem! Poderíamos, sem dúvida, pegar numa boa quantidade de locais em França e encontrar, numa distância igual, um conjunto de comendas igualmente bem fornecido, sem que isso nos leve a conjecturas bastante aventureiras. No caso de La Rochelle, teremos, contudo, de acrescentar que os Templários tinham instalado lá, sem motivo aparente, uma casa provincial que

tinha preponderância sobre inúmeras outras comendas e estabelecimentos.

Está fora de questão atribuir a este porto uma importância qualquer em relação ao Oriente. Quando muito poderemos pensar que se tratava de uma paragem cômoda numa rota marítima que conduzia de Inglaterra a Espanha e Portugal. Mesmo isto está longe de ser evidente, dado que existem outras soluções que parecem mais cômodas. Com efeito, La Rochelle fica demasiado a sul para que as relações com a Inglaterra sejam muito rápidas e demasiado a norte para as mantidas com Portugal.

Jean de La Varende foi, sem dúvida, o primeiro a avançar uma hipótese para tentar explicar a importância do porto aos olhos dos Templários, e escreveu:

"Os bens do Templo eram de prata. Os Templários tinham descoberto a América, o México e as suas minas de prata."

Hipótese louca, certamente, tanto mais que não conseguimos encontrar qualquer prova irrefutável que vá nesse sentido. Todavia, merece ser examinada com um pouco mais de atenção. Por que razão, à primeira vista, esta hipótese parece tanto uma piada? O fato de a América ter sido descoberta, muito mais tarde, por Cristóvão Colombo, e, ainda por cima, por acaso, visto que ele procurava chegar às Índias pelo Ocidente. Certamente, porque esta última afirmação deve ser inserida no capítulo das imposturas da História. Cristóvão Colombo não descobriu coisa nenhuma e, na sua época, havia muito que o continente americano era visitado regularmente.

A descoberta das Américas

Sem sequer abordar a história mais ou menos lendária de São Brendan,* basta ir até aos Vikings para encontrar navegadores que aportaram as costas americanas. Deram ao continente o nome de «Wineland» e criaram inclusive estabelecimentos ao longo das costas da América do Norte. Não se trata de uma lenda, dado que essas instalações foram descobertas e examinadas por arqueólogos.

*[A propósito de São Brendan, há que referir que São Malo, que o teria acompanhado na sua Viagem, acabou por se refugiar na ilha de Aix, mesmo a sul de La Rochelle.]

Convém lembrar também os Bascos que, havia muito, iam pescar perto da Terra Nova e no estuário de São Lourenço. De cada vez, a sua campanha de pesca durava vários meses e tinham instalado no local uma espécie de campos de base onde preparavam o peixe para o conservarem.

Para aqueles que ainda não estejam convencidos, citemos os mapas de Piri Reis, muito anteriores a Colombo, encontrados posteriormente e que representavam bastante bem as costas americanas.

Simplesmente, aqueles que faziam essas descobertas, como não tinham, ao contrário de Colombo, uma missão a desempenhar, não iam bradá-lo a altos gritos. Preferiam guardar o segredo e explorar, eventualmente, o lugar, sem ninguém lhes vir fazer concorrência, em vez de sacrificarem tudo pela glória.

Para Jacques de Mahieu, é evidente: os Templários conheciam a existência

do continente americano. Iam ao México e, para tal, embarcavam em La Rochelle. Era essa também a opinião de Louis Charpentier que explicava assim a importância desse porto. Resta-nos, pois, acompanhá-lo para examinarmos, se não as provas, pelo menos os indícios susceptíveis de apoiarem a sua tese.

Jacques de Mahieu refere que Motecuhzoma II Xocoyotzin, mais conhecido pelo nome de Montezuma, «o Imperador de barba loira», se dirigiu assim a Hernàn Cortés, depois da conquista do seu país pelos Espanhóis:

"Considero-vos como pais: porque, segundo o que diz o meu pai, que o ouvira ao seu, os nossos antecessores, dos quais descendo, não eram naturais desta terra, mas recém-chegados, que vieram com um grande senhor que, pouco depois, regressou ao seu país; longos anos mais tarde voltou para os buscar, mas eles não quiseram ir-se embora porque se haviam instalado aqui e já tinham filhos e mulheres e uma grande autoridade neste país. Ele foi-se embora bastante descontente com eles e disse-lhes que mandaria os seus filhos para os governarem e garantir-lhes a paz e a justiça, e as antigas leis e a religião dos seus antepassados. É a razão pela qual sempre vos esperamos e pensamos que aqueles de lá viriam dominar-nos e comandar-nos e penso que sois vós, atendendo ao local donde vindes."

A exatidão desta tirada deve ser recebida com reservas. Isso não impede que os invasores espanhóis tenham, inicialmente, sido recebidos de braços abertos. Os indígenas esperavam, efetivamente, o regresso de homens brancos, barbudos, envergando armaduras e montados em cavalos, vindos em navios que se pareciam, mais ou menos, com os dos Espanhóis.

Templários na América: provas?

Com efeito, afirmações destas podiam referir-se tanto aos Vikings como aos cavaleiros do Templo. Aliás, é o que pensa Jacques de Mahieu. Vê nesse chefe vindo de alhures um Jarl Viking, sem dúvida chamado Ullrnan. Isto tem, de qualquer modo, a vantagem de lembrar que as rotas da América eram mais conhecidas do que é ensinado nas nossas escolas. A hipótese viking não impede, aliás, a vinda posterior dos Templários, tanto mais que existe um curioso documento a este respeito: a crônica de Francisco de San Anton Munon Chimalpahin Cuanhtlehnantzin, descendente dos príncipes de Chalco, que abraçou a religião cristã. Escreveu a história do seu povo, um grupo étnico bastante especial: os Monohualcas Teotlixcas Tlacochcalcas que são muitas vezes designados pelo nome genérico de Chalcas.

As pessoas desse povo, quando se instalaram no México, vinham do outro lado do Grande Mar, isto é, do oceano Atlântico. Diziam ter navegado em «*coquillages*» (conchas), palavra que faz lembrar «*coques*» (cascos), dos navios franceses. Eram «estranhos a este país, enviados de Deus e militares». Eis uma definição que corresponderia bem à dos monges-soldados. A hipótese merece ser examinada.

A esses homens davam-se também um outro nome, o de *Tecpantlacas*. Ora,

Tecpan significa templo, palácio. Teriam, portanto, sido as «pessoas do templo». No entanto, parece espantoso que não tenham conservado a língua dos seus antepassados, a não ser que fossem em pequeno número e se tenham fundido num povo preexistente, tornando-se simplesmente a sua casta dirigente. A denominação intrigante de «pessoas do Templo» pode também querer dizer, simplesmente, que se tratava de um povo muito religioso.

O americanista Mufloz Camargo, na sua *História de Tlaxcala*, considera como certo que esses homens não eram mais do que membros da *Ordo Pauperum Commilitonum Christi Templique Salomonici* ou, se preferirmos, a Ordem do Templo. Com efeito, a organização social das elites desse povo parece-lhe corresponder perfeitamente à da hierarquia dos cavaleiros do Templo.

A crermos em Chimalpahin, os Templários - se é que foram eles teriam chegado ao México em finais do século XIII, o que não teria podido dar a La Rochelle uma importância considerável durante muito tempo: no máximo, cerca de trinta anos. Ainda segundo as mesmas fontes, os Templários teriam explorado primeiro a região de São Lourenço e a Terra Nova.

Tudo isso poderia explicar por que razão os Mexicanos, e sobretudo os Chalcas, esperavam o regresso de homens com barbas que deveriam governá-los, provenientes do outro lado do Grande Mar, onde se levanta o Sol.

Por outro lado, Jacques de Mahieu pensa ter encontrado vestígios da presença dos Templários na América num determinado número de símbolos.

Em primeiro lugar, os homens de Pizarro admiraram-se por encontrarem cruzes erguidas no Peru. Mas a cruz é um símbolo tão corrente em todo o mundo, mesmo fora da religião cristã, apesar de a cruz de braços desiguais não estar muito espalhada. Elemento mais interessante: encontramos no México inúmeras cruzes parecidas com as da Ordem do Templo. Descobrimo-las até no escudo de Quetzalcoatl, em vasos, em peitorais de bronze. Jacques Mahieu descreve também cruzes semelhantes a «cruzes cátaras» (se é que esta expressão tem algum sentido) e refere a presença de «signos de Salomão», no Paraguai.

Tudo isso não chegaria como prova, como acontece com a presença de algumas palavras parecidas com o francês nas línguas pré-colombianas.

Para Jacques de Mahieu, não existe a menor dúvida de que os Templários carregavam, no porto de Santos e na baía de Parnaíba, lingotes de prata que lhes teriam permitido cunhar moeda e financiar a construção das catedrais. Ainda segundo o mesmo autor, em troca da prata que deu o nome ao rio de La Plata, os Templários teriam fornecido... conselhos, a sua tecnologia, as suas técnicas. Para Jacques de Mahieu:

"Não se trata de uma simples suposição. Vimos, aliás, que o edifício principal de Tiahuanacu, a que os indígenas chamam Kalasasaya, e que não estava terminado, em 1290, quando da tomada da cidade pelos Araucanos de Kari, era uma igreja cristã, cuja maquete o defunto padre Hector Greslebin pôde elaborar, reproduzindo em gesso, em escala reduzida, as ruínas atuais e os blocos de pedra trabalhada que se encontram a um quilômetro, no que constituía um estaleiro. Ademais, a estátua com dois metros de altura a que os índios chamam *El Fraile*, «O

Frade», é a cópia exata, exceptuando o estilo, da de um dos apóstolos do portal gótico de Amiens: o mesmo livro com fecho metálico, na mão esquerda, o mesmo ramo de «cabo» cilíndrico, na direita, as mesmas proporções do rosto."

Refere também a existência, no mesmo local, de um friso que representa praticamente a *Adoração do Cordeiro*, tal como a vimos no tímpano da catedral de Amiens.

O motivo central corresponde, nos seus mínimos pormenores, à descrição apocalíptica do Cordeiro. As quarenta e oito figuras das três filas superiores representam, com os seus respectivos atributos, os 12 apóstolos, os 12 profetas menores e os 24 anciãos portadores de cítaras e de taças de ouro, tal como São João os descreve. Na fila inferior veem-se dois anjos a tocar trombeta, instrumento desconhecido na América pré-colombiana.

Também encontramos, num escudo mexicano, um coração idêntico ao gravado pelos dignitários templários encerrados nas masmorras do Coudray, em Chinon.

Mas isso são provas? Não, apenas indícios ainda insuficientes, mesmo que alguns sejam perturbadores. Ao fim e ao cabo, as provas tanto podem ser procuradas no Ocidente como no continente americano.

Alguns lembram, a esse respeito, umas curiosas esculturas que figuram no tímpano da basílica de Santa Madalena, de Vézelay, que data do século XII. Veem-se um homem, uma criança e uma mulher com umas orelhas imensas. O homem traz umas penas que o aproximam dos guerreiros mexicanos e Jacques de Mahieu julga ver, na cabeça, um capacete viking. A mulher tem o tronco nu e uma saia comprida. Tratar-se-ia, pois, da representação de uma família de Incas, com as orelhas distendidas por anéis. Na verdade, essas orelhas desmesuradas estão lá para representar a curiosidade.

Do mesmo modo, se alguns veem no selo secreto do Templo a representação de um índio com um arco, é sem dúvida porque viram mal ou não reconheceram no selo a reprodução gnóstica do abraxas que não parecem ter relação com as Américas. Então, os Templários mandaram representar índios no tímpano de Vézelay? É verdade que, não muito longe dali, em «Island», a sete quilômetros de Avalon, foi trazida à luz do dia uma escultura que representa um homem cujos traços lembram os dos índios. Essa escultura pertencia à capela da comenda templária chamada «Saulce-d'Island». Ademais, é muito semelhante a outras representações existentes na comenda de Salers.

Pois bem, cada um que tire as suas conclusões.

A cruz do Templo nas caravelas

O mais interessante é que a herança do Templo milita no sentido de uma presença templária além-atlântica. Com efeito, após o desaparecimento da Ordem, os Templários de Espanha e Portugal integraram-se noutras ordens religiosas, tendo algumas delas sido inclusive criadas para essa circunstância a fim de lhes servirem de refúgio e, em certa medida, lhes darem oportunidade para

prosseguirem a sua obra.

Um grande número deles encontrou-se, assim, na Ordem de Calatrava, em Espanha. A criação desta, embora anterior à queda do Templo, não deixa de estar relacionada com ela. Em 1147, o rei de Castela apoderara-se da fortaleza de Calatrava e confiara a sua guarda aos Templários. Estes, porque não dispunham, considerando os outros pontos que mantinham, um número suficiente de homens para afetar à guarda daquele local bastante exposto, tiveram de renunciar a ela. Fora então criada uma ordem especial com essa finalidade sem se saber que, mais tarde, iria recolher os monges-soldados, daí em diante órfãos do Templo. Em Aragão, a mesma finalidade foi atribuída à Ordem de Montesa.

Em Portugal, foi a Ordem de Cristo que desempenhou essencialmente esse papel. Foi criada para esse fim em 1320. Recebeu no seu seio, não só a maior parte dos Templários portugueses mas também muitos franceses, que tendo escapado à razia de Filipe, o Belo, haviam conseguido chegar à fortaleza templária de Tomar. O reino português foi, para eles, um refúgio perfeitamente seguro. É preciso dizer que Portugal devia muito aos Templários e, sobretudo, a um deles cuja figura se tornara quase lendária. Tratava-se de um prior provincial da Ordem, Gualdim Pais, que comandara a reconquista de Santarém e de Lisboa aos muçulmanos. Como recompensa, o rei D. Afonso Henriques oferecera à Ordem a vila de Tomar, para que nela fundassem uma fortaleza em redor da qual se havia criado uma dezena de comendas. Também lhes fora dado um porto na costa atlântica, em Serra d'El Rei. Depois da abolição do Templo, Tomar tornou-se sede da Ordem de Cristo e todos os navios templários do Mediterrâneo que não haviam sido capturados vieram refugiar-se no porto da Serra d'El Rei. Os cavaleiros de Cristo juraram nunca fazerem nada «pública ou secretamente» que fosse de natureza a prejudicar Portugal, o seu rei e a sua família adotaram a mesma regra que os cavaleiros de Calatrava e o hábito que lhes foi dado era idêntico ao do Templo: manto branco e cruz vermelha. Apenas uma pequena cruz branca inscrita no interior da cruz vermelha fazia a diferença. Ademais, os dignitários da Ordem do Templo conservaram a sua posição nas novas estruturas.

Antes de partir em busca da rota das Índias pelo Ocidente, Cristóvão Colombo consultou os arquivos da Ordem de Calatrava. Alguns autores acusam-no até de ter ido, pura e simplesmente, a Portugal roubar documentos. Depois disso, comandou uma expedição, singrando em direção à América à frente de três caravelas que ostentavam, nas suas velas, a cruz da Ordem do Templo. Seria uma maneira de se fazerem reconhecer, ao longe, quando da chegada? De mostrarem «carta branca» a serem bem recebidos? Refiramos, para a pequena história, que, em 1919, uns oficiais americanos compraram o pórtico da capela de Santiago, em Beaune. Mandaram-no desmontar e embarcaram-no para ser instalado no museu de Boston, nos Estados Unidos. Ora, a capela de Santiago era a antiga igreja da comenda templária de Beaune e os soldados em questão pertenciam à seita secreta dos Cavaleiros de Colombo que pretendiam ter ligações com a antiga Ordem do Templo. Quanto a Salvador de Madariaga, biógrafo de Cristóvão Colombo, pensava que o objetivo secreto da conquista das Américas era encontrar lá metais

preciosos suficientes para ter com que subvencionar a reconstrução do Templo de Salomão, em Jerusalém.

Os navios portugueses que se lançaram à conquista de terras desconhecidas arvoravam, coincidência perturbadora, o pavilhão da Ordem de Cristo, o dos Templários refugiados. Foi, pois, sob o signo do Templo que se efetuou a epopeia dos grandes descobrimentos de terras. Era mesmo o pavilhão dos Templários que ornava o navio de Vasco da Gama.

É preciso lembrar também o nome que se davam, por vezes, a si mesmos os artesãos companheiros do Dever de Liberdade, descendentes dos «Filhos de Salomão» protegidos pelos Templários. Entre si, tinham o costume de se tratarem por índios e uma das suas canções tradicionais evocava «a Rochelle das Américas para a Jerusalém do Templo».

Outra peça a juntar ao processo é a carta de Opicinus de Canestris, datada de 1335-1337. Jeanne Franchet examinou as figuras que nela se encontram. Distingue-se um ancião barbudo que poderia ser o Grão-Mestre do Templo e que agarra o ábaco, bastão de comando, na mão esquerda. O ancião segura uma pomba na outra mão e pode ler-se, mesmo ao lado, o nome do vale do fim dos tempos: *Josaphat*. O olho da pomba encontra-se na localização de Chipre, local que se tornara o centro oriental do Templo, depois da perda da Terra Santa. Distingue-se também a imagem do leão britânico, junto do qual aparecem umas letras que lembram Rocela: La Rochelle. Não esqueçamos que Leonor de Aquitânia dera, aos Templários, terras nessa região, quando era rainha de França, e que confirmou essas doações quando foi rainha de Inglaterra. No mapa, podemos também distinguir a inscrição *apage indicu.* Segundo Jeanne Franchet, temos de ver aí uma alusão a uma viagem longínqua ao país dos índios, tendo *apage* o significado de *longe daqui* e querendo *indicus* dizer *índio*.

O tráfico dos metais preciosos

Segundo aqueles que pensam que os Templários foram à América, os monges-cavaleiros trouxeram dessas viagens carregamentos completos de metais raros, essencialmente de prata, tão vulgar no México. É um fato que os Templários parecem ter possuído quantidades consideráveis de metais preciosos e sem dúvida mais prata do que ouro. Esse metal era muito raro na Europa. Deveremos pensar que a ordem o obtinha além-Atlântico? Nessa época, a emissão de moeda nova passava muitas vezes por uma menor quantidade de metal precioso na composição das moedas: uma depreciação monetária que correspondia a uma desvalorização camuflada. Isso devia-se não só a uma falta de liquidez, mas também à raridade dos metais preciosos.

Em 1294, em virtude dessa penúria, foi emitida uma ordenação que proibia a exportação da prata e obrigava todas as pessoas que possuíssem baixelas em ouro ou prata a entregarem-nas às oficinas moedeiras do reino de França. Imagina-se

facilmente o interesse que os Templários poderiam ter em ir procurar esse metal na América. As moedas de prata em circulação eram ainda mais raras que as de ouro e uma boa parte remontava ao império romano onde haviam sido refundidas a partir de moedas antigas. Ora, na Europa, não havia qualquer mina de prata em exploração, dado que ainda não eram conhecidas as jazidas da Rússia e da Alemanha.

Claro que os Templários exploraram eles próprios algumas minas. Assim, no Razés, a sul de Carcassonne, perto de Rennes-le-Château, mandaram vir trabalhadores alemães para explorarem a mina de ouro de Blanchefort. Com efeito, neste caso preciso, tratava-se talvez menos de explorar os filões já trabalhados pelos Romanos do que de recuperar um depósito de metal precioso que poderia estar escondido na mina. Na verdade, os trabalhadores alemães (discretos, porque não falavam a língua local) eram todos fundidores e não Mineiros.

A extrema raridade da prata é uma certeza no que se refere a este período e, no entanto, durante o lapso de tempo em que existiu o Templo, começaram a circular moedas de prata, sem explicação aparente. Ora, este metal também era bastante raro no Oriente. Donde provinha? Quem o trazia? Quem o comerciava? O que é certo é que os Templários não tinham falta dele. No seu regresso da Terra Santa, repatriaram dez cargas de mulas, isto é, cerca de quinhentos quilos.

A chave do enigma talvez tenhamos de ir procurá-la mais tarde no tempo: na época de Carlos VII, durante a Guerra dos Cem Anos. E a personagem que possuiu essa chave foi Jacques Coeur.

Semelhanças entre Jacques Coeur e os Templários

Jacques Coeur foi, tal como os Templários, um financeiro, um proprietário de terras, um comerciante, um armador, um exportador, um explorador de Minas. Tal como eles, foi abatido quando se tornou demasiado poderoso.

Começou como mercador em Bourges, no setor das peles e tecidos. Soube comprar peles a preços interessantes, arranjá-las, vendê-las. Assim, começou a fazer fortuna e pôde adquirir, por adjudicação, o direito de cunhagem das moedas reais na casa da moeda de Bourges. A sua primeira experiência na matéria teria podido sair-lhe cara porque esteve mais ou menos implicado num caso de fraude. Isso não o impediu, posteriormente, de assumir o controle da casa da moeda da capital, em 1436. Foi também banqueiro e praticou o câmbio de moedas, os empréstimos, etc., tal como os Templários.

Tudo isso iria levar Jacques Coeur a moedeiro do rei, mas também comissário real junto dos Estados do Languedoque, junto dos Estados de Auvergne, membro da Comissão real dos tecidos, comissário do rei encarregado da instalação do Parlamento de Toulouse, visitador geral das gabelas, sem falar das inúmeras e importantes missões diplomáticas que lhe foram confiadas.

Jacques Coeur interessou-se pelo comércio para o Oriente. No mês de Maio de 1432, embarcou com a intenção de fazer um estudo de mercado no Oriente. Juntou-se com um mercador narbonês chamado Jean Vidal e embarcou na galera

de Narbonne. O trajeto de ida foi bom e Jacques Coeur fez, sem dúvida, negócios, mas, no regresso, o navio afundou-se. Os passageiros foram salvos e capturados por marinheiros de Calvi que acabaram por lhes roubar tudo quanto não tinham perdido no naufrágio. Na época, existiam sistemas de seguros e Jacques Coeur recebeu uma indenização parcial. Experiência não coroada de êxito mas, mesmo assim, rica de ensinamentos para o nosso financeiro porque, em Damasco, avaliara as possibilidades que um comércio bem organizado com o Oriente podia oferecer.

Conseguira aperceber-se de que a venda de têxteis e de peles, nos países do Levante, lhe permitiria trazer, no regresso, a seda tecida com fios de ouro, especiarias, etc., e que tudo isso deveria constituir um bom lucro.

Então, Jacques Coeur organizou as suas lojas ocidentais e montou a sua «empresa» sob a forma de uma *holding* que controlava diversas companhias, hierarquizadas, dirigidas com mão de mestre. Periodicamente, fazia concentrações horizontais e verticais destinadas a aumentar a eficácia do seu império comercial e, por vezes, a eliminar a concorrência.

Possuía lojas quase em toda a parte, em França, mas, para conseguir organizar o seu comércio internacional, chegou à mesma conclusão que os Templários: precisava de uma frota que fosse apenas sua.

Utilizou, é claro, os portos de Marselha e Collioure, que já tinham servido aos Templários, mas achava que, para beneficiar de um máximo de vantagens, seria melhor fixar-se num porto menos frequentado, menos importante, mas que poderia vir a sê-lo. Assim, obteria liberalidades e vantagens mais substanciais.

Escolheu Montpellier. Este porto beneficiava de vários pontos positivos: uma jurisdição especial no plano econômico, rápida e eficaz para o comércio, mas também a inestimável autorização para comerciar com os Sarracenos, com a única condição de que não se tratasse de artigos estratégicos como as armas, o ferro e a madeira, de que os infiéis poderiam servir-se contra os cristãos. O porto da cidade ficava em Lattes. Era um pouco estreito e Jacques Coeur mandou executar obras que permitiram garantir, de forma permanente, um canal com quatro a seis metros de largura e com um metro e vinte e cinco de profundidade. O financeiro podia, assim, embarcar as suas mercadorias e expedi-las até Aigues-Mortes, onde os seus navios de alto mar esperavam a carga. Encontravam-se lá a galera *Saint-Michel, a Notre-Dame-Saint-Denis, a Notre-Dame-Saint-Michel, a Notre-Dame-Saint-Jacques, La Rose, o Navire de France e a Notre-Dame-Sainte-Madeleine.* Estes navios distribuíam-se pelos portos onde Jacques Coeur possuía pontões e, pelos seus nomes, provavam a sua devoção à Virgem.

A partir de 1445-1446, conseguiu organizar o seu negócio com o Oriente. Comércio frutuoso e rendível, mas também ocasião para estabelecer verdadeiras relações nos países do Levante, o que levaria a que lhe fossem confiadas missões diplomáticas importantes. No entanto, quando do seu processo, o Oriente viria a ter um grande peso nas acusações. Em primeiro lugar, uma história de um escravo cristão evadido que Jacques Coeur teria devolvido aos infiéis, no âmbito das suas boas relações com eles e, sobretudo, um tráfico de armas com os muçulmanos. O financeiro não negou verdadeiramente, mas invocou um acordo tácito com Carlos

VII e uma dispensa pontifícia.

Jacques Coeur e o tráfico da prata

A acusação mais grave relacionava-se com a exportação para o Oriente de grandes quantidades de prata, apesar das proibições. Isto era passível da pena capital. O financeiro dera-se conta de que esse metal ainda era mais raro no Oriente do que no Ocidente e que, ali, obtinha um preço muito elevado. Em contrapartida, o ouro era lá relativamente mais abundante do que na Europa. Podiam, portanto, obter-se grandes lucros exportando prata para o Oriente e trazendo ouro em troca. Lá, a prata era paga muito mais cara que no Ocidente e o ouro custava apenas metade do preço.

Quando do seu processo, atacado em relação ao problema da exportação da prata, Jacques Coeur procurou defender-se: «Diz que há benefícios em levar prata branca para a Síria, porque vale seis escudos por aqui, e vale sete lá [...] diz que mostrará bem que por um marco de prata, fez vir um marco de ouro para o reino.»

Só que, para exportar prata, era preciso tê-la. Logo, Jacques Coeur decidiu explorar minas. Adquiriu a concessão de minas de chumbo argentífero em Pampailly, no vale do Brévanne, perto de Lyon. Obteve os direitos de exploração sem dificuldades, porque estavam ao abandono.

Jacques Coeur mandou escavar galerias que mergulhavam até uma profundidade de duzentos e cinquenta metros e que, nalguns casos, se estendiam lateralmente durante quinhentos metros. Mandou reparar tudo, instalou um sistema de ventilação com chaminés e galerias de drenagem para evacuar a água. Deu ao seu pessoal uma espécie de convenção coletiva que organizava o trabalho mas também um determinado número de regalias sociais. Mandou plantar trigo e explorar uma vinha perto das minas para facilitar a subsistência dos mineiros. Certificava-se de que os seus homens eram bem alimentados, bem albergados, bem cuidados e um padre estava encarregado de vir dizer a missa, todos os domingos.

Essas minas estavam situadas a cerca de trinta quilômetros de Lyon, mas possuía mais algumas em Saint-Pierre-la-Palud e Chissien, bem como no Beaujolais, em Joux-sur-Tarare.

Eis, portanto, a proveniência dessa prata que Jacques Coeur exportava para o Oriente, exceto que... a galena argentífera dessas minas era de um teor em metal muito inferior ao limiar de rendibilidade da época. E temos absoluta certeza quanto a isso. Com efeito, na sequência do processo de Jacques Coeur, Dauvet foi encarregado de avaliar e fazer uma peritagem aos bens do moedeiro. Homem de uma grande integridade, muito escrupuloso e metódico, Dauvet fez o seu trabalho com uma consciência profissional notável.

Dado que ele próprio não era um especialista em minas, não hesitou em mandar vir especialistas alemães para realizarem a peritagem às jazidas que pertenciam a Jacques Coeur. O veredicto foi inapelável: a exploração das minas de Jacques Coeur era deficitária e não podia ser de outro modo. Isso era verdade mesmo que se tomasse em conta o tráfico com o Levante porque, ainda por cima,

as quantidades produzidas eram extremamente baixas. No entanto, arriscando, e por pensarem que Jacques Coeur devia lá ter encontrado lucro, de uma forma ou de outra, foi retomada a exploração das minas. Foi uma catástrofe e, em breve, tiveram de interromper-se os trabalhos. As minas de Pampailly eram capazes apenas de fornecer duzentos e dez quilos de prata por ano e estava-se muito longe de cobrir os custos de produção.

E então? Há uma enorme distância entre a realidade e os boatos que corriam na época e que faziam dessas minas a fonte mirífica da fortuna do moedeiro, lenda que ele próprio alimentava. Deixava acrescentar inclusive que lhe pertencia «o governo e a administração de todas as minas de ouro e de prata deste reino», quando isso era falso. Precisava mesmo de explicar a procedência dessas quantidades bastante consideráveis de metal que transitavam nos seus navios.

Jacques Coeur tinha muito interesse em que se julgasse que as suas minas eram muito produtivas, a ponto de continuar a explorá-las e a investir nelas, na ausência de qualquer rendibilidade. Quando conhecemos a forma expedita, e sem problemas de consciência, como se livrava das filiais que não apresentavam resultados suficientes, somos mesmo obrigados a duvidar acerca da sua atitude em relação a estas minas. Podemos perguntar-nos legitimamente se não lhe serviam simplesmente de cobertura para justificar os seus transportes de prata. Mas então, se era esse o caso, donde vinha então a prata de Jacques Coeur? Donde provinha esse metal de que fazia um comércio tão frutuoso? Da América? Alguns dos seus navios singrariam através do Atlântico, na esteira dos do Templo? Foi para isso que Jacques Coeur construiu edifícios no porto de La Rochelle? Nada permite afirmá-lo, mas pode sonhar-se.

Jacques Coeur, os Templários e a alquimia

Em relação a Jacques Coeur, foi formulada uma outra hipótese que permitiria explicar as quantidades de metal que manipulou. Trata-se da alquimia, essa arte que permite transformar metais vis em prata e em ouro. Não vamos espraiar-nos no simbolismo alquímico das casas construídas por Jacques Coeur. É incontestável e prova, pelo menos, o interesse que o moedeiro tinha por essa estranha ciência.

A propósito de Jacques Coeur, Petrus Borel escrevia, no século XVIII, no seu *Trésor des recherches et antiquités gauloises:*

"Muitos pensaram que ele tinha a pedra filosofal e que todos os comércios que tinha no mar, aquelas galeras e as moedas que governava, não eram mais do que pretextos para se esconder, a fim de que não suspeitassem de si, e esse boato foi muito difundido, como assinalou Lacroix du Maine na sua biblioteca."

Aliás, Jacques Coeur não se limitou a dar um sentido alquímico à decoração dos seus edifícios, também redigiu escritos alquímicos. Um «livro inteiro manuscrito» pela sua mão teria pertencido ao senhor de Rudavel, conselheiro em Montpellier, mas desapareceu e nunca foi encontrado. Falou-se também de uma amizade entre Jacques Coeur e Rámon Llull, que tinha fama de ser alquimista.

Infelizmente, o moedeiro nasceu quase um século depois da morte do doutor iluminado.

A visita de Jacques Coeur a Damasco, cidade ligada à história dos Rosa-Cruz e capital dos alquimistas árabes, é mais interessante. Que teria ido procurar ali? Numa das suas cartas, Jacques Coeur dizia: «Sei bem que a conquista do Santo Graal não pode fazer-se sem mim.»

E, na porta central da sua casa, encontramos um vaso alquímico sem gargalo com um coração ornado com uma concha e sobrepujado por uma cruz templária. No caso dos Templários, guardiões do Graal segundo Wolfram, também se falou em alquimia. Roger Bacon faz-nos notar:

"O príncipe dos mercadores quis dizer-nos que a sua busca do hermetismo o fizera seguir a via úmida (*concha*), antes de ser recebido na sociedade fechada (*matrás*) do Templo (*cruz*) e que não teria chegado lá de outro modo."

A cruz dos Templários figura também na chaminé do quarto de Jacques Coeur.

Acontece que, depois do seu processo, tendo conseguido evadir-se, Jacques Coeur foi protegido pelo papa. O sumo pontífice confiou-lhe mesmo o encargo - ou quase - de comandar uma cruzada. Na verdade, foram sobretudo a organização e o comando dos navios que lhe foram confiados, dado que o verdadeiro comando ficou nas mãos do arcebispo de Tarragona. O moedeiro não pôde terminar a sua viagem. Parou na ilha de Quios, em 1456, e aí morreu.

Tantos pontos comuns entre Jacques Coeur e o Templo, sendo sem dúvida o mais importante aquele que mais suscitou a sanha contra estes financeiros geniais, como ocorrerá mais tarde em relação a Nicolas Fouquet.

TERCEIRA PARTE

OS MISTÉRIOS ESPIRITUAIS DA ORDEM

I

OS TEMPLÁRIOS HERÉTICOS

As acusações de heresia

Voltaremos mais tarde ao andamento do processo, mas precisamos de analisar, desde já, uma das acusações mais graves feitas contra a Ordem do Templo: a de heresia.

Filipe, o Belo, redigira ele próprio um requisitório que deveria, em seguida, ser lido em todas as igrejas do reino a fim de explicar aos fiéis as razões da detenção dos Templários. O rei representava o papel da indignação e escrevia:

"Uma coisa amarga, uma coisa deplorável, uma coisa verdadeiramente horrível de pensar, terrível de ouvir, um crime detestável, um crime execrável, um ato abominável, uma infâmia horrível, uma coisa perfeitamente inumana, o que é mais, estranha a qualquer humanidade, soou, graças ao relato de várias pessoas dignas de fé, aos nossos ouvidos, não sem nos invadir de um grande estupor e nos fazer fremir com um violento horror; e, ao pesarmos a sua gravidade, uma dor imensa cresceu em nós tanto mais cruelmente quanto não existem dúvidas de que a enormidade do crime transvasa até se tornar uma ofensa à majestade divina, uma vergonha para a humanidade, um pernicioso exemplo do mal e um escândalo universal."

Até parece um texto da Madame de Sévigné, embora com menos elegância.

Filipe, o Belo, prosseguia, falando de bestialidade, de abandono de Deus, etc. Acrescentava:

"Recentemente, segundo o relato que nos foi feito por pessoas dignas de fé, foi-nos dito que os irmãos da ordem da milícia do Templo, escondendo o lobo sob a aparência do cordeiro e, sob o hábito da ordem, insultando miseravelmente a religião da nossa fé, crucificam nos nossos dias novamente Nosso Senhor Jesus Cristo, já crucificado para a redenção do gênero humano e enchem-no de injúrias mais graves do que aquelas que sofreu na cruz, quando, ao entrarem na Ordem e, quando fazem a sua profissão, lhes é apresentada a sua imagem e que, por uma infeliz, que digo? Uma miserável cegueira, o negam três vezes e, por meio de uma crueldade horrível, lhe escarram três vezes na face; findo o que, despojados das

roupas que envergavam na sua vida secular, nus, postos em presença daquele que os recebe ou do seu substituto, são beijados por ele, de acordo com o rito odioso da sua ordem, primeiro na base da sua espinha dorsal, em segundo lugar no umbigo e finalmente na boca, para vergonha da dignidade humana. E depois de terem ofendido a lei divina por meio de feitos tão abomináveis e atos tão detestáveis, obrigam-se, pelo voto da sua profissão e sem temerem ofender a lei humana, a entregarem-se um ao outro, sem recusa, desde que tal lhes seja pedido, por efeito do vício de um horrível e pavoroso concubinato. E foi por isso que a cólera de Deus se abateu sobre estes filhos da infidelidade. Esta gente imunda abandonou a fonte de água viva, troca a sua glória pela estátua do Bezerro de Ouro e imola aos ídolos."

Findo o que, o rei se defendia de antemão de ter dado fé a intriguistas e afirmava possuir elementos suficientes para proferir essas acusações e dava as suas ordens em relação à detenção.

O essencial das queixas estava contido neste texto, apesar de o processo lhe ter acrescentado alguns floreados. Por agora, deixemos de fora a acusação de sodomia para retermos apenas o escarrar na cruz e a negação de Cristo. E, no entanto, os Templários não pareciam considerar-se heréticos. Não negaram ter cometido pecados, considerando, aliás, que isso é inerente à condição humana. Mas heréticos, não! E sobretudo não uma heresia de toda a Ordem.

Teria tudo sido inventado? Também não, por certo. De fato, as coisas não são assim tão simples e eles próprios reconheciam que algumas partes do seu ritual podiam prestar-se a essa interpretação, mas era apenas, segundo eles, porque já não se sabia muito bem a que correspondiam esses elementos e, de qualquer forma, os seus corações continuavam puros.

As confissões

O que é certo é que o seu ritual continha pontos em relação aos quais é conveniente fazer algumas interrogações. Com efeito, as declarações dos próprios dignitários são surpreendentes.

Interrogado a 24 de Outubro de 1307, o Grão-Mestre da Ordem, Jacques de Molay, declarou que, quando da sua recepção, em Beaune, lhe foi apresentada uma cruz de bronze sobre a qual se encontrava uma imagem de Cristo e que lhe pediram que renegasse essa imagem e cuspisse na cruz. Assim o fez mas, afirmou, arranjou uma forma de cuspir para o lado.

Interrogado três dias antes, Geoffroy de Chamey, preceptor da Normandia, declarara:

"[...] que depois de o terem recebido e de lhe terem colocado a capa ao pescoço, lhe trouxeram uma cruz na qual se encontrava a imagem de Jesus Cristo e o mesmo irmão que o recebeu lhe disse para não acreditar naquele cuja imagem ali estava representada, porque era um falso profeta e não era Deus. E então aquele que o recebeu mandou-o renegar Jesus Cristo três vezes, com a boca, não com o coração" segundo disse.

Hugues de Pairaud, visitador de França, fez um depoimento análogo quanto à sua própria recepção e acrescentou que, quando acolhia irmãos novos na Ordem, mandava trazer uma cruz e lhes dizia:

"[...] que tinham de, em virtude dos estatutos da referida Ordem, negar três vezes o Crucificado e a cruz e cuspir na cruz e na imagem de Jesus Cristo, dizendo que, apesar do que lhes ordenava, não o fazia do fundo do coração. Tendo-lhe sido pedido que declarasse se encontrara alguns que se recusassem fazê-lo, disse que sim, mas que acabavam por negar e cuspir."

Geoffroy de Gonneville, preceptor da Aquitânia e de Poitou, afirmou ter recusado vergar-se a este rito. Aquele que o recebia, Robert de Torteville, Grão-Mestre de Inglaterra, disse-lhe então que, se jurasse sobre os Evangelhos dizer aos irmãos que pudessem perguntar-lhe que cuspira mesmo, lhe faria um grande favor. Geoffroy de Gonneville jurou e Robert de Torteville mandou-o cuspir, mesmo assim, interpondo a sua mão em frente à cruz. Segundo ele, esses costumes haviam sido introduzidos na Ordem por um Grão-Mestre que fora prisioneiro do Sultão. Esse Grão-Mestre seria Gérard de Ridefort, que foi prisioneiro do sultão.

Alguns pretendiam que se tratava de uma das más e perversas introduções, nos estatutos da Ordem, de Mestre Roncelin ou então de Mestre Thomas Bérard. Houve também templários que negaram totalmente estas práticas que talvez não figurassem na regra, em todo o lado. Alguns historiadores pensaram que as declarações que citamos eram obtidas sob tortura e não tinham qualquer valor: aliás, Jacques de Molay desdisse as suas confissões.

É certo que inúmeros irmãos devem ter dito, fosse o que fosse, para que parassem de os torturar, mas que pensar das muitas confissões, nem todas foram obtidas sob coação?

Não podemos deixar de referir que setenta e dois templários ouvidos pelo papa - tal como Jacques de Molay e os dignitários, tal como aqueles que foram interrogados na Alemanha e em Inglaterra - reconheceram que tinham negado Cristo e cuspido na cruz. Segundo os locais, negava-se e cuspia-se ora uma vez, ora três, mas em todo o lado as confissões são idênticas, apesar de os templários dizerem ter feito isso «com a boca e não com o coração». Irmãos que não foram torturados e não tiveram razão para ter medo de o serem, confessaram. Foi esse o caso em Florença onde os comissários elaboraram o processo sem coação, diretamente em nome do papa, ou, para outros, em Inglaterra, na Sicília, em Pisa, em Ravena, onde não foi exercida qualquer violência.

Ainda por cima, em todos esses locais, as confissões diferem todas umas das outras, apresentando toques pessoais. Se tivessem sido obtidas por artimanha ou coação, teriam correspondido a um modelo-padrão. Ora, elas foram acompanhadas de observações, por vezes ingênuas e bastante «vívidas» que lhes outorgam um caráter de veracidade. Não existem aqueles exageros comuns aos métodos da Inquisição que não hesita em recorrer ao floreado diabólico para melhor convencer, depois, as multidões da justeza dos processos perante a abominação das confissões. Nestas condições, não é de todo possível duvidar: inúmeros templários foram mesmo obrigados a cuspir na cruz e a negar Cristo, quando da sua recepção

na Ordem. Trata-se de uma verdadeira enormidade: como é que monges puderam renegar Cristo, em massa, e porquê?

É manifesto que não se detecta qualquer compromisso herético profundo, nenhuma adesão a uma doutrina que negaria Cristo nos templários que, no entanto, confessam. Se tivessem sido realmente heréticos, alguns deles teriam estado dispostos a sofrer o martírio pelas suas crenças, para defenderem a sua doutrina. Ora, nada disso, não há o menor militantismo. E, no entanto, esses elementos rituais são reais. Os irmãos parecem tê-los vivido como uma espécie de rito sem grande importância, um costume ao qual era preciso vergar-se, com passividade, e não terem sido afetados doutro modo por eles. Isso significa, muito provavelmente, que nos tempos derradeiros da Ordem, o sentido desses ritos já não era conhecido, nem explicado e talvez até se encontrasse pervertido. Aquilo que poderiam ter contido de iniciático apenas dera lugar a uma prática sem significado real.

A recepção na Ordem

O cerimonial de recepção na Ordem era, em princípio, fixo e não parecia dever permitir a crítica.

Não se era cavaleiro do Templo sem mais aquelas. Era preciso aceitar todo um período de experiência antes de ser recebido. Para além de que a resposta não vinha de imediato e o postulante passava por um período probatório que podia durar vários meses, durante o qual lhe eram impostas tarefas duras e desagradáveis. Devia aprender assim que não entrava na Ordem por causa das honras, mas para servir. *Non nobis Domine, non nobis sed nomini tuo da gloriam,* dizia a divisa da Ordem.

Quando a decisão de receber o postulante era tomada finalmente, reunia-se o Capítulo para o acolher. A cerimônia de recepção decorria de noite, como os mistérios antigos. O postulante aguardava do lado de fora, enquadrado por escudeiros que empunhavam tochas. Por vezes, tinha de esperar muito tempo assim. Durante esse tempo, o comendador perguntava aos irmãos se algum deles pensava dever opor-se à iniciação do novo recruta. Se ninguém dissesse nada, mandavam-no buscar e introduziam-no numa divisão perto do Capítulo. Perguntavam-lhe se queria realmente ser Templário. Perante a sua resposta positiva, faziam-lhe notar quão rude iria ser a sua vida, como deveria obedecer, independentemente de quanto lhe custasse, quais as penas em que incorria se violasse os regulamentos extremamente estritos da Ordem. Se o impetrante persistia, as suas respostas eram comunicadas ao Capítulo. O comendador perguntava então se todos estavam de acordo quanto a acolher o neófito e o Capítulo respondia: «Mandai-o vir, por Deus.» O novo irmão era conduzido perante a assembleia reunida e dizia:

"Senhor, vim perante Deus, perante vós e perante os irmãos, e peço-vos, e suplico-vos por Deus e por Nossa Senhora, que me acolhais na vossa companhia e nas graças da Casa, como aquele que para todo o sempre quer ser servo e escravo da Casa."

O comendador mostrava-lhe então o que o seu pedido implicava de

compromisso e renúncia:

"Belo irmão, pedis uma grande coisa porque da nossa religião só vedes a casca que está por fora. Porque a casca é tal que nos vês termos bons cavalos e belos hábitos e assim vos parece que estareis à vontade. Mas não conheceis os fortes mandamentos que estão por dentro: porque é uma grande coisa que vós, que sois senhor da vossa pessoa, vos torneis servo de outrem. Porque, com grande mágoa, nunca mais fareis o vosso desejo: se quereis estar na terra deste lado do mar, enviar-vos-emos para o outro lado: se desejais estar em Acra, enviar-vos-emos para a terra de Tripoli, ou de Antioquia, ou da Armênia: ou enviar-vos-emos à Puglia ou à Sicília, ou à Lombardia, ou a França, ou a Inglaterra, ou a várias outras terras onde temos as nossas casas e os nossos bens. E se quereis dormir, far-vos-emos velar; e se por vezes quiserdes velar, ordenar-vos-emos que vos deiteis na vossa cama... Quando estiverdes à mesa e quiserdes comer, mandar-vos-emos ir onde nos aprouver e nunca sabereis onde. Muitas vezes devereis ouvir reprimendas. Ora, olhai, belo irmão, se podereis suportar todas estas durezas."

Perante a aquiescência do postulante, acrescentava-se:

"Belo irmão, não deveis pedir a companhia da Casa para ter senhorias nem riquezas, nem gozo do vosso corpo, nem honra. Mas deveis pedir para três coisas: uma para evitar e deixar o pecado deste mundo; a outra para fazer o serviço de nosso Senhor; e a terceira para ser pobre e fazer penitência neste século a fim de salvar a vossa alma; e essa deve ser a intenção para a qual deveis pedi-la."

Novamente, era perguntado várias vezes ao postulante se persistia em querer entrar para a Ordem. Depois, mandavam-no sair e o Capítulo era consultado uma vez mais para dar, pela última vez, a sua opinião sobre o candidato. Em seguida, mandavam entrar aquele que iria tornar-se o novo irmão do Templo.

Toda a assistência se levantava e rezava, enquanto o capelão recitava a oração do Espírito Santo. O comendador fazia então seis perguntas ao candidato. Em primeiro lugar, era casado ou noivo? Na verdade, acontecia receber-se um homem casado. Deveria então comprometer-se a que os seus bens revertessem para a Ordem, após a sua morte, e a mulher devia prestar o seu consentimento. Refiramos também, embora tenha sido raro, que houve casos de mulheres que entraram para a Ordem. É claro que essas monjas templárias não eram guerreiras e viviam separadas dos irmãos. Isso só foi organizado para receber dádivas e o perigo de uma tal situação não escapou a ninguém; a experiência foi interrompida e estatuiu-se: Damas como irmãs, doravante, não serão recebidas.

Citemos, para que conste, o mosteiro de mulheres templárias que existia em La Combe-aux-Nonnains, na Borgonha, e que dependia da comenda de Épailly. Citemos também a adesão da madre Agnès, abadessa das Camaldulas de Saint-Michel de l'Ermo, e de toda a sua comunidade, à Ordem dos Templários. Refiramos ainda casos semelhantes em Lyon, Arville, Thor, Metz, etc.

Mas voltemos ao nosso postulante. Perguntava-se-lhe também se tinha dívidas que não pudesse saldar, se não pertencia a outra ordem, se era são de corpo, se não subornara alguém para entrar na Ordem, se era nobre (para ser cavaleiro) ou pelo menos homem livre (para ser sargento), se era padre, diácono ou subdiácono,

e se não estava sujeito a excomunhão (embora isso não tenha sido uma desvantagem durante muito tempo).

Depois, lembravam-lhe mais uma vez a perda do seu livre arbítrio:

"Ora, belo irmão, ouvi bem o que vos dizemos: prometeis a Deus e a Nossa Senhora que, durante todos os dias da vossa vida, sereis obediente ao Mestre do Templo e a qualquer comendador sob cuja autoridade estiverdes colocado."

Então, os juramentos encadeavam-se, todos feitos perante «A Senhora Santa Maria» e todos destinados a fixar no espírito do postulante que já não era dono de si mesmo. Emitia votos de obediência, de castidade, de pobreza, de fidelidade à regra. Obrigavam-no a jurar reconquistar a Terra Santa pelas armas, não sair do Templo para entrar noutra ordem, não escutar a maledicência nem a calúnia. Haveria medo de que ele ouvisse com atenção o que por vezes se murmurava sobre as práticas da Ordem?

Depois, o comendador «recebia» o novo irmão e prometia-lhe «pão, água e sofrimento e trabalho suficientes». Colocava-lhe sobre os ombros o manto da Ordem e fechava-lhe as agulhetas. O capelão lia um salmo que dizia: «como é bom, como é agradável vivermos todos juntos como irmãos» e continuava com a oração do Espírito Santo. O comendador dava o beijo da paz ao novo Templário, beijando-o na boca, o que era o costume da época. A cerimônia terminara.

Um segredo bem protegido

Encontravam-se nesta recepção todos os elementos para sensibilizar o postulante quanto à importância do seu compromisso e para o tornar solene. Mas teremos dificuldade em encontrar nela elementos iniciáticos e, ainda menos, heréticos. Seja como for, nada que se relacione com as confissões de que falamos. Isto significa, evidentemente, que esta cerimônia «oficial» deveria comportar adições que o eram menos.

Sabemos, de acordo com os testemunhos, que a recepção se realizava de noite. Porquê? Por que razão devia desenrolar-se com todas as portas fechadas e guardadas, com as sentinelas a rondarem os edifícios? Por que razão se exigia uma discrição absoluta quanto ao desenrolar dessas reuniões? Por que razão haviam sido punidos, e até lançados em masmorras, irmãos que se tinham insurgido contra o desenrolar das recepções? Existiriam realmente elementos de ritual diferentes dos descritos oficialmente e, em caso afirmativo, a partir de que época?

Quando do processo, o advogado Raoul de Presles afirmou ter ouvido do Templário Gervais de Beauvais uma revelação importante, segundo a qual:

"[...] havia na Ordem um regulamento tão extraordinário e sobre o qual deveria ser guardado um tal segredo, que qualquer um teria preferido que lhe cortassem a cabeça a revelá-lo."

Acrescentava:

"No capítulo geral, há uma prática de tal modo secreta que, calculai que, infelizmente, um estrangeiro a tivesse testemunhado, nem que fosse o rei de França em pessoa, muito bem, os mestres do Capítulo, sem temerem qualquer castigo,

matariam essa testemunha e não teriam o menor respeito pela sua qualidade."

Raoul de Presles afirmava também que Gervais de Beauvais possuía um exemplar dos estatutos secretos da Ordem e não o mostraria a ninguém, nem por todo o dinheiro do mundo.

Seria esta a regra cujos exemplares Jacques de Molay mandara destruir, pouco tempo antes da sua prisão?

Templários ingleses, sem serem torturados, referiram a existência de duas recepções na Ordem, sendo a segunda secreta e «repreensível». Eles próprios não tinham assistido a ela, mas, segundo diziam, existia uma hierarquia paralela. E é sem dúvida aí que reside a chave do mistério.

A existência de uma regra secreta

A existência de uma regra secreta é quase certa. Corresponde a vários testemunhos de Templários e acabamos de ver que alguns referiam vários tipos de recepção. Alguns pensam que eram em número de três: uma primeira, «oficial», sem rito condenável, depois, mais tarde e apenas para alguns irmãos, a segunda com a negação de Cristo e, por fim, a terceira, ainda mais secreta, reservada apenas aos membros do Capítulo Geral. Com o correr dos tempos, a incompreensão de determinados ritos teria feito confundir um pouco tudo e os postulantes, quando da sua entrada na Ordem, teriam seguido ritos que não lhes eram destinados. É isso que baralha as pistas, mas lembremo-nos da frase do templário Gaucerand de Montpezat:

"Temos três artigos que nunca ninguém conhecerá, excetuando Deus, o diabo e os mestres."

Gilette Ziegler escreve:

"Teremos, portanto, de admitir a existência de uma regra secreta, conhecida por alguns chefes, e que teria sido destruída. Alguns fatos parecem prová-lo: em Inglaterra, Guillaume de La More, Grão-Mestre, dera um manuscrito, para dele ser feita uma cópia, a um cavaleiro, Guillaume de Pokelington, e como um capelão, que entrara para o Templo havia apenas seis meses, pretendesse consultar esse texto, o Grão-Mestre arrancou o papel das mãos do copista e levou-o consigo. Por outro lado, o irmão Gaspard de Cauche explicava: «No ultramar, vi uma ou duas vezes o Grão-Mestre Thibaud Gaudin pedir aos irmãos que detinham os livros relacionados com as regras da Ordem que lhes entregassem. Ouvi dizer e penso que mandava queimar alguns, entregava outros aos mais antigos da Ordem e guardava os restantes para si. Os antigos diziam que Guillaume de Beaujeu e Thomas Bérard haviam feito o mesmo.»"

Muitos foram os que se puseram na pista dessa famosa regra secreta. Em 1877, foi publicada a tradução de um texto latino proveniente da Grande Loja maçônica de Hamburgo. Pensava-se que se tratava de uma cópia da regra dos Templários.

Na primeira parte, encontrava-se efetivamente a regra oficial com os aditamentos redigidos, em 1205, por Mathieu de Tramlay. Ademais, pensava-se que

uma segunda parte continha os «estatutos secretos dos irmãos eleitos» e o «batismo de fogo ou estatutos secretos dos irmãos consolados», devidos a um tal mestre Roncelin.

Houve efetivamente um Roncelin que fora admitido na Ordem, em 1281, e o seu nome fora citado no processo como sendo um mestre que teria «introduzido maus costumes», segundo o testemunho, nomeadamente, de Geoffroy de Gonneville. Este Roncelin teria sido um dos membros da família de Fos, perto de Marselha, que possuía também um castelo em Bormes-les-Mimosas.

A data de 1281, corresponderia a uma introdução bem tardia das regras secretas e isso não se coaduna de modo algum com o fato de, no início do século XIV, os rituais já não serem cumpridos.

As noções de «irmãos eleitos» e «irmãos consolados» fazem, inevitavelmente, pensar nos cátaros e na sua cerimônia do «*consolamentum*». Voltaremos a este ponto. Infelizmente, esses estatutos encontrados miraculosamente são falsos, destinados sem dúvida a provar a filiação da Ordem do Templo e da Franco-Maçonaria. Com efeito, podemos aperceber-nos de inúmeras incoerências nesta pretensa regra secreta. Os estatutos estão assinados pelo copista Robert de Samfort, recebedor da Ordem do Templo em Inglaterra, em 1240. Como poderiam ter sido inspirados por um Roncelin que se julgava ter entrado para a Ordem em 1281? Ainda por cima, o texto está recheado de contradições. Assim, está escrito que os estatutos nunca serão traduzidos em língua vulgar e que nunca serão postos nas mãos dos irmãos. Ora, o documento pretensamente encontrado é em língua francesa. Alguns elementos parecem mesmo ter sido retirados de uma obra de 1818: o *Mysterium Baphometis Revelatum* de Hammer-Purgstall.

Tudo isto não exclui de forma alguma a existência de uma verdadeira regra secreta. Só que não é aquela. Logo, é inútil aprofundar o conteúdo dos artigos desta falsificação.

A proteção dos locais dos Templários: os segredos da épine e dos tanques

Sem dúvida que existiram cerimônias secretas regidas por uma regra secreta e, para serem praticadas, convinha que se utilizassem locais adequados e protegidos. Louis Charpentier associa o seu segredo ao termo «*épine*» («espinho») e seus derivados. Para ele, os locais que apresentam essas características toponímicas correspondiam a lugares dissimulados próprios para essas cerimônias. Refere, assim, locais chamados l'Épinne, Épinay, Pinay, Épinac, etc. E precisa:

"Hoje em dia, pode ser o nome de um campo, de uma casa, de um lugarejo, ou até de uma cidade como Épinay-sur-Orge, mas podemos ter a certeza de que as comendas não se encontram longe. As que Épinay-sur-Orge põe em evidência existiam em Ris e em Viry. Por vezes, o nome estendeu-se, sobretudo quando se trata de florestas, como a floresta de Courbéine, na floresta de Othe, perto do bailio de Coulours."

E Louis de Charpentier não está desprovido de razão; quando olhamos com atenção, a frequência das «épine» perto das comendas não parece dever muito às

leis das probabilidades. Peguemos em alguns exemplos entre centenas: na região de Cognac, uma aldeia de l'Épine fica situada a meio caminho entre as comendas de Cherves e de Richemont. O mesmo acontece na Vienne, onde a capela da comenda de Béruges se encontrava no local chamado Épinay, perto da floresta de l'Épine. Em Deux-Sèvres, encontramos l'Épine perto de Saint-Maixent-l'École, onde havia uma comenda dos Templários. No Indre, havia uma comenda de Lespinaz ou de l'Épinat. E nunca mais acabaríamos de referir locais templários associados a «épines».

Por que razão a escolha deste topônimo? Simbolicamente, o espinho sempre desempenhou um papel de protetor contra os intrusos, a forma de preservar um outro mundo mais secreto, mas também o papel iniciático da barreira que o valente deve saber transpor para chegar ao fim da sua demanda. Não era o espinheiro alvar, antepassado da rosa, ou «cinto de espinhos» que impedia o acesso ao castelo da Bela Adormecida? Alguns Templários disseram, a respeito do seu *Baphomet*, que fazia florir as árvores e germinar a terra. Ora, no Livro bíblico dos Juízes, pode ler-se:

"Então, todas as árvores disseram à moita de espinhos: vem e reina sobre nós." E a moita respondeu: «Se é de boa fé que pretendeis ungir-me como vosso rei, refugiai-vos sob a minha sombra. Se não, um fogo sairá da moita de espinhos e devorará os cedros do Líbano.»

O espinho aparece, assim, como o rei das árvores e foi ela que serviu de coroa ao filho de Deus, quando da Paixão. Neste momento, não teremos de pensar na Virgem, tão amada pelos Templários, e que era chamada *Lilium inter spinas*, lírio no meio dos espinhos.

O espinho apareceria então como a indicação do local a transpor, da barreira simbólica para além da qual se encontra o segredo procurado. A luz estaria para além do espinho e, nesse sentido, este topônimo poderia indicar a entrada de passagens secretas que permitiriam entrar nas comendas através de subterrâneos. Talvez seja conveniente também pensarmos na tradição que afirma que a Arca da Aliança fora feita com madeira de espinheiro, precisamente do *spina-christi*, variedade resinosa que não se parece com o espinheiro que existe entre nós.

Outro elemento frequente perto das comendas: a existência de tanques. Serviam para a piscicultura, dado que os peixes eram necessários para as refeições dos monges nos dias em que era obrigatória a abstinência. Mas esses tanques podiam servir também como redes de proteção tornando mais difícil o acesso a determinados locais, por parte daqueles que não os conhecessem bem. Assim, a comenda de Blizon, no Brenne, perto de Loches, encontrava-se situada junto a uma rede que compreendia duas dezenas de tanques. Entre estes, havia edifícios pertencentes à comenda, nos locais chamados Le Temple e Lépinière. Esconderiam o acesso a criptas misteriosas e inundáveis, em caso de perigo?

Não podemos esquecer-nos de lembrar, a este respeito, a Floresta d'Orient, no Aube, um dos lugares mais fascinantes para quem se interessa pela Ordem do Templo. Também aí as casas da Ordem se encontravam protegidas por uma verdadeira rede de tanques e de regatos. A esse respeito, Louis Charpentier fala de

esconderijos sob esses tanques e não se trata de uma observação gratuita. Quinze anos antes dele, Léon Mizelles já pusera a nu esse sistema ao descobrir um esconderijo no viveiro da comenda de Coulours, inundável, caso fosse preciso. No caso da Floresta d'Orient, as pesquisas ficaram impossibilitadas porque a maior parte dos locais que pertenceram aos Templários ficou submersa sob um lago artificial cujas águas servem para o arrefecimento de uma central nuclear.

Falar de locais protegidos e de acessos secretos significa que havia algo a proteger, mas o quê? Sem dúvida locais subterrâneos mais próprios do que outros para o desenrolar de determinadas cerimônias. Mas, neste caso, também não falamos com leviandade. Para ficarmos convencidos, basta atermo-nos em *La Bove des Chevaliers* que Michel-Vital Le Bossé nos descreve numa pequena obra muito interessante.

O lugar encontra-se no Ome, no vale do Touque. Mais precisamente, fica situado no bosque de La Jaunière, perto de um local chamado La Chevalerie (a Cavalaria). A toponímia que o rodeia é interessante, desde La Prévotière (a Prebosteira) a Babylone (Babilônia), passando por Porte-Lancière (Porta-Lanceira), La Croix-Rouge (a Cruz Vermelha), Les Rouges-Terres (as Terras Vermelhas), Le Nouveau-Monde (o Novo Mundo), Le Pont-Percé (a Ponte Transposta) e Le Pont de Vie (a Ponte da Vida). A «bove» em questão não é mais do que um dos inúmeros subterrâneos devidos à Ordem do Templo nessa região, mas a sua planta é, no mínimo, curiosa, parecendo lembrar a possibilidade de cerimônias secretas com a sua sala em forma de cruz céltica, a sua pequena sala redonda com sete cavidades, as suas passagens do retângulo ao quadrado e ao círculo. Deveremos ver nela um protótipo dos locais secretos dos Templários? É difícil dizê-lo, mas o que é certo é que esses locais não eram construídos assim gratuitamente.

Gnósticos e essênios

Se houve realmente cerimônias secretas no seio da Ordem do Templo, resta-nos perguntar a que doutrina há que as ligar. Na maior parte das vezes, é às crenças gnósticas que se recorre para esse fim. Isto seria bastante lógico, na medida em que a gnose, sob uma ou outra das suas formas, inspirou quase todas as heresias da Idade Média. Ainda por cima, o contato com o Mediterrâneo oriental só podia favorecer o contágio gnóstico.

Os gnósticos tinham forjado as suas doutrinas a partir de um fundo comum bebido nos mitos gregos, egípcios e até babilônicos. A «gnose» era, com efeito, uma tentativa de conhecimento integral do mundo e dos princípios que o regem. Para os seus adeptos, é pela compreensão que o homem tem uma hipótese, por mais ínfima que seja, de aceder à divindade ou, pelo menos, de se aproximar dela. Essa procura do conhecimento deveria conduzir à *Sophia*, a sabedoria. Em geral, os gnósticos pensavam que eram necessárias várias vias para atingir esse estádio e acreditavam na transmigração das almas e na reencarnação. O corpo era, para eles, a prisão da alma, mas, pelas provas sofridas e ultrapassadas quando das vidas sucessivas, cada ser poderia esperar reintegrar um estado primordial.

Se o gnóstico foi sobretudo grego, implantou-se também na Palestina. Os manuscritos descobertos em Qumran e atualmente chamados «manuscritos do mar Morto» informam-nos sobre as crenças dos essênios. Os textos encontrados contam-nos, entre outras, a história do Mestre da Justiça supliciado «sobre um madeiro» pelos judeus. Os fiéis aos quais dera os seus ensinamentos pensavam ser os únicos eleitos por Deus. A sua doutrina baseava-se em livros que remontavam a Moisés (o que nos levaria à Arca da Aliança). Diziam-se «filhos da Luz» e julgavam levar a cabo a luta contra as trevas. Ensinavam o desapego em relação a si próprios e o desprezo pelo ego. A alma deveria ser arrancada ao corpo e às suas contingências e era necessário iniciar esse processo sem demora. O corpo é mau, pensavam eles, não foi Deus quem o criou, mas sim o Demiurgo, divindade secundária criadora, mas também o deus que reinava sobre as forças do mal. Pela criação, o Demiurgo aprisionou as almas na matéria.

Plínio dizia dos essênios: Formavam uma nação sem mulheres, sem amor, sem dinheiro. Este último ponto não teria, por certo, sido conveniente para os Templários.

As bases principais dos essênios encontravam-se em Khirbet Qumran, nas margens do mar Morto, onde foram encontrados os manuscritos, e no Egito, perto do lago Maoris.

A sua influência na Palestina era considerável. São João Baptista foi um deles, esse santo tão amado pelos Templários que lhe consagraram inúmeras capelas. Alguns pretendem mesmo que Cristo era essênio e que era ele que se encontrava designado sob o nome de «Mestre da Justiça».

Em todo o caso, as crenças essênias continuaram a ser veiculadas muito após a época de Cristo, ao mesmo tempo que sofriam diversas influências, como a do hermetismo alexandrino. Os Templários podem perfeitamente ter encontrado restos dessas crenças na Palestina, reforçadas pelas sobrevivências gnósticas especialmente vivas na Grécia, em Constantinopla e em Alexandria.

Os Templários e a gnose: o abraxas

No início do século XIX, o arqueólogo austríaco Hammer-Purgstall falou de quatro estátuas que tinham sido conservadas no museu imperial de Viena. Teriam sido encontradas numas velhas casas da cidade que tinham pertencido aos Templários. Ora, tratava-se de ídolos gnósticos do período decadente. Uma lembrava mais ou menos a representação de um faraó com cornos e uma barba. Mas, na verdade, nada prova estritamente que essas estátuas tenham pertencido aos Templários. Ainda por cima, a investigação sobre as relações entre o Templo e a gnose é difícil de realizar. O termo «Gnose» abrange doutrinas por vezes tão diferentes umas das outras e que, ainda por cima, receberam múltiplas influências cruzadas. Não é fácil descobrir os pontos comuns que existem entre a gnose síria, a egípcia e a asiática.

Infelizmente, isto deixa-nos uma vez mais ao nível das conjecturas. Uma prova do gnosticismo da Ordem foi procurada nos cofres cujos desenhos haviam

sido publicados por Hammer-Purgstall e noutros que se encontravam em poder do duque de Blacas. Foram amplamente comentados, de uma forma bastante sábia, um pouco por todo o lado. Infelizmente, uma vez mais, embora sejam incontestavelmente de inspiração gnóstica, ninguém pode dizer que fossem templários, apesar de um deles ter sido encontrado «apenas a poucos quilômetros de uma comenda», o que não é sequer uma prova.

Muito mais interessante parece ser a utilização do abraxas pelos Templários. Entre os selos da Ordem, há um, com efeito, guardado nos Arquivos Nacionais, onde figura, nitidamente, um abraxas acompanhado pela menção *Secretum Templi.*

Lucien Camy diz-nos:

O abraxas é um símbolo gnóstico e até o símbolo da gnose. É composto por uma personagem cujo corpo está coberto por uma armadura, o busto termina com um vestido curto, donde saem, em vez das duas pernas, duas serpentes, cada uma com duas cabeças. Em geral, a personagem tem na mão esquerda um escudo redondo ou oval, onde estão inscritas as três letras sagradas *I A O* ou *A O I* ou *I A ÔMEGA,* e, na outra mão, um chicote que é o do deus egípcio Amon-Ra, símbolo da firmeza, do governo, do poder, da lei, do império sobre os seres e as coisas, o cetro chicote de Amsu. Esta personagem tem uma cabeça de galo. Esta está voltada para o céu lembrando o canto matinal ao Sol. Tal como o erguer da estrela da manhã, Lúcifer, o galo precede e parece provocar o levantar do Sol. Neste sentido, os Templários talvez tenham visto nele um símbolo que lembrava São João Baptista, precursor e arauto de Cristo.

Este abraxas servia de selo secreto a determinados dignitários do Templo. A cruz da Ordem figurava nele, por cima do ser com cabeça de galo. A curiosa inscrição *Secretum Templi* poderia fazer-nos pensar que este selo era apanágio de um círculo interno da Ordem, aquele precisamente a que estariam reservadas determinadas cerimônias. Todavia, este selo figura num documento de 1214, assinado pelo irmão André de Coulours, recebedor das instalações do Templo em França. Nesse documento, reconhecia que não podia vender sem autorização do rei a floresta que os Templários possuíam entre Senlis e Vemeuil. Não podemos dizer que se tratasse de um texto especialmente hermético. A expressão «selo secreto» pode designar pura e simplesmente um contra-selo, meio de verificação, de identificação. Isso não preclue que os Templários decerto não escolheram ornar o seu «selo secreto» com um abraxas sem uma intenção especial. Podemos pensar que estava realmente ligado a uma hierarquia paralela da Ordem. Aliás, outro selo encontrado nos Arquivos Nacionais por Lucien Camy milita nesse sentido. Trata-se do contra-selo do Priorado secreto da Ordem do Templo como diz a inscrição. Infelizmente muito estragado, não permite reconhecer o que estava representado no centro. Apenas se julga poder distinguir um pássaro debruçado sobre qualquer coisa e mesmo isso está longe de ser uma certeza. De qualquer modo, isto prova a existência de um órgão interno e secreto e confirma os depoimentos de um determinado número de Templários. Esse priorado teria alguma coisa que ver com o misterioso priorado de Sion, ligado à ruptura do Templo em Gisors? É difícil sabê-lo. Mas esclarece-nos quanto à existência de um círculo interno que utilizava

símbolos dos gnósticos.

Entre estes últimos, o abraxas panteísta encontrava-se mais especialmente difundido no seio dos discípulos de Basilide, que operara uma fusão das correntes mitraicas, orientais e celtas da religião nascente. Segundo São Jerônimo, abraxas correspondia ao número místico de Mitra: nos dois casos, o valor numérico das letras adicionadas dava 365, o que fazia dele uma representação cosmológica, interpretação reforçada pela presença de sete estrelas a seu lado.

Ora, o culto heróico de Mitra, que se difundira largamente nas legiões romanas em virtude dos seus aspectos marciais, teria também sido muito conveniente para os monges-soldados do Templo. Apuleio dizia que abraxas e Mitra eram nomes temíveis que tinham o poder de fazer retroceder para a sua fonte as torrentes mais impetuosas, aplacar subitamente as ondas do mar agitado, acalmar de imediato as tempestades mais furiosas, apagar a luz do dia, cobrir com um véu o rosto do astro da noite, fazer cair os astros do firmamento, impedir o dia de nascer ou a noite de terminar, fazer desmoronar-se a abóbada celeste, amolecer a terra, petrificar as fontes, liquefazer as fontes, reanimar os cadáveres, precipitar os deuses nos infernos e transferir da morada dos vivos para a morada dos mortos a luz que ilumina o mundo. Que poder! Convém também lembrar que a tradição dizia que Mitra nascera numa caverna ou numa gruta, onde foi adorado por pastores e recebeu inúmeros presentes. Nos ritos do culto que lhe era prestado, os fiéis comungavam e um texto mitraico dizia:

"Aquele que não comer o meu corpo e não beber o meu sangue, de forma a unificar-se comigo, não será salvo."

Cria-se que o abraxas dava vigilância, poder e sabedoria. Era por isso que a personagem tinha cabeça de galo, símbolo do «despertado», daquele que anuncia a chegada da luz. Pitágoras dizia, nos seus *Versos dourados*: «Alimentem o galo e não o imolem!»

É, aliás, o que faziam os Gauleses. A própria palavra «*coq*» (galo) vem do celta «*kog*», que quer dizer vermelho como a sua crista e as suas carúnculas, vermelho como a aurora que anuncia. Os Templários não desgostavam de representar este galináceo e encontramo-lo no teto da recebedoria de Metz, entre Renart e Ysengrin, o que é tanto mais normal quanto, segundo Paul de Saint-Hilaire, fora um Templário:

[...] o irmão Nivard, o autor da primeiríssima versão do célebre Roman de Renart, o *Ysengrinus*, e que eles próprios se serviam dessa narrativa como código secreto que só deveria ser utilizado em casos extremos. O que fizeram Ricardo Coração de Leão, prisioneiro do imperador quando viajava envergando o hábito de cavaleiro do Templo, e Philippe de Novara. Este último, na sua Gesta dos Cipriotas, mostra-nos como se deveria utilizar. Cercado, em 1229, na torre dos hospitalários, em Chipre, redigiu, para prevenir o senhor de Beirute da sua triste situação e pedir a sua ajuda, um poema segundo o modelo do Roman de Renart em que cada uma das personagens desempenhava o seu próprio papel, representando-se a si próprio sob os traços de Chantecler. Dado que os trovadores estavam autorizados a circular livremente entre um campo e o outro, mandou um deles

decorar o seu texto, encarregando-o de o ir cantar ao senhor de Beirute. Este não teve a menor dificuldade em descodificar a mensagem e armou de imediato uma frota para ir libertar o seu amigo.

Assim, o galo Chantecler, que é capaz de enganar Renart, aparece entre os heróis de um conto templário.

Então, o galo do abraxas templário é uma prova da adesão dos monges-soldados às doutrinas gnósticas? Sem dúvida que não porque o abraxas estava relativamente na moda nessa época e encontramo-lo também nos selos de Margarida da Flandres ou dos condes de Champagne. Serviu também a Routrou, que foi arcebispo de Rouen, cerca de 1175, ou a Marie, dama de La Ferté, ou ainda a Seffried, bispo de Chichester, e até ao rei Luís VII. É verdade que, neste último caso, a razão poderia ser idêntica à da Ordem do Templo. Então, digamos que este elemento acrescenta uma presunção interessante.

Paul de Saint-Hilaire, numa obra bastante interessante dedicada aos selos dos Templários, publicada pelas *Éditions Pardés*, refere também a existência da palavra *abraxas* gravada em cruzes templárias e lembra que mais de um décimo das impressões deixadas pela Ordem do Templo são entalhes gnósticos dos primeiros séculos, recuperados e montados em selos. Foram encontradas sete iniciais do abraxas bem como cinco «discos». Todos figuravam em selos postos em documentos com datas entre 1210 e 1290.

Como poderemos acreditar que essa escolha tenha sido meramente fortuita?

II

OS TEMPLÁRIOS, OS CÁTAROS, O GRAAL E OS SEGREDOS DE SÃO PEDRO

Templários e cátaros

Na Idade Média, os cátaros foram, incontestavelmente, os principais representantes das doutrinas gnósticas no Ocidente. Ora, é notável que o desenvolvimento do catarismo em França tenha ocorrido essencialmente nos locais onde os Templários registaram, desde a criação da Ordem, o seu maior progresso. No Languedoque, é claro, mas também em Champagne, o que é menos conhecido e mais curioso.

É no Mont-Aimé que teremos de procurar os cátaros de Champagne. No cume, erguia-se o castelo da rainha Branca que dominava a pequena aldeia de Bergère-les-Vertus. Não é estranho que, após a derrota de Napoleão I, o czar Alexandre I tenha exigido, apesar de tudo o que lhe foi dito, que se realizasse uma gigantesca revista às tropas vitoriosas - ingleses, prussianos, austríacos e russos - no sopé do Mont-Aimé? Porquê esse lugar estranho? Por que razão essa revista militar foi acompanhada por uma cerimônia religiosa com a instalação de sete altares onde padres oficiaram simultaneamente? O abade Mathieu, que fez algumas investigações a este respeito, estava convencido de que Alexandre I se sentia

herdeiro espiritual dos cátaros. Mas, voltemos à Idade Média.

Anteriormente, o Mont-Aimé chamava-se Montwimer. Um local curioso, sulcado de subterrâneos e que assistiu ao martírio de cento e oitenta e três cátaros queimados a 15 de Maio de 1239. O bispo maniqueu de Hipona, Fortunato, expulso de África por Santo Agostinho, refugiara-se aí no final do século IV. Um cronista do século XIII interessou-se especialmente por ele. Ninguém se espantará ao saber que esse cronista era cisterciense. Chamava-se Alberic de Troisfontaines e o seu mosteiro era uma das primeiras fundações de São Bernardo, situado a cerca de vinte quilômetros de Saint-Dizier.

A presença do bispo maniqueu criara sem dúvida, no local, uma primeira fonte de heresia que não teve a menor dificuldade em despertar quando os cátaros reacenderam o archote no Languedoque. Os primeiros «bons homens» que vieram a Mont-Aimé, talvez para uma espécie de peregrinação, encontraram um terreno favorável e já semeado. Criaram ali o primeiro bispado cátaro do Norte de França. Perseguidos, morreram na fogueira, sendo esse martírio obra de um deles, arrependido e reconvertido na caça aos seus antigos amigos: Robert le Bougre. Teria tanta necessidade de esquecer o seu passado que chegou a emparedar cátaros vivos?

De qualquer modo, os dois grandes lugares de expansão do Templo, na sua origem, foram também as terras privilegiadas do catarismo. Alguns não hesitaram em ver nisso um verdadeiro fenômeno de identidade. Para Jules Loiseleur:

"O templarismo foi apenas um ramo dessa grande cepa cátara que produziu rebentos tão diferentes."

Aliás, os cátaros não pensavam que Cristo não era Deus, mas uma criatura inferior a Deus? Loiseleur acrescenta:

"Toda a vida desse Cristo fantasma não foi mais do que uma aparência. Nem sequer está realmente presente na Ceia Sagrada: a sua cruz, as suas imagens não merecem qualquer veneração."

Assim se encontra explicada a negação de Cristo pelos Templários. Por outro lado, houve quem comparasse o cordão que os monges-soldados usavam ao fio de linho entregue aos cátaros por ocasião do *consolamentum*.

O catarismo e a gnose

É verdade que existem relações evidentes entre o catarismo e o gnosticismo. Isso já não tem de ser demonstrado. Se os Templários tiveram efetivamente contatos com alguns ramos gnósticos no Oriente, a convivência com os cátaros, no Ocidente, pode ter facilitado o contágio.

Sabemos que o catarismo saiu do bogomilismo que, por sua vez, nascera nos mosteiros búlgaros como cristianismo primitivo (e próximo das doutrinas essênias) tornado dualista pelos mitos gnósticos veiculados no Origenismo.

Por ocasião da segunda cruzada, em 1147, um determinado número de ocidentais teria tomado conhecimento, em Constantinopla, da doutrina dualista. Ter-lhes-ia sido transmitida por mercadores gregos que comerciavam regularmente

com os búlgaros e que haviam acabado por se converter ao bogomilismo. Os cruzados teriam trazido essas doutrinas nas suas bagagens. Christine Thouzellier, especialista em catarismo, vê aí uma das fontes da introdução do bogomilismo em França. De qualquer modo, esta doutrina espalhou-se muito rapidamente no Languedoque e, em 1167, assistiu-se a Nicetas, bispo herético de Constantinopla, propagar o dualismo absoluto no concílio de Saint-Félix-de-Caraman, no Lauragais. Para os cátaros, Deus não pode estar ligado à matéria. Situado num plano incomparavelmente mais elevado, não poderia de modo algum estar imiscuído na criação material e na encarnação das almas em corpos de carne. Mesmo assim, para que essas almas pudessem ser salvas, Deus teria criado uma emanação de si próprio para fazer uma ponte entre o céu e a terra: Cristo.

Através do *consolamentum*, os cátaros pensavam dar ao homem a sua alma divina. Maurice Magre, em *La Clef des choses cachées,* escrevia:

"Há um segredo que foi transmitido desde o início do mundo... Esse segredo era a essência do ensinamento que Jesus transmitira. José de Arimateia levara-o consigo por esse mundo, até aos limites mais longínquos do Ocidente."

Ser «perfeito» não era mais do que um estado preparatório. Era pelo *consolamentum* que se recebia a salvação. A essência desse sacramento ficou escondida de nós. Apenas conhecemos as fórmulas do rito e sabemos que incluía uma reunião de homens purificados. O contributo espiritual era transmitido por um perfeito que o recebera ele próprio de acordo com uma cadeia que se julgava ininterrupta. Transmitia essa vida superior de que era depositário. Um beijo era o símbolo da dádiva recebida e esse beijo circulava entre os crentes que estavam presentes, como o sinal visível da corrente de amor que passava de uns para os outros. Para Maurice Magre, o *consolamentum* era «o segredo de Jesus, o espírito do Graal».

Na encarnação de Cristo, os cátaros apenas viam um valor simbólico. Apenas teria ocorrido em imagem, sem realidade carnal, dado que Deus não podia encarnar na matéria. Não fora mais do que o sinal aparente da verdadeira missão de Cristo, que seria efetuada num mundo superior. E isso também podia muito bem estar de acordo com a negação dos Templários. Mas, visto isso, poderemos considerar que o catarismo invadiu a Ordem do Templo?

Os Templários foram cátaros?

Dom Gérard escreve:

"A Ordem do Templo esteve na base do ensino (do catarismo) e da sua propagação, tanto entre o povo como entre os senhores da Occitânia. A sombra da Ordem cobre os perfeitos e os crentes. Bastaria enumerar as comendas da Ordem espalhadas nessa região, lembrar a sua ação no vasto movimento de organização e de conquista da Catalunha, de Aragão, das Espanhas e das Baleares para nos darmos conta da sua presença. Bastaria também lembrarmo-nos de quantos infelizes, perseguidos, encontraram refúgio nas casas do Templo; lembrarmo-nos de qual foi a sua atitude na batalha, mais que não fosse em Montségur com

Bertrand de La Beccalaria, ou em Montrédon, em Carcassonne e em tantos outros locais."

É um fato que Templários e cátaros parecem, por vezes, espantosamente próximos. Quantos elementos de crenças os ligam? É o caso dessa concepção segundo a qual existe um deus mau que, sozinho, criou os seres animados de uma existência material, que preside à sua conservação, que pode favorecer e enriquecer os seus fiéis e que deu à terra a virtude de fazer germinar e florir as árvores e as plantas, expressão que encontramos tanto na investigação referente aos Templários como na realizada por causa dos cátaros. Todavia, se os Templários tinham sido, em termos rigorosos, convertidos ao catarismo, se a sua fé era tão forte como a dos perfeitos da Occitânia, na hora da morte, não teriam sido vistos a reivindicar as suas crenças? Por certo não teriam, depois de colocados sobre a fogueira, reafirmado a ortodoxia e a sua fé numa religião que teriam amaldiçoado, caso fossem cátaros. De qualquer modo, nesse momento, não tinham nada a perder. É sobretudo isto que nos impede de acreditar num Templo inteiramente herético e consciente dessa heresia. Se é inegável que existiu na Ordem um ritual de negação de Cristo, os testemunhos mostram-nos que, pelo menos nos últimos anos, aqueles que o praticavam não sabiam verdadeiramente o que faziam.

Podemos pensar numa simpatia dos Templários pelos cátaros. Podemos pensar numa doutrina própria de um círculo interior suficientemente próximo de determinadas crenças cátaras para que tenha havido trocas, discussões. Podemos pensar em fazer da Ordem do Templo uma espécie de quinta coluna do catarismo na Igreja. É claro que há uma grande distância entre a atitude dos Templários e a de São Bernardo em relação aos cátaros, dado que ele não conseguira convencer as populações da Occitânia e já só pensava numa resolução militar do problema.

Os Templários tiveram muito mais simpatia pelos cátaros e não há dúvida de que sofreram algum contágio. Com efeito, Louis Charbonneau-Lassay faz notar que, nas inscrições murais deixadas pelos dignitários templários em Chinon, podemos reconhecer os instrumentos da paixão de Cristo. Ora, só há três cravos e esta inovação (antes, eram sempre representados quatro) teria sido, segundo ele, introduzida pelos cátaros. Este elemento não tem uma grande importância quanto ao fundo, mas mostra, no entanto, que entre os Templários e os cátaros existiram contatos suficientes para transparecer alguma coisa.

Cátaros no Templo

Até 1136, era proibido receber na Ordem do Templo cavaleiros excomungados. No entanto, a partir dessa data, a regra foi modificada. Daí em diante, a Ordem foi autorizada a receber no seu seio os excomungados bem como todos quantos tivessem cometido pecados graves, com a única reserva de que tivessem manifestado um arrependimento.

O novo texto era muito claro. Alguns viram na modificação da regra um erro de copista mas isso está excluído, dado que, aliás, foram acrescentados outros elementos que iam no mesmo sentido, como a adição da absolvição prévia. Aliás,

logo em 1143, os Templários ingleses inumaram em terra cristã o corpo de Geoffroy de Mandeville, conde de Essex, morto excomungado. Isto permitiu, pois, aos Templários receberem cátaros no seu seio e tanto mais facilmente quanto não haviam mostrado muita pressa em ajudar os barões do norte na sua cruzada contra os Albigenses.

Assim, Pierre de Fenouillet, que foi despojado dos seus bens por ser herético, retirou-se para junto dos templários do Mas-Deu, no Rossilhão. Foi aí enterrado por volta de 1242. Isso não impediu, aliás, os inquisidores de o mandarem exumar, julgar de novo e condenar uma vez mais, postumamente, em 1262. Também Pons III de Vemet, cátaro, se retirou para o Mas-Deu e também ele não teve direito ao descanso que os mortos podem esperar. Os sinistros inquisidores dominicanos mandaram exumar e queimar os seus restos. Referiremos também a família de Aniort. As suas ligações com o catarismo e a resistência dos seus membros contra os barões do norte valeram-lhe muitos dissabores, mas, ao mesmo tempo, contou com muitos dos seus na Ordem do Templo.

Muitos outros cátaros ou simpatizantes foram também Templários. Seria difícil acreditar que isso não possa ter tido qualquer influência na Ordem. Mas há tantas formas de deixar uma marca sem que, desse modo, se converta toda essa instituição a uma heresia. E, lembremos uma vez mais, se os cátaros souberam amiúde dirigir-se para a fogueira cantando e proclamando a sua fé, não vimos nenhum Templário morrer afirmando a sua crença noutra doutrina que não fosse a da Igreja católica.

Não podemos, pois, argumentar uma Ordem do Templo maciçamente convertida à fé cátara, mas antes uma simpatia pelos cavaleiros do Languedoque, que contaram inúmeros parentes e amigos seus na Ordem. Todavia, para além disso, podemos sem dúvida imaginar contatos mais secretos entre o círculo interior do Templo e os cátaros da Occitânia, e isto no quadro daquilo a que convencionou chamar-se a demanda do Graal.

Os Templários e a demanda do Graal

O Graal é, incontestavelmente, um dos elementos que aproximam os cátaros dos Templários. Alguns mitos afirmam que a taça do Graal esteve, pelo menos durante algum tempo, sob a guarda de puros cátaros. Aliás, vemo-la representada no brasão do Sabarthez. Teria inclusive estado guardada em Montségur e, em seguida, «salva» pouco antes da rendição da fortaleza solar. Os desenhos encontrados numa gruta de Montreal de Sos, no Ariège, seriam um testemunho da sua passagem. Ora, essa gruta fica perto de uma casa templária, situada em Capoulet-Junac. Nessa caverna de saída dupla, o Graal aparece acompanhado pela lança, o cepo, uma espada quebrada, cruzes vermelhas e cinco gotas de sangue.

No seu *Parsifal,* cerca de 1200, o trovador Wolfram von Eschenbach fez dos Templários os guardiões do Graal. Dizia estar de posse de toda a história de «Kyot der Provinzal» que teria descoberto em Toledo, num manuscrito. Referia também um pagão chamado Flégétanis que era célebre pelo seu saber. Era da linhagem de

Salomão e teria sido ele a redigir toda a história da demanda do Graal. Vira, nas constelações celestes, mistérios perante cujo pensamento tremia porque neles estava o segredo do Graal que uma hoste de anjos viera depositar na terra.

Ora, o nome de Flégétanis deriva de *Falak-Thani*, designação árabe do segundo céu colocado sob a invocação de Aissa, isto é, de Jesus.

Na obra de Wolfram, que teria sido um templário suábio, o eremita Trevizent diz a Parsifal:

"Valentes cavaleiros têm a sua morada no castelo de Montsalvage, onde se guarda o Graal. São templários que vão muitas vezes cavalgar para longe, em busca de aventuras."

Ainda por cima, situa o castelo do Graal perto da fronteira espanhola. No seu *Titurel*, Wolfram von Eschenbach escreve:

"Entre os cavaleiros do Templo, podemos ver mais de um coração desolado, eles a quem Titurel livrara mais de uma vez de rudes provas quando o seu braço defendia cavaleirescamente o Graal com a ajuda deles."

Wolfram não é o único a imiscuir os Templários nesta demanda, quer seja de forma direta, quer indireta. Robert de Boron, na *Estoire du Graal,* atribui a construção do Templo do Graal a Titurel. Este obtém a ajuda de Merlin, a quem José de Arimateia explicou as plantas do Templo de Salomão. Noutra aventura ligada a este ciclo, o Perlesvax ou Perlevaux, os guardiões do Graal que protegem o seu precioso bem numa ilha, são guerreiros com vida monástica, vestidos com um hábito branco com uma cruz vermelha, tal como os Templários. Igualmente, em *Perceval le Gallois,* José de Arimateia ofereceu a Evelach, o antepassado de Galaad, um escudo branco ornado com uma cruz vermelha. É ainda a cruz vermelha do Templo que figura na vela branca da nave que conduz Parsifal a uma região desconhecida, no romance de Wolfram. Notemos também que, para além de Wolfram, o autor essencial dos romances ligados ao ciclo da Távola Redonda foi Chrétien de Troyes e que a Champagne foi, sem dúvida, o principal local de difusão da literatura do Graal. Daí a vermos uma vez mais a influência templária vai um pequeno passo que devemos poder dar.

Aliás, isso casa perfeitamente com os Templários, porque, manifestamente, o mistério do Graal baseia-se na transmissão de uma iniciação tanto guerreira como espiritual e sacerdotal. Julius Evola escreve:

Está fora de dúvida que, entre as diferentes ordens de cavalaria, a Ordem dos Templários, mais do que qualquer outra, ultrapassou a dupla limitação representada, por um lado, pelo simples ideal guerreiro da cavalaria laica e, por outro, pelo ideal puramente ascético do cristianismo e das suas ordens monásticas, aproximando-se sensivelmente, assim, do tipo da «cavalaria espiritual do Graal». Ademais, a sua doutrina interior tinha um caráter iniciático. Foi por isso que esta Ordem foi especialmente visada e exterminada e, para dizer a verdade, precisamente pela coligação dos representantes dos dois princípios que ultrapassava idealmente: o papa, aliado a um soberano de tipo laico, secularizado e despótico, inimigo da aristocracia - Filipe, o Belo.

O que é certo é que, em 1247, três anos depois da queda de Montségur,

Guillaume de Sonac, Grão-Mestre da Ordem do Templo, fez chegar uma encomenda misteriosa a Henrique III, rei de Inglaterra. Tratava-se de um vaso sobre o qual nada mais sabemos. Será preciso especular que tivesse uma relação com o Graal? De qualquer forma, era suficientemente precioso para ser acompanhado por uma escolta de Templários muito importante.

Os Templários e Cristo

Como explicar, neste quadro, o fato preciso da negação de Cristo pelos Templários? Vimos que, falando com propriedade, eles não haviam abraçado outra fé. Logo, há que considerar que essa negação não deverá, necessariamente, ser tomada à letra.

É difícil acreditar que esse rito tenha existido durante muito tempo no quadro da recepção dos irmãos no Templo. Como seria possível não ter havido neófitos suficientemente horrorizados por um tal ato para o irem denunciar no exterior, levados pelo medo de um castigo eterno? Uma prática maciça desse ato não tem consistência, tanto mais que os postulantes tinham a liberdade de renunciar até ao último momento. Ainda por cima, se o caso tivesse sido esse, perguntamo-nos por que razão oitenta Templários, prisioneiros do Sudão, teriam preferido morrer a abjurar a sua fé?

Muitos irmãos declararam ter negado «com a boca, mas não com o coração» e alguns dizem tê-lo confessado. Parece evidente que isso foi apresentado aos postulantes como uma prova pela qual era preciso passar sem lhe atribuir muita importância, e não como uma negação real. Aliás, foi o que declararam alguns deles. Ademais, tudo isto só é possível se este rito fosse muito tardio, pelo menos no que se refere aos novos recrutas.

Em contrapartida, podemos, sem a menor dúvida, integrá-lo no processo de uma iniciação que seria dada mais tarde e apenas aos irmãos considerados capazes de a receber. Se admitirmos a existência de um círculo interno na Ordem, que perseguia um objetivo mais secreto do que o das cruzadas, e se considerarmos que esse círculo tenha podido abandonar a Ordem oficial, a um determinado momento, poderíamos compreender muito bem que alguns ritos possam ter deixado, com o tempo, de ser compreendidos e aplicados ao nível onde deveriam tê-lo sido.

Quanto a determinados autores, pensaram que os Templários faziam uma distinção entre dois Jesus: o «filho de Deus» e aquele que morre na cruz, que não teriam sido uma mesma e única pessoa.

Louis Charpentier escreve:

"A cruz é um suplício que, na Palestina, é exclusivamente romano. Sabe-se que os judeus lapidavam - se tivessem decidido a condenação à morte de Jesus, tê-lo-iam lapidado, como foi o caso de Estêvão."

E acrescenta:

"Nunca um procurador romano teria condenado um homem por uma razão religiosa, se este não tivesse originado tumultos contra Roma."

Aliás, a inscrição que figurava na cruz com as razões da execução não referia

que Cristo se dizia filho de Deus, mas Rei dos judeus. O homem crucificado teria, pois, sido martirizado por ter querido proclamar-se rei, escarnecendo assim da autoridade romana na Palestina.

A existência de duas personagens diferentes, depois amalgamadas nos textos sagrados, explicaria aliás muitos enigmas. Sem dúvida que isso permitiria compreender por que razão o Cristo que prega que deve estender-se a outra face quando nos batem, que declara que aquele que puxa da espada morrerá pela espada, pode, ao mesmo tempo, desculpar numa parábola (Lucas XIX, 27) um rei que diz: "Tragam-me aqui os meus inimigos que não quiseram ter-me como rei e degolem-nos na minha presença."

É também Cristo que afirma:

"Não penseis que vim trazer a paz à Terra, vim trazer não a paz mas a espada."

Como conciliar: «Honra teu pai e tua mãe e que aquele que amaldiçoar o seu pai seja punido com a morte» e «Vim pôr a divisão entre o filho e o pai».

Parece-nos que é este segundo aspecto de Jesus que pode parecer coerente com o que o Sinédrio diz a Pilatos:

"Eis aquele que encontramos a agitar o nosso povo, a proibir que se pagasse o tributo a César e dizendo-se Cristo, o Rei."

Não iremos emitir qualquer opinião sobre este tema aventureiro mas, de qualquer modo, temos de o analisar, na medida em que um dos segredos dos Templários teria sido, para alguns, a descoberta de documentos que revelavam esta dualidade da personagem de Jesus.

Alguns, entre os quais Robert Ambelain, não hesitam em ver nesta dualidade o sinal de que Cristo tinha um gêmeo. Dois homens: o santo e o rei guerreiro. Entraríamos então no simbolismo da Ordem do Templo, o do monge e do guerreiro, o dos dois homens em cima do mesmo cavalo como mostra o seu selo mais célebre. Esses dois seres que, tal como Castor e Pólux, podem participar alternadamente no mundo celeste e no da matéria, circulando sobre esse eixo do mundo que a sua lança representa e montados num cavalo, animal psicopompo, enquanto o seu escudo ostenta o raio do carbúnculo, uma das formas do jogo que liga o Céu e a Terra.

Se os Templários se inseriam efetivamente nesta lógica, seria compreensível que tenham visto no dualismo dos gnósticos uma abordagem interessante da divindade, mas também que tenham conservado o seu segredo para um círculo interior.

É exato que observamos, nos Evangelhos, a existência de um gêmeo: Tomé, a quem São João chama Dídimo. Ora, em grego, dídimo significa gêmeo. O mais curioso é que Tomé também tem o sentido de gêmeo, que vem do hebreu *taoma*. Tomé não seria um apelido ou um nome, mas sim uma designação. Acrescentemos que algumas passagens do Evangelho de São João podem fazer pensar que Jesus tinha irmãos.

Uma vez mais, o que nos interessa aqui não é a validade destas teses. Bastaria que tivessem sido partilhadas, pouco ou muito, pelos Templários para se tornarem

explicativas de um determinado número de mistérios. Mas digamos também que nada, absolutamente nada, permite afirmar que essas crenças tenham existido mesmo na Ordem do Templo; simplesmente, isso simplificaria a compreensão do enigma templário.

A existência de uma dupla pessoa explicaria também a ambiguidade das relações que alguns julgaram poder discernir entre Jesus e Maria Madalena. Se Cristo é duplo e tem um irmão, se um é santo e o outro não o é... Observemos, de passagem, que os Templários dedicaram inúmeras casas e capelas a Maria Madalena, como, por exemplo, em Provins.

Não ficaremos surpreendidos ao saber que Maria Madalena desempenha um papel importante nos escritos gnósticos fundamentais: a *PistisSophia*, os *Livros do Salvador*, o *Evangelho de Maria*, a *Sophia de Jesus*, o *Evangelho de Filipe*, o *Evangelho de Pedro* e o *Evangelho de Tomé.*

No Evangelho de Filipe, lê-se:

"Cristo amava Madalena mais do que a todos os discípulos. Eles disseram-lhe: «Por que a amas mais do que a nós?» e Jesus respondeu: «Por que não vos amo como a ela?»"

Neste evangelho, Filipe precisa mesmo que Jesus beijava muitas vezes Maria Madalena na boca.

Teriam os Templários conhecimento destes textos gnósticos? No caso afirmativo, que efeito teve isso sobre eles? É impossível dizê-lo. Talvez, um dia, a descoberta de um manuscrito esquecido numa cripta templária... Quem sabe?

São Pedro e as chaves do Templo

De fato, quem detém as chaves do Templo é, sem dúvida, São Pedro. Alguns irmãos da Ordem afirmaram-no, aliás, asseverando que a negação de Cristo era feita para lembrar que também Pedro negara Jesus.

Acompanhemos São Lucas, ao descrever a prisão de Cristo:

Prenderam-no e levaram-no, introduzindo-o na casa do Sumo Sacerdote. Pedro seguia de longe. Tendo eles acendido uma fogueira no meio do pátio, sentaram-se ao redor, e Pedro sentou-se no meio deles. Ora, uma criada viu-o sentado perto do fogo e, encarando-o, disse: «Este também estava em companhia dele!» Ele, porém, negou: «Mulher, eu não o conheço.» Pouco depois, um outro, tendo-o visto, afirmou: «Tu também és um deles!» Mas Pedro declarou: «Homem, não sou.» Decorrida mais ou menos uma hora, outro insistia: «Certamente, este também estava com ele, pois é galileu!» Pedro disse: «Homem, não sei o que dizes!» Imediatamente, enquanto ele ainda falava, o galo cantou, e o Senhor, voltando-se, fixou o olhar em Pedro. Pedro então lembrou-se da palavra que o Senhor lhe dissera: «Antes que o galo cante hoje, tu me terás negado três vezes.» E saindo, chorou amargamente.

Ora, inúmeros Templários afirmaram que lhes era pedido que negassem Cristo três vezes, como São Pedro.

Mas, quem era Pedro? Na verdade, chamava-se Simão, filho de Jonas.

«Pedro» era apenas um apodo.

Nota: Foi nas «grutas de Jortas» que alguns templários se refugiaram, quando da queda da Ordem, para fugirem à detenção. Seria interessante saber se foram eles que deram esse nome às grutas.

Alain Marcillac lembra-nos que Petros, em hebreu, significa «aquele que abre», o que explica que detenha as chaves como atributos. Cristo disse-lhe:

"Tu és Pedro e sobre essa Pedra edificarei a minha Igreja e as portas do Inferno nunca prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos Céus, tudo o que ligares na terra será ligado nos céus e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus."

Existe um evangelho de Pedro particularmente querido da seita gnóstica dos Docetas.

É interessante levantarmos a questão de saber qual era a idéia que se fazia de São Pedro na época dos Templários. Para tal, o melhor é socorrermo-nos de Jacques de Voragine, que escreveu a sua *Lenda Dourada* em meados do século XIII.

Pedro «recebeu do Senhor as chaves do Reino dos Céus», é, portanto, o intermediário sonhado para aceder à iniciação. Segundo São Clemente, São Pedro tinha o hábito de se levantar, todas as manhãs, «ao cantar do galo» para fazer o exame de consciência e chorar abundantemente.

O galo, presente no abraxas, acompanha, aliás, muitas vezes São Pedro, na iconografia.

A propósito de Simão o mágico, Pedro teria dito a Nero:

"Tal como em Jesus Cristo há duas substâncias, a saber, a de Deus e a do homem, também neste mágico se encontram duas substâncias, a do homem e a do diabo."

Acrescentemos que São Pedro esteve envolvido numa cena durante a qual Simão, o mágico, fez mexer a cabeça de um morto. Essa cabeça teria as características de um «*baphomet*»?

Pedro tem a sua festa a 29 de Junho, no signo de Câncer, o signo oposto ao do nascimento de Jesus. Fica nesta terra para cumprir a sua missão depois do desaparecimento de Cristo. Na óptica dos Gêmeos, Castor e Pólux, um está no Céu quando o outro está na Terra. Assim, em relação a Cristo, Pedro faz parte do mundo inverso. Aliás, não foi ele crucificado de cabeça para baixo?

Na data de 29 de Junho, segundo Maurice Guingand, a constelação de Ofloco forma, com a cabeça e a cauda da serpente, aquele conjunto de estrelas a que os antigos chamavam serpentário. Este, que parece brandir duas serpentes, foi assimilado a São Pedro segurando as chaves do Paraíso. Mas, então, como não pensar no abraxas com cabeça de galo que figura no selo secreto da Ordem do Templo e que, ele próprio, segura na mão duas serpentes?

E, depois, Pedro tem um ponto em comum com Maria Madalena. Segundo os textos (incluindo os heterodoxos), são, quer ela, quer ele, as primeiras pessoas com quem Cristo se encontra, depois da sua morte. A cena do encontro é relatada, nomeadamente, no Apocalipse de Pedro, um texto descoberto em Nag-Hammadi. É, sem dúvida, o único ponto comum, na medida em que Pedro não gosta nada de

Maria Madalena e até «detesta a raça das mulheres». Daí que alguns ritos que instituem relações ambíguas entre homens estejam ligados a esta fama de Pedro detestar as mulheres? De qualquer modo, ele figura de chaves na mão, à direita de Cristo, no portal de Vézelay, tendo a seu lado Maria Madalena. Estou consciente de que, para muitos leitores que se interessam pela Ordem do Templo, ouvir falar de São Pedro como uma das chaves essenciais do seu conteúdo iniciático, constitui um espanto. Com efeito, para aqueles que se interessam pelo esoterismo, Pedro não apresenta, de um modo geral, qualquer interesse, ao contrário de João. Disse-se tanto que os Templários eram «Joanistas» que nos tornamos míopes, se não mesmo cegos, na análise dos seus mistérios. Em sentido estrito, nada confirma a idéia de que os Templários teriam podido privilegiar apenas o ensinamento de São João. Dedicaram-lhe um determinado número de capelas, mas muito menos do que se afirmou. Teremos ocasião de voltar a esse ponto. Ademais, o acesso à palavra de São João pode exigir fases preliminares. Finalmente, fazemos mal em desprezar São Pedro que, ao fim e ao cabo, é o detentor das chaves.

Correndo o risco de espantar algumas pessoas, é preciso dizer que os Templários dedicaram inúmeras igrejas e capelas a São Pedro. Ora, na maior parte das vezes, não se trata de lugares como outros quaisquer. É frequente encontrarmo-las a alguns quilômetros de comendas a que estavam ligadas por subterrâneos. Assim, no Lubéron, a quinta de São Pedro, situada perto da aldeola de Puyvert, era uma casa templária. Foram encontradas lá saídas subterrâneas. Na capela, quando das escavações, foram encontrados esqueletos de homens que mediam nitidamente mais de dois metros.

Citemos também, apenas como exemplo, a velha igreja de São Pedro, em Saint-Raphael, com a sua torre dos Templários. Em Saint-Émilion, existe uma igreja monólito muito enigmática quanto à sua decoração de inspiração alquímica. Esse edifício, com as suas galerias subterrâneas, ostenta a cruz da Ordem do Templo. A igreja data da época em que Bertrand de Blanchefort era Grão-Mestre e o seu castelo ficava a menos de quarenta quilômetros de lá. Será por acaso que uma tradição afirma que a capela de São Pedro de Rians possui um esconderijo que abriga arquivos templários de primordial importância? Em Saint-Merri, em Paris, mostra-se muitas vezes um «baphomet» templário que ornamenta o portal. Na verdade, essa estátua é recente, mas isso pouca importância tem porque reina sobre Saint-Merri uma «tradição templária» cuja origem não conhecemos. De qualquer modo, essa igreja chamava-se primitivamente Saint-Pierre-des-Bois, como a comenda templária situada a norte de Sélestat, na Alsácia, e cujas ruínas podemos ver na aldeia de Herrenhofstadt.

Não serviria de nada multiplicar estes exemplos que apenas têm como objetivo mostrar que os Templários nunca desprezaram São Pedro, muito pelo contrário. Mas também é interessante olharmos mais de perto alguns dos locais mais vulgarmente ligados aos «mistérios» da Ordem do Templo.

Assim, que deveremos pensar da capela de Saint-Pierre-aux-Boeufs, perto de Gisors? E que pensar da capela de São Pedro, perto do castelo de Arginy? E da capela da quinta de São Pedro, perto da comenda de Sainte-Eulalie-de-Cemon, no

Larzac? E da abadia de Saint-Pierre-de-Bhagari que é um dos pontos-chave do dispositivo templário do Verdon?

Voltaremos mais pormenorizadamente a alguns dos locais importantes nos últimos capítulos deste livro, que serão dedicados à análise de lugares especiais. Por agora, o que convém reter é que, perto das comendas dos Templários, nomeadamente das mais importantes e das mais carregadas de mistérios, existem quintas e capelas dedicadas a São Pedro, que estavam ligadas a essas comendas por subterrâneos cujos vestígios ainda podemos encontrar com bastante frequência.

Voltemos, por uns instantes, às cerimônias evocadas anteriormente. Não se explicariam melhor se pensássemos que o neófito podia ser conduzido, em primeiro lugar, a uma capela de São Pedro e, depois, levado pelos seus mentores à sala da recepção, passando por um subterrâneo? Lembremo-nos: a cerimônia realizava-se de noite. Antes do canto do galo, tal como São Pedro, o novo cavaleiro do Templo teria negado Cristo três vezes. Então, e só então, ser-lhe-iam dadas as chaves do conhecimento e, tal como São Pedro, deveria preparar o reino de Deus neste mundo.

Se os testemunhos dos irmãos, quando do processo, não foram mais precisos, foi apenas porque, como já dissemos, os ritos já não eram compreendidos. Isto implica que o círculo pensante e iniciático que animava o Templo o abandonara. Perto do final, a Ordem não era mais do que uma casca sem alma, que só funcionava em virtude da inércia. Foi sem dúvida por essa razão que não opôs grande resistência à operação de polícia desencadeada contra ela.

III

O MISTÉRIO DO BAPHOMET

As pretensas práticas obscenas dos Templários

Se acreditarmos nas acusações feitas contra eles, os Templários teriam namorado esse mundo invertido cujo príncipe é o demônio, universo da negação e dos valores virados de pernas para o ar. De um certo modo, enquanto inversão, as acusações de sodomia de que foram alvo ligavam-nos, nas concepções da época, a um culto satânico.

A sodomia como prática corrente entre irmãos da Ordem é uma acusação que foi muitas vezes e abundantemente comentada. A importância que lhe foi atribuída deixaria pensar que alguns a consideravam menos um desvio do que um verdadeiro elemento cultural. Ora, é preciso mesmo assim precisar que a maior parte das confissões foi obtida sob tortura e que nada sugere cerimônias organizadas para aquele fim. Tratava-se de comportamentos individuais em relação aos quais teremos de saber se eram ou não tolerados pela Ordem, e não de uma constante no seio desta. Digamos desde já que, oficialmente, esta prática era castigada com severidade, quando observada. Ademais, a Ordem organizara-se sobretudo de modo a impedir tais atos e, acima de tudo, a não os incentivar. Assim,

quando repousavam nos seus dormitórios, os Templários eram obrigados a conservar bragas e calções. Devia brilhar uma luz durante toda a noite para evitar que, no escuro...

É impressionante que, mesmo sob a tortura, os cavaleiros se tenham recusado a reconhecer esse vício. Muitos deles declararam que, quando da sua recepção na Ordem, essa prática lhes fora referida como permitida.

O irmão Mathieu du Bois-Audemar afirmava:

"Ele [aquele que o recebia] disse-me que se algum calor me incitasse a exercer os meus instintos viris, mandasse deitar um dos irmãos comigo e tivesse comércio carnal com ele; de igual modo, deveria permitir a recíproca aos meus irmãos."

A maior parte testemunhou neste sentido, mas declaravam também nunca o terem feito e não lhes ter sido tal pedido por outros irmãos. Os que confessaram esta prática sob a tortura, desdisseram as suas declarações mal o medo do suplício foi afastado. Assim, Ponsard de Gisy declarou até que a acusação feita à Ordem de «dar licença aos irmãos para se unirem carnalmente (era) falsa» e que só a admitira coagido e obrigado.

Aliás, é curioso verificar que mesmo aqueles que reconheceram alegremente ter negado Cristo se defenderam encarniçadamente da acusação de uranismo. Isso prova até que ponto a sodomia causava horror à maioria deles e, nessas condições, é difícil ver como poderia encontrar-se generalizada no Templo. Sem dúvida que, como em qualquer outra ordem religiosa, alguns se atreveram nesse campo, mas as verdadeiras confissões foram raras e Raoul de Tavernay afirmou, desiludido: «É preciso tolerar isso, em virtude do calor do clima do ultramar.»

Guillaume de Varnage deu uma explicação completamente diferente. Pretendia que esse vício era tolerado, embora sendo contra natura, 'apenas em relação aos mais jovens e isso para que não fossem tentados a frequentar mulheres, no exterior. Teria havido receio de que revelassem, em conversas de almofada, os segredos da Ordem.

Consequências mais pesadas teve a declaração de Guillaume de Giaco, criado do Grão-Mestre. Reconheceu ter satisfeito «uma vez», em Chipre, as necessidades de Jacques de Molay. Hughes de Narsac cobriu o lanço, declarando que Molay tinha costume de o fazer. Todavia, o Grão-Mestre, que confessou quase tudo o que quiseram sob a tortura, nunca aceitou reconhecer esse vício.

Podemos afirmar aqui, sem medo de sermos considerados exagerados, que se ficaram provados alguns casos de uranismo na Ordem do Templo, também devem ter ocorrido entre os Hospitalários e os Teutônicos. No que se refere a estes últimos, basta consultarmos a obra de Henryk Sienkiewicz: *Krzyzacy (A Cruz),* traduzida em francês com o título *Les Chevaliers teutoniques.* Numa cena em que falta de certo a emoção, mas não a precisão, Siegfried, o Grão-Mestre, uma personagem tortuosa e escandalosa, decide discutir o rapto de uma adolescente com o seu protegido: «Depois da saída de Bergow, Siegfried mandou sair também os dois noviços, porque desejava ficar a sós com o irmão Rotgier, que amava com um amor verdadeiramente paternal. Na Ordem, faziam-se inclusive algumas suposições

sobre a origem dessa afeição desmesurada, mas não se sabia muito mais a esse respeito...»

Certamente, porque, quando Rotgier morre num combate homem a homem, Siegfried fica louco de dor e manda ignobilmente torturar Jurand, cuja filha capturou.

Esse amor apaixonado e terrível é mostrado de forma ainda mais nítida em duas cenas do filme admirável que Alexandre Ford realizou, em 1959, a partir da obra de Sienkiewicz. Aí, já não há lugar para dúvidas.

Sem dúvida que houve Templários homossexuais, mas é conveniente não generalizar e, ademais, está perfeitamente fora de questão transformar esse fato num elemento ritual. Ora, a Inquisição e, por vezes, a opinião pública tinham o hábito, na época, de associar as noções de heresia e de desvios sexuais. Assim, o termo *bougre*, que designava os cátaros que seguiam as doutrinas originárias da Bulgária, servia também para indicar que um indivíduo era sodomita.

Daí os inquisidores terem desejado fazer a amálgama em relação aos Templários, foi apenas um passo, tanto mais que, afinal, se baseavam em alguns elementos suspeitos. A homossexualidade era bastante vulgar nos países do Levante e, ao fim e ao cabo, os Templários podiam muito bem ter sido contagiados. Alguns tinham mesmo julgado ver na presença de dois cavaleiros num mesmo cavalo, no selo da Ordem, um sinal equívoco. Mas, sobretudo, havia os beijos recebidos quando da recepção de um novo Templário. O que recebia o neófito, puxava-o geralmente para o lado e pedia-lhe que lhe desse três beijos: no final da espinha dorsal, no umbigo e na boca. Por vezes, era ele que beijava assim o novo recruta.

Fizeram-se muitas perguntas sobre esse rito amplamente reconhecido pelos irmãos, inclusive na ausência de torturas. Não há dúvida de que temos de ver nele um sentido simbólico. No decurso de uma cerimônia iniciática, o beijo na boca podia manifestar a transmissão do sopro e do espiritual. O beijo no umbigo (por vezes no sexo) teria permitido comunicar a força criadora, o ímpeto da vida. Quanto ao terceiro, no ânus, alguns vêem nele o ponto de partida dessa energia a que os místicos orientais chamam *kundalini* e que deve animar, um a um, os *chakras* do ser. É claro que não se trata de deduzir que, devido a isso, os Templários teriam praticado um culto do Extremo Oriente. Mas o seu ritual poderia estar relacionado com descobertas semelhantes relativas à circulação de energias sutis no corpo.

Todavia, como pensa Jean Markale, talvez seja Rabelais quem nos proporciona a melhor hipótese. Para tal, teremos de ver o seu diálogo entre Humevesne e Baisecul, em *Pantagruel*. Jean Markale afirma:

"Em toda a obra de Rabelais existe uma vontade deliberada de insistir no valor dos sopros e, sobretudo, dos sopros de baixo. Os espíritos delicados julgarão que se trata de escatologia, mas, no entanto, deveriam aperceber-se do significado simbólico dos sopros de baixo que provêm do mundo subterrâneo ou, por outras palavras, da mina donde se retira a matéria-prima dos filósofos, aquela que, à força de operações e transformações, se torna a pedra filosofal ou, por outras palavras, a pura luz do espírito."

Se Jean Markale tiver razão, será mesmo no âmbito do simbolismo de um ritual que teremos de inserir esses beijos, mas o mínimo que poderemos dizer, uma vez mais, é que o seu sentido já não era compreendido pelos últimos Templários.

Realidade do baphomet

O artigo 46.º do documento de acusação afirmava:

Que em todas as províncias tinham ídolos, isto é, umas cabeças, algumas com três rostos e outras um só, e que havia algumas que tinham um crânio de homem.

O artigo 47.º precisava:

Que nas assembleias, e sobretudo nos grandes capítulos, adoravam o ídolo como Deus, como seu Salvador, dizendo que aquela cabeça podia salvá-los, que concedia à Ordem todas as riquezas e que fazia florir as árvores e germinar as plantas da terra.

Guillaume Paris pediu aos inquisidores que interrogassem os cavaleiros a esse respeito e, mais precisamente, em relação a um «ídolo que reveste a forma de uma cabeça de homem com uma grande barba».

Efetivamente, alguns Templários testemunharam sobre esse ponto. As suas afirmações não concordam umas com as outras e permitem-nos pensar que não havia uma única cabeça. Uns viram-na com barba, outros julgaram-na esculpida ou afirmaram que se tratava de um simples crânio.

Régnier Larchant pretendia tê-la visto uma dúzia de vezes, «quando dos capítulos; em especial, em Paris, a terça-feira após a última festa de São Pedro e São Paulo». Afirmava:

É uma cabeça, com uma barba. Eles adoram-na, beijam-na e chamam-lhe seu Salvador [...]. Não sei onde é guardada. Tenho a impressão de que é o Grão-Mestre, ou aquele que preside ao capítulo, que a detém em seu poder.

Mais tarde, voltou a afirmar que era em madeira prateada e dourada no exterior e que tinha uma barba ou uma espécie de barba.

Jean Cassanhas, de Toulouse, descreveu-a coberta com uma «espécie de dalmática» e de cobre amarelo. Ouviu que, a tal respeito se falava de demônio, e foi-lhe dito:

Eis um amigo de Deus que conversa com Deus quando quer. Agradecei-lhe por vos ter conduzido a esta Ordem como desejáveis.

Se um a viu de prata, com uma barba, reapareceu dourada no testemunho de Gaucerand de Montpezat para quem ela tinha «a forma barbuda» de um homem, feita com «aspecto de *baffomet*» (*infiguram baffometi*) e que era indispensável para o cavaleiro poder ser salvo.

Jean Taillefer falou de uma figura humana colocada sobre o altar da capela quando da sua recepção e Raymond Rubey diz que se encontrava pintada numa parede, sob a forma de um fresco. Jean du Tour também a viu pintada, mas num

pedaço de madeira, e «adorou-a durante um capítulo, como todos os outros».

Raoul de Gisy contribuiu com alguns pormenores:

Vi a cabeça em sete capítulos diferentes: parece-se com o rosto de um determinado demônio, de um *Maufe*; e, de todas as vezes que punha os olhos nela, um tal terror se apoderava de mim que mal a podia olhar; essa cabeça era adorada nos capítulos.

Noutra ocasião, precisou que essa cabeça fora retirada de um saco.

Fizeram-lhe notar que adorar esse ídolo era uma ação muito má. Respondeu:

Tínhamos feito bem pior ao negarmos Jesus, agora podíamos bem adorar a cabeça.

Mas é evidente que esses Templários que assistiam a um ritual secreto retirado da magia não compreendiam grande coisa do que se passava.

Alguns nunca a tinham visto, «porque não assistiam aos capítulos gerais», como foi o caso de Mathieu de Bois-Audemar e Pierre de Torteville. Outros nem sequer tinham ouvido falar dela, como Geoffroy de Gonneville.

Guillaume de Herblay declarou:

Quanto à cabeça, vi-a quando dos dois capítulos realizados pelo irmão Hugues de Pairaud, visitador de França. Vi os irmãos adorarem-na. Eu, fingia adorá-la também; mas nunca com o coração. Penso que é de madeira, prateada e dourada no exterior [...], tem uma barba ou uma espécie de barba.

Hugues de Pairaud confirmou:

Vi-a, segurei-a e apalpei-a em Montpellier, quando dum capítulo, e adorei-a bem como todos os irmãos presentes [...]. Deixei-a ao irmão Pierre Alemandin, recebedor do Templo de Montpellier, mas ignoro se os homens do rei a encontraram. Essa cabeça tinha quatro pés, dois à frente, dois atrás.

Para o irmão Barthélémy Boucher, parecia uma cabeça de Templário, «com um casco, uma barba branca e comprida». André Armani viu nela três rostos, outro só lhe atribuiu dois. Um contou a outro que era a cabeça de uma das onze mil virgens, mas este não acreditou, dado que a cabeça tinha barba num dos lados e apresentava um aspecto aterrador, observação que, aliás, aparece frequentemente. Era adorada gritando «Y, Allah!», tal como os muçulmanos. Guillaume de Bos viu-a em madeira, de cor branca e negra como o estandarte do Templo. Arnaud de Sabatier pensava também que fosse em madeira.

A um cavaleiro do Sul de França, Diodat Jaffet, deparou-se uma cabeça que o recebedor lhe mostrava. Tinha três rostos. Haviam-lhe dito: «Deves adorar isto como o teu Salvador e o Salvador do Templo» e o recebedor acrescentara: «Bendito seja aquele que salvará a minha alma.»

Petrus Valentini que, no entanto, era apenas irmão servidor, teria visto três vezes o ídolo quando da sua recepção, em Santa Marie i Capita e em Castro Araldi. Em cada uma dessas vezes, os irmãos veneravam a cabeça como Deus porque ela dava à Ordem a sua riqueza e tinha o poder de salvar. A mostrada em Castro Araldi é, além disso, descrita por Vivolus como branca, com o rosto de um homem.

Bernard de Selgues afirmava que a cabeça era conservada em Montpellier, que estava ligada ao diabo e aparecia, por vezes, sob a forma de um gato que lhes

falava.

Nota: Alguns pensam que um *baphomet* estaria escondido numa das casas que a Ordem possuía perto de Montpellier em Mauguio, em Castries, Saint-Christol ou Fabrègues.

Foi também sob a imagem de um gato (e de uma mulher) que Bertrand de Sylva viu o ídolo, mas Eudes Baudry referiu um porco em bronze. Para outros, foi um bezerro. De qualquer modo, a sua vinda era a promessa de searas abundantes, de dinheiro, de ouro, de saúde e de toda a espécie de bens temporais.

As práticas que acompanhavam as aparições da cabeça também não pareciam ser uniformes. Com o capuz tirado, os irmãos beijavam o ídolo como se beijam as relíquias e diziam-lhe: «Deus adjura-me». Depois, estendiam-se por terra para o adorar. «Adorai esta cabeça, é o vosso Deus, é o vosso Mahomet», diziam alguns, e comparavam-na a uma velha múmia «com os olhos brilhantes como a claridade do céu», como «pedras preciosas que iluminavam o capítulo».

Eis muitos elementos díspares, mas alguns podem explicar-se. Em primeiro lugar, houve manifestamente várias cabeças. Por outro lado, notamos alguns pontos que parecem regularmente: o metal ou a madeira e, diremos, sobretudo, os dois associados. Há também a pilosidade. Quando acontece a cabeça não ser barbuda, é porque tem dois rostos, um dos quais é glabro. Notemos também que ela conversa com Deus, que traz a riqueza como um corno da abundância e que aqueles que olham o seu rosto ficam aterrorizados com ele.

Baphomets verdadeiros e falsos

Os inquisidores procuraram encontrar essas misteriosas cabeças. A 11 de Maio de 1307, a comissão convocou Guillaume Pidoye, administrador e guardião dos bens do Templo e, a esse título, detentor das relíquias e cofres que as continham confiscados quando da prisão dos Templários, em Paris. Foi-lhe pedido, bem como aos seus colegas Guillaume de Gisors e Raynier Bourdon, que apresentassem aos comissários todas as figuras de metal e madeira que pudessem encontrar. Apenas havia uma passível de apresentar interesse no quadro da investigação. Tratava-se de um busto de mulher, dourado, uma espécie de relicário que continha um crânio, envolvido num «sudário vermelho» e que tinha uma etiqueta com a inscrição «*CAPUT LVIII M*» (cabeça 58 m). Estamos longe das descrições do *baphomet*, embora possamos relacionar esse crânio com a figura feminina de que falou o cavaleiro Girald de Marsac. Aquele que o recebera na Ordem tê-la-ia retirado de debaixo das suas roupas dizendo-lhe para confiar nela, para tudo correr bem.

A *Chronique de Saint-Denis* refere um curioso objeto encontrado no Templo de Paris, «um velho pedaço de pele, que parecia embalsamado, como um tecido brilhante, e que tinha nas suas órbitas carbúnculos brilhantes como a luz do Paraíso». Eis algo que nos lembra qualquer coisa mas, tirando isso, não temos muito de concreto para ferrar o dente.

Geralmente, as obras dedicadas ao Templo têm por hábito representar o

baphomet como um diabinho barbudo e hermafrodita. Os seus seios de mulher, o seu sexo viril e as suas asas membranosas de morcego tornaram-se indissociáveis do termo *baphomet* e, todavia, isso não tem estritamente nada que ver com o pouco que sabemos, graças aos testemunhos.

Esta descrição imaginária é produto de uma assimilação. Os ocultistas do século passado decidiram, baseando-se ou não em algumas tradições, que o pequeno demônio que ornamenta o portal da igreja de Saint-Merri, perto da torre de Santiago, em Paris, não era mais do que um autêntico *baphomet* templário. Seria por o local ficar perto do antigo recinto do Templo que foi tomada essa decisão?

De qualquer modo, trata-se de um pequeno demônio esculpido, com trinta centímetros de altura, que se encontra no local reservado normalmente ao Cristo em glória: o cimo do portal central. Infelizmente, a igreja de Saint-Merri, tal como a podemos ver, apenas data do século XVI. Foi construída entre 1530 e 1621, aumentada em 1743 e restaurada em 1842. Bem precisava disso, porque os revolucionários a haviam transformado, sucessivamente, em «Templo do comércio» e em «Templo teofilantrópico», antes de a devolverem ao culto católico, em 1803. As diversas campanhas de obras são, de qualquer modo, demasiado recentes para a estatueta poder ter sido um verdadeiro *baphomet*. Ademais, o clero local afirma que essa estatueta data apenas do início do século XIX, época em que tomou o lugar dum Iavé primitivo. Para outros, o *baphomet* seria «autêntico», mas colocado tardiamente.

Em 1870, a pedido do ministro das Belas-Artes, o Sr. de Ronchaud fez uma descrição pormenorizada do edifício, para o inventário geral das riquezas nacionais: Em 1842, colocou-se sob o dossel da arquivolta dupla uma fila dupla de estatuetas representando personagens sentadas. Essas estatuetas são provenientes de moldes retirados da decoração da porta meridional do transepto da Notre-Dame. São obras do século XVIII. O pequeno demônio que se vê na ponta, num lugar normalmente reservado à imagem de Deus, também é um restauro.

O diabinho do portal de Saint-Merri pode muito bem ser descrito por todos como um autêntico *baphomet*, mas nem por isso corresponde aos testemunhos recolhidos quando do processo. Com efeito, trata-se sempre de uma cabeça e apenas de uma cabeça. A assimilação provém, com efeito, dos pseudo-cofres templários que pertenceram ao duque de Blacas e nos quais se podia ver uma personagem hermafrodita. Foi, sem dúvida, a atribuição precipitada desses cofres ao Templo que fez que se tomasse o diabinho por uma representação do *baphomet*. Ao fim e ao cabo, o único ponto comum é o nosso diabinho ter a cabeça de um diabo barbudo. É pouco.

Mas talvez existam outras imagens do *baphomet*. Assim, em Saint-Bris-les-Vineux, no Yonne, identificou-se por vezes uma cabeça *baphomética* esculpida. Também não ornamenta a comenda templária, de que, aliás, não resta muito, mas uma casa que pertenceu à Ordem e que foi transformada no correio da aldeia. Representa uma cabeça com chifres, a boca aberta, aparentemente barbuda. Um fato a assinalar: apresenta alguma semelhança com o pequeno demônio de Saint-Merri. Ora, muito perto, havia uma comenda: em Merry.

Em Barbezières, na Charente, a comenda só conservou a capela. No século XV, os edifícios de habitação deram lugar a um castelo. No segundo andar, colocou-se uma «tapeçaria de pedra», conjunto de inscrições recuperadas no local.

Alain Lameyre refere:

O feliz eleito que souber decifrar a mensagem secreta para onde remetem estes sinais terá acesso ao tesouro escondido da Ordem. Um *baphomet* vermelho e dourado teria sido identificado graças ao exame com raios X. A chapa foi conservada por um professor de Bourges que não hesita em afirmar que, para além do seu valor simbólico e iniciático, esse *baphomet* representaria o plano dos subterrâneos da antiga comenda. A figura geométrica que esse símbolo permite pôr em evidência é um *x*, em cujo centro se encontra um ponto de ouro característico; esse ponto indicaria a localização da cripta onde estaria escondido o tesouro.

Um *x*, como a forma sugerida pelas pernas do demônio de Saint-Merri. Mesmo assim, isso deixa-nos mais do que cépticos.

Em Salers, no Cantal, existe ainda uma casa templária que servia de muda na estrada de peregrinação para Santiago de Compostela. Agora é uma escola. Apesar das reformas realizadas no Renascimento, conservou alguns elementos que datam do século XII. Sigamos a descrição que dela faz Annette Lauras-Pourrat:

Logo à entrada, à esquerda da abóbada, o arco parte de uma coluna simplesmente estilizada; à direita, a espessa porta de madeira pregueada dissimula uma figura estranha: os olhos erguidos em direção às têmporas têm algo de oriental; o queixo é desenhado, apesar da barba que o ornamenta; os cabelos muito compridos, abundantes, femininos, estão cingidos por uma coroa de folhagem. [...] Esta figura enigmática simboliza o andrógino. De cada lado, duas colunas estão guarnecidas com leões esculpidos, com cabeça humana e coroada: o leão de Judá e o leão de David. Os medalhões das quatro chaves da abóbada são todos diferentes. O primeiro é uma simples cruz templária. O segundo medalhão é uma rosa sobre uma espécie de trevo de quatro folhas (símbolo de São João) guarnecida com umas letras tão misteriosas que o enigma ainda não foi decifrado. O terceiro representa a rosa no octópode, rosa de 14 partes (8 x 3) com a evocação da cruz templária, no centro. Por fim, o quarto medalhão lembra o rosto da porta, com olhos amendoados, uma barba que se diria arranjada como a dos faraós egípcios; uma madeixa de cabelos que se parece muito com uma chama parte do alto da cabeça e abre-se em leque. Esta figura simbolizaria o ser que capta as correntes telúricas e, ao mesmo tempo, as correntes espirituais.

Teremos de ver nesta cabeça com barba a de um *baphomet*? A relação com o mundo vegetal poderia levar-nos a isso.

Lembremos também a escultura de uma figura em oração que ornamenta a parede da igreja de Roth, nas Ardenas belgas. Podia representar o enigmático ídolo. Outra imagem interessante: aquela que figura em inscrição na misteriosa pirâmide de Falicon, por cima de Nice. A cabeça desenhada é muito semelhante à de Saint-Bris-le-Vineux. Ora, a pirâmide de Falicon estava ligada por subterrâneos a uma casa templária.

Em Provins, um *baphomet* barbudo, alado, cornudo e hermafrodita, teria

decorado o cimo do pórtico da igreja de Santa Cruz, construída por Thibaud IV de Champagne, depois de ter trazido das cruzadas um fragmento da vera cruz. Mas esse *baphomet* apenas teria sido colocado muito mais tarde e seria grandemente posterior à queda da Ordem.

Deveremos detectar uma alusão ao *baphomet* na igreja da comenda de Charrière, em Saint-Moreil, no Creuse? Aí, havia dez cabeças esculpidas. As da nave mostravam cavaleiros com capacetes e imberbes e as do coro apresentavam o rosto enquadrado por uma abundante pilosidade. Refiramos, de passagem (voltaremos a este ponto), que esta igreja era dedicada a São João Baptista antes de ser dedicada a Santa Clara, essa Clara que tem mais relação com a clara fonte do que com a amiga de São Francisco de Assis.

Talvez seja também um *baphomet* que decora a chave da abóbada da capela de Nossa Senhora da Piedade, perto de Sainte-Eulalie-de-Cemon.

Em 1951, encontrou-se numa comenda templária de Somerset, em Inglaterra, um fresco que foi dependurado na pequena igreja de Templecombe. Nele, vê-se a cabeça de um homem barbudo, em tamanho natural. O rosto parece aquele que geralmente se atribui a Cristo. Segundo Séverin Batfroi, esta cabeça seria idêntica à do Sudário de Turim e o *baphomet* seria apenas uma reprodução do rosto do Santo Sudário. Na mesma ordem de idéias, Jean-Gaston Bardet pensa que os Templários possuíram o Santo Sudário, pano cujo paradeiro se desconhece entre 1207 e 1353. Isso explicaria, segundo ele, que tenha reaparecido entre os cônegos de Lirey, a vinte quilômetros da Floresta do Oriente, que foi um dos berços da Ordem. Se essa hipótese fosse correta, como explicar que os Templários tenham negado Cristo? Bardet pretende precisamente que eles esconderam o sudário que provava a existência desse Cristo que negavam. Mas, então, por que razão teriam espalhado a imagem por meio do *baphomet*? Tudo isso estaria desprovido de lógica. E mesmo que pensemos que a negação não era mais que a evocação de São Pedro, custa-nos a ver por que razão os Templários teriam escondido uma tal relíquia.

O que as representações do *baphomet* podem ensinar-nos talvez o encontremos na etimologia deste termo.

Hipóteses etimológicas referentes ao baphomet

Foram apresentadas várias hipóteses a este respeito mas, de qualquer modo, é preciso ser-se prudente porque foram dadas várias formas diferentes a este termo, tais como *bafumet, bahomet, bahumet*.

Poderíamos ver aí uma transformação da palavra *baphé,* que significa *baptismo* em grego, e de *meteos, iniciação*. Esta fórmula deveria, talvez, ser relacionada com o baptismo de fogo dos gnósticos, manifestação renovada da descida de línguas de fogo sobre a cabeça dos apóstolos.

Disse-se também que se tratava de uma deformação de *Mahomet.* Era o que afirmava, no século XIX, Sylvestre de Sacy que teria descoberto, num glossário do século XVIII, o termo *bohomerid*, que significava *mesquita*. A hipótese não procede, se nos lembrarmos de que o Islã proíbe a representação humana.

Hammer-Purgstall julgava que a palavra estava ligada ao árabe *bahoumid*, que designa o *vitelo*, mas ninguém sabe onde teria encontrado esse termo.

Jean-Louis Bernard vê nela um derivado da associação dos nomes de dois deuses egípcios: *Phtah e Sekhmet.* E Gérard de Sède encontra no *Bapheus* mete a tradução de tintureiro da lua, isto é, alquimista.

Para Victor-Émile Michelet, tratava-se da abreviatura da expressão *Templi Omnium Hominum Pacis Abbas* lida, cabalisticamente, da direita para a esquerda e retendo apenas as letras que bem se quer. A partir daí, podemos demonstrar o que quisermos. Pouco convincente também a hipótese complementar que utiliza *TEM* (parcela) *OPH* (serpente) e *AB* (pai) ou seja, parte da serpente das origens.

Para Jacques Breyer, *baphomet* é *oubah-phoumet,* a boca do pai. Pensou-se também no porto de Chipre: *Bapho*, onde os Templários se instalaram. Nesse local houve, na antiguidade, um templo dedicado a Astarté. Aí, a deusa era adorada sob a forma de uma pedra negra e sacrificavam-se-lhe crianças, como ao deus Baal. Albert Ollivier imagina que os Templários talvez tenham trazido uma cabeça de Chipre ou ossos que, depois, teriam pretendido ligar ao culto de Astarté. Tudo é possível e o contrário também. Foram avançadas muitas outras hipóteses que não são verdadeiramente dignas de crédito.

Diga-se, de passagem, que todas estas interpretações talvez não passem de elucubrações porque o termo *baphomet* não é, sem dúvida, o nome verdadeiro daquele objeto a que os Templários nunca atribuíram um nome, nos seus depoimentos. Apenas falavam em cabeça e ídolo. Poderia tratar-se de uma má interpretação da declaração do irmão que vira uma cabeça maomética, isto é, para ele pura e simplesmente demoníaca. Com efeito, tudo parece ter-se originado no depoimento de Gaucerand de Montpezat que se acusou de ter adorado uma imagem *baffomética*, termo derivado de *Mahomet*, em provençal. Aliás, em 1265, o trovador Olivier Le Templier escrevia em *Ira et dolor*:

[os turcos] sabem que cada dia nos humilharão, porque Deus dorme, quando velava outrora, e *baphomet* manifesta o seu poder e faz resplandecer o sultão do Egito.

Acrescentava:

Nenhum homem que acredite em Jesus Cristo ficará mais, se puder, neste país, do Mosteiro de Santa Maria farão a *bafomerie*.

Designava assim a mesquita.

São João Baptista no centro do enigma

Logo, segundo parece, o termo *baphomet* não deverá ser associado à cabeça adorada em alguns capítulos. Mesmo assim, a todo o custo, iremos tentar encontrar uma última explicação etimológica. Na verdade, alguns quiseram ver nesse termo a associação de São João Baptista a Mahomet sob a forma *Baptiste-Mahomet.*

A chave do enigma poderia encontrar-se na aldeia de Anzeghem, na Flandres, entre Audenaerde e Courtrai. Aí encontra-se uma velha igreja templária dedicada a São João Baptista. Sobre o altar da direita está exposta uma cabeça de

madeira, muito antiga, com barba e um cabo que se enfia na nuca para a apresentar à veneração dos fiéis. Na verdade, trata-se de um relicário que contém um fragmento do crânio de São João Baptista, uma das personagens mais veneradas pelos Templários. Eis, por fim, algo que corresponderia muito bem às cabeças barbudas descritas por estes últimos, pelo menos nitidamente melhor do que o diabinho de Saint-Merri, em Paris.

Isso coincidiria até perfeitamente se nos lembrarmos do que Maurice Magre escreveu em *Jean de Fodoast*. Contava como os Templários e os Cavaleiros Teutônicos, que se batiam contra os Mongóis, viram estes quase vencidos, dispersados, juntarem-se de repente, contra-atacarem e vencerem, após terem visto, brandida no meio deles na ponta de uma estaca, a imagem de uma cabeça barbuda com um aspecto horrível. Maurice Magre conta-nos que esta tradição foi relatada por Henrique da Silésia que participou na batalha. Teria sido um *baphomet* capturado aos Templários que decidira a vitória dos Mongóis e a derrota do Templo? E essa estaca não nos faz pensar no cabo fixado na nuca do relicário de Anzeghem?

Maurice Magre acrescentava:

Seria provável que os grandes conquistadores, aqueles que têm um domínio sobre os povos do universo, fossem homens que se serviram da magia e canalizaram as forças do mundo em seu proveito, por meio de signos.

Ora, para o Templário Bartholomée Rocherii, a cabeça do *baphomet* devia ser invocada em caso de perigo. Era capaz de salvar.

Mas voltemos a São João Baptista de que a cabeça de Anzeghem contém uma relíquia. Os Templários prestaram-lhe um verdadeiro culto. Por um lado, dedicaram-lhe inúmeras igrejas e capelas mas, ainda por cima, utilizaram muito um símbolo que o ligava a Cristo: o cordeiro. Não é raro encontrarmos cruzes templárias ornamentadas com esse cordeiro portador de uma bandeira onde figura, com ênfase, a cruz da Ordem. Esse símbolo enfeita também, por vezes, as chaves das abóbadas das suas igrejas. Assim o encontramos na da comenda de Brélevennez, nas Côtes d'Amior. O cordeiro associado à cruz do Templo encontra-se também em Jouers, perto de Accous, nos Pirenéus Atlânticos, com cabeças cortadas esculpidas - cabeças com barba, uma das quais se pensa ser a de Abraão.

O *Agnus Dei* figura mais de dezessete vezes nos lacres de selos templários e foi encontrado oito vezes em escudos partidos em pala que correspondem a um período bastante longo, dado que se estende de 1160 a 1304.

Ora, São João Baptista insere-se, e isso é fundamental, na velha tradição do culto das cabeças cortadas. Foi decapitado em Maqueronte, na Arábia. Herodíades mandou transportar a sua cabeça para Jerusalém e mandou-a enterrar, com cuidado, perto da casa de Herodes, temendo que o profeta ressuscitasse se a sua cabeça fosse inumada com o corpo, segundo relata Jacques de Voragine na sua *Lenda Dourada*. O corpo teria sido enterrado em Sebasta, por discípulos fiéis. Em 362, o imperador Juliano mandou-o exumar e queimar. Ora, a tradição conta que, em 453, sob Marciano, São João revelou a dois monges de Jerusalém a localização da sua cabeça e estes dirigiram-se rapidamente ao palácio que pertencera a Herodes. Aí encontraram, seguindo as instruções do santo, a sua preciosa cabeça, envolvida

em sacos de pele de cabra provenientes, sem dúvida, das roupas que o baptista usava no deserto. Mas a relíquia desapareceu de novo, roubada por um oleiro que fugiu para Emesa. Muito mais tarde, o próprio São João Baptista interveio de novo junto de um monge, para a sua cabeça ser encontrada. O saco foi desenterrado e a relíquia trazida para Constantinopla. Ou, pelo menos, foi o que se tentou fazer, porque a cabeça não quis saber disso e recusou-se a prolongar a viagem para além de um local situado perto de Calcedônia. Todavia, após um longo período de descanso, a relíquia deixou-se transportar para Constantinopla. Um cônego de Amiens, chamado Wallon de Sarton, encontrou-a aí, em 1204. Tal como o Graal, estava engastada num prato de prata. Trouxe-a para Amiens, depois de ter vendido o prato para pagar a viagem.

Ora, se o selo do Mestre de Inglaterra ostentava um *Agnus-Dei*, o seu contra-selo estava ornamentado com a cabeça cortada de São João Baptista com a inscrição: Sou o garante do cordeiro. Essa cabeça barbuda, hirsuta e um pouco horripilante, ora apresentada de perfil, ora sobre o prato de Salomé, encontra-se em pelo menos sete lacres descobertos em Inglaterra, em Itália, na Alemanha e em França. Cabeça cortada e barbuda, que pode exprimir terror, eis algo que se parece muito com o *baphomet*.

A cabeça de São João Baptista tinha poderes estranhos. Com efeito, Herodíades, que pedira a sua filha Salomé que obtivesse de Herodes a cabeça desse santo que repelia as suas propostas, morreu em condições bizarras. A lenda afirma que, segurando entre as mãos a cabeça cortada do Baptista, a teria insultado. A cabeça ter-se-ia animado, soprando-lhe para o rosto, e Herodíades morrera de imediato. Outras lendas narram versões diferentes.

São João Baptista aparece assim como uma figura bastante semelhante a Orfeu, no quadro do culto das cabeças cortadas. Orfeu foi morto por mulheres da Trácia que não lhe perdoavam não se interessar por elas. A sua cabeça, cortada, tornou-se um objeto de culto; quando interrogada, fornecia oráculos. Como lembra Raymonde Reznikov, o mesmo aconteceu com a cabeça do celta Bran, o Abençoado, talismã protetor e símbolo de ressurreição. Bran fora ferido numa perna por uma lança envenenada, episódio que não deixa de estar relacionado com a história do Rei Pescador, na demanda do Graal. Mandou que os seus companheiros lhe cortassem a cabeça e fossem enterrá-la em Gwynn Vrynn, a colina branca, em Londres. Essa cabeça converteu-se então num símbolo de imortalidade e num poderoso talismã, fonte de proteção, de vida, de vitória e de riqueza. A cabeça de Bran, o Abençoado, desempenhou um papel quase semelhante ao do Graal. Não veremos, pois, aqui o nosso *baphomet* que trazia riqueza, dava a vitória e vida, fazia florir as árvores e germinar as plantas? Poderíamos lembrar também a história de Cuchulain, cuja cabeça foi cortada por Lug. A «cabeça» do herói irlandês foi enterrada em Tara, centro político e religioso donde os reis da Irlanda retiravam os seus poderes mágicos. Logo, esta cabeça também era protetora.

Na versão primitiva galesa utilizada por Chrétien de Troyes para escrever o seu *Perceval le Gallois* ou *Le conte du Graal*, ocorre uma cena que tem alguma relação

com a nossa tese. Em casa do Rei Pescador, no castelo do Graal, dois homens entram na câmara. Trazem uma grande lança donde escorrem, até ao chão, três ribeiros de sangue. Seguem-nos duas donzelas com um grande prato sobre o qual uma cabeça humana deixa escorrer, lentamente, sangue. No seu romance, Chrétien contenta-se com deixar ver a Perceval já não uma cabeça, mas a taça do Graal.

No relato francês de Perlesvaux, Lancelote encontra o cavaleiro do escudo verde que lhe mostra um local extremamente perigoso por onde vai ter de passar: o Castelo das Barbas. Aí, todos os cavaleiros têm de abandonar as suas barbas ou bater-se para as conservar. Quando Lancelote chega ao castelo, vê o portal de acesso todo coberto de barbas e de um grande número de cabeças cortadas de cavaleiros. Lancelote livra-se dos que o atacam. No dia seguinte, ainda tem de cortar a cabeça de um gigante para salvar a sua vida, mas tem de voltar um ano mais tarde para que a sua própria cabeça seja cortada pelo mesmo gigante que se foi embora com a sua cabeça debaixo do braço. Jean Markale refere que a mesma história se encontra numa narrativa irlandesa muito anterior, o *festim de Brierin*, cujo herói é o célebre guerreiro Chuchulain. Este «jogo do decapitado», como lhe chamam, com um simulacro de decapitação, e está relacionado com um tema bem conhecido na hagiografia cristã: os santos cefalóforos (que transportam a sua cabeça depois de uma agressão) do tipo de São Dinis, em França; de São Térmeur e Santa Tryphine, na Bretanha; ou de São Mitre, na Provença.

A cabeça de São João Baptista, cortada a pedido de Herodíades, integra-se bem no mito. E, depois, Cristo não morreu no Gólgota, o «monte do Crânio» de Adão? Não foi aí que o sangue precioso foi recolhido na taça do Graal?

Quanto ao crânio, evoca, nas tradições iniciáticas, a caverna que ilumina o olho do Mundo. O *tumulus calco*, o calvário, o Gólgota é o «crânio» e ostentará o sinal da Redenção.

A cabeça de Medusa, cortada por Perseu, petrifica aquele que a contempla e Atena possuía, em efígie, no seu escudo. Na mitologia escandinava, é a cabeça de Mimir que serve de oráculo a Odin, na fonte, e ornamenta o escudo dos seus guerreiros.

Em certos aspectos, o *baphomet* pode levar-nos a pensar em Janus. Jovem e velho ao mesmo tempo, é representado pelos romanos com dois rostos, um glabro e o outro barbudo. Um olhava para o passado e o outro para o futuro. Janus deu o seu nome ao nosso mês de Janeiro, que inicia o ano depois do renascimento do Sol, no solstício do Inverno. Presidia também aos empreendimentos propícios e o seu nome deve ser ligado ao de João, esse Ioan que atravessa o tempo e os mitos de origens diversas. Também se coaduna bastante bem com a dualidade aparente dos dois cavaleiros templários em cima do mesmo cavalo. Janus bifrons, como duas vezes João, o baptista e o evangelista, o do solstício do Verão e o do solstício do Inverno, dois santos quase gêmeos. Janus do passado e Janus do futuro, João o precursor e João que deve regressar com o regresso de Cristo. Janus ou João Baptista, não há grande diferença no plano simbólico, mas precisamos de reter esta ligação importante com o culto das cabeças cortadas, porque iremos ter ocasião de o confirmar.

Quanto a Daniel Réju, conta-nos uma história muito estranha. No final do século passado, descobriu-se, na ilha de Sein, uma gruta escavada pelos druidas, em frente ao mar e acessível apenas por barco. Ao que parece, as sacerdotisas celtas concediam aí os seus oráculos. Fez-se lá uma curiosa descoberta:

Tratava-se de uma estatueta de madeira negra cujo braço direito (a que faltava a mão) se erguia para o céu, enquanto a esquerda pendia ao longo do corpo. A estatueta tinha uma cabeça desproporcionada, com dois grandes buracos redondos no local dos olhos, uma barba triangular feita com cinco traços verticais, um par de cornos e um peito de mulher. E, entre os dois seios, em relevo, via-se uma cruz do Templo, de bom talhe e bem visível.

Essa estatueta desapareceu. Confiada a um padre de Côtes d'Armor, foi-lhe roubada pouco depois.

Nesta descrição, há bastantes pontos de semelhança com o *baphomet*. E alguns que fazem pensar em Isis-Astarté, ou então em Ishtar que, na Fenícia, se chamava Baalit. Os cornos em forma de crescente deviam ser associados então ao simbolismo lunar. E Réjus faz notar até que ponto o crescente se encontra, amiúde, no caminho dos Templários:

Ainda mais espantoso, esses locais concentram-se num eixo Gisors (os Croissants-de-Gisors) - Nogent-le-Rotrou - Bellême - Angers, por um lado, e em diversas províncias que se encontram entre as mais marcadas pela tradição céltica, Normandia, Ile-de-France, Pays de Loire e Bretanha, por outro.

Celta ou oriental, a origem pouca importância tem a partir do momento em que se insere numa tradição universal. A cabeça cortada do baptista apresenta todas as características que lhe permitem desempenhar o mesmo papel protetor que a de Bran, o Abençoado.

Os poderes do baphomet

Segundo os testemunhos, a adoração da cabeça decorria essencialmente quando da realização dos capítulos, tão secretos que ameaças terríveis pesavam sobre aqueles que ousassem revelar o que lá se passava. Curiosamente, é verdade, os cavaleiros nunca revelaram esse segredo e não parecia haver grande vontade de os obrigar a fazê-lo. Quando lhes eram feitas perguntas demasiado precisas, afirmavam nunca haverem tido acesso a eles, a fim de fugirem à resposta. A menos que as revelações que possam ter sido feitas não hajam sido registadas pelos escrivães, por razões que desconhecemos.

Raoul de Presles, ao testemunhar, diz que o reitor do Templo de Laon, Gervais de Beauvais, lhe afirmara que havia, no Capítulo Geral da Ordem, uma coisa tão secreta (*quidam punctius adeo secretus*), que se, por infelicidade sua, alguém a visse, nem que fosse o rei de França, medo algum de tormentos impediria os do Capítulo de o matarem de imediato.

Como já vimos, alguns desses Templários atribuíam propriedades especiais ao *baphomet*, verdadeiros poderes talismânicos. Por esse motivo, rodeavam a cabeça com cordões de fio branco que, depois, eram entregues aos irmãos. Estes usavam-

nos em redor da cintura, sobre a pele. Frisemos que esses cordões não devem ser confundidos com o cordão da Ordem, emblema de castidade. Assim, estavam protegidos pela cabeça, mesmo quando esta não estava perto deles.

Mas, olhar a cabeça frente a frente não era algo isento de riscos, o que nos lembra os poderes de Medusa, cortada por Perseu. As atas do processo são testemunho disso, a fazermos fé numa história curiosa. Um cavaleiro, posto na presença do *baphomet*, saíra mais pálido do que um morto, com o rosto descomposto, aterrorizado, esgazeado. Afirmou que nunca mais voltaria a ter alegria no mundo, caiu num estado depressivo e não tardou a morrer. Teria visto, como julgam Michel Angebert e Gautier Darcy a sua própria «sombra» inserir-se sob as feições do *baphomet*?

Quanto aos seus poderes, vimos que, tal como a Arca da Aliança, esse ídolo permitia conversar com Deus. Teremos de pensar também nessa cabeça encantada que Cervantes, no seu *Dom Quixote*, romance verdadeiramente iniciático, cabeça que dá oráculos (mesmo que não passe de um truque)? Teríamos de a ligar com aquela que o papa Silvestre II trouxera de Espanha e que respondia sim ou não às perguntas que lhe eram feitas. Alberto, o Grande, teria possuído uma cabeça semelhante, tal como Gerbert d'Aurillac. Escritos árabes falam também de uma cabeça de ouro oracular possuída por um feiticeiro do Cairo, chamado El-Ghirby.

Esses poderes mágicos devem ser relacionados com o testemunho prestado por Mestre Antoine Sici de Verceil, notário, perante a Comissão de 4 de Março de 1311. Declarou então:

Quanto à cabeça do ídolo, aqui está: ouvi dizer várias vezes, em Sídon, que um senhor dessa cidade amara uma dama nobre da Armênia, mas nunca a conhecera carnalmente durante a sua vida; morta, veio a conhecê-la no seu túmulo, em segredo, na noite em que a enterraram. De imediato, ouviu uma voz que lhe disse: «Volta quando chegar a altura do parto; encontrarás a tua progenitura e será uma cabeça humana.» Tendo terminado o tempo, o cavaleiro regressou ao túmulo e encontrou uma cabeça humana entre as pernas da dama; ouviu, pela segunda vez, a voz que lhe dizia: «Guarda essa cabeça, porque todos os bens te virão dela.»

Jean Senandi, que vivera na Síria, contou que a Ordem comprara a praça de Sídon e que Julião, um dos senhores da cidade, entrara para a Ordem e lhe dera uma cabeça obtida por um dos seus antepassados, depois de ter abusado do cadáver de uma virgem. Julião apostatara, fora expulso da Ordem e morrera na miséria. Mas os Templários podiam muito bem ter guardado a preciosa cabeça.

Hughes de Faure confirmou a compra de Sídon pelos Templários, sendo Grão-Mestre Thomas Bérard, a quem alguns irmãos imputavam a introdução de maus costumes no Templo. No entanto, deu uma versão um pouco diferente da história. Teria ouvido dizer em Chipre que a herdeira de Meracleu, em Tripoli, fora amada por um homem que exumara e violara o seu cadáver e, em seguida, lhe cortara a cabeça. Uma voz aconselhara-o a guardá-la preciosamente porque ela faria morrer todos quantos a olhassem. Embrulhara-a e encerrara-a num cofre e, quando queria aniquilar uma cidade ou vencer os Gregos, bastava-lhe tirar a cabeça para fora e destapá-la. Querendo atacar Constantinopla, meteu-se num barco. A sua

velha ama, demasiado curiosa, abriu o embrulho para ver o que continha. Uma tempestade abateu-se de imediato sobre o navio que foi engolido com toda a sua tripulação, exceptuando alguns marinheiros, que sobreviveram e contaram a história. Depois, nunca mais se encontrou um peixe nessa parte do mar.

Segundo Guillaume Avril, este episódio poderia ter acontecido no turbilhão de Sétalias, onde uma cabeça surgia por vezes, levando para o fundo todos os navios que se encontravam nas proximidades.

De notar, por fim, que a virgem violada se chamava Yse, o que lembra Isis. Não diziam os alquimistas que a matéria primeira se colhe «no sexo de Isis»?

Promessa de abundância, por vezes com cornos, o *baphomet* faz-nos pensar em Cernunnos, deus do panteão céltico que também fazia crescer as árvores e germinar as plantas. Os hermetistas falam também de uma figura chamada Bahumid el Kharouf, isto é, o segredo da natureza e da totalidade dos mundos. Patrick Rivière afirma que chamam a essa figura «aquele que cria e ressuscita», o que sugere a idéia de fecundidade e de abundância ligada a Cernunnos, que se manifestava sob a forma de um homem com cornos.

Quanto a este ponto, podemos ver, na basílica de Vaison-la-Romaine, uma representação de Cristo. Aí, Jesus aparece... com cornos que apresentam a forma de crescente lunar.

Os poderes desta cabeça ligada a Cristo podiam também estar em ligação com as forças telúricas, ou até demoníacas, pelo menos no plano simbólico. Quando se passa um limiar, o que se encontra do outro lado pode muito bem apresentar formas diferentes e surpreendentes. Ora, um dos aspectos que assume a manifestação do guardião do limiar é precisamente a mudança de cabeça.

Os Templários guardiões do Diabo

As características mágicas atribuídas ao *baphomet* fizeram alguns pensar que os Templários praticavam cultos demoníacos. Nada menos seguro, apesar de a bula de supressão da Ordem os acusar de terem erguido altares a Baal para iniciarem e dedicarem os seus aos ídolos e aos demônios. Não está, de modo algum, fora de questão que pequenos grupos, no seio do Templo, tenham tido alguma relação com o demônio e tenham corrido riscos impensados nesse âmbito, mas isso foi por razões muito especiais. Para o compreendermos, temos de remontar às origens, à ocupação do Templo de Salomão.

Jerusalém está ligada ao Monte Sião, esse nome de Sião é anterior a Israel. De origem cananeia, lembra-nos que nenhum dos nomes sagrados atribuídos a esse local é verdadeiramente de origem israelita, mesmo que isso nos espante - nem Sião, nem Jerusalém, nem Moriah.

Segundo Pierre Dumas, Sião terá de ser ligado a Saphon, dado que as duas palavras, em hebraico, só diferem numa letra. «O último termo, que em hebraico designa o norte, é, antes de mais, o nome da principal montanha sagrada de Canaã, montanha polar.» Ora, esta, verdadeiro centro do mundo, era consagrada a Baal. Aí, o deus manifestava-se no trovão e nos relâmpagos, no templo que a deusa Anat lhe

construíra, no cume da montanha.

Assim, Sião parece como uma montanha cósmica, que tem a cabeça no céu e a sua base fixada profundamente no mundo subterrâneo, tal como o Mashu (nome que significa «os gêmeos») do mito babilônico, montanha sobre a qual Gilgamesh continua a sua busca para chegar ao Paraíso. Mashu é uma montanha dupla como as duas colunas do Templo de Salomão e Gilgamesh passa entre essas duas montanhas-colunas como se atravessasse uma porta no limiar dos infernos. Do mesmo modo, a porta pode abrir-se para os céus e Ezequiel assiste à glória de Iavé chegando ao Templo pelo pórtico virado para Oriente. E essas portas de Iavé eram as colunas do Templo.

Salomão mandou construir locais de culto para divindades «estrangeiras», como o templo de Kamosh, deus de Moab, no Monte das Oliveiras, ou ainda templos a Astarté e Milkom.

Uma lenda muçulmana afirma que ele obtivera de Deus que Iblis, o demônio, fosse metido na prisão, bem fechado e impedido de agir. Mas a terra já não dava produtos, os grãos já não germinavam, as árvores não cresciam e a fome instalou-se. Salomão teve de resolver-se a exigir a libertação de Iblis. Neste momento, devemos lembrar-nos das particularidades do *baphomet* que, tal como Iblis, favorece a germinação.

Assim, o Templo de Salomão aparece, através do mito, como uma porta que estabelece uma comunicação tanto com os céus como com o mundo infernal. Isto é reforçado pela presença da Arca da Aliança, ela própria meio privilegiado de comunicação com Deus, tal como o *baphomet*, segundo alguns testemunhos templários.

Vamos um pouco mais longe no exame das relações possíveis entre o Templo e o demônio. Mergulhemos na obra apaixonante de Jean Robin dedicada a Seth, o deus maldito. Lembra-nos que a pedra de delimitação de um recinto sagrado era designada com o nome de pedra de asilo, isto é, por jogo com as palavras «pedra do burro», esse burro, animal do deus Seth que também era Typhon.

Seth, o deus vermelho com cabeça de burro, deus da violência e da tempestade (o que o aproxima de Baal), assassino de seu irmão Osíris, era aquele a que alguns autores árabes chamavam Agathodaimon, a «boa serpente». Robin escreveu:

Seth, num contexto gnóstico bastante tardio, foi invocado sob o nome de Io (o burro) ou Iao (a divindade com cabeça de galo - cuja função eminentemente séthiana veremos mais adiante) que ligaremos tão mais facilmente a Iavé quanto o templo judeu de Elefantina, por exemplo, era chamado «templo do deus Ya'on» nos papiros aramaicos encontrados *in situ*.

E acrescenta:

A identificação do galo e do burro (Io e Iao), hipostasiando ambos Seth, não é de modo algum acidental e fortuita. Parece relevar, pelo contrário, de uma tradição esotérica que, sem dúvida, se tornou muito fechada no seio do judaísmo esotérico, que também sofreu a tentação de demonizar essas representações de

Seth, que já não compreendia. Por certo, no cristianismo, o episódio bem conhecido do Evangelho relativo à negação de Pedro atesta a função esotérica do galo. [...] O galo desempenha aqui, explicitamente, a função de acusador em relação a Pedro que encarna, por certo, o esoterismo.

Não foi a crista do galo o modelo do barrete frígio dos iniciados, o dos pastores da Arcádia? Quanto ao burro, não esqueçamos que faz parte dos animais do presépio.

Segundo Weysen, que estudou muito especialmente a presença dos Templários na região de Verdon:

A presença de Nascien, antigo duque Serafim, cunhado de Evalac, rei do Graal, na ilha que gira e no templo de Sarras onde se encontrava um ídolo Asclaphas, ligado ao burro que figura na fortaleza de Valcros, sugere uma ligação entre os gnósticos de Naas. Na verdade, Nascien pode significar «aquele que conhece o navio», isto é, a nave do Santo Graal, ou simbolizar os naasianos, gnósticos ofitas cujo deus era Sabaoth, criador do Céu e da Terra e a quem se atribuía uma cabeça de burro ou de javali, como ao deus Seth, o Egípcio. Esses gnósticos ofitas ou naasianos veneravam a serpente, símbolo da gnose. Sabaoth, ou Iadalbaoth, ou Iao, era um deus com cabeça de burro que uma inscrição mural do Palatino (século III) representava ironicamente crucificado perante um devoto ajoelhado. [...] O deus esotérico Seth, ou Typhon, filho do Tártaro, com corpo de serpente e cabeça de burro, usava também o nome de Akephalos (sem cabeça).

Esses gnósticos assimilavam voluntariamente Sem, Seth e Melki-Tsedek, mistura igualmente verificada entre alguns maniqueus e nos ismaelitas do velho da montanha.

Já vimos que Ioan-Janus-João Baptista pode ter uma ligação com Seth invocado sob o nome de Io. Seth, também chamado Akephalos, o sem cabeça, que nos leva a João Baptista. Ora, na *Lenda Dourada*, de Jacques de Voragine, obra contemporânea dos Templários, encontramos esta curiosa passagem referente a São João Baptista:

João é chamado Lúcifer ou estrela da manhã, porque ele foi o termo da noite da ignorância e o início da luz da graça.

Jacques de Voragine afirma também:

Preenche o mistério dos Tronos que têm por missão julgar e diz-se que João repreendia Herodes dizendo: não vos é permitido ter como mulher a de vosso irmão.

Curioso quando pensamos, ao contrário, que Seth cobiçava Ísis, a mulher de seu irmão Osíris. Dois Joões nos dois solstícios e dois rostos de Janus, um para a luz e outro para as trevas.

Decididamente, quais poderão ter sido as relações dos Templários com este mundo invertido? Para Alain Marcillac:

Poderíamos deduzir que a palavra *baphomet* representa a pedra de Beth-El que serve para manter o diabo no Téhom. Consequentemente, os Templários teriam sido, pelo menos simbolicamente, as sentinelas ou guardiões do diabo para permitir que a humanidade se elevasse em direção às alturas da verdadeira

espiritualidade.

Os Templários guardiões do diabo, que o impediam de sair, mas, domesticavam os seus poderes melhor do que Salomão, para que se realizasse a germinação da terra? Os Templários, durante cuja história nunca se verificou qualquer fome? Ao fim e ao cabo, São Pedro tem duas chaves. Se uma abre a porta do Paraíso, a outra pode abrir a dos infernos. Reside aí o segredo ou uma parte do segredo encontrado por Hughes de Payns e pelos seus amigos no local do Templo de Salomão, em Jerusalém?

Com efeito, uma tradição judaica pretende que o rochedo de Jerusalém mergulha nas águas subterrâneas do Téhom. Na Mishma, diz-se que o Templo se encontra por cima do Téhom, que Alain Marcillac lembra ser semelhante a Apsu. Assim, tal como na Babilônia existia uma porta de Apsu, em Jerusalém, o rochedo do Templo fecha a boca do Téhom. Lembremo-nos também do homem que desceu a um poço, no tempo de Omar. No fundo, vislumbrou uma porta, transpôs a sua ombreira e descobriu uma paisagem luxuriante. Trouxe de lá uma folha e foi prevenir Omar, mas nunca se voltou a encontrar a porta. No entanto, a sua recordação vegetal nunca secou.

Os Templários estavam instalados nesse local. Foi a partir daí que toda a sua aventura começou, com a ajuda dos rabinos contratados por Estêvão Harding e os cistercienses. Os Templários não se teriam tornado, assim, guardiões do diabo? Guardas que tiveram a tentação de usar em proveito próprio forças que julgavam poder dominar, o que é a própria base da magia.

Neste caso, que importância tem acreditar-se ou não no diabo? Não basta que eles tenham acreditado?

Lê-se no Apocalipse:

Vi então um Anjo descer o céu, trazendo na mão a chave do Abismo e uma grande corrente. Ele agarrou no Dragão, a antiga Serpente - que é o Diabo, Satanás - acorrentou-o por mil anos e atirou-o para dentro do Abismo, fechando-o e lacrando-o com um selo para que não seduzisse mais nações até que os mil anos estivessem terminados. Depois disso, ele deverá ser solto por pouco tempo.

E o cordeiro querido a São João Baptista está deitado sobre o livro do Apocalipse de João, o Evangelista, fechado com sete selos que devem permanecer selados até chegarem os tempos. Nesse momento, sem dúvida, os rostos de Janus olhar-se-ão um ao outro. De qualquer modo, será provavelmente nos dois São Joões que teremos de procurar o segredo dos dois templários em cima de um único cavalo e, depois, o olhar horripilante da cabeça cortada de São João Baptista, pousada sobre a sua bandeja como o Graal sobre o seu cepo.

QUARTA PARTE

DOS ASSASSINOS ÀS RAÇAS MALDITAS
I

OS TEMPLÁRIOS E O ISLÃ

Os Templários na encruzilhada de dois mundos

Os Templários foram acusados amiúde de se terem convertido ao Islã. Vimos que o termo *baphomet* poderia ser aproximado do nome do profeta. E, todavia, a Ordem foi indubitavelmente virgem de qualquer traição a esse respeito. Não deixa contudo de ser verdade que a atitude dos Templários em relação aos seus inimigos - aqueles que consideravam infiéis os cristãos, aqueles muçulmanos que tinham por missão combater - nem sempre foi compreendida. Eram censurados por confraternizarem com o adversário.

Ao entrarem em Jerusalém, os cruzados tinham feito um imenso massacre de infiéis. Os Templários nunca utilizaram tais métodos. Entrar num país pela força é uma coisa, manter-se nele é outra e não se pode esperar um resultado feliz numa ocupação que se faz desprezando as populações locais. Desde o início, a Ordem compreendera-o bem. É preciso dizer que, ao contrário de um bom número de cruzados que vinham para uma campanha militar e, em seguida, partiam com bastante rapidez, eles ficavam no local. Ademais, tinham um grande interesse pela civilização que encontraram no Oriente. Tentaram compreendê-la, assimilar a sua essência. Não foram os únicos, pois todos os ocidentais que ficaram tempo suficiente no local sofreram, em maior ou menor escala, a influência do Oriente.

O clima obrigou-os a modos de vida diferentes. Cunhavam-se moedas bilíngues com uma face em árabe, a fim de facilitar as trocas. Por exemplo, em São João de Acre, os venezianos cunharam um besante de ouro que ostentava, nomeadamente, o nome de Maomé e o ano muçulmano. Algo que provocou um belo escândalo no Ocidente. Inúmeros cruzados estudaram o árabe e o armênio. Foi, nomeadamente, o caso da maior parte dos Grão-Mestres da Ordem do Templo que contrataram também secretários muçulmanos.

De igual modo, no plano jurídico, os usos do direito muçulmano substituíram o juízo de Deus, ainda muito praticado no Ocidente. O juramento era prestado sobre diferentes livros sagrados próprios dos latinos, gregos, maronitas, nestorianos ou jacobitas e sobre os textos sagrados muçulmanos ou judeus.

Muitos cruzados sucumbiram aos encantos do Oriente ao ponto de casarem

com muçulmanas. Os seus filhos, cada vez mais numerosos, acabaram mesmo por constituir uma verdadeira comunidade cujos membros eram designados pelo nome de frangos. Os Templários não manifestaram qualquer animosidade a priori contra os homens do Islã, mesmo quando os combateram. Aliás, tiveram, nas suas próprias tropas, auxiliares muçulmanos em grande número a que deram o nome de *Turcopolos*.

Não há dúvida de que também apreciaram os conhecimentos científicos dos árabes. A astronomia babilônica estava muito avançada em relação às outras. A universidade do Cairo ultrapassava de longe as do Ocidente. As maiores e mais ricas bibliotecas eram islâmicas. A civilização implantada no Sul de Espanha pelas dinastias muçulmanas transformava em ignorantes os barões francos do norte. Foi em contacto com os sábios, intelectuais, juristas e médicos do Islã que veio a formar-se a nata intelectual do Ocidente. Era aí que iam aperfeiçoar-se em matemáticas, física, astronomia, agronomia, filosofia. O inventor da álgebra era árabe (Khwarezmi), tal como Al Tusi, que inventou a trigonometria. Sábios como Rhazès ou Avicena eram conhecidos em toda a Europa. Isso não podia deixar de incentivar o respeito e a admiração dos cruzados mais conscientes e, nomeadamente, dos Templários que contactavam com essa civilização, tanto em Espanha como no Oriente, quando, no Ocidente, todos os clérigos não sabiam escrever.

É verdade que o respeito manifestado pelos Templários em relação aos seus inimigos nem sempre era compreendido pelos cavaleiros mal elucidados e recém-chegados da Europa.

Um dia, o emir Ousama e o capitão turco Ounour vieram visitar Foulques d'Anjou, a Jerusalém. Ousama manifestou desejo de se recolher.

Depois, contou o que se passara:

Entrei na mesquita El-Aqsa, que estava ocupada pelos Templários, meus amigos. Ao lado, encontrava-se uma pequena mesquita que os Francos haviam convertido em igreja. Os Templários cederam-me essa pequena mesquita para fazer as minhas orações. Um dia, entrei lá, glorifiquei a Alá. Estava imerso na minha oração, quando um dos francos saltou sobre mim, me agarrou e virou o meu rosto para o Oriente, dizendo: «Eis como se reza!» Um grupo de Templários precipitou-se sobre ele, agarrou-o e expulsou-o. [...] Pediram-me desculpa, dizendo: «É um estrangeiro que chegou há poucos dias do país dos Francos. Nunca viu ninguém a rezar sem estar virado para o Oriente.» Respondi: «Já rezei o suficiente, por hoje.» Saí, muito espantado por ver até que ponto aquele Satanás tinha o rosto descomposto, como tremia e que impressão sentira ao ver alguém a rezar virado na direção do Kibah.

Compreensão, tolerância, respeito mútuo faziam parte da filosofia dos Templários, mas daí a ver uma conversão, vai apenas um passo que muitos deram demasiado depressa. Tanto mais que isso não impediu os monges-soldados de estarem presentes em todos os combates, comportando-se com valentia e pagando um pesado tributo às guerras do Oriente. Quantos barões francos deveram o não terem sido vencidos à intervenção providencial dos Templários que fizeram mudar

o rumo da batalha. Quantas vezes os cruzados tiveram de torcer a orelha por não os terem escutado.

A política realista dos Templários e a presunção de São Luís

De qualquer modo, os cavaleiros da Ordem do Templo, mesmo quando estavam persuadidos de se encontrarem envolvidos numa táctica que conduzia à catástrofe, mostraram-se sempre solidários com os outros cruzados e nunca os abandonaram. Foi assim em frente a Mansura, a 8 de Fevereiro de 1250. Tinham prevenido o conde d'Artois, irmão do rei, de que era loucura tentar tomar a cidade. O conde chamou-lhes covardes.

O Grão-Mestre Guillaume de Sonnac empalideceu perante o insulto e respondeu que os Templários não tinham o hábito de ser medrosos e os acompanhariam. Mas preveniu-o também de que, sem dúvida, não regressaria nenhum. Com efeito, foi um massacre. Os cavaleiros tombaram sob as flechas e as cimitarras dos mamelucos e só escaparam três.

Os Templários tiveram também de combater a loucura de São Luís, que só pensava em pelejar, persuadido da excelência dos exércitos francos, e que esteve na origem de alguns dos maiores desastres dessas guerras orientais. Costuma ver-se nesse rei uma personagem dotada de todas as qualidades e de todas as virtudes. Que erro! São Luís, rei da cruzada contra os Albigenses e do massacre das populações do Languedoque, foi também aquele que se ergueu contra os tratados assinados entre os Templários e o sultão da Síria. Humilhou o Grão-Mestre e todos os dignitários da Ordem e obrigou-os a pedir desculpas públicas, em presença de todo o exército, descalços, como penitentes vulgares, por terem assinado um tratado com o inimigo. Mandou banir da Terra Santa Hughes de Jouar, que negociara em nome da Ordem. O fanatismo desse rei apenas teria como consequência conduzir os homens ao massacre, e gratuitamente. Aquilo que os Templários haviam conseguido ganhar, quer com as armas na mão, quer negociando, sabia São Luís perder fazendo, ainda por cima, massacrar os seus homens. Como escreveu Georges Bordonove:

Não tinham muitas razões para admirar, em São Luís, o estratego, nem o diplomata: era mais o príncipe das oportunidades perdidas do que o grande capitão.

Moralmente, devem, por vezes, ter sofrido atrozmente ao serem tratados como covardes quando nunca recuaram e, depois, ao verem tombar a fina flor da cavalaria europeia, porque um tal barão ou um tal rei megalômano ou iluminado pensava que a sua mera presença garantia a vitória. Quantos templários tombaram em combate, apenas por causa do orgulho desses loucos...

A política da Ordem era, antes de mais, realista. Tinham compreendido que era preciso dividir para reinar e que, de qualquer modo, era impossível combater em todas as frentes ao mesmo tempo. Aliás, as quinze praças-fortes que possuíam

abrigavam, atrás das suas muralhas, uma importante população muçulmana. Tratá-la mal teria sido suicida. Logo, era prudente respeitar os costumes locais e até a religião muçulmana e aliar-se com determinados príncipes do Islã para cessar as hostilidades, pelo menos, numa ou noutra frente. E é verdade que, por vezes, desempenharam um papel único de árbitros entre os reinos turcos da Síria e o califado fatímida do Cairo.

Isso decorria sempre no mais profundo respeito mútuo. Aliás, os Muçulmanos tinham os Templários em muito alta estima e pediam-lhes amiúde que servissem de garantes para a execução dos acordos que por vezes assinavam com príncipes cristãos, como Ricardo, Coração de Leão. É preciso dizer que este último não tinha palavra. Assim, apesar das negociações com Saladino e das trocas de presentes, tivera a deselegância de mandar passar pelo fio da espada dois mil e quinhentos prisioneiros turcos.

Os Templários souberam ser fiéis às suas alianças. Fizeram, nomeadamente, acordos duradouros com Damasco, sobretudo para lutar contra o *atabeg* de Mossoul. O essencial era impedir que todas as forças do Islã se reunissem numa só mão porque, então, os cruzados nunca teriam conseguido enfrentá-las.

Do lado muçulmano, alguns grandes chefes, como Nour-ed-Din, tentaram essa unificação. Conscientes do perigo, os Templários ajudaram o rei Amaury I a fazer um acordo com o califa do Egito. A embaixada, que compreendia Hughes de Cesareia, Guillaume de Tiro e o Templário Geoffroy de Foucher, devia muito às negociações realizadas pela Ordem do Templo com o vizir Chawer. Assim, o exército egípcio juntou-se aos Francos para lutar contra Chirkouh, enviado por Nour-ed-Din. Um homem excepcional acompanhava Chirkouh: Salahal-Din, mais conhecido, depois, sob o nome de Saladino.

Por fim, o conjunto das operações saldou-se por um tratado de paz assinado entre Amaury I e Chirkouh e Saladino foi hóspede de Amaury, durante vários dias. O rei franco emprestou-lhe inclusive navios para repatriar mais comodamente os seus feridos. Assim, em 1167, na sequência da campanha do Egito, os Francos puderam apresentar-se como verdadeiros árbitros dos conflitos regionais. Instalaram uma espécie de protetorado franco no Egito, dando razão à política dos Templários.

Infelizmente, o rei Amaury I violou o tratado, apoderando-se de uma cidade e massacrando todos os seus habitantes. Chawer levantou-se então contra ele, não hesitando em praticar a táctica da terra queimada, lançando fogo aos arredores do Cairo. Os Templários haviam-se recusado a participar na violação do tratado e, a partir desse momento, furiosos, executaram uma política própria, recusando-se, em geral, a comprometer-se como garantes de tratados dado que os barões francos faltavam com demasiada frequência à palavra dada.

Rapidamente, Saladino tornou-se senhor do Egito. Aproveitou-se disso para, em 1171, acabar com o califado fatímida do Cairo, fazendo desaparecer, ao mesmo tempo, o cisma religioso e reunificando todo o Próximo Oriente sob a fé sunita, coisa que os Templários desejavam evitar a todo o custo.

A Ordem procurava, permanentemente, soluções de paz duradouras, mas

com que dificuldades! Em meados do século XIII, Armand de Perigord podia escrever ao Mestre da Ordem em Inglaterra:

O sultão de Damasco e o senhor de Krac entregaram de imediato ao culto cristão todos os terrenos deste lado do Jordão, excepto Nablus, Santo Abraão e Beissen. Não há dúvida de que esta situação feliz e próspera poderia durar muito tempo se os cristãos deste lado do mar quisessem, a partir de agora, respeitar esta política. Mas, infelizmente, quantas pessoas nesta terra e alhures nos são contrárias e hostis por ódio e por inveja. Assim, o nosso convento e nós, com o concurso dos prelados da Igreja e de alguns pobres barões da terra que nos ajudam como podem, asseguramos, sozinhos, o fardo da defesa.

Quanto aos reis, depois de se terem pavoneado, dado lições a toda a gente, à semelhança de São Luís, regressavam à Europa, caso não tivessem perdido a vida no local, por... doença. Aos Templários só restava, então, enfrentar as consequências catastróficas das campanhas dos soberanos e reconstruir, com paciência e obstinação, aquilo que fora destruído pelo orgulho real. Claro que é necessário não generalizar mas, em princípio, aqueles que apenas passavam no Oriente o tempo de uma cruzada eram mais prejudiciais do que úteis e, ainda por cima, desprezavam aqueles que viviam lá e, por vezes, haviam adotado alguns costumes locais.

O risco de queimar os dedos

A diplomacia dos Templários chocava com bastante dificuldade, na medida em que não eram os únicos a assinar tratados com os muçulmanos. Os diferentes tratados, não coordenados, nem sempre eram compatíveis entre si. Surgiram conflitos, nomeadamente em virtude da política pró-egípcia dos Hospitalários que se opunha à de uma Ordem do Templo unida com Damasco.

Furiosos com os seus próprios erros e as suas derrotas pouco gloriosas, alguns reis e grandes barões não gostavam de que se soubesse quais haviam sido as consequências da sua inépcia e obstinação. Nesse caso, existe sempre tendência para querer mal àquele cujo único pecado foi ter razão. Regressados à Europa, alguns não se abstinham de acusar a Ordem de pactuar com o inimigo e de ser responsável pelos problemas no Oriente. Devido a isso, quando do processo, tentou-se, a todo o custo mas sem resultados palpáveis, provar que o Templo se convertera ao Islã.

Viraram-se para a personalidade de Gérard de Ridefort. Foi eleito para a chefia da Ordem em 1184, quando o reino de Jerusalém atravessava uma grave crise. Tendo o rei Balduíno, sem filhos, sido atingido pela lepra, a regência fora confiada a Guy de Lusignan. Depois, Balduíno zangara-se com ele e designara para o seu lugar o conde de Tripoli. Haviam-se formado dois partidos, prontos para entrarem em luta e imporem, cada um, o seu candidato. Outrora, Gérard de Ridefort esperara desposar a filha do conde de Tripoli. As suas homenagens haviam sido repudiadas. Entrara então para a Ordem do Templo, mas guardara, no

fundo do coração, uma ferida que não conseguia fechar-se. Tornado Grão-Mestre, a situação proporcionava-lhe uma ocasião para fazer pagar ao conde Tripoli a afronta que lhe infligira. Tendo morrido Balduíno V, Ridefort conseguiu afastar o conde Tripoli da sucessão e impor a coroação de Guy de Lusignan. Ora, talvez tivesse para tal algumas motivações mais ligadas ao esoterismo. Os Lusignan não faziam parte do mundo mítico, tal como Godofredo de Bouillon, e isso, graças a Mélusine?

De qualquer modo, a divisão viria revelar-se favorável a Saladino e, desta vez, a responsabilidade cabia em parte ao Templo. Um erro táctico de Ridefort correu mal. Quase se apoderaram de Saladino, mas ele escapou por uma unha negra e, por fim, foi Guy de Lusignan que foi capturado na sequência da desastrosa batalha de Hattin. Ridefort também se encontrava entre os prisioneiros. Foi levado pelos Sarracenos, juntamente com Renaud de Châtillon e o rei. Conduziram-nos junto de Saladino. Sobre a sua tenda, flutuava uma bandeira negra com a inscrição: *Salah-ed-Dyn,* o rei dos reis, o vencedor dos vencedores, é, tal como os outros homens, escravo da morte. Saladino recebeu sumptuosamente os seus cativos de alta estirpe. Estendeu a Guy de Lusignan a «taça da paz» - um sorvete de neve do Hermon: «É um nobre costume dos árabes que um cativo tenha a vida salva se bebeu e comeu com o seu vencedor», afirmara. Depois, Saladino matara Renaud de Châtillon que se revelara culpado de atos de pilhagem, mas poupara Gérard de Ridefort, sem que se saiba muito bem porquê.

Aos outros Templários capturados fora proposto renegarem a sua fé ou serem mortos. Nenhum deles vacilara. Foram duzentos e trinta os que se viram amarrados aos postes de execução e, em seguida, torturados até a morte chegar. Então, por que razão fora poupado o Grão-Mestre? Foi enviado para Damasco com o rei, e Saladino serviu-se deles para pedir a guarnições cristãs que depusessem as armas. Depois, libertou-os. Teriam eles traído a causa ou Saladino manobrara com habilidade lançando a dúvida e retirando, assim, toda a credibilidade a inimigos que, doutro modo, teria transformado em heróis ou em mártires?

Ridefort foi acusado de se ter safado entregando o rei e, embora tenha continuado a bater-se e tenha morrido em combate em frente a Acre, um ano depois, continuou a falar-se dele como de um traidor. E quando Geoffroy de Gonneville, comendador da Aquitânia e de Poitou, afirmou, durante o processo, que o uso dos maus princípios fora introduzido na Ordem por um Mestre que estivera prisioneiro dos Sarracenos e teria traído, pensou-se de imediato em Ridefort. No entanto, alguns Templários declararam que essas práticas haviam sido introduzidas por Mestre Thomas Bérard, grande amigo da família de Voisins, bem conhecida dos que gostam do mistério de Rennes-le-Château. Quando nos debruçamos sobre o mestrado de Bérard, que se estendeu entre 1256 e 1273, temos dificuldade, todavia, em encontrar uma pista interessante referente a qualquer traição em proveito do Islã. De qualquer forma, poderemos referir um caso interessante.

Em 1263, o papa Urbano IV convocou o marechal do Templo, Estêvão de Sissey, para lhe comunicar que era indigno e lhe haviam sido retiradas as suas

prerrogativas. Desconhecemos as razões para esta reprimenda papal. Alguns autores julgaram que se tratara de uma aventura galante. Estêvão de Sissey recusara demitir-se e fora excomungado pelo papa. Isso não o impediu de voltar a esconder-se no seio da Ordem, protegido por Thomas Bérard. Este último foi feito prisioneiro quando da tomada de Saphad. Teria sido libertado enquanto outros templários foram executados, mas tudo isso é muito vago e não permite tirar conclusões.

Podemos pensar também em Guillaume de Sonnac (1247-1250) a respeito de quem se dizia: «O Mestre do Templo e o Sultão do Egito tinham feito uma paz tão boa em conjunto que se tinham sangrado aos dois para a mesma escudela.»

São Luís não gostava dele por ter negociado com o inimigo. Isso não impediu Guillaume de Sonnac de morrer em combate salvando a vida de São Luís, que foi feito prisioneiro e não cuspiu sobre o dinheiro da Ordem do Templo que serviu para pagar o seu resgate.

De qualquer modo, é difícil imaginar uma conversão maciça da Ordem ao Islã, na sequência de um destes episódios.

Mais interessante, sem dúvida, é o problema das relações dos Templários com a seita dos *Assassinos* que desempenhou um papel importante no Oriente, até 1265, data da destruição da cidadela de Alamute pelos Mongóis.

A ordem dos Assassinos

Os «assassinos» estavam ligados à seita dos Ismaelitas. Recusavam-se, portanto, a acreditar na morte de Ismael, uma forma de se manterem afastados da tradição decorrente de Maomé. O Ismaelismo recrutara inúmeros adeptos, nomeadamente no Irã, onde o fato de se afastar um pouco do mundo árabe não era desagradável. Aí, não haviam sido esquecidas as velhas crenças zoroastrianas que os árabes tinham repudiado.

Uma personagem viria a utilizar essa recordação da religião mazdeísta para adquirir um formidável poder: Hassan-Ibn-Sabbah, o «velho da montanha». Na sua juventude, encontrara um dia alguns cavaleiros e perguntara-lhes aonde se dirigiam. A sua resposta, que conhecemos através das memórias do próprio Hassan-Ibn-Sabbah, não deixava de ter interesse:

Vimos de uma terra que deixou de existir e dirigimo-nos para um país que vai nascer. Tu, oh solitário, continua a andar. Contempla o sol e as grutas secretas. Aproxima-se a décima segunda hora. Vai receber a mensagem que te espera!

Uma mensagem que, sem dúvida, teria apaixonado Gérard de Nerval. Em seguida, Hassan fora conduzido à luz espiritual por «guias» que o haviam submetido a provas iniciáticas muito longas. A sua iniciação tinha várias semelhanças com a da franco-maçonaria. Aí, aprendera a ver para além do véu das religiões. O «Mestre desconhecido da Montanha» vestira-lhe a túnica branca e o cinto vermelho e Hassan partira para cumprir o seu destino. Sabia que, para tal, não deveria hesitar, por vezes, em utilizar as forças obscuras dado que, a seus olhos, o

fim justificava os meios.

Hassan-Ibn-Sabbah continuara a sua formação na Casa das Ciências do Cairo e fora aí que conhecera, pela primeira vez, os poderes do haxixe, a «erva da segurança», que permitia ser totalmente indiferente ao sofrimento e à morte. O haxixe exacerbava os gostos, servindo de afrodisíaco ao ser sensual, aumentando a violência das cores, dando uma maior riqueza às impressões do gosto e do tato mas, sobretudo, fazendo esquecer toda a prudência e todo o elemento moral.

Hassan-Ibn-Sabbah decidiu fazer do Irã o centro do ismaelismo, fundando lá uma ordem ao mesmo tempo religiosa e militar, integrada por homens dedicados de corpo e alma. Estava-se em 1081, o ano 1 do ismaelismo reformado, nascimento da seita dos Assassinos de Alamute. Numa primeira fase, Hassan-Ibn-Sabbah recrutou fiéis, o que não deixou de lhe provocar alguns problemas com os chefes políticos e religiosos da época. Um dia, ao atravessar a região iraniana de Roudbar, avistou, numa passagem escarpada, uma muralha que dominava um precipício: a fortaleza de Alamute, «o ninho da águia». Soube, então, que encontrara o lugar donde irradiaria o seu poder.

O governador de Alamute, o Alide Mahdi, opunha-se ao ismaelismo e era fiel a Melik-Shah. Hassan seguiu em frente, provisoriamente. Tinha de encontrar um abrigo para os seus fiéis, alguns dos quais seguiam havia... nove anos. Eis uma coisa que nos lembra os Templários. Entre eles, contavam-se alguns francos que afirmavam tê-lo visto realizar milagres: durante uma tempestade, Hassan acalmara os elementos e salvara o seu barco. Em seguida, tinham-se disposto a segui-lo até ao fim do mundo, se preciso fosse.

Alguns meses depois da sua primeira passagem por aquelas paragens, alguns dos seus homens entraram em Alamute e começaram a fazer propaganda junto da população. Falavam sem cessar de uma personagem misteriosa que meditava durante horas, sentada sobre uma pedra, envergando uma túnica branca com um cinto vermelho. Dizia-se que nunca comia nem dormia. A população foi conquistada pouco a pouco, em grande parte por meio da curiosidade. Uma noite, um dos seus homens fez entrar Hassan-Ibn-Sabbah em Alamute. Em pouco tempo, adquiriu uma enorme importância. Um dia, quando o Alide Mahdi quis ir à caça, todos os seus servidores se recusaram a segui-lo, porque o Dih-Khoda (o chefe ou guia) proibira. Inquieto, Mahdi regressou aos seus aposentos do torreão. Já não tinha qualquer poder na sua própria fortaleza. Um dia, Hassan veio vê-lo e disse-lhe que o seu lugar era alhures. A Mahdi não restou senão partir. Hassan mandou entregar-lhe dinheiro e disse-lhe que prevenisse os homens do sultão de que, daí para a frente, havia um senhor em Alamute, que fundara uma ordem de monges-guerreiros, que o seu nome era Hassan-Ibn-Sabbah, cognominado «Sheyk al-Djebbal», o «senhor da montanha».

Em pouco tempo, Hassan apoderou-se de quase todas as cidadelas da região do Roudbar. Um pouco por todo o lado, as populações das aldeias viam nele a ressurreição das doutrinas ancestrais do velho Irã. Um ímpeto nacionalista acompanhava a sua conversão ao ismaelismo, cujo aspecto messiânico os fanatizava. Melik-Shah fez várias tentativas de envio de tropas para desalojar

Hassan, mas tivera de desistir, perante a resistência das populações. Por vezes, até os homens do sultão se passaram para o lado do «Senhor da Montanha».

Alamute zombava do Islã ortodoxo. O rochedo, que parecia um leão deitado sobre os joelhos, com a cabeça apoiada no solo, dava a impressão de lançar um aviso. Em breve, Hassan viria a despertar forças terríveis. Que fazer para o desalojar? Só existia uma passagem acessível e, para a atingir, tinha de se escalar uma parte da montanha, graças a uns furos escavados no rochedo. O castelo podia resistir a um cerco. Era capaz de albergar uma guarnição muito importante. O seu ponto fraco era o abastecimento de água e víveres, no caso de um bloqueio de longa duração. De qualquer modo, não se podia contar com uma colaboração do interior para surpreender Hassan-Ibn-Sabbah. Este tomara a precaução de expulsar todos quantos poderiam ser-lhe desfavoráveis, bem como de todos os homens fracos, velhos e doentes e suas famílias, exceptuando aqueles que eram sábios numa ciência qualquer; expulsara também os contadores de histórias e os músicos, para que não espalhassem a dissipação.

Vindos de todos os lados, os Ismaelitas dirigiam-se a Alamute para receberem os ensinamentos de Hassan. O senhor da montanha guardava junto de si os mais fortes e os mais dedicados.

Hassan passava longas horas na sua biblioteca, em cuja janela se enquadrava uma paisagem árida e grandiosa. A vida em Alamute era de uma grande austeridade. O uso do vinho era proibido sob pena de morte. As mulheres tinham o direito de viver na aldeia que se abrigava por detrás das muralhas, mas estava-lhes vedado o castelo. Tudo o que podia amolecer ou distrair os espíritos estava banido. Os fiéis passavam o tempo entre os exercícios físicos, o treino no manuseamento das armas, os exercícios de piedade e o estudo das línguas. Tal como Hassan, vestiam túnicas brancas e cintos vermelhos. Todos se sentiam privilegiados, porque eram raros aqueles que Hassan aceitava como habitantes da fortaleza, escolhidos com muito cuidado, o escol das suas tropas.

Os paraísos artificiais do Velho da Montanha

Hassan-Ibn-Sabbah elaborou, para os seus fiéis, um ensinamento iniciático que comportava sete estádios. O sétimo era ilustrado pela máxima: «Nada é verdadeiro, tudo é permitido», que não deixa de lembrar o «Faz o que quiseres» de Rabelais. Depois de elaborado definitivamente o corpo da sua doutrina, inaugurou o seu ensinamento por meio de uma cerimônia que lembrava as velhas tradições do Irã avéstico. No mais alto terraço do castelo, procedeu a um sacrifício inspirado nas cerimônias mágicas de Zaratustra. Mandou erguer um altar ao «Senhor do Universo» e entregou-se, juntamente com os seus fiéis, a práticas de culto em relação às quais apenas dispomos, infelizmente, de muito poucas informações.

Enquanto o fogo do sacrifício se erguia para o céu, Hassan exclamava:

Ao Oriente das puras luzes da aurora opõe-se o Ocidente das massas corporais, a sombra sinistra das prisões que retêm cativos na sua noite os filhos da luz.

Hassan-Ibn-Sabbah lançara as bases de uma cavalaria espiritual, com os seus ritos e os seus mitos, nomeadamente o da busca da Ilha Verde que lembra, em muitos pontos, as lendas célticas. Alamute aparece como uma prefiguração da cidadela celeste, tal como o Monte Salvage da demanda do Graal.

Poderemos imaginar facilmente que isso não deixasse descansados os poderes estabelecidos e, em Junho de 1092, o emir Arslan-Tach atacou Alamute, à frente de um milhar de homens. Instalou o cerco e queimou as aldeias ismaelitas dos arredores. Hassan mandou prevenir um dos seus *dais* (grande lugar-tenente) que se encontrava em missão noutra região.

O *dai* Al-Kebir Abu-Ali caiu de improviso sobre as tropas inimigas e massacrou-as. O exército de Arslan-Tach foi desbaratado, varrido, aniquilado.

Louco de raiva, o grão-vizir decidiu uma ofensiva geral. Reuniu dezenas de milhares de guerreiros e mandou-os marchar sobre Alamute. O caso era sério. Por mais corajosos que fossem, os homens de Hassan-Ibn-Sabbah teriam dificuldade em resistir a uma tal avalancha. O velho da montanha decidiu utilizar a astúcia e, a 16 de Outubro de 1092, quando o grão-vizir estava de visita a Bagdade, foi assassinado por um agente de Hassan: um *fidawi*. Cinco semanas mais tarde, o sultão Melik-Shah, que acabara de ordenar ao seu general, Kill-Saregh, que lançasse a última ofensiva contra Alamute, morreu envenenado no seu próprio palácio de Ispahan.

O império encontrava-se desorganizado e, para compor o ramalhete, Hassan mandou os seus *fidawi* assassinarem algumas das personalidades mais importantes entre aquelas que podiam prejudicá-lo. O terror instalou-se na corte e todas as operações dirigidas contra o velho da montanha foram suspensas.

[Nota: O nome verdadeiro era Senhor da Montanha, mas a expressão Velho da Montanha foi tão amplamente utilizada que empregamos indiscriminadamente os dois termos. (O epíteto de «Velho da Montanha» designa todos os posteriores líderes da seita dos «Assassinos».) (N. do E.)]

Daí em diante, iriam pensar duas vezes antes de atacarem Hassan-Ibn-Sabbah. Várias províncias se lhe submeteram e os seus *dais* levavam as suas ordens a todo o lado. O imposto devido ao sultão já não lhe era enviado, mas sim entregue aos homens de Hassan, e, quando um emir ou vizir protestava, não o fazia durante muito tempo: o punhal ou o veneno encarregavam-se dele. No Roudbar, a última fortaleza que ficara nas mãos dos inimigos de Hassan, Lemsir, caiu em seu poder em Setembro de 1102. Na sequência disso, as outras cidadelas iraquianas, as da planície, também prestaram vassalagem ao senhor da montanha e aos seus homens, devotados até à morte.

Perguntou-se muitas vezes como fazia Hassan para captar assim a fidelidade cega dos *fidawi* que mandava cometer assassínios, sabendo que, provavelmente, seriam capturados e torturados.

Hassan mandara construir, no castelo de Alamute, jardins com água corrente e um pavilhão de quatro andares. No interior, as rosas competiam com as porcelanas e as baixelas de ouro e prata para ornamentarem os vários recantos. As colunas estavam forradas de âmbar e musgo. Aí, instalara dez rapazes com formas

de efebos e dez jovens mulheres muito belas. Vestia-os de seda e tecidos preciosos, ornava-os com jóias de ouro e prata. Por todo o lado, havia taças que transbordavam com frutos, flores odoríferas e água, mercadoria rara naquelas bandas. E havia também animais nos jardins: gazelas, avestruzes, patos, gansos, lebres, etc. Um corredor secreto ligava o pavilhão a uma grande casa situada fora daquele local paradisíaco.

Quando detectava um indivíduo adequado à missão que tencionava confiar-lhe, Hassan recebia-o na casa e convidava-o a comer alimentos drogados. Depois de adormecer, o homem era transportado para o pavilhão e confiado aos efebos e às mulheres que o aspergiam com vinagre, para o despertar. Quando abria os olhos, ofuscado, ouvia:

Apenas esperamos a tua morte, porque este lugar está-te destinado: é um dos pavilhões do Paraíso e nós somos as *houris* e os filhos do Paraíso [...]. Se estivesses morto, ficarias para sempre conosco, mas apenas sonhas e não tardarás a despertar.

Os odores provocavam-lhe tonturas, os pássaros, os animais, a vegetação pareciam-lhe tão maravilhosos que acreditava no que lhe diziam. Então, os efebos e as mulheres comunicavam-lhe que estavam ali para satisfazer todos os desejos do seu corpo, fossem eles quais fossem.

Hassan chegava em seguida, dizendo-lhe que era capaz de visitar o Paraíso quando queria. Mandava-o aspergir com água de rosas, convidava-o para uma nova refeição em que os pratos estavam, uma vez mais, drogados e mandava-o levar pela galeria secreta até à casa, sem que ele disso se apercebesse. Hassan assistia ao seu despertar e informava-o de que lhe estava reservada uma sorte tão maravilhosa depois de ter sacrificado a vida pela Ordem.

Marco Polo, que visitou Alamute e pediu que lhe contassem a história da fortaleza, confirmou esses procedimentos. Escreveu:

Quando o Velho queria matar um grande senhor, ordenava-lhes que matassem esse homem e dizia-lhes que os queria enviar para o Paraíso, e iam e faziam tudo quanto o Velho lhes ordenava [...]. E, deste modo, não havia um homem que não fosse morto quando o Velho da Montanha queria...

Assim, Hassan tornava tangível, para esses homens, aquilo que o Corão prometia:

"Sobre leitos preciosamente separados por tabiques, Em redor deles circulam jovens eternos, Com taças, *gonljs* e vasos cheios de frescas bebidas, Que não os atordoarão nem angustiarão. Com frutos delicados segundo as suas preferências, E carnes de animais segundo os seus desejos. Para eles há as que têm os grandes olhos brancos e negros, Modelos de pérolas ciosamente guardadas, Adolescentes apaixonadas, apaixonantes; Estarão entre os lótus podados, Entre as sombras extensas, Entre as águas que correm; Cobrem-nos vestimentas verdes, Em sutil cetim e brocado. E estão ornados com pulseiras de prata, E o seu senhor manda-os beber uma bebida muito pura."

Compreendemos assim como os subterfúgios de Hassan-Ibn-Sabbah se destinavam a convencer os *fidawi* de que, por instantes, haviam entrado no Paraíso, a ponto de se dedicarem de corpo e alma ao seu senhor e de já não terem medo da

morte e de, inclusive, a esperarem com impaciência. Isto permitia, nomeadamente, ao senhor da montanha impressionar os seus visitantes ordenando a um dos seus homens que se lançasse, gratuitamente, do alto das muralhas. E o homem mergulhava no vazio a um simples sinal de Hassan, que dizia ao espectador surpreendido: «Tornou-se um liberto», expressão que Villiers de L'Isle-Adam virá a retomar em Axel, ao falar da morte voluntária.

[Nota: Refiramos, de passagem, que Villiers de L'Isle-Adam projetava escrever uma obra sobre o Velho da Montanha.]

No entanto, podemos espantar-nos por os *fidawi* se terem mostrado tão crédulos e não se terem apercebido do subterfúgio. Apesar de todos os esforços de Hassan, os jardins instalados em Alamute, montanha árida, deviam ter dificuldades em passar pelo Paraíso, como observou Maurice Barrès, que visitou o local.

Mas não esqueçamos a utilização do haxixe, que Hassan descobrira no Cairo. Com o poder dos sentidos decuplicado pela droga, os *fidawi* viam todas as cores mais vivas, os odores eram mais fortes, o prazer parecia-lhes maior e, ao mesmo tempo, perdiam toda a noção de desconfiança e de prudência. Tinham-se tornado *haschischins*, termo que os cruzados iriam transformar em *Assassinos* que, a partir de então, viria a designar esse tipo de homicidas.

A partir de então, Hassan apenas precisava de não evidenciar fraqueza, nem piedade, e era isso que acontecia dado que não hesitou em decapitar o seu filho mais velho, por ter conspirado contra ele, e estrangular o seu segundo filho, que cometera o simples crime de consumir vinho.

Na noite de 12 de Junho de 1124, sentindo que a sua morte se aproximava, Hassan convocou os seus fiéis mais próximos para a biblioteca e designou como seu sucessor Kya Buzurg-Humid, confiando, por outro lado, o exército a Hassan-Kasrany e a administração da Ordem a Abu-Ali. A meio da noite, antes de morrer, pediu a todos que o deixassem só, dizendo:

- Adeus, e lembrai-vos de que o meu espírito vela. Enquanto fordes dignos dele, dignos de o compreender, ele aconselhar-vos-á.

Kya Buzurg-Humid herdou, assim, mais de setenta mil homens dedicados de corpo e alma, apenas na região do Roudbar. Retomou a prática dos ritos seguidos por Hassan, mas começou bastante mal o desempenho das suas funções de mestre. Apaixonou-se por um jovem da corte do príncipe do Taberistão. Parece, aliás, que os casos de homossexualidade eram muito frequentes entre os fiéis do velho da montanha. Basta pensarmos nos efebos oferecidos aos *fidawi* ou no fato de o filho mais velho de Hassan ter sido levado a conspirar pelo seu amante. Acontece que Buzurg-Humid ordenou aos seus homens que raptassem o objeto dos seus desejos. Isso deu origem a um conflito, uma espécie de guerra de Tróia homossexual, que ganhou, mas à custa de pesadas perdas. A partir de então, Buzurg-Humid lançou-se em intrigas de corte, nem sempre coerentes. Teve mesmo tendência para transformar a sua ordem em mafia, não hesitando em vender os serviços dos seus assassinos a príncipes dispostos a pagar caro. Mas, ao mesmo tempo, aumentou o poder da Ordem, chegando a possuir setenta e quatro fortalezas na Síria.

Kya Buzurg-Humid decidiu cortar as pontes com o ramo fatímida dos

Ismaelitas e mandou assassinar o califa do Egito Abu-Ali al-Manisur. Seguiu-se uma série de guerras intestinas no Egito que, depois, viriam a servir de base para o poderio de Saladino. Buzurg-Humid não parava de mandar construir novos castelos, organizava verdadeiras universidades ismaelitas em antigos mosteiros cristãos. Mas cometeu um erro: designar o seu próprio filho para lhe suceder, fundando uma dinastia que, depois, devia continuar.

Pouco a pouco, os textos sagrados de Hassan-Ibn-Sabbah foram revelados a demasiadas pessoas, o recrutamento tornou-se menos elitista.

A Ordem continuava poderosa, devido ao ímpeto adquirido, mas continha dentro de si os germes da sua perda. O assassínio político continuava a ser a regra, mas faltava o gênio aos dirigentes da seita e os assassinos não souberam defender-se da invasão mongol. No tempo de Hassan, os chefes mongóis teriam caído sob os punhais dos *fidawi* e o seu exército teria ficado desorganizado, mas esse tempo ficara distante.

Os assassinos, vassalos dos Templários

Os assassinos mantiveram estranhas relações com os cruzados. Desde o início, o objetivo de Hassan fora restaurar o poderio do Irã e a sua religião zoroastriana, o que passava pela destruição do poder árabe. Nisso, os cruzados podiam ajudá-lo. Tinha, pois, um interesse objetivo em lhes facilitar a tarefa. Em Abril de 1102, o conde de Saint-Gilles e os seus homens tinham posto cerco à fortaleza de Hossnal-Akard, também chamada praça-forte dos Curdos. O príncipe de Erneso decidira ir em socorro da fortaleza e atacar os cruzados por detrás. Não teve tempo para o fazer, dado que foi apunhalado por três *fidawi*, numa mesquita. Os cristãos só mais tarde souberam que haviam sido ajudados pelo senhor da montanha. Foi estabelecida uma aliança tácita entre os assassinos e os Francos. Circulou inclusive uma lenda, transmitida pela Chanson d'Antioche datada do século XII. Contava que o irmão de Godofredo de Bouillon, Balduíno de Edessa, casara com a filha do velho da montanha. Depois, viria a afirmar-se o mesmo em relação a Frederico II de Hohenstaufen, que, na verdade, mandara vir para a sua corte, em Castello del Monte, astrônomos e metafísicos pertencentes à seita de Alamute.

De qualquer modo, mal uma cidade caía nas mãos dos cruzados, os Ismaelitas aproveitavam o enfraquecimento do poder árabe para aí desenvolverem a sua própria propaganda.

Ninguém duvida de que isso não podia deixar indiferentes os Templários e as relações que se estabeleceram entre eles e os assassinos provam-no bem. Assim, quando o reino de Jerusalém quase caiu nas mãos de Conrad de Montferrat, este foi assassinado pelos *fidawi*, favorecendo o partido de Guy de Lusignan, apoiado pelos Templários. É verdade que Conrad de Montferrat fizera naufragar um barco que pertencia ao chefe dos Ismaelitas. Podia tratar-se de uma vingança. Mas, depois, Philippe de Champagne casara com a viúva de Conrad e assumira o título de rei de Jerusalém. Morreu rápida e estranhamente, caindo de uma janela. Uma vez mais,

este assassínio aproveitava menos aos assassinos do que aos Templários e ao partido de Guy de Lusignan. Este último nunca teria podido reinar se o segundo e o terceiro maridos de Isabel tivessem vivido.

Em contrapartida, quando o velho da montanha lançou os seus assassinos contra Saladino foi, ao mesmo tempo, para ajudar os cruzados e para impedir a federação das forças árabes. Mas Saladino tinha a *baraka*. Escapou várias vezes às tentativas de assassínio dos *fidawi* e decidiu atacar o senhor de Alamute. Então, este fez um acordo com Saladino: cada um decidiu deixar o outro em paz.

O mais curioso é, sem dúvida, os assassinos terem pago um tributo aos Templários, como se fossem seus vassalos: três mil peças de ouro (ou dois mil ducados). Seria uma forma de estarem em paz com a Ordem do Templo, o que significaria que os Ismaelitas a temiam? Aliás, o velho da montanha tentara libertar-se desse tributo, propondo uma aliança a Amaury de Jerusalém, caso este aceitasse pagá-lo por ele. Mas foi mal sucedido: os emissários que enviara foram interceptados e devidamente mortos. A Ordem apercebera-se de que era a melhor maneira de se fazer respeitar. Amaury, descontente, exigiu que lhe fosse entregue o templário responsável por essa execução, Gautier du Mesnil. O Grão-Mestre recusou-se a fazê-lo e Amaury sofreu uma humilhação.

O tributo em questão podia muito bem estar ligado a uma fortaleza que os Templários não podiam manter e que tinham preferido oferecer aos assassinos a ver cair nas mãos dos árabes. O velho da montanha tentou, uma vez mais, livrar-se do imposto. Em Maio de 1250, enviou emissários a São Luís, que se encontrava em Acra. Comunicaram-lhe que o imperador da Alemanha e o rei da Hungria lhes pagavam tributo e que ele deveria fazer o mesmo, a menos que os dispensasse do seu pagamento aos Templários. Imagina-se a humilhação do rei que se viu submetido a um imposto lançado por pessoas que tinham de pagar um à Ordem do Templo. É claro que os Templários se imiscuíram no assunto e o rei não teve direito a expressar a sua opinião. Intimaram os emissários a voltarem a casa e regressarem, dentro de quinze dias, trazendo ao rei, de parte do velho da montanha, «cartas e jóias tais que este se considere apaziguado e vos saiba de boa fé». E aqueles que faziam tremer os príncipes submeteram-se às ordens do Templo. Ao fim de quinze dias, os emissários regressaram trazendo um jogo de xadrez, um elefante de cristal e «uma besta a que chamamos *orafle* (girafa)» também em cristal. O próprio São Luís mandou de volta os emissários carregados de presentes para o velho da montanha e mandou que fossem acompanhados pelo irmão Yves le Breton, nas funções de embaixador.

Por tudo isto vemos que, apesar de poderem ser assinaladas algumas analogias entre as duas ordens, apesar de terem sido celebrados acordos entre elas, está longe de se encontrar provado que uma foi decalcada mais ou menos sobre a outra, como afirmam alguns autores. Deveremos ver antes, nelas, uma espécie de demanda paralela do Graal simbólico, utilizando meios diferentes.

É verdade que podemos identificar alguns pontos comuns interessantes entre as duas ordens. Lembra-se geralmente a identidade das vestes: túnica branca com cinto vermelho, para os *fidawi*, e manto branco com cruz vermelha, para os

Templários. Comparam-se as organizações recíprocas: cavaleiros, escudeiros e irmão do Templo que corresponderiam ao *refik*, *fidawi* e *lassik* dos assassinos. De igual modo, o Grão-Mestre, os grão-priores e os priores equivaleriam ao senhor da montanha, aos *dais* e aos *dailkebir*.

Por outro lado, Pierre Ponsoye mostrou que a origem das lendas do Graal poderia ter sido iraniana. Wolfram von Eschenbach fazia dos Templários os guardiões do Graal. Os assassinos, cujo nome em árabe significava também «guardião», não podiam ignorar essa origem e, portanto, realizar essa procura, pelo menos no que se refere aos cultos dentre eles.

A propósito de Gahumret, Wolfram evoca o Barux, que assimila ao califa de Bagdade. Feirefiz aparece como um cavaleiro muçulmano e lembra os *refik* do velho da montanha. Quanto a Flégétanis, nascera de pai árabe e era um sábio astrônomo. Fora nos astros que descobrira o mistério do Graal, que não evocava sem tremer. E Pierre Ponsoye escreve:

Em Flégétanis encontram-se, pois, atestados expressamente, ao mesmo tempo, a fonte islâmica da noção de Graal, ou melhor, talvez, da tomada de consciência, e o vínculo desta fonte com a tradição esotérica de que, por outro lado, se reclamava a Ordem do Templo.

Ora, na verdade, o nome de Flégétanis não seria mais do que a transcrição do título de um livro árabe: *Felek-Thani*, que significa «segunda esfera» ou segundo céu planetário correspondente a mercúrio.

Nos romances do ciclo arturiano, Lancelote deve ser sujeito a uma prova iniciática essencial. É preciso transpor uma ponte que, na verdade, se apresenta com a lâmina de cortante de uma espada, com o comprimento de duas lanças. Sob ela correm águas negras prontas a engoli-lo. Este tema encontra-se de forma idêntica no *Avesta* zoroastriano. Do outro lado da ponte, uma jovem aguarda Lancelote. Quanto a isto, diz-nos Paul du Breuil:

Surpreendente transposição da Daena zoroastriana, que aqui encarna a rainha Genebra que o cavaleiro do Graal vai libertar do castelo da Morte, o país donde se não regressa.

Na sua obra, Paul du Breuil mostra que a ética cavalheiresca existia entre os Partos, antes de existir no Ocidente. Respeito pela coragem, moral guerreira e código de honra serviam de princípios a esses guerreiros. No Irã, antes das cruzadas, criara-se uma instituição: a *fotowwat*. Paul du Breuil diz-nos, sobre ela:

Fotowwat, substantivo que significa, em sentido próprio, liberalidade, generosidade, abnegação e que caracteriza bem uma espécie de confraria cujo grau de fato era conferido por *sheiks*, senhores ou mestres de sociedades iniciáticas.

É inegável que os Templários devem ter descoberto na ética cavalheiresca oriental alguns pontos comuns com a sua própria busca. Daí a encontrar uma qualquer filiação vai uma grande distância. Por exemplo, será difícil conceber que os assassinos tenham podido pagar um tributo aos Templários se estes eram apenas os seus alunos, como pretendem alguns. Em contrapartida, em contato com os filósofos e os sábios da seita, alguns Templários podem muito bem ter trazido para a sua Ordem conhecimentos e elementos iniciáticos que talvez se tenham

misturado com o sistema próprio do Templo.

Templários e Druzos: a herança do califa Hakem

Teremos de nos interessar também por uma outra influência possível: a da ordem secreta dos Druzos. Conhecemos mal as suas origens. Por vezes, diz-se que são herdeiros dos gnósticos; ofitas, nazarenos, essênios. De igual modo, atribuem-se-lhes origens que enraízam nos pitagóricos. Divididos num círculo externo - o povo - e um centro interno formado por iniciados - os *okkals* - os Druzos veiculavam um ensinamento secreto. No plano religioso, ostentavam no exterior uma fé muçulmana oriunda do Ismaelismo dos Fatímidas. A sua aparição deveu-se ao califa Hakem, que reinou no Egito entre 996 e 1021. Segundo a lenda, quando do seu nascimento, todos os planetas se encontravam reunidos no signo do Câncer e Saturno presidia na hora em que ele entrou no mundo. Diz-se também que nunca morreu e apenas desapareceu. Só foram encontradas a sua burra cinzenta e as suas sete túnicas, que haviam sido desabotoadas. De então para cá, os Druzos não deixaram de esperar o regresso iminente do califa Hakem.

Tinha olhos azuis escuros e um olhar insustentável, uma voz profunda, vibrante. Passava uma boa parte do seu tempo entregue à astronomia. Nutria um estranho amor pela irmã. Nerval diz que «ela lhe provocava o efeito de uma dessas rainhas dos impérios desaparecidos que tinham deuses como antepassados».

Julgando-se ele próprio deus, Hakem, à imagem dos faraós, decidiu casar com a irmã a fim de reconstituir o casal primordial da cosmogonia. Tomado por louco, foi internado, mas os seus fiéis sublevaram o povo, que o libertou. Por certo foi assassinado por Ebn Dawas, o amante dessa irmã que amava tanto. Talvez tenha até sido ela a organizar o homicídio e, no entanto, os seus fiéis não acreditaram na sua morte, esperando sempre o seu regresso. Cerca de 1130, foi proclamado Deus encarnado e os seus *dais* foram levar a sua palavra à Síria. Segundo Gerard de Nerval, a doutrina do califa Hakem punha em cena um deus, senhor do mundo, que designava com o nome de Al-Bar. Esse deus encarnava regularmente porque a loucura dos homens o obrigava a intervir para os colocar de novo no caminho reto. Cada uma dessas encarnações dava origem a uma luta entre Al-Bar e os anjos das trevas instalados na terra. Nerval diz-nos:

Assim, na história do mundo que os Druzos escrevem, vemos cada um dos sete períodos apresentar o interesse de uma ação grandiosa, em que esses eternos inimigos se procuram sob a máscara humana, e se reconhecem pela sua superioridade ou pelo seu ódio.

Para os Druzos, Pitágoras teria sido uma dessas encarnações. Por outro lado, acreditavam na transmigração das almas que se efetuaria em função dos méritos adquiridos ou não na vida precedente.

O califa Hakem teve dois grandes discípulos: Hamza-Ben-Ali-Ben Hamad e Mohaminad-Ben Ismail-el-Derrzi. É do nome deste último que provém o termo «Druzo».

Derrzi sofreu algumas contrariedades: depois de ter suscitado um tumulto

numa mesquita do Cairo, fugiu para a Síria, onde fundou a seita e a organizou sobre bases sólidas. Hamza sucedeu-lhe e codificou a sua cosmogonia sob a forma de sete obras sagradas. Quando Baha-Al-Din Al-Muktana tomou a Ordem em mãos, fechou-a e impôs aos iniciados o *katin*, segredo inviolável em relação aos profanos, reforçado pelo *kakkya*, a maior prudência mesmo em relação aos Druzos não iniciados.

Os Templários foram acusados por vezes de adorarem um bezerro, o que era manifestamente falso, embora se trate de um ponto apresentado quando da investigação. Gérard de Nerval que, no decurso da sua viagem ao Oriente, encontrou muitos Druzos, conta-nos que eles lhe falaram do *horse*, pedra negra talhada segundo a forma de um animal e que os Druzos traziam sempre consigo. Servia-lhes de sinal de reconhecimento. Algumas dessas pedras, encontradas em mortos, teriam levado a pensar que adoravam um bezerro. Não seria esse vínculo que os inquisidores queriam pôr em evidência? Não podemos deixar de pensar que, no *Parsifal* de Wolfram von Eschenbach, o pagão Flégétanis adorava um bezerro, no qual via um deus. Se acrescentarmos que o *Djebel-Druzo* foi, segundo algumas lendas, o último refúgio do Graal, levado para lá por Galaad, no final da sua busca, o círculo parece fechar-se. Nerval pretendia dar garantias do seu nível iniciático ao *xeque druzo*, mas não dispunha da pedra negra do reconhecimento. Explicou então que «dado que os Templários franceses haviam sido queimados, não tinham podido transmitir as suas pedras aos franco-maçons que se tornaram os seus herdeiros espirituais». É verdade que esse bezerro-boi virá a ser encontrado, com o bucrânio, nos iniciados do renascimento que utilizavam o *Songe de Poliphile* como formulário.

As torres do Diabo

O bezerro adorado pelos Druzos pode funcionar como ponto comum com determinados costumes dos *Yézidis* que ocupavam as montanhas vizinhas de Singar, na Mesopotâmia, ou seja, mais ou menos a zona de ocupação dos Curdos. O seu nome era herdado do califa Yézid. Também eles praticavam uma religião fortemente dualista mas, ao contrário dos Cátaros e da maior parte dos gnósticos, concediam a superioridade ao princípio do mal sobre o do bem. Isto equivale a dizer que as cerimônias rituais acumulavam todo o gênero de horrores. Mazdeístas, haviam conservado o culto do sol e do fogo mas, acima de tudo, adoravam o sexo da mulher, considerando que fora através dele que viera o Mal absoluto. As suas cerimônias terminavam em orgias, no decurso das quais os participantes se misturavam ao acaso. Nelas, veneravam também (como os Druzos) *Tawus* e *Melek*, o anjo pavão, por detrás do qual se escondia Satã. Lançavam desafios a Deus e afirmavam que Lúcifer tivera razão em se inclinar perante Adão, apesar da ordem do Criador.

Segundo os *Yézidis*, há lugares privilegiados, verdadeiros centros de projeção das influências satânicas no mundo. Estão assinalados.

Nomeadamente, existiriam sete torres, uma das quais na zona que ocupavam. Ligadas entre si, assemelhar-se-iam a uma projeção das estrelas da Ursa

Maior. As sete torres em questão (que não excluem outros locais) ficariam situadas no Níger, no Sudão, no Ural, no Turquestão, numa ilha a norte da Sibéria, no Iraque e na Síria.

Os *Yézidis* temiam a torre situada no seu território, perto das margens de Ninive. Os seus padres abstinham-se de a frequentar com medo de não saberem dominar as forças que poderiam desencadear. Em contrapartida, eram frequentadas por magos errantes. Geralmente, passavam lá vários dias. William Seabrook descreveu-a. Com efeito, fez uma visita ao santuário de «Cheik-Adi». Por detrás do Templo, construída no flanco da montanha e continuando-se por redes de subterrâneos, Seabrook viu «sobrepujando uma outra eminência mais elevada, uma torre branca, parecida com a ponta finamente aparada de um lápis e donde partiam raios de uma luz ofuscante». Essa torre elevava-se no teto plano de uma abóbada de pedra, branqueada a cal, e o topo brilhante, donde partiam, em todas as direções, raios de luz, era constituído por uma bola de cobre cuidadosamente polida.

Assim, pensava-se que essas torres se situavam em locais onde seria possível a comunicação com as forças subterrâneas, o mundo do mal. Mundo do mal onde forças tão potentes como elas seriam um perigo permanente a ser controlado.

[Nota: Existe, em França, uma montanha oca que tinha o nome de *Pic de La Tour* e que poderia bem ser considerada no âmbito do mesmo esquema.]

De certo modo, as nossas centrais nucleares não poderiam ser assimiladas a modernas torres do diabo? Quando pensamos que o dilúvio de fogo devido à estrela Absinto deve, no Apocalipse, ser um dos sinais do fim dos tempos, e quando sabemos que Tchernobyl, em russo, significa absinto... Mas isso é outra história. Voltemos à vaca fria (ou ao bezerro de ouro).

Locais perigosos cujas portas se abrem aos iniciados, locais cujas «portas se não abrem para aqueles que estão no centro da Terra, mas se abrem para Horus», como diziam os Egípcios.

Ora, em antigos textos sírios, fala-se de uma pedra preciosa assimilável ao Graal e que seria a base ou o centro do mundo, escondida nas «profundezas primordiais, perto do templo de Deus». Está relacionada com um local montanhoso inacessível. Quão perigoso é esse lugar, disse Jacob a Béthel, lá onde a pedra sagrada lhe indicou o caminho para a cidade subterrânea de Luz. Lugar onde uma escada liga a terra, tanto ao céu como ao mundo infernal. *Terribilis est locus iste.* Porque esse local é a casa de Deus e esta é a porta do céu. Como diz Julius Evola:

"Jacob é aquele que luta contra o anjo e lhe impõe que o abençoe, que consegue ver Elohim cara a cara e salvar a vida, combatendo contra o próprio divino."

A propósito de Jacob, Evola lembra o rei do Graal, também ele coxo e que foi ferido na coxa.

Tudo gira em redor de um local onde é possível o contato tanto com o céu como com os infernos. Lembra-nos uma cena que se passou quando da iniciação de Hassan-Ibn-Sabbah, segundo ele próprio contou. Um guarda perguntou ao homem que acompanhava Hassan:

«Velho guia, oh tu, o que vela na montanha, que queres de nós agora?»

E o homem respondeu:

- A Luz, oh meu irmão, a luz para este homem que vem da cidade submetida aos ocupantes malditos.

- Entra, velho guia, e recita, para tal, a grande oração; será para ele um primeiro passo de fato em direção à luz que provém das trevas.

A pedra de Béthel, tal como as torres do diabo, em ligação com a Luz que vem das trevas (é uma cidade subterrânea) deverá ser aproximada das lendas referentes a Satã.

Foi então que um anjo se apoderou de Satã, o cobriu com pesadas cadeias e o atou durante mil anos. Deus veio verificar que Satã estava bem amarrado no fundo de um abismo e ele próprio fechou a pedra que fecha o precipício.

Que aprenderam os Templários, no Oriente, em contato com todas essas seitas? Quais foram, desde logo, as suas relações com Seth-Satã? Que aprenderam sobre o que permite, em determinados locais, comunicar com forças que nos transcendem? Cada um poderá imaginar, em função das suas próprias crenças, mas algumas implantações templárias analisadas a partir de lendas locais fazem-nos pensar que não foram indiferentes ao espírito dos locais e, muitas vezes, brincaram com o fogo.

II

A ESPIRITUALIDADE INSCRITA NA PEDRA

Diversidade da arquitetura templária

Vimos que influências podem ter sofrido os Templários, procuramos os segredos que poderiam ter-lhes sido transmitidos. Mas, na verdade, não podemos determinar qualquer filiação certa. No entanto, tudo indica que existiu mesmo uma doutrina interna na Ordem. Seria espantoso que os seus «convívios» não tivessem tido qualquer impacto sobre eles. Ademais, há um elemento que reaparece, lancinante, desde a sua primeira implantação no local do Templo de Jerusalém: a descoberta de algo extremamente importante. Um segredo que, de uma forma ou de outra, aparecia como um meio de entrar em comunicação com um outro nível de consciência, mundo celeste ou mundo infernal ou, o que seria mais verosímil, os dois. E se assim era, poderíamos encontrar vestígios na mensagem que nos deixaram inscrita em pedra.

Sabemos que a implantação das comendas templárias corresponde, por um lado, ao acaso: as dádivas que recebiam e que lhes permitiam, portanto, construir as suas casas ou capelas, ou então os edifícios que lhes eram oferecidos já completamente construídos. Mas, por outro, tratava-se de escolha.

Escolhas econômicas racionais que correspondem a compras destinadas a reorganizar, reconstituir as suas propriedades para facilitar a exploração. Escolhas

ligadas à proteção das estradas mantendo o poder sobre as passagens estratégicas. Escolhas ligadas também a uma atividade mais oculta: locais sagrados onde se praticavam cultos desde a noite dos tempos, locais «carregados» no plano telúrico e poderíamos dizer (mas seria necessário efetuarmos uma pesquisa minuciosa para verificar que não se trata de coincidências) carregados na medida em que os Templários parecem ter gostado dos locais com alta radioatividade, nomeadamente as proximidades das jazidas de urânio.

Para identificarmos os locais onde o Templo se implantou, é melhor consultarmos os cartulários e outros arquivos, mas servirmo-nos também da toponímia. Já o dissemos, os locais chamados Commanderie, Bayle, Temple, Épine, etc., são geralmente indicativos de uma antiga implantação templária. No entanto, temos de nos manter de pé atrás: assim, em determinadas regiões, como as Cevenas, Temple pode pura e simplesmente designar um antigo local de culto protestante. Entre os topônimos interessantes, teremos de referir derivados como Tiplié, Temple, Temploir, Templereau, Tempé e até La Chevalerie, La Cavalerie, La Chevalière, La Croix-Rouge, La Croix-Blanche. Notemos também que muitos dos edifícios templários estão instalados em cima de velhos locais de culto céltico ou pré-céltico.

Se a escolha do local é importante, seria espantoso que a arquitetura não manifestasse, de uma forma ou de outra, a doutrina esotérica que podia animar a Ordem do interior.

Vejamos, primeiro, as comendas. Quando se situam em cidades, na maior parte das vezes, trata-se de simples casas, por vezes fortificadas. No campo, revelam-se mais elaboradas. De qualquer modo, a prioridade na sua construção reside, antes de mais, na funcionalidade. Armazéns, silos, cavalariças, estábulos, granjas e, é claro, oficinas, alojamentos e capela, constituem o essencial. Geralmente, a capela fica situada no lado sul e o refeitório a norte. Na maior parte das vezes, por razões de segurança, o conjunto é construído de forma a poder articular-se em redor de uma casa-forte, por vezes munida de uma torre, formando os edifícios uma muralha em redor de um pátio interior bastante vasto. Mas, na verdade, tudo isso depende um pouco da região e da sua forma de arquitetura dominante.

Os Templários são, antes de tudo, realistas e a sua organização é muito pragmática. Por vezes, em função da sua análise das diferentes formas de insegurança locais, as suas propriedades são transformadas em verdadeiras praças-fortes. É o caso, nomeadamente, do Languedoque, onde a cruzada contra os Albigenses foi um fator de desestabilização. Por vezes, transformaram até as suas próprias igrejas em fortalezas, ou cidades inteiras de que se apoderaram e envolveram com uma cintura de muralhas. Quanto a este ponto, podemos citar, entre outros, o caso de Champagne-sur-Aude, situada a cerca de quarenta quilômetros a sul de Carcassonne.

Os Templários instalaram-se lá no início do século XII. Champagne situa-se numa curva do Aude, que lhe serve de proteção natural. A Comenda estava organizada em redor da igreja. A oeste, a cozinha pegava com o refeitório dos

cavaleiros; a norte, os quartos dos criados e jardins; um pombal a nordeste; as cavalariças, a selaria, a forja e um celeiro a leste; os alojamentos dos sargentos, dos escudeiros e dos operários a sudeste; por fim, a sul, os alojamentos do comendador, dos cavaleiros e do Bailio, bem como o cemitério. Tudo estava fortemente fortificado, com muralhas ameadas sobrepujadas por um caminho de ronda e um fosso circular alimentado pelas águas do Aude. Uma poterna e uma porta protegidas eram apenas acessíveis por barco; uma outra porta era servida por uma «ponte levadiça» que se retirava quando se queria e era guardada por um porteiro. Vemos, nesta organização, na distribuição destes edifícios, o exemplo da racionalidade dos Templários.

Refiramos também duas constantes nas comendas templárias, pelo menos sempre que tal era possível: o poço e os subterrâneos. Eram os garantes da segurança. O poço proporcionava a água potável que permitia resistir, em caso de cerco, e os subterrâneos facilitavam, na devida altura, a evacuação, nomeadamente de tudo o que era precioso e não devia cair em mãos estranhas. Permitiam também entrar e sair discretamente da comenda, nomeadamente por ocasião de cerimônias especiais. Não era raro um dos acessos aos subterrâneos poder ser feito pelo poço. Este tinha também uma outra função, mais simbólica: a criação de um vínculo com as águas subterrâneas e as suas propriedades telúricas próprias. Os Templários eram, é certo, extremamente pragmáticos, mas as suas construções sacrificavam também a outras necessidades mais sutis.

Era, é claro, o aspecto funcional que levava a melhor quando da construção das suas fortalezas. Glosou-se muito sobre a arquitetura militar dos Templários, muitas vezes sem razão. Um dos que mais se apaixonaram por esse tema foi Thomas-Edward Lawrence, mais conhecido pelo nome de Lawrence da Arábia. Quando estudava em Oxford, dedicou a sua tese de história aos «Castelos dos Cruzados» e passou as suas férias, entre 1906 e 1909, a percorrer a Síria (e a França) à procura de vestígios de fortalezas medievais. Para ele, os Arquitetos militares ocidentais foram os mestres daqueles que edificaram os castelos orientais, e não o inverso. Aliás, isto pôde ser provado mais tarde. O futuro coronel Lawrence dedicou-se especialmente a estudar um local de França, relacionado com a sua tese: Provins.

Na Terra Santa, atribui-se amiúde aos Templários a construção de todos os castelos que ocuparam, incluindo o *krak* dos cavaleiros que não lhes deve grande coisa. É verdade que aqueles que não construíram eles mesmos, foram muitas vezes grandemente remodelados. Apenas construíram realmente o Chastel-Blanc, em Safita, Tortosa e Château-Pélerin, em Athlit (chamado inicialmente «Château du Fils de Dieu»), bem como um palácio fortificado em São João de Acre.

Château-Pélerin foi a primeira e a mais bela de todas as suas obras militares. Resistiu a todos os ataques e só foi evacuado à última hora, depois da perda de Acre. Construído em 1218 sobre o promontório de Athlit, a sul de Haifa, constitui a prova de que, em sede de arquitetura funcional, os Templários foram menos doutrinários do que pragmáticos.

No Ocidente, muitas das suas cidades e igrejas fortificadas desapareceram,

mas podemos, mesmo assim, visitar ainda algumas como La Couvertoirade, em Larzac, ou Richerenches, em Vaucluse, e, no que se refere a igrejas, Cruas, em Ardèche, Rudelle, em Lot, Laressingle, em Gers.

As capelas templárias

Detenhamo-nos um pouco na arquitetura das igrejas e capelas templárias, onde o aspecto puramente funcional cede o passo ao sagrado, ao simbólico e aos sinais da doutrina escondida. Corre um montão de idéias falsas a respeito delas. A crer em alguns, uma igreja templária é um edifício circular à imagem do Santo Sepulcro ou possui obrigatoriamente um campanário octogonal. Estes erros foram, de um modo geral, retomados por Viollet-le-Duc, que escreveu:

"A Ordem dos Templários, especialmente afetada à defesa e à conservação dos lugares santos, construía, em cada comenda, uma capela que devia ser a representação da rotunda de Jerusalém."

Isto levou a que lhes fossem atribuídas, como em Montmorillon, capelas em forma de rotundas, mesmo quando estas nada tinham que ver com eles.

Embora tenham construído efetivamente rotundas, como em Metz ou Laon, as suas capelas seguiram, na maior parte dos casos, o estilo local. A abóbada esférica era de bom tom na Provence, enquanto a cabeceira plana era preferida na Gasconha, no Périgord e em Saintonge. Muito frequentemente, eram de uma grande sobriedade, desprovidas ou quase desprovidas de decoração, sobretudo quando se tratava de capelas que apenas serviam para os irmãos da Ordem e não para os fiéis exteriores. No entanto, quando se destinavam ao público, nem sempre se regateava na decoração.

Por vezes, manifestavam um simbolismo especial, livros de pedra que revelavam, aos que eram capazes de os compreender, mistérios doutrinais. É o que acontece em Montsaunès, em Haute-Garonne, onde a igreja fortificada construída pelos Templários contém uma estranha iconografia. Os capitéis da porta norte contam a vida de Cristo. Num, vemos a Virgem deitada ao lado do berço e, no outro, Cristo, com metade do corpo mergulhado numa tina com aspecto de cálice. Abençoa, enquanto, de cada lado, uma mulher ajoelhada o serve. Segundo os especialistas, tratar-se-ia de uma representação da cura miraculosa da parteira cega que viera lavar o menino, quando do nascimento. Ora, esta cena só existe nos evangelhos apócrifos, o que faria supor que os Templários os conheciam e teriam estudado textos heréticos. O interior da igreja de Montsaunès está recheado de sinais astrológicos e alquímicos incluindo um «pêndulo de Salomão» segurado por duas personagens. Nos capitéis da porta ocidental estão representadas cenas enquadradas por pequenas colunas espiraladas coroadas por uma espécie de pequena torre ou de minarete de estilo árabe.

Em Montsaunès, podemos também ver Cristo ao colo de sua mãe. A criança está vestida à maneira oriental e segura na mão um livro fechado que representa a doutrina escondida. Na porta sul, um motivo curioso encontra-se colocado no

alinhamento do Sol no solstício do Inverno. Os raios do astro diurno penetram na igreja por um buraco e embatem num buraco numa laje que se encontra a cerca de três metros, no interior. Frescos mostram um veado colocado sobre um tabuleiro de xadrez branco e vermelho e um cordeiro sobre uma grade. Esta igreja abrigava uma virgem negra que foi retirada. Estamos muito longe do despojamento cisterciense.

Convém também referir Tomar. Infelizmente, foram efetuados melhoramentos depois da extinção da Ordem, mas os que se dedicaram às diferentes obras eram verdadeiramente «descendentes» dos Templários, dado que se tratava da Ordem dos Cavaleiros de Cristo.

A fortaleza de Tomar foi edificada por ordem de Gualdim Pais, Grão-Mestre da Ordem em Portugal. Fato curioso, depois da sua morte, em 1195, não foi enterrado na rotunda de Tomar, mas numa igreja da cidade baixa: Santa Maria do Olival.

A entrada e a saída são marcadas por poços, infelizmente aterrados em grande parte, hoje em dia. Uma outra igreja, com torre octogonal, tem o nome de São João Baptista. Na fachada, um baixo-relevo, que uma esfinge nos convida a observar atentamente, representa um grande cão que designa a constelação cuja estrela principal é Sirius, ou Sothys, para os orientais. Vemos também um leão que lembra a constelação e a sua estrela, Régulus. No centro, um «Graal» deverá ser relacionado com a constelação «a Taça». Estas figuras determinam um ângulo de 34 graus.

Ora, a constelação de Leão forma com a Taça e a estrela Sirius do Grande Cão um ângulo de 34 graus, à meia-noite verdadeira, a 20 de Janeiro. Trata-se do dia em que se festeja São Sebastião, aquele miliciano romano que foi trespassado com setas antes de ser... decapitado. Mais uma cabeça cortada. Ora, São Sebastião era um dos santos preferidos dos Templários. E esse é apenas um dos segredos menores de Tomar. Mauricé Guinguand traz à luz mais algumas particularidades. Refiramos, antes de deixarmos de falar de Tomar, que o túmulo de Gualdim Pais está vazio.

Os Templários e o culto das cabeças cortadas

Uma das grandes chaves do segredo dos Templários encontra-se, sem dúvida, na consagração das suas igrejas. Já referimos que, cegos pelos seus preconceitos referentes tanto ao pretenso Joanismo dos Templários como ao amor de São Bernardo pela Virgem, inúmeros autores quase ligaram sistematicamente a Ordem às consagrações a Nossa Senhora e a São João. Não podemos censurá-los porque Maria assinala inúmeros locais templários, nomeadamente na Bretanha. Os *Locmaria* reservam, aos investigadores, muitas surpresas agradáveis sob a forma de cruzes templárias ou de capelas que pertenceram aos monges-soldados.

Quanto a São João, era amiúde o baptista que designava, mais do que o evangelista.

São João Baptista, o pastor cuja cabeça foi cortada. Faz-nos pensar que era

habitual representarem-se cabeças esculpidas na decoração das capelas e dos refeitórios dos Templários, cabeças sem os seus corpos, como na igreja de Charrière, perto de Saint-Moreil (Creuse), que era dedicada ao Baptista.

Entre as numerosas capelas a que dava nome, citemos também a de Comps-sur-Artuby, no Var, onde um fresco representa a Arca da Aliança protegida por querubins com... pés fendidos. Mas deixemos de lado João Baptista-Janus, decididamente ligado ao *baphomet* e à sua cabeça cortada.

Não nos detenhamos também em São Pedro, de quem já falamos. Pedro, demasiado ignorado pelos comentadores quando se trata dos Templários, Pedro que parece muito terra a terra mas que detém as chaves dos dois reinos e a rede dos pescadores. São Pedro, porteiro dos subterrâneos da Ordem do Templo. Mas é por outros santos que vamos interessar-nos, por aqueles que aparecem com muita frequência nas consagrações dos Templários e pelos quais ninguém se interessa. E, no entanto...

São Bartolomeu, cujo nome foi dado, nomeadamente, à comenda de Puy-en-Velay, morreu esfolado vivo, após o que foi decapitado.

Santo Adriano: no departamento de Morbihan, perto de Baud, cuja igreja é dedicada a São Bartolomeu, encontra-se a capela de Sain-Adrien, um dos mais belos ornamentos do vale do Balvet. Esta capela templária é um dos testemunhos da introdução do culto de Santo Adriano na Bretanha, pelos Templários. No interior da igreja, os frescos mostram, nomeadamente, São João Baptista que, em vez de estar vestido com uma pele de ovelha, enverga uma pele de boi. João Baptista, o culto do bezerro, o *baphomet* dos Templários.

Rezava-se a Santo Adriano pela cura das doenças gástricas, a capela possuía calhau rolado redondo com o qual os peregrinos esfregavam o abdômen. Esse culto estava associado à água e duas fontes vêm brotar na própria capela. No exterior, uma outra fonte é sobrepujada por uma cruz onde pode ver-se uma grinalda de... cabeças cortadas.

De referir, contudo, que essa capela foi remodelada no século XVI e, portanto, não temos a certeza quanto à inspiração templária da decoração. Mas podemos assinalar que os apóstolos representados no interior estão vestidos com uniformes de Templários e de cavaleiros de São João de Jerusalém.

Adriano sofreu o martírio no reinado de Maximiniano. Foi açoitado a tal ponto que as suas entranhas lhe saíam do corpo. Cortaram-lhe os pés e as pernas e, em seguida, uma mão. A mulher que o amava conservou essa mão. A sua cabeça não foi cortada, mas não restava muita coisa ligada a ela.

São Maurício: uma comenda ostenta o seu nome, em Verdon. Dependia do estabelecimento de Combs-sur-Artuby. Foi esse santo que o rei René escolheu para patrono da Ordem do Crescente, mas isso é outra história mais ligada à herança do Templo do que à própria Ordem.

Podemos citar a comenda de Saint-Maurice-de-Vothon, perto de Angoulême, a de Saint-Maurice-sur-Vingeanne, perto de Dijon, a capela de Saint-Maurice de Metz, a de Saint-Maurice-du-Moustoir, perto de Quimper, etc.

Maurício era o chefe da legião tebana. Nesse exército havia inúmeros cristãos

e quiseram obrigá-los a sacrificar aos ídolos, quando da campanha realizada na Gália. Recusaram.

O imperador ordenou que escolhessem um entre cada dez deles e mandou-lhes... cortar a cabeça. São Maurício encontrava-se nesse lote. As suas relíquias e as dos seus amigos, transportadas num saco, permitiram a um padre amainar uma tempestade.

Santa Catarina: encontramos, em Saône-et-Loire, uma comenda do Templo de Santa Catarina. Bem conservada, conservou as suas esculturas, nomeadamente as meias lâmpadas ornamentadas com... cabeças humanas.

Em Valançay, no Indre, existia também uma capela templária com esse nome. Seria necessário lembrar a misteriosa capela de Santa Catarina de Gisors e mais algumas. Nomeadamente a capela templária subterrânea de Royston, cerca de trinta quilômetros a sul de Cambridge. Essa cave está recheada de esculturas e inscrições bastante enigmáticas. Algumas aproximam-se muito das deixadas pelos Templários em Chinon e Domme. Podemos admirar, entre outros, São Lourenço, muito amado pelos Templários, Nossa Senhora, São João e Santa Catarina, mas também o Santo Graal.

Segundo a lenda, o imperador Maxêncio apaixonara-se por Catarina, mas ela recusou entregar-se a ele e, ainda por cima, convertia todas as pessoas em seu redor, incluindo a própria mulher de Maxêncio. Este mandou torturá-la. A imperatriz indignou-se. Então, o imperador mandou cortar a cabeça às duas.

São Jorge: tem a sua capela em Ancenis, no Loire, perto da quinta de La Templerie. Está presente nos frescos encontrados quando da restauração da comenda de Coulommiers. Citemos também a capela de São Jorge, em Vuillecin, em Doubs. Figura também num selo templário onde o vemos trespassar o dragão com a sua lança, tendo, a seu lado, uma estrela.

Foi supliciado, suspendido de um cavalete e rasgado com unhas de ferro, queimado com tochas. As suas chagas foram esfregadas com sal, as entranhas saíram-lhe do corpo. Um milagre curou-o. Mas, depois de muitos episódios e suplícios, São Jorge acabou com... a cabeça cortada.

Todos estes santos aparecem com frequência nas dedicações de igrejas e capelas templárias. Há outras que devemos referir e que têm outras características. Mas, quanto a estes, será apenas um acaso o fato de todos terem tido a cabeça cortada? Não deveremos pensar que esta constante tem uma relação qualquer com o *baphomet*? São João Baptista tem, decididamente, muito mais que ver com este enigma do que o pequeno demônio de Saint-Merri.

Outros patronos para o Templo

Existem algumas personagens que não sofreram o suplício da degolação mas cujo nome é amiúde associado a estabelecimentos templários.

É o caso de São Lourenço. Nas grutas de Jonas, no Puy-de-Dôme, os Templários que se refugiaram depois da ordem de detenção organizaram um local como capela e dedicaram-no a Lourenço. Claro que se trata apenas de um exemplo

entre outros. Primo de São Vicente, também estimado pelos Templários (pelo menos esta ligação familiar é afirmada apesar de uma incompatibilidade cronológica), sofreu martírio atado a uma grelha de ferro sob a qual haviam sido colocados carvões ardentes. Como se tal não bastasse, o seu corpo foi perfurado com um garfo.

São Gil: nascera em Atenas, de linhagem real. Foi, desde a infância, instruído nas belas letras. A sua piedade era tal que tinha o dom de fazer milagres, expulsar demônios, acalmar as ondas quando das tempestades. Gil dirigiu-se para o deserto, onde viveu ao lado de um ermita chamado Veredemo. Depois, tendo-o deixado, descobriu uma gruta com uma fonte. Instalou-se lá e recebia, a horas certas, a visita de uma corça que alimentava com o seu leite. Um caçador que perseguia a corça, desferiu-lhe uma seta, mas foi Gil que foi atingido. O incidente em breve foi conhecido.

O rei, prevenido, adquiriu o hábito de ir ver Gil e fundou um mosteiro que lhe foi confiado. Gil continuou a fazer milagres. Tudo isso se passava por volta do ano 700.

Gil Aegidius faz-nos pensar em *aigos*, a cabra, tal como a égide era a pele da cabra Amalteia que alimentava Zeus com o seu leite.

O local privilegiado dedicado a Gil encontra-se no Gard, às portas da Camargue. Em Saint-Gilles encontravam-se duas importantes comendas, uma templária e outra hospitalária. O segundo local é a gruta onde se pensa que viveu, perto de Collias, no Gard. Uma pequena capela foi construída à entrada e dedicada a São Vicente. Perto de uma outra gruta, muito próxima, há outra capela dedicada a São Pedro.

O culto dedicado a São Gil está geralmente ligado à árvore, à floresta, local iniciático entre todos, passagem obrigatória para o peregrino do Renascimento que é Polífilo. Saint-Gilles era uma das etapas essenciais no caminho para Santiago de Compostela. A peregrinação a Saint-Gilles foi inclusive muito importante por si mesma, até ao período da cruzada contra os Albigenses, e encontravam-se inúmeros estabelecimentos dos Templários nas estradas que aí conduziam.

Depois do ferimento com a flecha, Gil, tal como o rei Méhaigné da demanda do Graal, teria ficado coxo e patrono dos coxos. Tal como São Roque está, portanto, ligado ao andar oblíquo daqueles que desceram aos infernos e regressaram.

São Gil desempenhou um papel à parte entre os patronos do Templo. Está ligado, no tempo, à sobrevivência do pensamento dos Templários, veiculada por sociedades secretas como a Agla, no Renascimento, e, mais tarde, a Sociedade Angélica.

Para Grasset d'Orcet, devemos ligar São Gil a uma personagem mítica que servia de reconhecimento no seio dessas sociedades: John Gilpin, e ver nele um herói cujo percurso coincide com o do astro. Lembra-nos, aliás, que São Gil ou Saint Gély servia de senha aos antigos Rosa-Cruz.

Detemo-nos mais um pouco nuns patronos muito especiais da Ordem do Templo: os santos gêmeos Gervais e Protais.

Eram irmãos gêmeos, filhos de São Vital e da bem-aventurada Valéria. Deram todos os seus bens aos pobres e, em seguida, viveram junto de dois outros santos gêmeos: Celso e Nazário. Gervais e Protais foram presos. Quiseram obrigá-los a oferecerem sacrifícios aos deuses. Tendo-se recusado, foram martirizados.

Em Paris, a igreja de Saint-Gervais-Saint-Protais, um dos mais belos edifícios alquímicos da capital, encontra-se no local de uma capela templária donde partia um subterrâneo. Saint-Gervais-Saint-Protais e o olmo do local tornaram-se um dos pontos de encontro dos mesteirais. Quanto à decoração, esta igreja deve ser analisada em relação com Saint-Gervais-Saint-Protais de Gisors, também ela estreitamente ligada à história dos Templários.

Por certo era o fato de serem gêmeos que dava importância a estes dois santos aos olhos dos Templários.

Os Templários, promotores da arte gótica

Os Templários talvez não tenham deixado a sua mensagem inscrita na pedra unicamente nas suas igrejas. Com efeito, parecem ter desempenhado um papel determinante na construção das catedrais. É difícil dizer se os Templários estiveram pouco ou muito na origem das encomendas, mas é certo que participaram na sua realização por intermédio das corporações de mesteirais que lhes estavam ligadas. No tempo, o «gótico» apareceu com os Templários e os «filhos de Salomão», antepassados dos companheiros do dever de liberdade, que viviam na órbita dos Templários. Tudo isto se realizou em ligação com a Ordem de Cister. O Templo foi, sem dúvida, o grande financeiro destas construções, tanto fornecendo os operários, a quem a Ordem pagava, como contribuindo, ao que parece, com importantes acréscimos.

Para compreender o esforço financeiro gigantesco que isso deve ter representado, é necessário saber que, na mesma época, ou quase, foram lançadas todas as grandes obras: Noyon, em 1140, Senlis e Laon, em 1153, Paris, em 1163, Poitiers, em 1166, Lisieux e Sens, em 1170, Soissons, em 1175, Bourges, em 1190, Chartres, em 1194, Rouen, em 1200, Reims, em 1211, Auxerre, em 1215, Le Mans, em 1217, Coutances, em 1218, Amiens, em 1220, Toulouse, em 1229, Sées, em 1230, Estrasburgo, em 1240, Beauvais, em 1247, Clermont-Ferrand, em 1248, Metz, em 1260, Troyes, 1262, Narbonne, em 1272, Rodez, em 1277, etc.

Ou seja, vinte e cinco catedrais cujas obras se iniciaram num período de 137 anos. Temos dificuldade em imaginar o custo colossal de uma tal operação.

Os Templários não estiveram ausentes deste extraordinário trabalho. Aliás, foi na sequência da sua intervenção que Luís IX concedeu às confrarias de operários privilégios que Filipe, o Belo, irá suprimir ao mesmo tempo que fará desaparecer a Ordem do Templo.

Antes dos Templários, as únicas grandes igrejas existentes eram abaciais. Faltavam os meios para construir edifícios caros. Quando uma cidade enriquecia, mandava construir uma ou duas igrejas suplementares, mas geralmente de dimensões limitadas. De um momento para o outro, houve dinheiro suficiente para

lançar uma gigantesca política de grandes obras. Ora, ao mesmo tempo, a nobreza devia prover às despesas das cruzadas. Partir para o Oriente com homens de armas, reunir uma verdadeira hoste que era necessário equipar, alimentar, custava caro. Estava fora de questão financiar, ainda por cima, a construção de igrejas gigantescas. E apesar de as cidades se desenvolverem, de o artesanato e o comércio prosperarem, nomeadamente graças à segurança das estradas, isso só em parte pode explicar as origens do financiamento das obras das catedrais. Pretendeu-se responder a esta interrogação falando do ímpeto de um povo que participava espontaneamente em corveias. Isso é ridículo e só pode ter sido muito marginal, porque a construção de uma catedral exigia o emprego de uma mão-de-obra altamente qualificada, que dominasse perfeitamente problemas técnicos bastante complexos, e de artistas de grande valor, que não eram abundantes.

Para garantir a proteção e tesouraria desses estaleiros só existia a Ordem do Templo, que era bastante poderosa, em termos financeiros. Não devemos ver nela o único mecenas para todas as catedrais desta época. Sem dúvida que os financiamentos foram múltiplos mas não podem ter prescindido dos Templários que, nomeadamente, mantiveram a expensas suas confrarias de operários.

Neste caso, não podemos pôr de parte a hipótese de os Templários terem recebido a sua missão de São Bernardo e que esta estivesse relacionada com os segredos trazidos do Oriente. Em primeiro lugar, parece que a «ressonância» das catedrais beneficiou da experiência dos cistercienses, em matéria de propagação dos sons. Também é inegável que a maior parte das capelas templárias apresenta o despojamento, a simplicidade pregada por São Bernardo. Este último criticava, efetivamente, as igrejas demasiado ornamentadas:

Para falar francamente, tudo isso apenas provém da avareza que não é mais do que idolatria, e o que propomos não é retirar disso uma vantagem espiritual, mas fazer chegar as dádivas até nós, por esse meio. [...] Há uma forma de distribuir o dinheiro que o multiplica; gasta-se para o fazer voltar e espalha-se para o aumentar. Com efeito, ao vermos essas vaidades sumptuosas e admiráveis, já não nos sentimos levados a oferecer coisas semelhantes à oração: eis como atraímos as riquezas por meio das riquezas e como apanhamos o dinheiro com o dinheiro; porque não sei por que encantamento secreto os homens se sentem sempre impelidos a dar a quem tem demais. Quando os olhos se abrem de admiração para contemplar as relíquias dos santos incrustadas no ouro, as bolsas abrem-se, por sua vez, para deixar jorrar o ouro. Expomos a estátua de um santo ou de uma santa e acreditamos tanto mais na santa quanto mais carregada de cores estiver. Então, juntam-se multidões para a beijar e, ao mesmo tempo, pedem-nos que deixemos uma oferenda; todos esses respeitos se dirigem mais à beleza do objeto do que à santidade.

"[...] Oh vaidade das vaidades, mas vaidade mais insensata do que vã! As paredes das igrejas brilham com as riquezas e os pobres estão na miséria; as suas pedras estão cobertas de dourados e os seus filhos privados de roupas: utiliza-se o bem dos pobres para embelezamentos que encantam o olhar dos ricos. Os amadores encontram na igreja com que satisfazer a sua curiosidade e os pobres não

encontram lá nada para sustentar a sua miséria."

Não podemos dizer melhor nem fazer uma análise econômica melhor do que a de São Bernardo sobre a forma como o dinheiro atrai dinheiro.

Se nós ficássemos por estas observações, a construção das catedrais poderia parecer incompatível com a doutrina de São Bernardo. Mas este sabia determinar bem as coisas e admitia a necessidade da ornamentação para atrair os fiéis. Aqueles que censurava eram, antes de mais, os abades porque os seus monges não deveriam ter qualquer necessidade disso para manterem a sua fé. Aliás, escrevia a Guillaume, abade de Saint-Thierry:

Mas, dizei-me, vós que praticais a pobreza de espírito, que faz tanto ouro num santuário? Um abade, na igreja do seu mosteiro, não pode permitir-se imitar um bispo. Este último, dada a natureza do seu cargo, reina sobre um rebanho onde nem todos têm a compreensão das coisas espirituais, e é justo que utilize meios tão materiais para provocar a piedade do povo carnal.

Está tudo dito: a simplicidade nos mosteiros, as esculturas para atrair o povo. E esta análise passou aos fatos com os Templários. Aqueles que conhecem bem a região de Morbihan sabem que as suas capelas, muito simples, despojadas, alternam com as suas igrejas ornamentadas, como em Merlevenez.

No que se refere às catedrais góticas, não se ficou pela decoração: escolheu-se o grandioso. Pensamos em Nossa Senhora de Paris, construída em 5955 m2 e capaz de acolher 9000 fiéis em pé, dos quais 1500 nas tribunas. E Reims, que ocupa 6650 m2, e Amiens, 7700 m2, etc. E as igrejas tornaram-se cada vez mais altas, para melhor se lançarem em direção a Deus e permitirem que a luz penetrasse. Ao mesmo tempo que se «abriam» as paredes, foi necessário aligeirar a construção, reduzir os materiais utilizados.

A igreja românica incitava a rezar, ao recolhimento humilde, ajoelhado, com os olhos pregados no chão, dobrado sobre si mesmo para aí encontrar Deus, no mais profundo do coração. A igreja gótica ofereceu ao homem uma dimensão divina. O fiel começou a admirar, a adorar, a erguer a cabeça para a luz. Já não era no mais profundo de si que procurava Deus, mas na beleza da criação, nessa luz que, por vezes, gerava mais alegria que recolhimento. Simbolicamente, em caso de incidente, a chave da abóbada românica cairia em direção ao solo, a de uma igreja gótica seria ejetada para o céu.

Inúmeras catedrais góticas foram dedicadas a Nossa Senhora. As outras foram dedicadas a Santo Estêvão (cujo padroado também era apreciado pelos Templários), como em Bourges, Sens, Limoges, Caen, Châlons-sur-Saône, Rouen e Metz.

A Virgem recebeu, portanto, o padroado de Amiens, Bayeux, Beauvais, Chartres, Évreux, Laon, Noyon, Paris, Reims, Senlis, Sées, Soissons e, por fim, Notre-Dame de l'Épine.

Como poderemos não ligar isto com este ato de fé dos Templários:

"Nossa Senhora esteve no início da nossa religião e nela, em honra dela, se Deus quiser, estará o fim da nossa religião."

E o postulante, quando da sua recepção, pedia para ser recebido «perante

Deus e perante Nossa Senhora», enquanto Cristo nunca era citado. E quando os Templários presos, quando da extinção da Ordem, queriam recolher-se, inventaram a «Oração dos Templários na prisão» que dizia:

«Que Maria, a Estrela do mar, nos conduza ao porto da salvação» ou então «Santa Maria, mãe de Deus, mãe muito piedosa, cheia de glória, santa mãe de Deus, mãe sempre virgem e preciosa, oh Maria, salvação dos enfermos, consoladora daqueles que esperam em vós, triunfadora do mal e refúgio dos pecadores arrependidos, aconselhai-nos, defendei-nos.»

Nossa Senhora, cujo culto não está difundido antes da época do nascimento da Ordem, parece sempre presente no pensamento dos Templários.

Refiramos, de passagem, que as oito catedrais de Nossa Senhora do Norte de França estão implantadas de modo a desenharem no solo a constelação da Virgem, mas invertida, como se a terra fosse o espelho do céu. Nesse esquema, um dos santuários não é uma catedral, no verdadeiro sentido do termo: trata-se de Notre-Dame de l'Épine, cujo nome parece ser uma assinatura templária. Sem ela, a constelação não estaria representada integralmente e não há dúvida que apenas foi construída com essa finalidade, dado que foi edificada em pleno campo, a leste de Châlons-sur-Marne.

Quanto a Estêvão, Jacques de Voragine diz-nos que o seu nome significa coroa, em grego. As catedrais de Santo Estêvão podem, por esse fato, ser consideradas como referências simbólicas à coroação da Virgem.

Os filhos de Salomão

Referimos as organizações dos mesteirais que trabalhavam na dependência do Templo e participavam na construção das catedrais de outras igrejas iniciáticas. Em Paris, habitavam geralmente no «asilo do Templo», perto de Saint-Gervais-Saint-Protais, e tinham o hábito de se reunir sob o olmo, que se encontra no local.

Transformados, depois, nos «companheiros do dever de liberdade» haviam adotado, na época, o nome de «filhos de Salomão». Filiados na Ordem do Templo, beneficiavam dos mesmos privilégios que ela. Isso permitia aos Templários atraírem facilmente os operários e selecionarem os melhores. Amiúde, gravavam à sua passagem as três letras *I. S. V.*, que significavam *Ici Salomon Veille* (Aqui Vela Salomão). Segundo as lendas que faziam parte do seu ensino, Salomão escolhera trinta mil homens, divididos em três grupos iguais, para construir o Templo. Cada companhia trabalhava um mês e, depois, voltava, durante dois meses, ao seu país: o Líbano. Ademais, Salomão contratara setenta mil serventes de pedreiro para o transporte das pedras que oitenta mil homens extraíam das montanhas. Toda essa gente era enquadrada por três mil e trezentos contramestres que dependiam todos do arquiteto Hiram.

Salomão exigiu que as fundações e as paredes do Templo fossem feitas com pedras ciclópicas de grande valor. Os pedreiros talharam-nas enquanto os homens de Giblos preparavam as madeiras e as pedras para construir a Casa do Senhor. Mas era difícil obrigar a trabalhar tantos homens. Alguns pensavam mais nos seus

salários do que no trabalho a efetuar. Hiram quis pô-los em boa ordem. A fim de impedir os abusos, foi dada uma senha àqueles que trabalhavam, para poderem receber o seu salário. Aqueles cujo trabalho tinha mais qualidade do que o dos outros eram interrogados por Hiram e, em seguida, conduzidos a um subterrâneo do Templo onde lhes eram transmitidos novos conhecimentos, no decurso de uma cerimônia de iniciação, e recebiam uma nova senha.

Três aprendizes, Holem (ou Hopem), Sterkin (ou Skelem) e Hoterfut, furiosos por Hiram lhes ter negado a iniciação, quiseram que lhes contasse, pela força, a senha. Um dia, armaram uma cilada a Hiram à saída do Templo. Holem esperou-o à porta do sul, armado com um maço, Sterkin, na porta ocidental, com uma régua, e Hortefut, a oriente, com uma alavanca. Hiram saiu pelo oeste. Recusou-se a ceder e Sterkin bateu-lhe no ombro com a régua. Fugiu e encontrou Holem na porta do sul. Atingido pela segunda vez e cambaleante, correu para o oriente onde foi morto por Hoterfut. Os assassinos escavaram três fossos. No primeiro, colocaram o corpo de Hiram; o segundo recebeu as suas vestimentas e o terceiro a sua bengala: um junco marinho que trazia sempre consigo. Nove companheiros procuraram Hiram. Foram atraídos por um vapor que os levou até ao local onde crescera um ramo de acácia. Aí, encontraram o cadáver de Hiram. Salomão mandou alterar a senha e pediu aos companheiros que cortassem a barba e os cabelos, que envergassem aventais brancos, em sinal de luto, e luvas brancas para evidenciar que estavam inocentes do assassínio. Construiu-se um túmulo de bronze para Hiram, com uma inscrição sobre um triângulo de ouro: *A. L G. D. P. G. A. D. L U.* (*À La Gloire Du Plus Grand Architecte De L'Univers*) (À glória do maior arquiteto do universo). Nele foi colocada uma medalha com o nome de Jeová. Num terceiro triângulo gravaram *S. U. G.* e, nas orlas do túmulo, inscreveram: Noria, Sterkin, Hiram e Mac Benac. O local do túmulo foi chamado *Champ des Cros* ou campo das lágrimas.

Os assassinos foram procurados. Holem foi entregue por Pérignan e cortaram-lhe a cabeça. Sterkin e Hoterfut tinham encontrado asilo junto do rei dos Gepts. Quinze companheiros perseguiram-nos. Esconderam-se na estrada de Bendicar mas foram encontrados, presos e trazidos de volta a Jerusalém, cobertos de cadeias. Foram atados a dois cepos pelos pés e pelo pescoço, com as mãos atadas atrás das costas, os seus corpos foram abertos e, com uma crueldade total, deixaram-nos assim ao sol, à mercê das picadelas dos insetos. Nessa noite, Salomão mandou que lhes cortassem a cabeça. As cabeças foram expostas e o resto foi dado de pasto às feras.

Mais cabeças cortadas. O fato de, quando da consagração dos templos antigos, se sacrificarem cabeças cortadas num ritual, dá que pensar. Assim, Tarquínio, o Soberbo, sétimo rei de Roma, mandou edificar um templo à glória de Júpiter. Quando se realizavam as fundações, foi encontrada uma cabeça humana cortada e ainda a sangrar. A construção prosseguiu e foi-lhe dado o nome de *Capitólio, de caput, cabeça.*

E não é sobre Cefas, o crânio, nome de Pedro, que está construída a Igreja?

«Pedro, tu és pedra, e sobre essa pedra edificarei a minha Igreja.» Todavia, os

segredos de construção detidos pelos «Filhos de Salomão» provêm também de uma história bem estranha, a de uma raça maldita protegida pelos Templários.

OS TEMPLÁRIOS E O SEGREDO DA RAÇA MALDITA

Os cagots: um povo de párias

[*Cagots*: Nome dado outrora, nos Pirenéus, aos miseráveis e talvez leprosos. (N. do T.)]

O segredo dos construtores da Ordem do Templo está ligado a um povo misterioso demasiado ignorado pelos historiadores: os *cagots*. O essencial do que sabemos sobre eles provém de investigações realizadas no País Basco e no Béam, mas veremos que também se implantaram noutras regiões. Nas regiões pirenaicas que, no entanto, quase não conheceram os preconceitos raciais, que acolheram fraternalmente judeus e sarracenos, os *cagots* foram tratados como um povo maldito, sem que saibamos muito bem porquê. Para além de um texto de 1288 que a eles alude, só muito mais tarde os escritos começaram a relatar claramente as perseguições de que foram alvo. Até então, não parece que tenham tido problemas com as populações autóctones, embora todas as lendas referentes a eles tendam a mostrar que a sua chegada à região era mais antiga.

Sofreram uma segregação extremamente estrita que era acompanhada, por parte das populações, de medo, de repugnância e de desprezo. Não tinham o direito de conviver com pessoas que não fossem da sua raça. Eram confinados a cabanas isoladas, afastadas das aldeias. Foi assim que foram fundados inúmeros bairros afastados, nesse tempo, do coração da cidade. Conhecemos os exemplos do bairro de Mitchélénia, separado de Saint-Étienne-de-Baigorry pela Nive des Aldudes, de Ispour, separado de Saint-Jean-Pied-de-Port pelo vale do Lauribar, do bairro da Madalena, perto de Saint-Jean-le-Vieux. Poderíamos citar muitos outros.

Os *cagots* não deviam, em caso algum, misturar-se com o resto da população e o horror que inspiravam era tal que nem sequer na igreja era admitida a sua presença, eram isolados. Estava-lhes reservada uma entrada especial que não era utilizada por mais ninguém, bem como uma pia de água benta, para que ninguém tocasse na água onde haviam mergulhado os dedos. Ainda podemos ver essas pias de água benta reservadas nas igrejas de Ciboure, de Juxue, de Arberats, de Libourne e de Saint-Bernard-de-Comminges.

Também estavam proibidos de beijar a cruz e o padre estendia-lhes a hóstia na ponta de um pau.

Mesmo mortos, eram alvo de uma segregação. Não podiam repousar em terra abençoada e eram enterrados nos fossos ou à beira-mar.

Estavam-lhes vedadas inúmeras profissões, em especial as relacionadas com a alimentação. Embora tenham tido o direito de possuírem terras, não podiam

praticar a agricultura nem a criação de gado. Se o tivessem feito, ninguém aceitaria consumir os seus produtos. Em contrapartida, alguns ofícios serviam-lhes mais ou menos como uma espécie de empregos reservados e em especial os de carpinteiro, de fiação de cânhamo e tecelagem e, mais marginalmente, de serrador de pranchas, marceneiro ou serralheiro. Tinham fama de ser muito hábeis nessas artes mas não tinham mais direitos por isso. Quando um mestre carpinteiro de Moumour julgou, em 1471, poder viver como toda a gente sob pretexto de haver prestado serviços importantes ao bispo de Oloron, apressaram-se a pô-lo de novo no seu lugar. As autoridades consulares lembraram-lhe rudemente que não podia exercer qualquer atividade relacionada com o amanho da terra, nem possuir gado, nem sequer entrar num moinho por medo que conspurcasse a farinha, nem ir ao lavadouro, nem beber na fonte, nem andar descalço, «sob pena de ser responsável pela infecção, os danos, a desonra e a vergonha que poderiam derivar daí para os habitantes de Moumour». Se tivesse ignorado estes conselhos amigos, poderia muito bem ter perdido a vida.

Os *cagots* não só eram isolados como, a fim de melhor proteger a população, decidiram torná-los reconhecíveis ao longe, obrigando-os a ostentar um sinal distintivo: uma pata de ganso em tecido vermelho cosida no ombro.

Aparentemente, apenas tinham direitos cívicos muito reduzidos e quando, num processo, bastava o testemunho de um só homem, eram necessários sete *cagots* para as suas declarações serem tomadas em consideração. Fato muito curioso, eram tomados a cargo pela Igreja e, quando dos recenseamentos, eram agrupados por circunscrições religiosas e não por bailiados laicos. Compareciam regularmente à missa e eram considerados bons cristãos. De certo modo, a Igreja protegia-os garantindo-lhes o monopólio de determinados ofícios artesanais e isentando-os de determinadas taxas e impostos.

Fosse como fosse, os *cagots* não tinham uma vida invejável e, por vezes, sentiram a tentação de reagir contra as regras que lhes eram impostas. De fato, o seu isolamento continuou a ser uma realidade até ao início deste século, tendo-se iniciado a integração no século XIX.

Os cagots, a lepra e o sagrado

Perante um tal mistério, foram elaboradas muitas hipóteses para explicar as origens da maldição. Afirmou-se que se tratava de descendentes de cátaros, o que não se mantém de pé, mas podia ligá-los a uma heresia. Falou-se também numa ascendência sarracena, o que os ligaria ao Oriente. Alguns asseveraram que eram malditos desde que os seus antepassados tinham fabricado a cruz sobre a qual Jesus fora crucificado, o que podia aproximá-los, ao mesmo tempo, do Oriente e de uma heresia.

No entanto, a explicação mais comumente aceita, a que legitimaria melhor os interditos de que eram alvo, é a lepra.

Aliás, encontramos *cagots* em toda a parte - Béam, País Basco, Guiana, Poitou, Maine, Berry, Bretanha - sob nomes por vezes um pouco diferentes

(*Colliberts, Gahets, Capots, Chrétians, Gezitains, Caqueux, Cacous, Caffets, Cagous, Oiseliers,* etc.), e o seu nome é mais ou menos associado à lepra. Esta doença explicaria a segregação de que os *cagots* eram alvo, porque foi uma verdadeira fonte de terror na Idade Média. Quanto aos diversos interditos e, em especial, alimentares, teriam sido motivados pelo risco de contágio. Até ao século XVI, encontramos diagnósticos de lepra verificados em *cagots* pelos médicos. Entre os testemunhos, figura o de Ambroise Paré. Algumas comunidades de *cagots* foram confundidas com leprosarias a ponto de, no século XIV, em Orthez, Morlaas, Oloron e Lescar, as ditas leprosarias terem o nome de «Espiteu des crestiaas», isto é, hospital dos *cagots*.

Na verdade, se houve lepra entre eles, tratava-se sem dúvida de uma forma atenuada chamada «psoríase», anomalia dérmica que se não reveste de uma extrema gravidade. As pessoas atingidas por esse mal veem a sua pele soltar-se em escamas, o que poderia explicar a denominação *colliberts* (cobras). Notemos, de passagem, que o termo «lepra» vem do grego «lépra», que se relaciona com «lépis» que significa «escama».

Nos nossos campos, esta afecção dérmica era chamada «pata de ganso». Isso poderia explicar o sinal em forma de pata de ganso que eram obrigados a trazer. Aliás, Santa Enímia, que fora atingida pela lepra, tinha, segundo a lenda, pé de palmípede.

Para além do risco de contágio, benigno no caso da psoríase, compreende-se muito bem a existência de interditos, porque os leprosos eram alvo de um verdadeiro tabu. Isolados da comunidade, eram uma espécie de mortos-vivos, a tal ponto que, na Idade Média, quando um caso de lepra era descoberto, antes de exilarem o infeliz numa leprosaria, mandavam-no estender num caixão e diziam a missa de defuntos sobre a sua cabeça e, em seguida, faziam a leitura dos interditos que, daí em diante, deveria respeitar: proibição de tocar nos objetos, excepto com a ajuda de um pau, de se aproximarem das fontes e até a obrigação de só falarem com outrem quando o vento não tivesse possibilidade de levar os miasmas ao interlocutor.

O leproso e, consequentemente, o *cagot* (quer estivesse atingido por esse mal, quer considerassem que assim era, o que era suficiente) aparecia, portanto, como um iniciado que beneficiava de contatos especiais e privilegiados com o reino dos mortos. Já não pertencia ao mundo dos vivos.

Perante este conjunto de crenças, compreendemos facilmente que Claude Gaignebet tenha podido escrever numa obra notável sobre o carnaval:

Noutros termos, o medo de contágio, a que voltamos sempre a propósito dos leprosos, não é primordial. Limita-se a racionalizar um temor mais profundo de um contato direto com seres cujo vínculo com o além se revestia de uma aura escondida.

Este medo era reforçado pelo fato de haver certas profissões reservadas aos *cagots*, como a de cordoeiro. Nesse âmbito, trabalhavam o cânhamo, mas apareciam também como os fabricantes das cordas de enforcar. Ora, tudo o que se relacionava com os enforcados era alvo de um terror sagrado.

O signo do ganso

Temos de deter-nos uns instantes nessa pata de ganso vermelha que os *cagots* traziam cosida nas suas roupas. O abade Lecanu, na sua *Histoire de Satan*, via no ganso um símbolo gnóstico, o que lhe permitia transformar os *cagots* em heréticos.

Entre os antigos, o ganso era uma imagem dos antepassados hiperbóreos que, todos os anos, faziam de novo a viagem em direção às terras do norte. Ora, o jogo do ganso que todos conhecemos mas a que jogamos sem pensarmos muito naquilo que fazemos, é um antigo jogo sagrado cuja paternidade atribuímos a um grego, amigo dos Troianos, chamado Palamedes, isto é, «o palmípede». Sem entrarmos em pormenores, podemos notar, mesmo assim, que este jogo é menos anódino do que parece. A espiral do jogo comporta 63 casas (7 séries de 9). Esses dois algarismos são a chave do jogo: 7 é o número de portas a transpor antes de atingir a vida eterna. Quanto ao 9, é o número da realização do espírito e é por isso que é também o de Vênus. Notemos também que, nos mesteirais, chamavam «pata de ganso» à divisão do círculo em 9.

É a cada 9 casas que encontramos um ganso na espiral do jogo. Geralmente, encontram-se lá também várias figuras falantes: a hospedaria que acolhe o peregrino, a ponte símbolo de passagem, a prisão constituída pelos nossos desejos materiais, o labirinto que nos lembra Teseu e o Minotauro. Há também o poço: encontra-se a meio do percurso porque comunica com o interior da terra - ao mesmo tempo, a verdade pode brotar dele e conduz ao conhecimento, à divindade. O seu eixo prolonga-se de forma ideal para os céus tal como mergulha no seio da matéria.

Aquele que cai nesta 58ª casa (5 + 8 = 13) deve regressar à partida e recomeçar todo o seu percurso. Assim, aquele que não soube «nascer em espírito» antes da sua morte deve reencarnar e recomeçar uma nova vida terrestre. Mas aquele que soube nascer no espírito passa por cima da morte que só está separada do objetivo final por cinco casas. 5 é o algarismo da realização e da plenitude humana caro aos Cátaros e aos pitagóricos.

Evitemos considerar esses jogos como simples divertimento, dado que só nisso se tornou porque já não temos olhos para ver, nem ouvidos para escutar.

O ganso conduz à morte, mas à morte vencida, à ressurreição espiritual. É um animal da água, da terra e do ar, que permite a passagem de um plano para outro. É o animal sagrado amigo de Afrodite que vemos a cavalgar esse palmípede em taças que datam do século V antes de Cristo.

Incontestavelmente, o mais importante no ganso é o seu pé, a sua pata espalmada. É eterno e universal no seu simbolismo, dado que pinturas e esculturas representam Gautama Buda com mãos e pés de pato. A forma de pata de ganso deverá, ademais, ser aproximada da da concha de vieira, que está intimamente ligada a Vênus, e a que os Franceses chamam «mérelle», essa *mérelle* do jogo do avião (*jeu de la mérelle*), caminho do Paraíso.

O jogo da macaca é também uma forma de criar uma passagem, uma via que liga a nossa terra aos infernos e aos céus. Ao pé-coxinho, como se coxeasse, em

marcha oblíqua, o jogador deve saber «onde põe os pés» porque quer conhecer vivo os segredos de um outro mundo. Tal como Jacob que teve de lutar com o anjo, é coxo, como se tivesse ferido na coxa tal como o rei Méhaigné na demanda do Graal.

Na verdade, há várias formas de jogos da macaca. Uma consiste em alinhar três piões numa figura que se parece com esse raio de carbúnculo que ornamenta o escudo de um Templário, no selo da Ordem. Esta última forma constrói-se, portanto, com oito raios que partem do centro. Esses oito mais o centro fazem nove e a esta figura dá-se muitas vezes o nome de *eneada*.

No Egito, o deus da terra, Geb, tinha o seu hieróglifo deduzido do do ganso selvagem. Aliás, era representado muito frequentemente com esse animal sobre a cabeça ou era chamado «chefe da *eneada*». Isto prova à saciedade que o simbolismo do ganso é universal.

No Egito, havia outro símbolo para caracterizar o ganso e tinha como significado: abertura, boca, palavra. Neste sentido, o ganso está ligado à linguagem, mais especialmente à que está escondida, velada, que só pode ser compreendida por alguns: o *argot* (calão) cujo nome está intimamente ligado à «art ghotique» (arte gótica). E essa linguagem é um «jargon» (jargão), palavra que provém do *jars*, ou macho do ganso. O *jars* é um *gars* (gajo), a sua companheira uma *jerce*, que pode revelar-se uma *garce* (gaja), prova de que o calão francês devia muito aos jogos de palavras do ganso. O termo inglês que designa esta ave, *goose*, também deu em calão francês as palavras *gons* (tipo) e *gonzesse* (tipa). De notar que a palavra «gars» ou «gas» também foi utilizada, no calão francês, para designar o galo, sendo a galinha, evidentemente, uma «garce». Como poderemos espantar-nos com o fato de o deus Geb ter sido chamado o «Grande Tagarela», como lembra, tão justamente, Augustin Berger? Senhor da «língua das aves» (ou dos patos), o ganso (*oie*) não deixa de estar relacionado com o verbo «oyer», ouvir, escutar. Assim, o nobre jogo do ganso é bem o jogo do entendimento, e os *Contes de ma mére l'Oie* estão aí para no-lo provar. E se o jogo do ganso é labirintiforme, não será também para nos lembrar o elemento principal do ouvido interno, o labirinto, cuja espiral descreve, tal como a do jogo, duas voltas e meia?

Parecemos ter-nos afastado muito do nosso tema principal: os Templários. No entanto, nunca estivemos tão próximos deles e esta digressão é indispensável para compreendermos o que vem a seguir.

Conduz-nos a Pédauque, a rainha famosa, que não seria mais do que um avatar da rainha de Sabá, a quem a lenda atribui também pés de pato. Esta ligação com Salomão não é fortuita, se atendermos a uma velha canção que afirma:

"Cagot de Canaã, rebotalho dos carpinteiros, Do leste ou do oeste, por que vieste? Não fujas à resposta, não esperes, ao calar-te, Esconder a tua história aos povos do Poente, Nós conhecêmo-la, cagot: a Bíblia conta Por que razão do teu país tu te encontras banido. Querias construir um Templo ao teu Senhor, Tu que nem sequer sabes acabar uma pocilga, Tu não sabes fazer nada, e foi com razão Que o grande rei Salomão te expulsou do estaleiro."

Esta canção vem confirmar a tradição que já tínhamos entrevisto e que

atribui uma origem oriental aos *cagots*. Por outro lado, liga-os à construção do Templo de Salomão e faz que sejam expulsos pelo rei, como aconteceu aos assassinos de Hiram.

A canção afirma ainda:

"Aqui é a grande *cagoterie*, Todos são pessoas dos mesteres, Que fazem castelos elaborados. Com a roseta vermelha no chapéu, A pata espalmada no ombro."

O conjunto destes elementos põe em evidência um novelo de relações que aproximam, e ligam intimamente entre si, os *cagots*, a lepra, o simbolismo do ganso, a linguagem oculta dos construtores e uma origem oriental. Ademais, o segredo dos *cagots* está evidentemente relacionado com o problema do contato, a partir deste mundo, com os infernos e os céus, tema da comunicação que não paramos de encontrar a propósito dos Templários. É preciso ver nisso mais uma prova simbólica no fato de os *cagots* serem descritos frequentemente como coxos. Seria isso de espantar nesses seres de marcha oblíqua? Desde logo, era normal que a punição mais especialmente reservada aos *cagots*, em caso de não observância dos interditos promulgados, tenha consistido em trespassar-lhes os pés com um ferro ao rubro.

O carnaval dos Templários

Tínhamos deixado de lado alguns «santos templários» ou, mais exatamente, algumas personagens a quem a Ordem costumava dedicar as suas capelas. Trata-se de São Vicente, Santo Antão e São Brás.

São Vicente: Daciano mandou torturá-lo. Foi fustigado com vergas e com pauladas mas não pareceu sofrer com isso. Então, enterraram-lhe pentes de ferro até ao fundo das costelas, sem grande efeito. Assaram-no numa grelha e, ao mesmo tempo, trespassaram-lhe todas as partes com lâminas de ferro. Deitaram inclusive sal para o fogo, a fim de que este saltasse sobre cada uma das suas chagas, queimando-o de forma ainda mais cruel. As suas vísceras saíam-lhe do corpo mas continuava a não parecer sofrer. Então, deitaram-no em cima de uns cacos muito pontiagudos e pregaram-lhe os pés a um cepo. Mas os anjos cuidaram dele. Pararam com os tormentos e foi então que morreu. Daciano quis vencê-lo depois da morte, fazendo que fosse devorado por monstros marinhos. O seu corpo foi atado a uma mó e lançado ao mar. Saiu de lá e pôde ser inumado. Vicente vencera o fogo e a água.

São Brás: curiosa personagem esta, a quem os Templários dedicaram, nomeadamente, a capela de Balan, no Val-de-Loire, e a da Forêt-du-Temple, na Creuse.

Depois de ter recebido o episcopado, retirou-se para uma caverna do monte Argeu onde levou uma vida frugal de ermita, alimentado pelos pássaros. O imperador mandou que os seus soldados capturassem Brás. Bateram-lhe e lançaram-no na prisão. Ora, uma viúva a quem Brás devolvera o leitão que um lobo roubara, veio ver o santo prisioneiro. Matara o leitão e trazia-lhe os pés e... a cabeça

cortada, com pão e uma candeia.

Tiraram Brás da cadeia, suspenderam-no de uma árvore e rasgaram-no com pentes de ferro e, em seguida, encarceraram-no de novo. Sete mulheres tinham-no seguido e recolheram, no trajeto, as gotas do seu sangue. Depois, haviam ido lançar as estátuas dos ídolos num tanque. O governador mandou preparar chumbo fundido, pentes de ferro e sete couraças aquecidas ao rubro no fogo e as mulheres foram supliciadas. Findo o que lhes... cortaram a cabeça, antes de decapitarem o próprio São Brás.

Devemos referir também que, em celta, *bleiz* significa lobo e se liga também ao germânico *blasen*, soprar. É por isso que São Brás é o senhor das tempestades. Os marinheiros escandinavos festejavam-no e, com ele, o lobo, aquele que roubara o leitão, na sua lenda. Ligado ao lobo era, é claro, a luz a irromper das trevas.

Quanto aos construtores, devemos referir que os canteiros tomaram São Brás como patrono. Foi também o padroeiro dos vinhateiros, que o associaram a São Vicente nas suas festividades.

Refiramos, por fim, que, segundo Justiniani, uma bandeira dos Templários estava ornada com uma cruz vermelha em cujo centro estava pintada uma imagem de São Brás.

Santo Antão: retirado no deserto, recebeu a visita de inúmeros demônios que foram tentá-lo. Uma vez quis esconder-se num túmulo para fugir deles, mas isso não os impediu de o encherem de pancada. Os diabos não paravam de o atormentar e, se não tivesse sido o apoio moral dos anjos, sem dúvida que não teria resistido. Morreu em paz, aos cento e cinco anos.

Ora, Antão, Vicente e Brás são festejados, respectivamente, a 17 de Janeiro, 22 de Janeiro e 3 de Fevereiro, três datas intimamente ligadas ao ciclo do carnaval. Este iniciava-se com as «festas dos loucos» que se sucediam ao Natal. Durante as festas de Santo Estêvão, de São João e dos Santos Inocentes, os valores eram invertidos. Ridicularizavam-se as autoridades, com o seu consentimento, e agia-se como se o mundo estivesse «de pernas para o ar», como se se pertencesse a um mundo invertido. Não se estava num período em que o sol apenas começava a recomeçar a sua caminhada para vencer as trevas? O burro, animal de Seth, era amiúde associado a essas festas dos loucos. Era também o caso do galo, porque os loucos do carnaval envergavam com frequência um barrete sobrepujado por uma cabeça ou crista de galo: o *coqueluchon*.

Todavia, a parte mais interessante do que constituía o carnaval propriamente dito situava-se na última quinzena de Janeiro e na primeira de Fevereiro, com a Terça-Feira Gorda e todas as festas que a rodeavam.

Começavam no dia de Santo Antão e estendiam-se até à «cadeira de São Pedro», a 22 de Fevereiro.

São Vicente e São Brás eram a altura para festejar o vinho. cerimônias báquicas que falavam bem àqueles que sabiam ouvir o oráculo da divina garrafa. Acompanhado pelo seu porco, Santo Antão fazia parte das personagens do carnaval. Este período está ligado simbolicamente à viagem das almas depois da morte e todos os ritos que nela se desenrolavam têm de ser analisados nesse

sentido. Assim, as festas dos loucos, enquanto inversão, correspondem a descida aos infernos, ao mundo invertido. O porco-matéria de Santo Antão será sacrificado, degolado, quase ritualmente, mas o santo traz o cajado em forma de tau. E é o signo do tau que, no Êxodo e em Ezequiel, marca a fronte dos escolhidos e protege do anjo da morte. E Antão, a 17 de Janeiro, pode permitir vencer os infernos porque é o senhor do fogo e, nessa qualidade, cura uma doença chamada «fogo de Santo Antão».

O dia dos cordoeiros

Há uma data que se reveste de particular importância no seio do carnaval: o dia 25 de Janeiro, comemoração da conversão de São Paulo mas, sobretudo, «dia dos cordoeiros». Nesse momento preciso, o Sol cruza o extremo norte da Via Láctea, esse caminho de estrelas que se projeta sobre a estrada de Compostela. Nesse dia, faziam-se «fogos de casas»: incendiavam-se pequenas cabanas semelhantes às dos leprosos e nas quais se tinha fechado cânhamo. Durante esta purificação simbólica, elevavam-se da fogueira fumos de haxixe que não podem deixar de nos recordar as práticas do «velho da montanha». E, precisamente, o carnaval era o único período do ano em que os leprosos, desde que prevenissem da sua aproximação agitando uma sineta, podiam misturar-se na multidão. A sua chegada anunciava o início das festas dos deuses do mar e do vento e sua majestade o carnaval assumia, muitas vezes, o aspecto de Poseidon.

A expulsão dos mesmos leprosos das festas do ciclo carnavalesco marcava a Terça-Feira Gorda. Todo o período em que estavam presentes aparecia como um espaço de contato possível com o mundo dos mortos.

Segundo Claude Gaignebet, eram feitas cavidades nas cabanas e os leprosos eram descidos através delas. Os vapores do cânhamo, por cima deles, permitiam que as suas almas viajassem até ao Além, enquanto os seus corpos, na fossa, pareciam repousar no seio da Terra-Mãe. E acrescenta:

Purificados, iniciados, os leprosos saíam salvos da prova. De manhã, apenas apareciam, nas cinzas, misteriosos vestígios de patas de ganso, que atestavam a partida, sob esta forma, das almas libertas do corpo pelo Pantagruélion.

Esse dia dos cordoeiros era, por excelência, o dos *cagots*. A sua participação no carnaval, no País Basco, foi descrita muitas vezes e a reminiscência ficou até aos nossos dias com os *kachkarots*, grupos de dançarinos que vão fazer peditórios pelas ruas. Não são mais do que uma recordação desses bandos de *cagots* e leprosos que estavam autorizados a mendigar apenas durante um período bem determinado do carnaval. Brueghel representou-os amiúde a mendigarem, cobertos por um grande chapéu, com um bordão e com umas vestes semelhantes às dos peregrinos de Santiago de Compostela.

Nessa data de 25 de Janeiro, festa da conversão de São Paulo, não pensariam os *cagots*-cordoeiros no Caminho de Damasco e na grande conversão do Sol no seio da Via Láctea?

Encontramos de novo os *cagots*, noutra ocasião, durante o carnaval: a 3 de

Fevereiro, dia de São Brás, caro aos Templários. Lembremos que eles exerciam três ofícios principais: carpinteiro, fiadores de cânhamo e tecelões. Ora, São Brás era o padroeiro dos trabalhos de tecelagem. Uma vez mais, os tecelões desempenharam um papel à parte nos mesteres e foram, ao que parece, os veículos privilegiados das doutrinas heréticas, a ponto de se chamar tecelões aos Cátaros, como se os dois termos fossem idênticos. No dia de São Brás realizavam-se as festas do fio e da lã. Mas é também o dia do Santo Sopro, ou do vento.

Em alguns aspectos, São Brás poderia ser comparado a Orfeu. Os animais selvagens ouviam os seus ensinamentos e, nas cerimônias do carnaval, convém, em certas regiões, associá-lo ao culto do urso. Mas a sua festa corresponde também ao dia dos ventos ou dos sopros. Então, temos de lembrar-nos de que é o senhor da palavra secreta. *Blaiser* (soprar) significa, com efeito, «falar de uma determinada forma», sussurrando, transformando os sons. É daí que provém, por deformação e extensão, o termo «blason» (brasão), a língua heráldica que era uma maneira de dizer as coisas de outro modo, a fim de que pudessem ser compreendidas por aqueles que tinham a capacidade de as entender, e apenas por eles. E Brás, associado aos *Vanes*, caros aos povos pelásgicos, lembra-nos essas grandes orelhas que ornam as esculturas de Vézelay, tal como os deuses *vanes* dos povos do mar sabiam, do seu carro naval, ouvir as palavras levadas pelo vento e as joeiravam, retendo apenas a que estava desprovida de toda a impureza.

De qualquer modo, os nossos santos templários parecem intimamente ligados ao carnaval, tal como os *cagots*. Será um mero acaso? Por certo que não, dado que, segundo o artigo 75º da regra primitiva, a candelária fazia parte das festas oficiais que deviam ser celebradas nas comendas templárias.

Os cagots e os segredos da arte gótica

Dizer que os *cagots* contraíram uma espécie de lepra é uma coisa, deduzir daí que é essa a única fonte dos seus tormentos, é outra. Na verdade, não só foram considerados leprosos, mas também uma raça maldita. Podemos mesmo perguntar-nos se a lepra não será mais uma consequência do que uma fonte da sua maldição. Suponhamos que tenham começado por ser segregados da comunidade e sido obrigados a habitar à margem, como os leprosos, e que tenham muito bem podido contrair o mal em contato com estes últimos. Logo, deveremos interrogar-nos sobre as diferentes hipóteses (ou lendas) avançadas a seu respeito.

Alguns autores afirmaram que o termo *cagot* viria do latim *cannis gothi*, que significa «cães de Godos» ou «cães dos Godos». Esta idéia foi por vezes reforçada pelo aspecto dos *cagots*, que apresentavam um tipo rácico próximo do dos Nórdicos. Foram descritos como tendo a pele clara e corada, os olhos azul-acinzentado, e até azuis escuros, nas mulheres, e cabelos louros de estriga. Esta hipótese não é incompatível com a lepra, tanto mais que os Visigodos foram muitas vezes acusados de ter propagado esta terrível doença.

Quanto à sua descrição física, convém acrescentar um pormenor curioso: a ausência frequente do lóbulo da orelha.

Vejamos agora uma lenda que lhes diz respeito. Foi censurado aos *cagots*

terem sido amaldiçoados por Salomão, em virtude do mau trabalho que haviam realizado, quando da construção do Templo. Ora, lembremos que o próprio Salomão foi imiscuído numa história de patas de ganso, dado que aquela a quem deu um filho, origem da linhagem dos «reis dos reis» etíopes, a rainha do Sabá, tinha um pé de palmípede.

Ademais, chamou-se *gesitanos* aos *cagots*. A origem deste apelido parece estar na Bíblia, mais precisamente no segundo Livro dos Reis: aí, é relatada a cura de Naâman por Eliseu. Naâman, rei de Aram e chefe do povo dos arameus, era leproso. Ora, Eliseu tinha um criado chamado Géhazi e este último, avaro, obrigou Naâman a pagar-lhe o preço da cura, sem que Eliseu soubesse. No entanto, o profeta acabou por saber e maldisse Géhazi, nestes termos: «A lepra de Naâman agarrar-se-á a ti e à tua posteridade, para sempre.»

E Géhazi «afastou-se dele branco de lepra como a neve». Assim, os *cagots*, chamados *gesitanos*, seriam os longínquos descendentes de Géhazi.

No entanto, as características étnicas dos *cagots*, sobretudo nórdicos, impedem-nos de ver neles um povo semita. Mas sabemos que povos pelásgicos habitaram durante muito tempo no Próximo Oriente e participaram na construção do Templo de Salomão.

Esses «cães dos Godos» poderiam muito bem ser os «cães de Gau», do nome do povo Gall, que está na origem do termo Galileia.

Ora, o ofício mais especialmente reservado aos *cagots* foi o de carpinteiro. A sua fama na matéria era tal que disputavam a sua colaboração. Por vezes, eram também utilizados como Arquitetos e canteiros, confiando-lhes a construção de fortalezas. Gaston Phoebus recorreu largamente a eles para tais tarefas.

Assim, encontramo-nos perante um povo maldito vindo do Oriente, ligado à construção do Templo de Salomão, apreciado pelas qualidades de construtores e, em especial, de carpinteiros manifestadas pelos seus membros. Esse povo parece ter-se implantado nos Pirenéus e no resto do território, durante a Idade Média, mas só teve contratempos mais tarde, depois do desaparecimento da Ordem do Templo.

Na mesma altura, assistimos ao nascimento de uma nova forma de arquitetura, conhecida sob o nome de arte gótica, propagada graças aos cuidados da Ordem do Templo. A construção das catedrais deve, ainda por cima, muitíssimo aos carpinteiros e à sua capacidade para fazerem uma abóbada de madeira absolutamente perfeita, sobre a qual era montada a abóbada de pedra. Uma vez terminada esta última, tendo sido colocada a chave da abóbada e sustentando-se o conjunto por si próprio, destruía-se a abóbada de madeira, obra-prima indispensável, mas de vida efêmera. Não esqueçamos que, no interior de cada comenda, havia pedreiros, carpinteiros e canteiros que estavam colocados sob o comando de um oficial templário com qualidades de arquiteto, chamado *magister carpentarius*: mestre carpinteiro.

Não seria conveniente aproximar os dois fenômenos e ver nessas construções uma «arte gau-tica», uma arte ligada aos *cagots* que poderiam muito bem ter sido importados para o Ocidente pelos Templários? Esses Templários que

veneravam especialmente alguns santos festejados em ligação com o «dia dos cordoeiros».

Voltemos às lendas veiculadas pelos «mesteirais». Quando Hiram foi chamado por Salomão para construir o Templo de Jerusalém, mandou buscar os melhores operários a quase todas as partes do mundo. Entre estes encontrava-se Mestre Jacques... originário dos Pirenéus. Que coincidência: os Pirenéus são precisamente a zona de máxima implantação dos *cagots*. Esses operários dos Pirenéus seriam os construtores da coluna chamada Jakin e foi em recordação desse elemento mítico que alguns grupos de companheiros se denominaram depois «Filhos de Mestre Jacques». Notemos que, na zona basca, habitada pelos *cagots*, *Jakin* significa «sábio» ou «o sábio». O primeiro Livro dos Reis refere que, no topo da coluna Jakin, se encontrava uma escultura em forma de flor-de-lis. Mas seria mesmo um lis? Estilizada, poderia tratar-se também de uma pata de ganso. Ao fim e ao cabo, Hiram, o fenício, devia venerar a deusa Anat (Vênus) de pés de pato. Então, os *cagots* foram detentores dos segredos da «arte gau-tica», trabalhando para a construção das catedrais sob a proteção dos Templários? Sem dúvida, e a história confirma-o.

Os cagots, «mesteirais» dos Templários

Francisque Michel, debruçando-se sobre um dos apodos (*gaffo ou gaffet*) dado aos *cagots*, diz-nos:

Gavacho e gaffo provêm ambos, em meu entender, de uma mesma e única raiz; se devesse alterar a minha opinião, seria apenas para ver a raiz da última destas palavras no nome dos habitantes das montanhas dos Altos Alpes que se chamam *gavots* [...] e sabemos que os companheiros do dever designam por *gavots* os membros de uma sociedade rival, a dos companheiros do dever de liberdade.

Luminoso! Eis mais uma prova por que os companheiros do dever de liberdade e os «filhos de Salomão», filiados na Ordem do Templo, são os mesmos e a sua origem deve ser mesmo procurada entre os nossos *gaffos* ou *cagots*. Ainda por cima, mesmo fora da zona pirenaica, os *cagots* estiveram instalados na proximidade imediata das casas templárias.

Na Bretanha, por exemplo, perto de Belz (Morbihan), existia, na aldeia de La Madeleine, uma capela para uso exclusivo dos «cacous», de quem se dizia que os antepassados haviam tido lepra e eram especialistas no fabrico de cordas. Um pedaço de terra próxima ainda ostenta o nome de «La Corderie» (A Cordoaria). Perto da capela, cruzes templárias de pedra serviam de limites às terras dos Templários.

[Nota: «Cacou» é o termo utilizado para designar os *cagots*, na Bretanha.]

Na mesma região, perto de Ploêmel, uma outra capela de La Madeleine foi destruída em 1769. Situava-se afastada do burgo de Locmiquel, numa zona de charnecas. Era considerada a «capela dos cordoeiros» e nomes de cadastro como *park er gorderi* (o campo da cordoaria), ou *praden, flouren, liorh caqueu* (o prado, a campina, a horta dos *cacous*) marcam o local onde se situava a antiga aldeia dos

cordoeiros. E, também lá, os irmãos da Ordem são seus vizinhos.

Do mesmo modo, em Merlevenez, feudo templário por antonomásia, e cuja igreja de Nossa Senhora da Alegria é uma pura maravilha, encontramos uma capela de Santa Madalena, muito perto da igreja: era a dos cordoeiros considerados leprosos.

Poderíamos, sempre nesta região, citar casos semelhantes em Kerioual, perto de Nostang, ou em Kerdavid, perto de Riantec, em Saint-Marc-en-Guer, na Corderie-en-Campénéac, na Corderie-en-Caro, em La Madeleine-en-Monon, etc. Em Plouhinec, uma aldeia de cordoeiros estava instalada no Mezad Bras e tinha a sua capela de Santa Madalena. A discriminação era tal que o reitor René-Alexandre Rogon comprou as casinhas baixas dessa aldeia e lançou-lhes fogo, obrigando a população de Plouhinec a acolher os *cacous* nos outros bairros, no seu seio.

E, como sempre, os Templários são seus vizinhos. Por outro lado, vemos que, na Bretanha, é perto de Santa Madalena que encontramos os *cagots*. Perto de Le Mans são sobretudo protegidos por um outro santo caro aos Templários, dado que são designados pelo nome de *cagous* de São Gil.

Suponhamos que esses *cagots* tenham sido trazidos do Oriente pelos Templários e estes hajam utilizado os seus conhecimentos de arquitetura e, nomeadamente, a sua arte como carpinteiros. A necessidade de preservar determinados segredos pode ter conduzido a mantê-los afastados das populações e a não permitir a sua assimilação. Também não é impossível que eles tenham realmente transportado uma doença com eles, e isso desde a origem. Isso explicaria, por certo, que a sua zona de habitação se encontrasse perto das casas templárias, que os «Filhos de Salomão» filiados na Ordem se vejam designados por nomes idênticos aos que serviam para denominar os *cagots*, mas talvez também o termo curioso «arte gótica» que seria uma «arte gau-tica» ou arte dos *Galls* do Oriente aos quais o símbolo do galo era muito querido, esse galo que se encontra em cima dos campanários das nossas igrejas.

Acrescentaremos um pormenor perturbante. Com efeito, sabemos que, depois da abolição da Ordem do Templo e do seu martírio, inúmeros companheiros que pertenciam aos «Filhos de Salomão» se sentiram desorientados e até se consideraram em perigo. Amiúde, recusaram-se a continuar a desempenhar as tarefas em que se ocupavam. Viu-se inclusive aí a origem de algumas torres de igreja inacabadas. Em Paris, sendo bem conhecido o ódio do rei por tudo quanto se relacionava com o Templo, esses companheiros preferiram pôr-se rapidamente a salvo e refugiaram-se no único local onde o poder real tinha dificuldade em exercer-se: o Pátio dos Milagres. Nessa selva, era difícil que fossem inquietá-los. Dado que era necessário viver, tornaram-se falsos doentes que pediam nos *adros* das igrejas que tinham construído ou então salteadores.

No Pátio dos Milagres, os seus conhecimentos, nomeadamente esotéricos, conferiram-lhes uma certa aura e, amiúde, ocuparam postos importantes na hierarquia dos salteadores, a ponto de imporem uma linguagem secreta e destinada a conservar a tradição, utilizando imagens e jogos de palavras. Essa linguagem, linguagem das aves (ou dos patos), recebeu o nome de *argot* (calão), isto é, veículo

dos segredos da «arte gau-tica».

Entre esses «Filhos de Salomão», alguns tornaram-se personagens importantes no Pátio dos Milagres, funcionários e conselheiros do chefe dos salteadores que começou a ser chamado rei do *argot*. Ora, esses funcionários foram eles próprios chamados *cagous* ou *cagots* e, a partir de então, o rei do *argot* passou a ser considerado Grão-Mestre em «cagoterie». Reunidos em sociedade secreta, organizavam-se em assembleias durante as quais cada um escondia o rosto sob um pedaço de pano, a que foi dado o nome de *cagoule*.

Como poderemos pensar que se trata de uma mera coincidência? E quando, em 1789, alguns revolucionários saídos da franco-maçonaria operacional, logo, descendentes das tradições dos mesteirais, quiseram derrubar a realeza que eliminara a Ordem do Templo, firmam-no ostentando como os *cagots* uma roseta no seu chapéu, ou arvorando o barrete frígio, símbolo dos iniciados e parecido com uma crista de galo. E o grito de um desses «cristados» que se elevou da multidão, quando rolou a cabeça de Luís XVI? Esse grito foi:

- Jacques de Molay, eis-te vingado!

É claro que tudo isto não passa de um conjunto de presunções, mas parecem-nos suficientes para afirmar que os *cagots* estão na origem das lojas de construtores organizadas pelos Templários e que trabalharam na ereção das catedrais.

[Nota: As primeiras lojas maçônicas reuniram-se em estalagens com tabuletas do ganso e da grelha.]

QUINTA PARTE

MORTE E RESSURREIÇÃO DA ORDEM DO TEMPLO

I

A PRISÃO

13 de Outubro de 1307, ao amanhecer

O destino da Ordem do Templo foi o de extinguir-se brutalmente quando parecia no cume da sua pujança. Teria falhado? É verdade que, nas coletividades, o espírito morre antes do corpo. Talvez a Ordem só se tenha extinguido porque a sua chama interior desaparecera. Vivera dois séculos e julgava-se, por certo, ao abrigo de qualquer golpe. Mas a 13 de Outubro de 1307, ao amanhecer, vários milhares de cavaleiros do Templo foram presos em França. O próprio Grão-Mestre, Jacques de Molay, acompanhado pela sua guarda de sessenta homens, foi detido sem resistência por Guillaume de Nogaret, chanceler de França e alma danada do rei Filipe, o Belo.

Como é que uma Ordem forte, com quinze mil cavaleiros, mais os

escudeiros, os sargentos, etc., guerreiros corajosos e treinados, pôde deixar-se prender sem desferir um golpe, desarmar, aprisionar, praticamente sem reação, na maior parte dos locais? Mesmo que muitas comendas apenas fossem defendidas por algumas pessoas, a resistência era possível: muitas casas da Ordem eram fortificadas e capazes de aguentar um cerco. A facilidade com que os Templários se deixaram agarrar é, sem dúvida, um dos maiores mistérios da Ordem, prenhe de significado.

A 14 e 20 de Setembro de 1307, séries de missivas haviam deixado a abadia de Sainte-Marie-de-Pontoise. Eram dirigidas aos bailios, senescais, prelados, barões e cavaleiros e a todos os agentes reais na província: transmitiam a ordem formal de prender todos os Templários que se encontrassem no território das diferentes jurisdições e de confiscar, em nome do rei, os seus bens móveis e imóveis. Essas cartas eram acompanhadas por um manifesto onde o rei se arvorava em defensor da fé católica, em fiel da Igreja horrorizado pelo que descobrira a respeito da Ordem do Templo. Nesse texto, Filipe, o Belo, não poupava as palavras, como mostram as passagens seguintes:

"Uma coisa amarga, uma coisa deplorável, uma coisa verdadeiramente horrível de pensar, terrível de ouvir, um crime detestável, um crime execrável, um ato abominável, uma infâmia horrível, uma coisa perfeitamente inumana, o que é mais, estranha a qualquer humanidade, soou, graças ao relato de várias pessoas dignas de fé, aos nossos ouvidos, não sem nos invadir de um grande estupor e nos fazer fremir com um violento horror [...]."

Depois, o rei lembrava os «crimes soberanamente abomináveis que a sensualidade das próprias bestas irracionais abomina e rejeita».

E insistia: "essa coisa «abandonou Deus, seu criador, separou-se de Deus, sua salvação, abandonou Deus que lhe deu a luz, esqueceu o Senhor, seu criador, imolou aos demônios e não a Deus, essa gente sem conselho e sem prudência."

Seguia-se um determinado número de acusações precisas que foram as expressas quando da instrução e do processo. A forma tomada pelo texto tornava-se quase lírica, em certas passagens:

"Não só pelos seus atos e pelas suas obras detestáveis, mas até pelos seus discursos imprevidentes, conspurcam a terra com a sua sujidade, suprimem os benefícios do orvalho, corrompem a pureza do ar e determinam a confusão da nossa fé."

Filipe, o Belo, afirmava também ter-se rodeado de todas as precauções para verificar os rumores funestos que haviam chegado aos seus ouvidos. Fora como defensor da fé que tinha tomado a sua decisão «e decretado que todos os membros da referida Ordem do nosso reino fossem presos, sem exceção alguma, mantidos prisioneiros e reservados ao julgamento da Igreja e que todos os seus bens, móveis ou imóveis, fossem confiscados, postos sob a nossa mão e fielmente conservados».

Seguia-se um determinado número de instruções quanto ao modo de proceder:

"Em primeiro lugar, quando chegarem e tiverem revelado a coisa aos senescais e aos bailios, farão uma informação secreta sobre todas as suas casas, e

poder-se-á, por precaução, se tal for necessário, fazer também um inquérito nas outras casas religiosas e fingir que é por causa do dízimo ou por outro pretexto.

Em seguida, o que for enviado com o senescal ou o bailio num dia marcado, cedo, escolherá segundo o número das casas e das quintas, homens bons poderosos da região, acima de qualquer suspeita, cavaleiros, almotacés, conselheiros, e informá-los-á da tarefa sob juramento e secretamente tal como o rei dela é informado pelo papa e pela igreja: e, de imediato, serão levados a cada local para prenderem as pessoas, confiscarem os bens e organizarem a sua guarda [...].

Depois, chamarão os comissários do inquisidor e examinarão a verdade com cuidado, pela tortura, se for necessário; e, se eles confessarem a verdade, reduzirão a escrito os seus depoimentos, depois de terem mandado chamar testemunhas."

No que respeitava ao interrogatório, o modo de proceder era explicitado nestes termos:

"Ser-lhes-ão dirigidas exortações relativas aos artigos da fé e dir-se-lhes-á como o papa e o rei foram informados, por vários testemunhos bem dignos de fé, membros da Ordem, do pecado e da heresia de que se tornam particularmente culpados no momento do seu ingresso, e da sua profissão, e prometer-lhes-ão o perdão se confessarem a verdade regressando à fé da Santa Igreja, ou que, caso contrário, serão condenados à morte [...]."

Por meio deste texto, Filipe, o Belo, dava a entender que agia em pleno acordo com o papa e até quase a seu pedido. Por outro lado, as ordens que eram dadas são a prova da armadilha em que tencionava fazer cair os Templários. Em primeiro lugar, era-lhes anunciado que a investigação era realizada em nome do rei e do papa, dizia-se-lhes que alguns irmãos da Ordem tinham confessado estas e aquelas enormidades, prometiam-lhes a salvação da vida se fizessem o mesmo, caso contrário, eram a tortura e até a morte se persistissem na negação. Ainda por cima, só se chamavam testemunhas e se reduziam a escrito as suas declarações se fossem no sentido pretendido pela acusação. Não é de espantar que as confissões tenham sido numerosas.

Quanto à prisão em si mesma, Filipe, o Belo, não estava na primeira experiência de operações relâmpago. Em 1291, procedera do mesmo modo com os banqueiros lombardos e, em 1306, com os mutuários judeus. E, de ambas as vezes, o móbil fora a rapina, o confisco dos bens, a anulação das dívidas reais.

No plano financeiro, as relações entre a Ordem e a realeza eram bastante boas.

Em 1190, Filipe Augusto, antes de partir para a cruzada, exigira que o tesouro real fosse confiado à guarda do Templo. A Ordem detinha inclusive as chaves do seu cofre pessoal. Filipe, o Ousado, concedeu-lhes a mesma confiança. Henrique III de Inglaterra, que viera visitar São Luís, pedira para se hospedar na «mansão do Templo» como «o local mais seguro de Paris». Luís VI, Luís VII, tinham favorecido a implantação da Ordem. Só Luís IX se mostrara um pouco enfadado com eles, mas a inteligência política não era a principal característica desse monarca.

As relações entre o Templo e a realeza pareciam, pois, desprovidas de

nuvens. Em Julho de 1303, o próprio Filipe, o Belo, ordenara a todos os seus contabilistas que enviassem as suas receitas para o tesouro do Templo. Então, porquê esta reviravolta?

Na verdade, corresponde aos graves problemas financeiros do rei, depois da sua guerra na Flandres, cujos resultados haviam sido desastrosos. Após a derrota de Courtrai, em 1302, o rei começara por recorrer a um determinado número de expedientes: nomeadamente a quebra de moeda, que o transformava num verdadeiro vigarista.

Ademais, Filipe, o Belo, não podia deixar de saber que o poderio militar da Ordem, que já não era empregado no Oriente, poderia eventualmente representar um perigo para a autonomia do poder real. Os monges-soldados ruminavam algumas amarguras desde a dramática perda de São João de Acre. Depois desse acontecimento, no decurso do qual, aliás, o Grão-Mestre Guillaume de Beaujeu perdera a vida, os barões, que nem sempre haviam combatido como deviam, aliviaram as consciências acusando os Templários e os Hospitalários de todos os males e tornando-os responsáveis pela perda de Jerusalém e da Terra Santa. Fora Chipre que servira de base de retirada à Ordem, mas, na verdade, era a partir de Paris que a Ordem era dirigida.

Jacques de Molay e os últimos anos da Ordem

Após a morte de Thibaud Gaudin, que sucedera a Guillaume de Beaujeu, a direção da Ordem recaiu, em 1295, sobre Jacques de Molay. Tinha cinquenta anos e não era considerado um gênio. Nascera, sem dúvida, em Molay, no Yonne. Os Templários possuíam lá uma casa e a quinta de Saint-Blaise onde haviam instalado uma leprosaria e um hospital. Segundo uma lenda local, após a sua morte, o seu fantasma teria voltado para se fixar na região e assombraria o castelo de Moutot, entre Molay e Noyers. Pertencia, ao que parece, ao ramo borguinhão da família de Longwy e de Raon.

Foi recebido na Ordem do Templo de Beaune, em 1265, por Humbert de Payraud, visitador de além-mar e tio daquele Hugues de Payraud que será visitador de França. Aliás, o capítulo hesitou longamente entre este último e Jacques de Molay, quando se tratou de escolher o Grão-Mestre, tanto mais que Molay nunca ocupara um posto importante.

O início do desempenho das suas funções de Grão-Mestre foi marcado por um golpe de audácia. Em 1298, os Templários lançaram uma expedição contra o Egito e, em seguida, apoderaram-se de novo de Jerusalém, depois de uma verdadeira guerra-relâmpago. Se os reis cristãos e as outras ordens os tivessem seguido, talvez tivessem conseguido reconquistar a Terra Santa. Infelizmente, aqueles que estavam sempre prontos para criticar os Templários não estavam dispostos a pagar com as suas vidas e, em 1300, os monges-soldados tiveram de ceder de novo a cidade aos Turcos.

Mesmo assim, Jacques de Molay não desesperou. Em 1303, lançou uma nova expedição contra Tortosa. Depois dessa, muito menos frouxo e fraco do que

foi narrado, lançou mais uma operação, mas foi censurado por causa dela. Com efeito, Charles de Valois, irmão de Filipe, o Belo, tendo desposado a neta do rei de Constantinopla, herdeira do império, reclamava-o em nome da mulher. O papa aprovou e apoiou uma expedição contra Andrónico II, que não queria submeter-se. Os Templários foram os principais participantes nessa cruzada levada a cabo contra outros cristãos. Apoderaram-se de Tessalônica e, em seguida, as tropas desembarcaram na Trácia e na Moreia, onde tiveram demasiada tendência para se entregarem à pilhagem. Este episódio talvez tenha feito meditar Filipe, o Belo. Os Templários, ociosos, não correriam o risco de se transformarem numa tropa ao serviço do papa, ou em mercenários capazes de levar a cabo guerras contra os príncipes cristãos e - por que não? - contra o rei de França?

De qualquer forma, parece bem que Jacques de Molay, embora não sendo brilhante, foi bem menos néscio do que se afirmou. Compreendera que eram necessárias operações militares para ocupar os seus soldados, porque, ao fim e ao cabo, que outra coisa poderia fazer? O policiamento das estradas não era um encargo suficiente para aqueles guerreiros de escol. E estes aborreciam-se ao ponto de procurarem no vinho o esquecimento para a sua inatividade, dando origem à expressão francesa «boire comme un templier» (beber como um Templário).

O imenso poderio militar do Templo estava inativo. Ademais, lembremo-nos de que a Ordem era um enorme proprietário de terras e se encontrava à frente de um poder financeiro determinante. Este último aspecto não era partilhado pelos Hospitalários. Enquanto a Ordem travara o combate na Terra Santa, tivera necessidade de meios importantes mas, agora, como iriam utilizá-los? Não iria comprar cada vez mais terras, aumentar o seu patrimônio até construir um verdadeiro reino, ainda por cima totalmente isento da maior parte dos impostos? Os privilégios da Ordem não se tornavam exorbitantes a partir do momento em que já não subvencionava as necessidades das guerras do Oriente? Não poderia o Templo tornar-se uma força armada ao serviço exclusivo do papa? Ainda por cima, o orgulho dos Templários tornava-os, por vezes, insuportáveis.

M. Lavocat resume muito bem a situação:

"A Ordem do Templo era detestada pelo clero, pela nobreza, pelo terceiro estado e pelo povo: pelo clero, por causa dos seus privilégios fiscais, da sua independência, da sua isenção de toda a jurisdição eclesiástica; pela nobreza, porque a Ordem detinha, na sua mão-morta, bens consideráveis, em relação aos quais não devia qualquer serviço feudal, real ou pessoal; pelo terceiro estado, devido ao seu orgulho e do fausto que exibia em todo lado, em Paris, no meio da miséria geral da época e sobretudo porque o terceiro estado e o povo amavam o rei, que detestava a Ordem do Templo."

A atitude dos estados gerais de 1308 e 1311 fornecerá a prova do ódio que todos tinham pela Ordem. Acusavam-na abertamente de ter sido a causa da perda da Terra Santa. O objetivo da instituição gorara-se e a Ordem enriquecera: censuravam-lhe a sua dureza em relação ao lucro, a utilização de certos modos de aquisição, o emprego de contratos usurários.

É verdade que os Templários, por vezes, celebravam contratos que, no

mínimo, não eram equilibrados, mas sim a manifestação da sua posição dominante. E, depois, três ordens militares não seriam demais? Já se levantara o problema de as fundir numa única.

Em 1274, no concílio de Lyon, o papa Gregório X fizera uma tentativa nesse sentido. Os Hospitalários e os Templários havia alguns anos que estavam na mira. Em 1292, Rámon Llull aconselhara vivamente Nicolau IV a proceder a uma fusão. Sugeria que o Grão-Mestre da ordem assim formada fosse feito rei do Santo Sepulcro. Em 1238, os Hospitalários tinham sido obrigados a dobrar a espinha, acusados por Gregório IX de traição contra a causa de Deus na Palestina, de luxúria e de servirem de abrigo aos heréticos. Como vemos, se era preciso limpar o Templo, isso também se aplicava ao Hospital.

Fundir as duas ordens numa só teria podido proporcionar a ocasião para reorganizar tudo. No entanto, a tarefa era impossível de realizar porque as duas ordens não gostavam nada uma da outra e os seus interesses eram, amiúde, opostos. Não se viu, quando do conflito entre Gênova e Veneza, os Hospitalários tomarem o partido de uma cidade e os Templários da outra? Pouco faltou para as duas ordens se defrontarem. No entanto, esses conflitos foram bastante raros e Templários e Hospitalários souberam, de um modo geral, marchar juntos para o combate. Quando estava em jogo o essencial, terminavam as querelas. Souberam também dirimir os seus diferendos por meio da negociação.

Para além do papa Gregório X, mais alguém pensara reunir as ordens militares, mas em seu proveito. Tratava-se do imperador Frederico II de Hohenstaufen. Opôs-se ao papado e foi excomungado. Dele, dizia Gregório IX: «Vejam o animal que sobe do fundo do mar.» Recebia, na sua corte, sábios e literatos muçulmanos, cuja cultura apreciava, considerando-se muito acima dos preconceitos. Escrevia a El-Kamil, sultão do Egito: «Sou teu amigo. Não ignoras quão acima estou dos príncipes do Ocidente» e pedia-lhe a devolução de Jerusalém. Teve alguns diferendos com os Templários. Temos de dizer que este «místico do Sol» via essencialmente no Templo uma ordem que teria gostado de ter ao seu serviço a fim de se tornar *Imperator Mundi* e de estender o seu império a toda a cristandade e mais além ainda. Imaginara reunir, mediante um pacto secreto, as três Ordens: Hospitalários, Templários e Teutônicos. Mas não conseguiu fazê-lo.

Após a queda de Acre, o papa Nicolau IV convocara um concílio para Salzburgo, a fim de decidir quais os meios a utilizar para retomar a Terra Santa. O concílio decretou também que convinha reunir as três ordens sob uma regra uniforme. Mas, quando Nicolau IV morreu, o problema ainda não avançara nada.

Clemente V, por sua vez, quis reunir Hospitalários e Templários. Viu-se confrontado com uma recusa cortês, mas firme e irônica, por parte de Jacques de Molay. O Grão-Mestre sublinhava as diferenças entre as regras que regiam as duas ordens e aproveitava para criticar os Hospitalários:

"Era preciso que os Templários levassem uma vida mais à larga, ou que os Hospitalários fossem submetidos a restrições: daí poderia provir um perigo para as almas porque são raros, segundo penso, aqueles que quereriam mudar a sua vida e os seus costumes habituais."

Ademais, era preciso ver nesta passagem uma ironia, para não dizer uma ameaça velada ao soberano pontífice, que levava uma vida que estava longe de ser regrada e que parecia não querer mudar. Jacques de Molay afirmava assim, de forma muito clara, que não tinha lições a receber de um papa que era conhecido por utilizar o dinheiro da Igreja em proveito próprio e do seu clã, e que parecia mais preocupado em cobrir a sua amante de presentes do que em dedicar a sua vida à espiritualidade. Esta fusão talvez tivesse podido salvar a Ordem do Templo, mas isso não é certo porque, nessa eventualidade, Filipe, o Belo, tencionava nomear o seu filho para comandar as ordens reunidas. Depois disso, teria abdicado em seu proveito e tornado hereditário o cargo de Grão-Mestre. Então, a nova ordem militar não seria mais do que um instrumento nas mãos do rei de França.

As relações de Filipe, o Belo, com a Igreja

Antes de abater a Ordem, o rei tentara utilizá-la em seu proveito. Se agia para a defesa da fé, como afirmava, e se tivera conhecimento de todas as abominações que acusara o Templo de cometer, por que razão ele próprio pedira para nela ser admitido, na qualidade de membro honorário?

O que é certo é que deve ter sentido algum azedume quando essa honra lhe foi recusada, enquanto fora concedida ao papa Inocêncio III. Em Janeiro de 1307, apenas alguns meses antes da detenção, quando era suposto saber tudo sobre as aberrações da Ordem, solicitava, sem êxito, o ingresso no Templo do seu segundo filho. Então, considerava heréticos os Templários e, nesse caso, teria ignorado o fato procurando apenas pôr o poderio da Ordem ao seu serviço? Ou, então, só inventou as acusações para abater o Templo que se recusava a servi-lo? Seja como for, é melhor que os «historiadores» que fazem de Filipe, o Belo, um rei exemplar ou um defensor da fé deixem de contar patranhas. Tudo prova que, para ele, o fim justificava os meios, e que não se detinha com qualquer escrúpulo.

Diziam-no pio. Observava regularmente os jejuns e fora marcado com ferrete dominicano. Durante a sua infância, tivera como professor Egidio de Rome, dominicano, e o seu confessor, Clément Pâris, pertencia à mesma Ordem. Foi esta influência que o transformou em fornecedor de pretensos heréticos para Inquisição, acarinhada pelos dominicanos? Eles, que tinham torturado os Cátaros e feito uma sangria desatada no Languedoque, eram, portanto, os formadores do rei que ia mandar torturar os Templários. Todavia, em 1301, Filipe, o Belo, erguera-se contra as práticas do inquisidor Foulques, que castigava no Languedoque. Protestara violentamente:

"Pois esse inquisidor comete a injustiça de iniciar processos por meio de prisões, de torturas, de tormentos inauditos contra as pessoas que lhe apraz acusar de heresia! Pois, pela violência da dor, esse padre obriga-as a confessar que renegaram Cristo..."

Eis uma crítica que não deixa de ter interesse quando pensamos nas instruções dadas por este monarca a respeito do modo de tratar os Templários. Decididamente, este rei foi, sem dúvida, um dos maiores exemplos de duplicidade

da nossa história, tendo apenas como teoria e como religião aquilo que poderia convir-lhe num determinado momento.

Em 1304, o «rei de ferro» concedera novos privilégios ao Templo e afirmara:

"As obras de piedade e de misericórdia, a liberalidade magnífica que exerce no mundo inteiro, a todo o tempo, a Santa Ordem do Templo, divinamente instituída há longos anos, a sua coragem que merece ser incentivada a velar ainda mais atentamente pela defesa perigosa da Terra Santa, levam-nos precisamente a dar sinais de um favor muito especial em relação à ordem e aos cavaleiros, pelos quais temos uma sincera predileção."

Nesse momento, incensava o templo em nome da fé. Que bom cristão!

O que o não impedia de lançar na prisão os bispos que lhe não agradavam, como o de Pamiers. Isso também não o impediu, com a cumplicidade do seu chanceler, Guillaume de Nogaret, de mandar fabricar cartas falsas do papa Bonifácio VIII, de modo a pôr uma parte do clero contra o soberano pontífice. Em Março-Abril de 1300, Nogaret chefiara uma embaixada a Roma. A sua insolência valera-lhe ser posto duramente no seu lugar por Bonifácio VIII e ficara com um ódio mortal ao prelado. E como Bonifácio VIII continuava a opor-se-lhe, Filipe, o Belo, reuniu prelados e barões, no Louvre, em Junho de 1303. Nessa ocasião, Nogaret pronunciara uma verdadeira acusação, não hesitando em acrescentar:

"Bonifácio tem um demônio particular que consulta em todas as ocasiões. Julga que os Franceses são todos Cátaros... É sodomita. Mandou matar vários clérigos, na sua presença. Obrigou padres a revelarem o segredo da confissão. Oprime os cardeais, os monges negros, os monges brancos, os menores e os pregadores... O seu ódio contra o rei de França vem-lhe do seu ódio contra a fé, de que o rei é a ilustração e o vivo exemplo."

Declarava o papa:

"Ilegítimo, herético, simoníaco, e empedernido nos seus crimes. A sua boca está cheia de maldições, as suas garras estão prontas para espalhar o sangue: destrói as igrejas que deveria alimentar, rouba o bem dos pobres... atrai a guerra, detesta a paz, é a abominação predita pelo profeta Daniel."

É preciso dizer que Bonifácio pedia a todos os senhores do reino de França que desobedecessem ao rei. Apesar dos excessos, o concílio, incluindo os representantes do Templo, aderiu aos ataques lançados contra o papa. Depois, Nogaret foi a Itália. Soube que Bonifácio devia excomungar Filipe, o Belo, a 8 de Setembro. Apoiado pelos cardeais da família dos Colonna que o papa destituíra e expulsara, Nogaret dirigiu-se ao palácio pontifício de Anagni, acompanhado por mil e seiscentos mercenários. Entraram à força na residência e encontraram o papa na sua capela privada. Nogaret teve a audácia de lhe ler as acusações pronunciadas contra ele e anunciou-lhe que estava detido. Devia levá-lo consigo para França, a fim de ser julgado pelo concílio. Todavia, no quarto dia do seu cativeiro, a multidão interveio e libertou o papa, levando-o triunfalmente para Roma. A provação marcara o soberano pontífice que morreu quatro semanas mais tarde, a 11 de Outubro de 1303.

Esse «atentado de Anagni» inquietou, mesmo assim, os próximos do rei,

porque o clero começava a murmurar.

O sucessor no trono de São Pedro, Bento XI, denunciou a maquinação concebida contra Bonifácio VIII e intimou Nogaret a comparecer na sua presença. Teve pouca sorte: morreu vinte e quatro horas antes de pronunciar a excomunhão, depois de ter comido figos frescos, sem dúvida envenenados. E Nogaret teve a audácia de dizer:

"Deus, mais poderoso que todos os príncipes eclesiásticos e temporais, atingiu o citado senhor Bento de tal modo que já lhe não foi possível condenar-me."

Foi o mesmo Nogaret que montou, na companhia de Filipe, o Belo, toda uma maquinação contra a Ordem do Templo.

A maquinação urdida por Guillaume de Nogaret

Guillaume de Nogaret nascera em Saint-Félix-de-Caraman, na diocese de Agen. Estudara e fora professor de direito em Montpellier e, em seguida, lugar-tenente do senescal em Beaucaire e Nilmes. Juntara-se ao rei quando este se rodeara de um areópago de conselheiros jurídicos. Passou a pertencer ao Conselho do Rei, a partir de 1296. Filipe, o Belo, armou-o cavaleiro na Páscoa de 1299.

Era um homem ambicioso, de temperamento violento. Expulsara os banqueiros lombardos e os judeus do Languedoque, depois de ter confiscado os seus bens para dourar de novo o tesouro real. A 22 de Setembro de 1307, o rei nomeara-o chanceler e guarda dos selos. Não tinha o hábito de se deixar tolher por escrúpulos. Quanto mais as acusações que fazia eram enormes, horríveis, mais hipóteses tinham de ser espalhadas por toda a parte e, finalmente, alvo de crédito. Dispunha de uma espécie de gênio mediático e sabia perfeitamente como fazer espalhar as piores calúnias. Conspurcar o mais possível aquele que queria abater, era esse o seu método, e, infelizmente, tinha ótimos resultados. Demonstrara, em relação ao bispo de Panúers e a Bonifácio VIII, que não havia patifaria que não conhecesse.

Não deveria privar-se de utilizar o mesmo tipo de táctica contra o Templo. Em primeiro lugar: perder os Templários junto do povo, difamando-os, servindo-se de tudo o que pudesse alimentar as invejas. Em segundo, encontrar testemunhos, independentemente da sua credibilidade. E Nogaret teceu toda a intriga a partir de denúncias duvidosas. Em 1303, um templário de Béziers, chamado Esquin de Floyrano (ou de Florian), tendo perdido a sua comenda por crime, dirigira-se ao governador provincial de Monte Carmelo para obter outra. Perante a recusa que lhe fora oposta, apunhalara o governador, na sua casa de campo, perto de Milão. Tudo isto apresenta algumas reservas, porque o crime também é atribuído a outro templário renegado: Noffo Dei, um florentino. Acontece que, a seguir ao crime, Esquin se refugiou em Paris. Nogaret soube da história. Mandou trazer o indivíduo à sua presença e montou com ele uma denúncia da Ordem baseada, sem dúvida, numa parcela de verdade um pouco maquilhada. Prometeu a Esquin que teria a vida salva, sob condição de seguir as

suas instruções, e ordenou-lhe expressamente que, em primeiro lugar, encontrasse testemunhas de acusação contra a Ordem, entre a escória dos cavaleiros expulsos do Templo por faltas graves. Nogaret enviou também Esquin de Florian junto do rei de Aragão, grande amigo dos Templários, a fim de tentar miná-lo. Em 1309, iremos encontrar o mesmo Esquin dedicando-se a um interrogatório musculado dos irmãos da Ordem.

Guillaume de Nogaret conseguiu reunir algumas testemunhas de acusação suplementares: Géraud de Lavema de Neyzol, ex-Templário de Gizors; Bernard Pelet, ex-prior do Mas-d'Angenias, etc., todos renegados.

A partir de então, precisava de desencadear uma ação do papa, o único capacitado para, eventualmente, julgar a Ordem do Templo. Mas, por esse lado, depararam-se-lhe sérias resistências. Enviou, portanto, um dossier ao grande inquisidor de França que, sem pestanejar, assinou a ordem de detenção dos Templários. Como não contavam com o acordo do papa, contentar-se-iam com o do inquisidor que estava pronto a obedecer ao rei de França.

O guarda dos selos, Gilles Aiscelin, recusara ligar o seu nome a esta infâmia. Foi destituído de imediato e Nogaret nomeado para o substituir.

Para anestesiar as desconfianças dos Templários, fingiram mostrar a maior consideração pela Ordem. Na véspera da detenção, a 12 de Outubro de 1307, Jacques de Molay assistia, com a corte, às exéquias de Catherine de Courtenay, mulher de Charles de Valois. No entanto, ao mesmo tempo que as cartas de Filipe, o Belo, eram encaminhadas para todo o reino, o inquisidor de França mandava correios aos seus colegas de Toulouse e Carcassonne (o que prova que era sobretudo nessa região que se esperava encontrar casos de heresia no seio da Ordem) bem como aos dominicanos de determinado nível. Nessas missivas, apoiava a ação do rei, dizendo mesmo ser o instigador dela e precisava o modo de proceder.

Na madrugada pálida

Na quinta-feira 12 de Outubro, por quase toda a França, as instruções foram abertas e, na madrugada de 13, as tropas dirigiram-se a todas as casas francesas da Ordem (ou quase) a fim de prenderem os Templários. Por vezes, as coisas correram bastante mal, como em Arras, onde os soldados do rei degolaram metade das pessoas que lá se encontravam.

Em Paris, Jacques de Molay foi arrancado da cama. Mal os Templários foram presos, Filipe, o Belo, dirigiu-se à Torre do Templo e instalou-se lá. Que ia lá procurar assim, sem perda de tempo? Um indício pode, sem dúvida, pôr-nos na pista: levou consigo o seu «tesouro pessoal» o que lhe permitiu, evidentemente, juntá-lo ao que se encontrava no local e pertencia à Ordem. Ao unir as duas somas de dinheiro, atribuía-se a faculdade de recuperar tudo em seu proveito, metendo a mão na parte do tesouro do Templo que pudesse encontrar-se lá.

Imediatamente após a detenção dos Templários, procurou-se aterrorizá-los pela ameaça e prometendo-lhes, ao mesmo tempo, a liberdade, caso confessassem

tudo o que se pretendia. Foram-lhes até apresentados salvo-condutos providos do selo do rei. Era preciso andar depressa e obter as primeiras confissões. Foram-lhes recusados os sacramentos, preveniram-se os moribundos de que não poderiam ser enterrados em terra da Igreja, foram torturados. Só em Paris, trinta e seis templários faleceram sob os tormentos, vinte cinco em Sens, etc., sem citar aqueles que ficaram deficientes para o resto das suas vidas ou humanamente destruídos.

Mas não bastava aniquilar a Ordem. Filipe, o Belo, enviou cartas aos soberanos estrangeiros para que agissem como ele. Que aconteceria se o Templo se mantivesse poderoso nos outros reinos? Não correria o risco de se formar uma coligação contra ele? As reações dos países vizinhos foram diversas. Voltaremos a esse ponto.

Ao mesmo tempo, era preciso justificar esse golpe de força junto da opinião pública. Nogaret organizou uma reunião de esclarecimento, em Nossa Senhora de Paris, para os corpos constituídos, bem como um verdadeiro comício popular, nos jardins do Palais-Royal. Dominicanos e funcionários reais tomaram a palavra, uns a seguir aos outros, para conspurcarem a Ordem do Templo. Foram elaborados libelos acusatórios, distribuídos por aqui e por ali, inclusive no estrangeiro: uma verdadeira campanha de imprensa, para a época.

O papel do papa Clemente V

Os Templários não dependiam da jurisdição real, mas sim do papa. A reação deste era, pois, de primordial importância.

O soberano pontífice, Bertrand de Got, ex-arcebispo de Bordéus, tomara o nome de Clemente V. Devia a sua eleição a Filipe, o Belo. Ainda por cima, viera instalar-se em Avinhão, em vez de Roma, o que fazia dele um quase cativo do rei de França. É provável que tenha sido posto, muito cedo, ao corrente do projeto de detenção, mas Clemente V não tinha a coragem de Bonifácio VIII. A sua forma de resistência não era mais do que uma maneira de enganar, de ganhar tempo. Fora, sem dúvida, isso que o levara a convocar os Grão-Mestres do Templo e do Hospital para lhes pedir que fundissem as suas duas Ordens. Nessa altura, talvez tenha até prevenido Jacques de Molay dos perigos que rondavam o Templo. Molay respondera a essa advertência exigindo uma investigação à Ordem. Isso não viria a ser suficiente.

Clemente V era um fraco, fortemente prisioneiro dos seus sentidos, um sibarita que tinha necessidade de viver na opulência. Esse gosto coadunava-se mal com a divisa familiar: *Par infimis* (igual aos mais humildes).

Provinha da família dos viscondes de Lomagne, de origem visigótica. Ilustre família, mas sem tostão. Foi bispo de Comminges, «o bispado do unicórnio». Foi nessa qualidade que mandou construir Saint-Bertrand-de-Comminges, verdadeira jóia alquímica. Fino letrado, fundou cátedras de hebreu e de árabe em várias universidades. Contratou os serviços de um alquimista célebre: Arnaud de Villeneuve. Ironia do destino: a sua mãe, Ida de Blanchefort, era sobrinha de Bertrand de Blanchefort, Grão-Mestre da Ordem do Templo.

Logo após a sua eleição, dirigira-se a Bordéus, passando por Mâcon, Bourges e Limoges, acompanhado por uma chusma de cortesãos e criados. Por onde passava, exigia que o recebessem sumptuosamente e só partia depois de as reservas locais estarem esgotadas. A sua corte comportava-se como uma força de ocupação e passava largamente as medidas. As exações foram tantas que provocaram queixas. Para se defender, Clemente V afirmou:

"Somos homens, vivemos entre os homens, não podemos ver tudo. Não temos o privilégio da adivinhação."

Mesmo assim, como refere Lavocat:

"No entanto, havia uma coisa que Clemente devia saber, que, durante a sua estada em Lyon, extorquira somas enormes aos abades e aos bispos de França que, por necessidades dos seus cargos, se haviam dirigido à corte. Há uma unanimidade em todos os cronistas desse tempo: «Foram feitos muitos roubos nas igrejas, tanto laicos como de religião, por ele e pelos seus ministros.»"

Um luxo custava-lhe especialmente caro: a sua amante, a bela Brunissende Talleyrand de Périgord. As más-línguas diziam até que ela lhe custava mais caro do que a Terra Santa. Escrevia-lhe versos:

"És mais bela do que o dia; A neve não é mais branca. Para atravessar o regato do amor; Não desejaria outra barca."

Clemente era ambicioso. Bispo aos trinta anos, cardeal aos trinta e seis, considerava normal ser-se papa aos quarenta. Ora, a luta entre os clãs Colonna e Orsini bloqueou o conclave durante dez meses e as chaves da eleição encontravam-se, em boa medida, nas mãos do rei de França. Foi realizado um acordo entre os dois homens. Falou-se, a esse respeito, de um encontro que se teria realizado numa floresta, perto de Saint-Jean-d'Angély. Apesar de haver uma crônica que a relata, é materialmente impossível. Em contrapartida, enviados dos dois homens podem muito bem ter combinado as coisas. Filipe, o Belo, teria garantido a Bertrand de Got que seria eleito, desde que subscrevesse seis cláusulas. Cinco estavam determinadas: reconciliá-lo com a Igreja e lavar a nódoa da prisão de Bonifácio VIII; levantar a excomunhão que lhe dizia respeito; conceder-lhe os dízimos do clero de França, durante cinco anos, a fim de ajudar a pagar as despesas feitas durante a guerra da Flandres; destruir a memória de Bonifácio VIII; devolver todos os privilégios e títulos aos cardeais da família Colonna e a seus aliados, que Bonifácio combatera. A última cláusula teria ficado «em branco». Só deveria ser-lhe comunicada mais tarde. Tratar-se-ia da destruição da Ordem do Templo. Fora por isso que Clemente declarara:

"No tempo da nossa promoção, antes mesmo de nos termos dirigido a Lyon para sermos coroados, ouvimos falar, em segredo, dos desmandos da Ordem do Templo."

Tendo concordado com as cláusulas reais, Bertrand de Got tornara-se papa. Esse pontificado não se iniciava, verdadeiramente, sob auspícios de santidade. A coroação de Clemente V, em Lyon, a 14 de Novembro de 1305, foi, aliás, marcada por acontecimentos trágicos, como se se tratasse de sinais do destino.

Quando da passagem do cortejo pontifical, uma parede carregada de

curiosos desmoronou-se. Filipe, o Belo, querendo mostrar a sua humildade de uma forma mais demonstrativa do que real, ia a pé, segurando a brida do cavalo montado por Clemente V. Mas não seria também simbolicamente (e talvez inconscientemente) uma forma de mostrar que levava o papa pela rédea? De qualquer modo, o rei sofreu escoriações no acidente, o duque de Borgonha morreu, o papa caiu do cavalo. Morreram mais onze pessoas, entre as quais o cardeal Mathaeo d'Orsini e Gaillard de Got, irmão do papa. Outras ficaram gravemente feridas. Como Charles de Valois. A tiara rolou pelo chão e a mais bela pedra, um rubi de seis mil florins, soltou-se, prefigurando esse belo ornamento da Igreja que era o Templo e que o papa, em breve, deixaria de ter ao seu serviço.

No dia seguinte, quando de um banquete oferecido por Clemente V, estalou uma rixa entre partidários do papa e dos cardeais florentinos.

O segundo irmão do pontífice foi morto nessa altura. Decididamente, a sorte não parecia nada favorável ao novo sucessor de São Pedro.

O primeiro ato de governo de Clemente V foi nomear quatro cardeais escolhidos entre o séquito real: Béranger Frédol, bispo de Béziers; Étienne de Suisy, chanceler; Pierre de La Chapelle-Taillefer, bispo de Toulouse, e Nicolas de Freauville, ex-confessor do rei. Aproveitou também para nomear algumas pessoas da sua família e do seu clã. Ademais, absolveu o rei do atentado de Anagni. No entanto, não se pronunciou sobre o caso de Guillaume de Nogaret e recusou-se mesmo a recebê-lo. Fez o que prometera ao rei de França e empenhou-se, nessa qualidade, a vilipendiar a memória de Bonifácio VIII.

O ódio de Filipe, o Belo, pela Ordem do Templo

O rei de ferro tinha a jogada ganha. Não seria Clemente V quem o impediria de pôr em execução os seus desígnios. Mas por que razão tinha um tal ódio à Ordem do Templo? As razões eram, sem dúvida, múltiplas. Em primeiro lugar, a Ordem apenas reconhecia Deus como senhor e só o papa tinha um poder - limitado - sobre ela. A sua organização interna era a de uma república aristocrática, exemplo incômodo para a realeza hereditária. Não pedira o rei que a Ordem fosse reformada e que o cargo de Grão-Mestre se convertesse em apanágio hereditário da sua linhagem? Do seu palácio, podia ver a Torre do Templo que o afrontava, cidade dentro da cidade, e que não tinha contas a prestar-lhe. O Templo tinha as suas liberalidades, os seus privilégios, o seu direito de asilo, a sua alta, média e baixa justiça. Daí a prontidão com que o rei tomou posse da Torre do Templo na própria manhã em que os monges-soldados foram detidos.

Depois do concílio de Sens, em 1310, Filipe, o Belo, mandou desenterrar e queimar as ossadas do tesoureiro que mandara construir essa Torre do Templo, um século antes. Que ódio acumulado deveria ter o rei para chegar a esse ponto? E talvez, também, que decepção por não ter encontrado lá o que procurava: um tesouro importante.

Como poderia não lhes ter ódio, ele que conhecera a humilhação de ter de

pedir, várias vezes, a ajuda financeira dos Templários?

Ademais, o rei fazia sem dúvida um cálculo político. Qual seria o poder dos reis que quisessem opor-se ao Templo? Não iriam os Templários construir um império na Europa e, sobretudo, em França, onde estavam melhor implantados? Filipe, o Belo, decidira resolver essa questão à sua maneira.

O rei de França, orgulhoso, tinha outras razões para se sentir humilhado pela Ordem. Houvera aquela recusa de lhe concederem o título de membro honorário. Tinham-se recusado a acolher o seu filho. Ainda por cima, na sequência de malversações monetárias de Filipe, o Belo, em Dezembro de 1306, houvera tumultos em Paris. O rei encontrara-se em perigo: tivera de pedir asilo ao Templo que o acolhera na sua Torre de Paris. Teve de lá ficar durante vários dias, à espera de que a revolta fosse sufocada. Como deve ter odiado os seus salvadores! Essa humilhação lembrou-lhe, sem dúvida, a que sofrera na infância e que o marcara. Acompanhara então o seu pai, Filipe, o Ousado, numa viagem ao Languedoque. Nessa altura, haviam visitado os Voisins, senhores de Rennes-de-Château, e, sobretudo, os Aniort. Raymond d'Aniort, o chefe de família, senhor no Razès, a sul de Carcassonne, era parente do rei. O seu jovem irmão, Udaut, simpatizou com o futuro Filipe, o Belo. Os dois primos, em alguns dias passados juntos, descobriram gostos comuns. Divertiram-se, caçaram com o falcão... E, depois, havia lá uma prima de Udaut, Aélis, que agradava muito ao jovem delfim. Tudo isso transformava a sua estada num momento muito agradável. O futuro rei teria desejado que Udaut se tornasse seu companheiro de armas, mas este recusou: decidira entrar para a Ordem do Templo. Assim, desde a sua juventude, Filipe vira-se rejeitado em proveito da Ordem e, quando deixou a região, o azedume acompanhara-o.

Um caso sórdido de dinheiros

Tudo isso não era de molde a predispor Filipe, o Belo, em favor do Templo. No entanto, o verdadeiro motivo que decidiu o rei a abater a Ordem era, sem dúvida, mais sórdido. Tratava-se de rapinar os seus haveres, de encher as «arcas» do fisco, de submeter bens ao imposto e, sobretudo, de se livrar de duas dívidas notórias. Filipe, o Belo, devia à Ordem quinhentas mil libras e duzentos mil florins, sem falar de todas as dívidas da sua família.

O rei manifestou o seu despeito por não ter descoberto «o» tesouro do Templo, mas queimou todos os cartuchos, mandando vender todos os objetos encontrados nas comendas templárias, incluindo os de culto. Não podia esperar. Passara o tempo a contar os tostões.

Claro que era preciso que a Ordem não saísse limpa da armadilha que lhe fora preparada, ou teria de ser reembolsada do que lhe fora pilhado. Nesse campo, o déspota desconfiava do papa. A vontade de destruir era conhecida de Clemente V, mas a operação de comando sem dúvida que o apanhou desprevenido. Pareceu furioso por ter sido posto assim perante o fato consumado com a cumplicidade de uma parte do seu clero e, em especial, dos dominicanos. Reagiu escrevendo ao rei:

"Enquanto estávamos longe de vós, estendestes a vossa mão sobre as suas pessoas e os seus bens: fostes ao ponto de os lançar na prisão e - o que leva ao cúmulo a nossa dor - não os haveis libertado. E até, indo mais longe, haveis acrescentado à aflição do cativeiro uma outra aflição, que por pudor para com a Igreja e para com nós todos, achamos próprio deixar passar atualmente em silêncio."

Sem dúvida que Clemente V hesitava referir a tortura por que era praticada com a cumplicidade dos inquisidores. Na sua carta lembrava, por outro lado, que o rei não tinha poder para julgar os eclesiásticos e que só ele era competente na matéria.

Filipe, o Belo, fez-lhe saber de imediato que Deus detestava os tíbios e que qualquer demora na repressão dos crimes pode ser considerada uma forma de cumplicidade com os criminosos. Eis algo que estava cheio de ameaças, tanto mais que o rei lembrava discretamente ao papa que não teria o apoio de toda a Igreja. Os interrogatórios e a tortura continuaram de vento em popa. Clemente V, provisoriamente, achou mais prudente para a sua própria segurança não insistir. A 27 de Novembro, pela bula *Pastoralis praeminentiae,* pediu a todos os soberanos que procedessem à detenção dos Templários. Mesmo assim, conseguira que os principais dignitários da Ordem lhe fossem entregues para serem interrogados mas, na verdade, já abdicara de todo o poder.

Manifestamente, Clemente V não acreditava na culpabilidade dos Templários, mas apenas se mostrava capaz de ganhar tempo. As confissões feitas, sob tortura, por setenta irmãos não o tinham convencido e pedira aos cardeais Étienne de Guisy e Bérenger Frédol que levassem a cabo uma contra-investigação. Esta mostrara que inúmeros Templários já tinham falecido. Então, Clemente V retirou todos os poderes à Inquisição, o que implicava a anulação de todo o processo.

Durante esse tempo, o rei e Nogaret procuravam pôr a opinião pública do seu lado e, em 25 de Março de 1308, Filipe, o Belo, reuniu os Estados Gerais, em Tours. O texto da carta convocatória era de uma duplicidade familiar ao rei de ferro. Uma vez mais, escolhera o estilo lírico, com passagens como:

"O Céu e a Terra revolvem-se com tantos crimes: os elementos perturbaram-se. [...] Contra uma peste tão celerada, as leis e as armas levantar-se-ão, e os próprios animais irracionais e os quatro elementos com eles!"

As acusações feitas eram descritas como fatos «provados». Tudo fora feito para provocar horror e indignação e para fazer passar o rei pelo defensor mais zeloso da fé cristã. É claro que os Estado Gerais caíram na esparrela. Astuciosamente, o rei mandou inclusive redigir, aos Estados Gerais, uma súplica que o livrava da iniciativa contra o Templo:

"O povo do reino de França suplica insistentemente e com devoção a Sua Majestade real que considere qualquer das seitas e heresias, em relação às quais são alegados direitos para o senhor papa relativamente ao diferendo que se levantou entre vós e ele, relativamente à punição dos Templários, fazia profissão de conservar a fé católica e a conservava, exceto que, num ponto ou em vários, diferia

e separava-se da observância completa da Igreja romana... Que ele se lembre de que o chefe dos filhos de Israel, Moisés, ele, amigo de Deus, que lhe falava cara a cara, gritou, numa circunstância semelhante, contra os apóstatas que haviam adorado o bezerro de ouro: «Que cada um se arme com o gládio e atinja o seu parente mais próximo...» Por que razão o rei muito cristão não procederia do mesmo modo, mesmo contra todo o clero se, Deus o não permita, o clero caísse em erro ou apoiasse e favorecesse os que nele caíram?"

O papa estava prevenido: Filipe IV iria até ao fim. Seria o braço secular de Deus, pelo menos aos olhos do povo, e não restava mais nada a um papa prestes a ser eliminado. Clemente cedeu uma vez mais e restabeleceu os tribunais eclesiásticos. Procurou apenas infletir-lhes o rumo juntando franciscanos aos dominicanos, constituindo comissões de inquérito nacionais e reservando para si o julgamento dos dignitários.

Clemente V estava cada vez mais inquieto, tanto mais que Nogaret fazia circular libelos difamatórios a seu respeito e perguntava-se o que ele andaria a preparar. Bloqueado em Poitiers, não estava em segurança. Em Março de 1309, conseguiu fugir dos agentes reais e chegar a Avinhão. Quando de uma primeira tentativa, fora apanhado e trazido de volta sob escolta, como um prisioneiro, para Poitiers. Desta vez, julgou-se livre, mas o rei enviou para junto dele, em Avinhão, o capitão Raynaldo de Supino, que fora lugar-tenente de Nogaret quando do atentado de Anagni. Clemente já não estava mais seguro em sua casa do que no reino de França.

Surpresa e evasões

Entre os mistérios ligados à prisão, há um particularmente irritante: como é que os Templários foram capturados tão facilmente? E sobretudo, houve muitos que conseguiram escapar?

Primeiro ponto que levanta problemas, não se apanhou praticamente nada com interesse nas comendas templárias, no momento da detenção. Isso pode significar que os Templários não possuíam praticamente nada, para além dos instrumentos necessários à cultura, e das suas armas. Mas isso não poderia ser válido para todas as comendas. Também pode querer dizer que, nas casas do Templo, existiam esconderijos que os homens do rei não descobriram. Mas então, como é que os irmãos não falaram neles, sob tortura? Podemos, por fim, imaginar que alguns responsáveis da Ordem estavam ao corrente da próxima detenção, que mandaram evacuar o que devia sê-lo e que, sem dúvida, se puseram a si próprios a salvo.

De qualquer modo, seria muito de espantar que nenhum dos funcionários reais tivesse aberto as instruções antes da data. Sabemos que alguns, amigos do Templo, ou que tinham membros da sua família na Ordem, preveniram discretamente os irmãos. Foi, o caso, nomeadamente, no Razès.

Lembremo-nos também de que Jacques de Molay fora convocado pelo papa

e que, nessa altura, ele próprio pedira uma investigação. Não há dúvidas de que, neste contexto, tudo o que pudesse levantar qualquer problema, tudo o que era especialmente precioso por uma razão ou por outra, fora necessariamente evacuado.

Quanto aos homens, parecem ter sido realmente apanhados de surpresa. Alguns foram até massacrados no local, sem terem tempo de se defender, como em Carentoir ou perto de Gavarnie. Mas não foi o que aconteceu em todo o lado. Inúmeros cavaleiros conseguiram fugir. Na Flandres, a maior parte deles desapareceu na natureza e depois, quando as coisas se acalmaram, abrigaram-se discretamente noutras ordens religiosas. Plaisians, homem de Filipe, o Belo, reconheceu, aliás:

"Porque uns, presos como suspeitos de heresia e sujeitos a acusação, fugiram da prisão; porque outros, embora citados, não compareceram; porque outros ainda, que o próprio soberano pontífice mandara capturar, fugiram; que alguns deles são salteadores nas florestas, outros ladrões de estrada, outros assassinos, outros ainda ameaçam com a morte, pela espada ou pelo veneno, os juízes e os ministros empenhados neste caso... e que... muitos deles que habitavam nos reinos de Espanha passaram inteiramente para os Sarracenos."

Embora possamos ter algum cepticismo quanto àquilo em que se transformaram determinados Templários, mesmo assim não deixa de ser uma confissão de que o lançar de rede fora muito incompleto. Alguns Templários parecem pura e simplesmente ter criado um movimento de resistência. Foi o que aconteceu no Puy-de-Dôme. A dez quilômetros para nordeste de Besse, à saída de Cheix, encontram-se as grutas de Jonas. Ligam-se em sete andares numa parede rochosa, a trinta ou quarenta metros do solo. Foram escavadas pelo homem, num período indeterminado. Contam-se sessenta e uma e o conjunto é muito impressionante com os seus caminhos talhados na pedra e providos de parapeitos, as suas escadas em caracol esculpidas na rocha, os seus corredores de ligação, o seu refeitório, a sua «sala dos cavaleiros», a sua cozinha com pia de despejos, as suas cavalariças, etc. Os Templários da região refugiaram-se nelas. Organizaram até uma capela que decoraram com frescos, representando, entre outras coisas... a negação de São Pedro. Pode ver-se também uma descida da cruz. Jesus a falar com a mãe, ou perante Pilatos, a visita das santas mulheres ao sepulcro e a aparição de Cristo a Maria Madalena. A capela era dedicada a São Lourenço. Estava provida de colunas e de capitéis. Uma sala por cima dela estava talhada de modo a fazer entrar o sol e orientar a luz no santuário. A organização destas grutas e a vida de um grupo de Templários naquele lugar só poderia ter acontecido com a cumplicidade ativa da população local.

Não se trata de um caso isolado. Não muito longe de Coubon e do Puy, ficava a casa de La Roche-Dumas. Estava colocada sobre uma rede de grutas e de subterrâneos e serviu também de refúgio a Templários. No Cantal, inúmeros cavaleiros refugiaram-se no castelo de Toursac, onde foram abastecidos pelos camponeses. Ficaram lá durante muitos anos. Na Picardia, os Templários da comenda de Doulens fugiram e refugiaram-se num bosque perto de Longuevilette.

Perto de Saint-Flour, um monge-soldado refugiou-se na gruta chamada «do cavaleiro». Quando do concílio de Vienne, nove cavaleiros apresentaram-se espontaneamente para defender a Ordem. Donde vinham? De qualquer modo, comunicaram a todos que quinze centenas de Templários em armas ocupavam as alturas que dominavam o Ródano, entre Vienne e Lyon. O número era, sem dúvida, exagerado.

Em Paris, na véspera de serem detidos, os cavaleiros teriam ido refugiar-se nas pedreiras de Montmartre, o que deixaria supor que estavam prevenidos da prisão iminente. Em Provins, um determinado número de Templários deixou a Ordem alguns dias antes de 13 de Outubro. Sabiam o que ia passar-se?

Por outro lado, no estrangeiro, os Templários nem sempre foram inquietados. Quase com a única exceção do príncipe de Magdeburgo, os alemães mostraram-se favoráveis à Ordem e não prenderam os seus membros. Mesmo assim, o arcebispo de Mainz reuniu um concílio para julgar os Templários. Estes últimos compareceram a cavalo e armados, conduzidos pelo comendador da Renânia, Hugo de Salm. Protestaram a sua inocência. O arcebispo tomou nota do fato e não insistiu. Depois, convocou um novo concílio para livrar a Ordem de todas as suspeitas.

Na Provença, Carlos II esperou pelo dia 24 de Junho de 1308 para mandar prender os Templários. Mandou-os torturar e matar mas, antes desse dia, inúmeros irmãos tinham tomado as suas precauções e passado à clandestinidade. Aliás, quando os archeiros vieram à comenda de Montfort-sur-Argens para proceder à detenção, só lá encontraram um velhote. Em Toulon, prevenidos pelo bispo, sete Templários tinham-se sumido na natureza e o ninho estava vazio, quando da chegada dos archeiros.

Em Inglaterra, a prisão realizou-se em Dezembro de 1307, mas a maior parte dos irmãos não foi encarcerada, apenas ficaram sujeitos a prisão sob palavra, e, de um modo geral, os inquisidores recusaram a utilização da tortura. Aliás, o rei Eduardo II tivera o cuidado de escrever aos reis de Portugal, de Castela, de Aragão e de Nápoles para dizer que as acusações contra a Ordem do Templo tinham, sem dúvida, sido suscitadas pela inveja e a cupidez. Finalmente, uma vez abolida a Ordem, os irmãos foram geralmente acolhidos em mosteiros. Na Escócia e na Irlanda, os cavaleiros nunca foram maltratados.

Em Espanha, fecharam-se nos seus castelos e só de lá saíram depois de terem recebido garantias de que seriam julgados com equidade. O concílio de Salamanca, a 21 de Outubro de 1310, declarou unanimemente que os acusados de Castela, de Leão e de Portugal estavam livres e absolvidos de todas as acusações e delitos que lhes haviam sido imputados. Do mesmo modo, em 1312, o concílio de Tarragona declarou inocente o Templo. E foram fundadas novas ordens que recolheram os bens e onde os irmãos fugitivos puderam ingressar. Foi o caso da Ordem de Nossa Senhora de Monteza, criada e colocada sob a tutela da Ordem de Calatrava, que acolhera ela própria Templários. Do mesmo modo, foi criada em Portugal a Ordem Militar da Milícia de Cristo e os cavaleiros conservaram até o manto branco e a cruz vermelha do Templo. Em 1321, a Ordem de Cristo contava

mais de cento e sessenta comendas e todos os seus membros eram Templários portugueses ou franceses. Trinta e cinco anos mais tarde, a sede da nova ordem, primeiro fixada em Castro Marim, foi transferida para Tomar, na antiga comenda provincial portuguesa da Ordem do Templo.

Em Itália, os irmãos recusaram-se, de um modo geral, a comparecer às citações dos inquisidores. No Rossilhão, na Catalunha, dependente do rei de Aragão, inúmeros Templários tiveram tempo para entrar na clandestinidade ou de colocarem os seus castelos em estado de defesa. Na Catalunha, recusaram apresentar-se às convocações e fecharam-se nas suas fortalezas de Miravet, Ascon, Montco, Cantavieja, Villel, Castellot e Chalamera. Quando foram buscá-los, defenderam-se vigorosamente, com o apoio ativo da população.

Assim, a Ordem não fora de modo algum aniquilada. Nem sequer em França. A sobrevivência era possível, a coberto de outras ordens, ou na sombra. Dado que não podia suprimir todos os vestígios dela, Filipe, o Belo, empenhou-se pelo menos em liquidar o seu poderio.

II

O PROCESSO E O TESTAMENTO DOS TEMPLÁRIOS

Uma instrução ilegal

O modo como a investigação foi conduzida pelo grande inquisidor de França, que começou os seus interrogatórios a 18 de Outubro de 1307, falseou necessariamente o processo. A utilização sistemática da tortura, o fato de apenas reduzir a escrito o que poderia ser favorável à acusação correspondia à noção dominicana de verdade no quadro da Inquisição e permitia, evidentemente, todos os abusos a fim de perder os acusados. Guillaume Pâris fazia notar bem nas suas instruções que só devia ser lavrada ata do depoimento daqueles que confessavam. Ora, legalmente, o inquisidor não tinha qualquer poder nesta história. Para que o tivesse, teria sido necessário que emanasse do papa, porque se tratava de instruir contra eclesiásticos que dependiam exclusivamente da Santa Sé. Clemente V zangou-se com o inquisidor de França, Guillaume Pâris, mas cedeu sob a pressão de Filipe, o Belo.

Vimos que as práticas da Ordem não estavam isentas de ritos curiosos, mas estes já não pareciam ser compreendidos pelos que os observavam. Esta certeza vem-nos nomeadamente dos testemunhos estranhos obtidos sem coação. Em contrapartida, no que se refere às confissões extraídas em França, muitas são extremamente suspeitas. A tortura e as pressões de todos os tipos exercidas sobre os Templários, na maior parte das vezes, prevaleceram sobre a sua resistência. Assim, o irmão Ponsard de Gisy descreveu o que lhe aconteceu: foi colocado numa fossa, «com as mãos atrás das costas tão fortemente que o sangue correu até às unhas e aí ficou, sem ter mais espaço do que o comprimento de uma correia, protestando e dizendo que, se fosse posto de novo sob tortura, negaria tudo o que

dizia e diria tudo o que quisessem».

A 31 de Março de 1310, um grupo de Templários mandou redigir um protesto:

"A religião do Templo é pura, imaculada: tudo quanto é articulado contra a Ordem é falso: aqueles dos irmãos que declararam que essas imputações contra as pessoas e contra a Ordem eram verdadeiras, ou parte delas, mentiram. Os irmãos sustentam que não podem ser brandidas contra eles confissões dessas que em nada prejudicariam quer a Ordem, quer as pessoas, porque essas confissões foram arrancadas pelas ameaças de morte, pela tortura. Se há irmãos que não foram submetidos aos tratos, ficaram aterrorizados com o medo dos suplícios: ao verem os outros submetidos à tortura, disseram tudo o que os seus carrascos quiseram. As penas sofridas por um só aterrorizaram um grande número. Há aqueles que foram corrompidos pela oração, pelo dinheiro, pelas carícias, por grandes promessas, e que não puderam resistir às ameaças."

Com base nisso, poderíamos pensar que tudo quanto é censurado à Ordem é falso. E, no entanto, a 2 de Julho de 1308, setenta e dois Templários que compareceram perante o Santo Padre reiteraram as suas confissões, longe de qualquer tortura, confissões demasiado precisas e demasiado coerentes entre si para não impressionarem o papa. A maior parte dos pontos do documento de acusação tiveram, por certo, de ser abandonados, mas o que restou era muito grave: essencialmente a negação de Cristo e o fato de cuspirem na cruz quando da cerimônia de recepção, os beijos no corpo e a autorização de sodomia, o culto de uma cabeça com poderes mágicos, outros tantos elementos ligados a um ritual desprovido de sentido aos olhos daqueles que persistiam em o praticar como um hábito.

O papel curioso dos dignitários do Templo

Ficamos perplexos perante o modo como se comportaram os dignitários da Ordem durante o processo, nomeadamente o Grão-Mestre Jacques de Molay.

A 21 de Outubro, Geoffroy de Chamay, comendador da Normandia, reconheceu ter negado Cristo e a prática dos beijos quando da recepção. Disse também que Gérard de Soizet, preceptor de Auvergne, lhe dissera que era melhor unirem-se entre irmãos do que debocharem com mulheres.

A 24 de Outubro, Jacques de Molay afirmou que:

"A manha do inimigo do gênero humano levara os Templários a uma perdição tão cega que, havia muito, aqueles que eram recebidos na Ordem negavam Jesus, com perigo da sua alma, cuspiam sobre a cruz que lhes era mostrada e cometiam, nessa altura, outras enormidades."

Falando assim, condenava toda a Ordem. Falando de si mesmo, afirmou:

"Há quarenta e dois anos que fui recebido em Beaune, diocese de Autun, pelo irmão Humbert de Pairaud, cavaleiro, na presença do irmão Amaury de La Roche e de muitos outros cujos nomes já não retenho na memória. Primeiro, fiz todo o tipo de promessas a respeito das observâncias e dos estatutos da Ordem e,

depois, impuseram-me o manto. Em seguida, o irmão Humbert mandou que trouxessem uma cruz de bronze onde se encontrava a imagem do crucificado e incitou-me a renegar Cristo que figurava nessa cruz. De mau modo, fi-lo: em seguida, o irmão Humbert disse-me para cuspir na cruz, cuspi no chão."

Hugues de Payraud, visitador de França, começara por negar, mas em breve se mostrou bem loquaz. Quanto a Geoffroy de Gonneville, preceptor da Aquitânia e de Poitou, confirmou os ritos de negação.

Podemos, é claro, invocar a tortura para explicar essas confissões.

Com efeito, quando os dignitários souberam que a Igreja avocara o caso e que haviam sido subtraídos à jurisdição real, tinham-se retratado. No entanto, não foram levados até ao papa e a sua caravana parou em Chinon. Nesse local, receberam a visita de três cardeais enviados pelo papa e então, num golpe de teatro, reiteraram as suas confissões. Estupefatos, os cardeais tomaram a precaução de ler os seus depoimentos aos dignitários e pediram-lhes que refletissem bem antes de os assinarem. Mesmo assim, assinaram. Fato curioso, quando, a 26 de Novembro de 1309, Jacques de Molay compareceu perante a Comissão Pontifícia, começou por tergiversar, procurar escapatórias e responder ao lado das perguntas. Acabaram por lhe reler as confissões que fizera em Chinon. Indignou-se com as palavras que lhe eram atribuídas, negou-as mas, mesmo assim, não defendeu ele próprio a Ordem. Teriam modificado o que dissera? Ter-lhe-iam prometido que as suas confissões não seriam divulgadas e que se destinavam apenas a esclarecer o papa? Fora enganado de uma forma ou de outra?

No que a isto respeita, Jacques de Molay pediu para ter uma entrevista em particular com Guillaume de Plaisians, conselheiro de Filipe, o Belo. Que disseram? Jacques de Molay concluíra, anteriormente, um acordo com ele e de que natureza? Ter-se-ia mostrado cúmplice da destruição de uma Ordem que se tornara perigosa? Isso é duvidoso, mas a atitude do Grão-Mestre é, mesmo assim, muito perturbadora.

Na sequência do seu encontro com o conselheiro do rei, pediu oito dias para «deliberar». Obteve-os. Durante algum tempo, pareceu indeciso e, depois, renunciou a defender a Ordem, afirmando-se iletrado e pobre, mas procurando, mesmo assim, lembrar os serviços prestados pela Ordem, no passado. Que inépcia! Mesmo assim, declarou:

"Mas irei perante Monsenhor o Papa, quando lhe aprouver. Sou mortal como os outros homens e o futuro não me está garantido."

Não seria uma forma de fazer saber que tinha medo? Que o papa o mandasse conduzir junto dele e aí poderia falar, mas enquanto a sua sorte estivesse, cada dia, nas mãos dos homens do rei, podia temer tudo. Aliás, acrescentava:

"Suplico-vos, pois, e peço-vos que digais a Monsenhor o Papa que chame à sua presença o mestre do Templo, logo que possível: só então lhe direi o que é a honra de Cristo e da Igreja, desde que esteja em meu poder."

Na verdade, os únicos que, corajosamente, tomaram um pouco a defesa da Ordem foram os Templários de base, prova de que o Templo se tornara um corpo sem alma e de aqueles que «sabiam» o tinham deixado havia muito tempo. Mas,

mesmo assim, como é possível que os dignitários não tenham clamado alto e bom som a inocência da Ordem? Que tenham tido medo, que tenham cedido sob a tortura, tudo bem. Mas não haveria um só que reagisse? O sofrimento, a falta de coragem, podem explicar muitas coisas, mas não teria havido um entendimento para conduzir ao fim da Ordem? Manifestamente, os dignitários souberam antecipadamente que os Templários seriam presos. Mesmo que suponhamos que não tenham sido prevenidos diretamente, o mero fato de, em determinados locais, o segredo poder ter sido traído, implica que os Templários prevenidos desse modo tenham advertido de imediato o Grão-Mestre da Ordem. Ora, este não fez nada, nem fugiu, nem pôs a Ordem em estado de defesa. Permitiu que o apanhassem no ninho, deixando penetrar na Torre do Templo aqueles que vinham prendê-lo. Tornava possível, desse modo, a destruição da sua Ordem. Não poderemos imaginar que tinha boas razões para tal? E até, por certo, ordens que poderiam provir do círculo oculto que se separara da Ordem, do Templo interior? Isso explicaria muitas coisas.

No início, os dignitários entraram no jogo e deixaram prosseguir a detenção. Depois, reconheceram os fatos censurados aos Templários. Todavia, em breve se deram conta de que os irmãos eram torturados e isso não devia fazer parte do pacto. Então, hesitaram, não queriam defender a Ordem, mas também não concordavam com deixar que os cavaleiros do Templo morressem sob a tortura. Quiseram ver o papa. Tal não lhes foi permitido, mas deixaram-nos encontrar-se com uns cardeais que o soberano pontífice mandara junto deles. E, aí, Jacques de Molay hesitou, como vimos. Que devia dizer? Por um lado, pediu para se encontrar com o conselheiro do rei; por outro, teria querido ver o papa. Parecia perdido, como se o desenrolar do filme não correspondesse ao argumento que, previamente, lhe haviam dado a ler. Que diferença em relação aos irmãos que se declararam voluntários para assumir a defesa da sua Ordem - mais de quinhentos e sessenta.

A 7 de Abril de 1310, nove prisioneiros entregaram, à comissão, uma memória que era, ao mesmo tempo, defesa jurídica e reclamação contra os procedimentos dos agentes do rei.

De qualquer modo, o concílio reunido em Vienne, em Outubro de 1311, ficou muito embaraçado. Como poderiam mostrar-se justos sem incorrerem nas iras do rei de França? Os participantes não queriam comportar-se como os do concílio de Sens que, pouco mais de um ano antes, tinham enviado cinquenta e quatro Templários para a fogueira.

Como fazer?

Clemente V sentia-se um pouco mais livre em relação a Filipe, o Belo, porque acabara de lhe dar provas, atacando a memória de Bonifácio VIII. O rei apercebeu-se e decidiu comparecer pessoalmente em Vienne, a 20 de Março de 1312. Perante a ameaça de pressão, Clemente V preferiu precipitar as coisas. Não queria condenar a Ordem mas corria o risco de se ver obrigado a tal, com a faca encostada à garganta, pelo rei de ferro. Para evitar isso, preferiu dissolver a Ordem do Templo, «por via de provisão». Entre outras coisas, a bula proclamava:

"Uma voz foi ouvida nas alturas, voz de lamentação, de luto e de choros:

porque chegou o tempo em que o Senhor, pela boca do profeta, faz ouvir este queixume: «Esta cidade foi para mim causa de ira e de furor; será afastada da minha presença por causa de todo o mal dos seus filhos; porque provocaram a minha cólera; voltaram-me as costas e não a face; instalaram as suas abominações na Casa sobre a qual o meu nome é invocado, para profaná-la. Construíram altares a Baal para iniciarem e consagrarem os seus filhos aos ídolos e aos demônios» (Jérém. XXXII, 31-35). Eles agiram de modo profundamente corrupto, como nos dias de Gabaá. (Oseias DC.9). Perante uma notícia tão horrenda, em presença de uma infâmia pública tão horrível (com efeito, quem ouviu alguma vez, quem viu alguma vez algo semelhante?), sucumbi quando ouvi, fiquei contristado quando vi, o meu coração encheu-se de amargura, as trevas envolveram-me."

A bula continua longamente neste tom, e nela Clemente V evoca Salomão:

"Porque o Senhor não escolheu a nação por causa do lugar, mas o lugar por causa da nação; ora, como o próprio local do Templo participou nos crimes do povo e Salomão, que estava cheio da sabedoria como de um rio, ouviu estas palavras formais da boca do Senhor, enquanto construía um templo: «Se os vossos filhos se afastarem de mim, se deixarem de me seguir e de me honrar, se forem procurar deuses estrangeiros, eu os afastarei para longe da minha face e os expulsarei da terra que lhes dei e retirarei da minha presença o Templo que consagrei ao meu nome [...].»"

Assim, o papa parecia querer relativizar uma sacralidade, uma legitimação que a Ordem poderia deter devido à sua presença, no passado, no local do Templo de Salomão ou então por causa do que lá tivesse descoberto.

Em seguida, Clemente V lembrava o fato de ter sido prevenido dos atos dos Templários, antes mesmo de ter sido coroado:

"Haviam-nos insinuado que eles tinham caído no crime de uma apostasia abominável contra o próprio Senhor Jesus Cristo, no vício odioso da idolatria, no crime execrável de Sodoma e em diversas heresias."

O papa relatava então as dúvidas que tivera, por não poder acreditar que aqueles que davam a vida pelas cruzadas fossem também heréticos. Todavia, afirmava, o rei de França acabara por o convencer. Aí, o texto não estava isento de humor:

"No final, todavia, o nosso muito querido filho em Jesus Cristo, Filipe, ilustre rei de França, a quem os mesmos crimes haviam sido denunciados, levado não por um sentimento de avareza (porque não pretendia, de forma alguma, reivindicar ou apropriar-se de quaisquer bens dos Templários, dado que deles desistiu no seu próprio reino e os afastou completamente das suas mãos), mas pelo zelo da fé ortodoxa, seguindo os ilustres trilhos dos seus antepassados, informou-se tanto quanto lhe era possível do que se passara e fez-nos chegar, pelos seus enviados e pelas suas cartas, inúmeros e importantes esclarecimentos para nos instruir e informar sobre essas coisas [...]."

Fazendo isto, Clemente V, dando o ar de que ilibava Filipe, o Belo, revelava o verdadeiro móbil deste: meter a mão nas riquezas da Ordem e, ao mesmo tempo, tomava as suas precauções para que o rei se não pudesse apropriar de tudo.

Depois, o papa lembrava as confissões de membros importantes da Ordem que haviam testemunhado junto dele. Parecera-lhe, então, que isso não poderia ser deixado em silêncio, afirmava. Insistia especialmente nos testemunhos dos dignitários:

"Depuseram e confessaram livre e voluntariamente, sem violência nem terror, que, quando da sua recepção na Ordem, tinham negado Cristo e cuspido na cruz. Alguns deles confessaram ainda outros crimes horríveis e desonestos que calaremos, de momento."

Essas confissões pesaram muito na balança. Clemente V não podia salvar a Ordem sem que ele próprio fosse suspeito de heresia. Concluiu, portanto:

"Sem dúvida que os processos precedentes dirigidos contra esta Ordem não permitem condená-la canonicamente como herética, por meio de uma sentença definitiva; no entanto, como as heresias que lhe imputam a difamaram singularmente, como um número quase infinito dos seus membros, entre os quais o Grão-Mestre, o visitador de França e os principais comendadores, estiveram convencidos das citadas heresias, erros e crimes pelas suas confissões espontâneas; como essas confissões tornam a Ordem muito suspeita, como essa infâmia e essa suspeição a tornam perfeitamente abominável e odiosa para a Santa Igreja do Senhor, os prelados, os soberanos, os príncipes e os católicos; como, ademais, acreditamos com toda a verosimilhança que não encontraríamos um homem de bem que, doravante, quisesse entrar para essa Ordem, tudo coisas que tornam inútil à igreja de Deus e à condução dos assuntos da Terra Santa, cujo serviço lhe fora confiado..."

O papa tinha razão, recusava-se a condenar a Ordem, mas esta já não podia ser realmente salva e, ademais, ter-se-ia tornado inútil. Portanto, o melhor era suprimi-la, pura e simplesmente, sem condenação:

"Pensamos que era necessário recorrer à via de provisão e ordenação para suprimir os escândalos, evitar os perigos e conservar os bens destinados ao socorro da Terra Santa. Terminava luminosamente evocando as boas razões para proceder assim:

Suprimindo a citada Ordem e aplicando os seus bens no uso para que haviam sido destinados e, quanto aos membros da Ordem ainda vivos, tomar medidas sensatas em lugar de lhes conceder o direito de defesa e prorrogar o caso."

Clemente V salvava o que ainda podia ser salvo, homens e bens. Não ignorava que, se as coisas se arrastassem ainda mais, já não haveria Templários para defender a Ordem, seriam mortos antes nas masmorras do rei de França.

Terminara, por fim. A Ordem do Templo já não existia e, um mês mais tarde, Clemente V atribuía o seu patrimônio aos Hospitalários de São João de Jerusalém. Fúria de Filipe, o Belo, que contava apropriar-se dos despojos da Ordem. Aliás, apesar das decisões tomadas, desviou inúmeras propriedades que se recusou a devolver. Ainda por cima, exigiu uma indenização de duzentas mil libras, uma soma enorme que, segundo dizia, teria sido depositada no Templo e nunca lhe fora restituída. Ninguém se iludiu: Filipe, o Belo, mentia. Aliás, nunca tivera na sua posse duzentas mil libras, esse rei que era obrigado a brincar aos moedeiros falsos

para viver. Além disso, exigiu sessenta mil libras de custos do processo, quando, durante todos esses anos, fora ele que recebera os rendimentos dos domínios confiscados ao Templo. Reclamou também dois terços do mobiliário e dos ornamentos religiosos mas o que retirou foi escasso porque, entretanto, o papa já pusera a salvo uma parte desses bens. Para aqueles que ainda estejam convencidos de que Filipe, o Belo, era totalmente desinteressado nesta história, lembremos que, ainda por cima, nunca pagou os dois empréstimos de quinhentas mil libras e de duzentos mil florins concedidos pelo Templo, nem uma outra soma de duas mil e quinhentas libras que mandara que lhe entregassem em 1297. E depois, durante cinco anos, não só arrecadara os rendimentos dos imóveis do Templo em França, recebera as rendas e os censos, como recuperara créditos da Ordem que mandara pagar em seu proveito.

Por fim, para beneficiarem dos bens do Templo, os Hospitalários tiveram de submeter-se às exigências do rei e pagar, isto é, esvaziaram o seu tesouro próprio. Não foram eles que fizeram um bom negócio.

Ao suprimir a Ordem sem qualquer outra forma de processo, o papa salvara o que ainda podia sê-lo. Na mesma altura, entregava o destino dos homens do Templo à apreciação dos concílios provinciais, o que teve como efeito imediato devolver a tranquilidade a todos quantos viviam em países que lhes não eram demasiado hostis. Aliás, Clemente V reservava-se o julgamento dos dignitários. Enviou a Paris três cardeais que lhes pediram que confessassem publicamente a indignidade da Ordem e que os condenaram a prisão perpétua. Perante a Notre-Dame, em cima de um estrado, Hughes de Payraud e Geoffroy de Gonneville confirmaram a sua culpabilidade mas, para surpresa geral, Jacques de Molay e Geoffroy de Chamay retrataram-se.

A cerimônia foi interrompida. Os dois homens foram declarados relapsos e entregues ao braço secular. Filipe, o Belo, decidiu, de imediato executá-los. Ergueu-se apressadamente uma fogueira na ilha dos Javiaux, atualmente praça do Vert-Galant, na extremidade ocidental da ile de la Cité, a 18 de Março de 1314.

No momento em que as chamas começaram a elevar-se, Jacques de Molay, que recuperara a sua dignidade, teria gritado: «Os corpos pertencem ao rei de França, mas as almas pertencem a Deus.»

Depois, teria proferido uma maldição, intimando os seus carrascos perante o tribunal de Deus no prazo de um ano.

A 21 de Abril seguinte, Clemente V falecia, sem dúvida devido a um cancro do piloro. A 29 de Novembro, uma queda de cavalo, diz-se, levou Filipe, o Belo. Na verdade, caiu doente de repente, a 4 de Novembro, queixando-se de dores gástricas seguidas de vômitos e diarreia, que precederam uma secura de boca, anorexia e uma sede insaciável. Não havia vestígios de febre. O mistério dessa morte nunca foi desvendado. Teria Filipe, o Belo, sido envenenado?

Nesse mesmo ano, Nogaret faleceu misteriosamente, Esquin de Florian foi apunhalado, e os denunciadores Gérard de Laverna e Bernard Palet foram enforcados. Alguns viram aí o dedo de Deus e outros uma vingança bem organizada: um braço escondido na sombra que desferia golpes metodicamente.

III

OS HERDEIROS DO TEMPLO

A feira de adelo

Quem, nos nossos dias, pode reclamar legitimamente a herança espiritual do Templo? Existe um único organismo que possa afirmar que detém os arquivos reais da Ordem, que conhece todos os seus ritos secretos e possui as chaves dos seus mistérios? Talvez, mas não o diz. No entanto, existem outros que fazem tudo para que se acredite nisso.

Em 1981, a Cúria Romana realizou um recenseamento dos grupos ou associações que se reclamavam, de uma forma ou de outra, fruto da Ordem do Templo. Encontrou mais de quatrocentos. A maior parte não passa de organizações charlatanescas destinadas a explorar a credulidade dos «patos», de preferência endinheirados, dispostos a pagar muito caro para respirarem mais de perto o odor do Templo. Estas pretensas ressurgências da Ordem vendem iniciações aos gansos, concedem-lhes títulos majestosos e cevam-nos com fitas, cordões e medalhas em troca de metal sonante. Os comerciantes tomaram de assalto os pseudo-templos.

Algumas dessas associações têm uma atitude mais honesta. Os seus dirigentes procuram apenas recuperar aquilo que julgam ser o espírito do Templo. Alguns por certo se julgam investidos realmente de uma missão. Outros esperam ou julgam comunicar com os anjos da Ordem, através dos tempos. Charlatães ou pessoas sinceras, de qualquer modo, proliferam, e os seus grupos assumem, geralmente, nomes sonantes e anunciam finalidades por vezes curiosas.

Assim, os «Cavaleiros da Aliança Templária» lutam contra a violência, a droga e a decadência moral. A «Fraternidade Joanita para o Ressurgimento Templário» ou «Ordem dos Cavaleiros do Templo de Cristo e de Nossa Senhora» baseia o seu ensinamento no modelo alquímico. A «Ordem dos Cavaleiros do Santo Templo», sediada em Corrèze, tem também um objetivo moral e procura desenvolver as virtudes com um otimismo que a sua divisa confirma: «Nada está perdido, tudo pode ser salvo.» Outras são mais discretas nos seus objetivos. Citaremos apenas as denominações, sem mais comentários sobre todos esses grupos, por vezes muito veneráveis, mas que por certo teriam grande dificuldade em demonstrar a sua filiação templária.

Refiramos, pois, dada a curiosidade do título a «Ordinis Supremi Militaris Templi Hierosolymitani», a «Ordem Suprema do Templo Solar», a «Ordo Militiae Crucis Templi», os «Tempelherren in Deutschland», a «Ordem dos Templários da

República da Finlândia», o «Círculo do Templo e do Santo Graal», a «Ordem dos Guardiões do Templo», o «Jacob-Molay-Collegium Autonomer Tempelherren-Orden», a «Ordem Renovada do Templo», etc.

Temos sonhadores, iluminados, pesquisadores sinceros, vigaristas e tansos, povoam, em simultâneo, a maior parte desses organismos. No entanto, não é por a maior parte dos que se reclamam da Ordem do Templo não poder justificar qualquer filiação que não existe uma herança do Templo. Procuremos, pois, ver quais são os vestígios mais fiáveis que terá podido deixar.

Realidade de uma herança templária

Para que haja herança é necessário que tenha havido possibilidade de transmissão. Ora, essa possibilidade é incontestável, devido a todo um conjunto de razões. Em primeiro lugar, lembremo-lo, a operação levada a cabo em França não provocou uma detenção maciça e imediata nos outros países. Já podemos afirmar que, devidamente prevenidos, os Templários residentes fora de França tiveram tempo para tomar as suas disposições para transmitirem aquilo que deveria ser transmitido.

Ademais, em determinados países, não foram incomodados sequer e passaram, com armas e bagagens, para outras ordens criadas especialmente para eles. Poderíamos dizer que esses tiveram de assumir a sua própria herança.

Mesmo em França, nem todos os Templários foram presos, alguns escaparam. Também eles puderam, por vezes, ser os fatores de transmissão.

Eis já três boas razões para afirmarmos que o Templo não morreu com a supressão teórica da Ordem. Diga-se de passagem que isso é incômodo para aqueles que guardam um gigantesco tesouro templário, escondido algures. Com efeito, se a Ordem conseguiu sobreviver, de uma forma ou de outra, os seus dirigentes deviam pelo menos conhecer o segredo do esconderijo. Então, podem vir-nos ao espírito duas possibilidades. Ou o tesouro foi recuperado e utilizado para este ou aquele fim; ou então, que o que dele resta, aquilo que constitui o seu valor, material ou espiritual, continua escondido mas, nesse caso, deve ter sido vigiado ao longo dos séculos. De qualquer modo, a sua acessibilidade é duvidosa.

Por outro lado, há uma quarta razão para acreditarmos na transmissão de uma herança: com efeito, é verosímil que os dignitários da Ordem tenham sido prevenidos do golpe de mão de Filipe, o Belo. A nível local, alguns funcionários reais preveniram discretamente os membros da sua família que pertenciam ao Templo. Seria espantoso que nenhum dos cavaleiros que foram advertidos não tivesse transmitido a informação. Aliás, nos dias que precederam a detenção, Jacques de Molay teria mandado que lhe trouxessem um grande número de livros da Ordem e tê-los-ia queimado. Não esqueçamos também que a crise estava latente e que, pouco tempo antes, quase haviam conseguido obrigar os Templários e os Hospitalários a fundirem-se. Baigent refere que um «cavaleiro que se retirou do Templo, por esta época, soube pelo tesoureiro que era extremamente prudente, porque estava iminente uma crise».

Isto poderia explicar que tenham sido confiscadas tão poucas coisas nas comendas templárias, depois da detenção. De qualquer modo, as razões para acreditarmos na possibilidade de uma transmissão são múltiplas. Convém, agora, seguirmos as suas pistas.

Os herdeiros oficiais

O primeiro a dever ser referido é, evidentemente, a Ordem dos Hospitalários de São João de Jerusalém que, em seguida, viria a converter-se em Ordem de Malta. Foi ela que recebeu oficialmente os bens do Templo, em França, isto é, aqueles de que Filipe, o Belo, se não tinha apoderado. A maior parte das capelas ou comendas templárias que ainda podemos ver passaram para as suas mãos e, aliás, muitas vezes as renovaram extensamente. Dado isto, seria muito espantoso que tivessem recolhido também a herança espiritual e os diversos segredos do Templo.

Outros herdeiros oficiais: as ordens da Península Ibérica. Em Portugal, os Templários foram absolvidos e o rei D. Dinis, o Lavrador, enviou ao papa João XXII, sucessor de Clemente V, dois emissários para negociarem o renascimento da Ordem do Templo. Obteve ganho de causa e a Ordem ressuscitou ou, pelo menos, os Templários puderam entrar para uma nova ordem criada para eles, a dos cavaleiros de Cristo. Recuperaram todos os seus bens e, daí em diante, obedeceram à mesma regra monástica que os cavaleiros da Ordem de Calatrava. Continuaram a usar o manto branco com uma cruz vermelha. No entanto, uma pequena cruz branca vinha inscrever-se no coração da do Templo, sem dúvida para dar a entender que este renascia purificado. Os antigos dignitários do Templo conservaram a sua posição na Ordem assim reconstituída. O primeiro Grão-Mestre desta Ordem renovada, Gil Martins, foi investido a 15 de Março de 1319. Retomaram a luta contra os Mouros e, nessa atividade, conquistaram importantes territórios em África. Em breve dominaram as águas de Portugal e até mais além. Não esqueçamos que foi sob o seu pavilhão que D. Henrique, o Navegador, iniciou os Descobrimentos.

Em Espanha, o rei Jaime II de Aragão realizou uma operação semelhante com a criação da Ordem de Montesa. Alguns Templários não tinham esperado e já se haviam juntado às ordens de Calatrava, Alcântara e Santiago de Espada.

Na Alemanha, os Templários fundiram-se geralmente na Ordem dos Cavaleiros Teutônicos. Em Itália, laicizaram-se nas fraternidades da sede Santa à qual parece ter aderido, mais tarde, Dante Alighieri.

No meio deste ramalhete, as mais interessantes são, sem a menor dúvida, as ordens dos cavaleiros de Cristo e de Montesa. Com efeito, constituíram entidades completas que acolhiam, ao mesmo tempo, os irmãos e os bens do Templo, incluindo um bom número de refugiados que haviam atravessado os Pirenéus. Entre todos esses homens, havia dignitários que deveriam conhecer uma boa parte dos segredos do Templo. Alguns destes foram, sem dúvida, escondidos na arquitetura misteriosa da fortaleza de Tomar, em Portugal. De qualquer modo, é notável que essas ordens tenham assumido o domínio dos mares e que as suas

armas tenham enfeitado os navios que partiram, nomeadamente, à conquista do Novo Mundo. Essa viagem às Américas faria parte da herança do Templo?

Por outro lado, é surpreendente verificarmos que os herdeiros «oficiais» do Templo não parecem ter veiculado, por sua iniciativa, ritos que poderiam ser alvo de suspeitas de heresia. Elementar prudência, talvez, ou então ausência de domínio desses ritos. Isso reforça em nós a convicção de que os rituais seguidos pelos Templários já não eram compreendidos por estes, no último período da Ordem.

Os Templários de Napoleão

O imperador, para além dos vínculos particulares que possa ter tido com sociedades secretas, compreendera perfeitamente quão perigoso seria não ter em conta o jogo a que elas poderiam entregar-se. Tomara a precaução de mandar colocar o seu próprio irmão à frente da franco-maçonaria francesa e a maior parte dos seus generais aderir a ela.

[Nota: Ele próprio fora iniciado como maçon, em Nápoles, quando da expedição ao Egito.]

Mas facilitou também a ação de uma ordem que se dizia única herdeira legítima dos Templários. Assim, autorizou pessoalmente o doutor-pedicuro Bernard Fabré-Palaprat a organizar uma cerimônia solene, em 1808, na igreja de Saint-Paul-Saint-Antoine, em memória de Jacques de Molay.

Fabré-Palaprat afirmava que a sua ordem era a única que podia dizer que descendia legitimamente e em linha direta dos Templários. Baseava-se num documento de transmissão datado de 1324. O abade Gregório afirmava tê-lo tido em mão e outros privilegiados haviam-no visto. Seria obra de um tal Jean-Marie Larménius que teria sucedido, na clandestinidade, a Jacques de Molay. Daí em diante, cada um dos Grão-Mestres que se tinham sucedido, na sombra, na chefia da Ordem, até à sua nova revelação no século XIX, ter-lhe-ia aposto a sua assinatura.

A lista integrava nomes ilustres: Bertrand du Guesclin, Jean d'Armagnac, Robert de Lenoncourt, Henry de Montmorency, Filipe, duque de Orleães, Louis-Henri de Bourbon, príncipe de Condé, Louis-Henri Timoléon de Cossé-Brissac, entre outros. Uma tese bastante bem fundada afirmava que esse documento era falso e fora elaborado no século XVIII, pelo jesuíta Bormani, a pedido de Filipe de Orleães. Nesse caso, Fabré-Palaprat poderia muito bem ser sincero ao julgar-se depositário do Templo. Aliás, monsenhor Ivan Drouet de La Thibauderie d'Erlon escrevia, em 1762:

"De qualquer modo, é conhecido que o duque de Orleães foi eleito Grão-Mestre dos Templários que se reuniram a 11 de Abril de 1705, em Versalhes, e que, a partir dessa data, podemos acompanhar a existência de uma fraternidade cavalheiresca, muito próxima dos movimentos iniciáticos e iluministas com os quais teve relações certas, embora descontínuas."

Na verdade, é difícil pronunciarmo-nos sobre este documento, cujo caráter apócrifo, como aliás a sua autenticidade, nunca foi claramente demonstrado.

Fabré-Palaprat, nascido a 29 de Maio de 1775, em Cordes, no Tarn, fora

seminarista em Cahors e, em seguida, ordenado padre. Mas em breve abandonara a sotaina para se casar e se estabelecer como médico em Paris, em 1798. Não parece ter-se comportado como vigarista e, pelo contrário, teria acreditado na sua missão. Infelizmente, essa sinceridade não bastou para provar a filiação que é reivindicada pela sua Ordem Soberana e Militar do Templo de Jerusalém, que ainda existe.

A ordem desenvolveu-se e internacionalizou-se. Abriu lojas, não só em Paris, mas também em Londres, Roma, Nápoles, Hamburgo, Lisboa, etc. O almirante Sidney Smith, vencedor de Bonaparte em São João de Acre, quando se fixou em Paris, em 1814, pertenceu a ela. Mandou inclusive que o enterrassem no Père-Lachaise envolto no manto branco com a cruz vermelha da Ordem.

Embora esta filiação nos pareça suspeita, não nos pronunciaremos sobre o assunto. Notamos apenas que se houve herança por esta via, não compreendia certamente os segredos da Ordem, ou então foram muitíssimo bem guardados e não utilizados.

Teria sido mesmo por vontade do próprio Jacques de Molay que a Ordem se teria estabelecido assim na clandestinidade. Esta vontade é também invocada por outra tradição.

Os Beaujeu e o ouro do Templo

Segundo um documento que pode datar-se aproximadamente de 1745:

"Os Templários que escaparam ao suplício abandonaram os seus bens e dispersaram-se, uns refugiaram-se na Escócia, outros retiraram-se para locais afastados e escondidos onde levaram uma vida de ermitas."

O mesmo texto afirma que Jacques de Molay, inquieto com a direção que os acontecimentos estavam a tomar, na sequência das detenções, pensou em confiar uma missão a um homem de confiança. Alguns dias antes do seu suplício, teria, pois, mandado chamar o conde François de Beaujeu e ter-lhe-ia pedido que fosse aos túmulos dos Grão-Mestres. Aí, debaixo de um dos caixões, encontrava-se um cofre de cristal de forma triangular montado em prata. O jovem tinha a missão de se apoderar dele e de o trazer com urgência a Jacques de Molay, o que fez. O Grão-Mestre, agora certo de que poderia confiar nele, tê-lo-ia iniciado nos mistérios da Ordem, ordenando-lhe que a fizesse reviver e continuasse a sua obra. Teria revelado também que o cofre continha o indicador da mão direita de... São João Baptista. Depois, ter-lhe-ia entregue três chaves e revelado que o caixão sob o qual se encontrava escondido o cofre guardava uma caixa de prata bem como os anais e os segredos codificados da Ordem, sem esquecer a coroa dos reis de Jerusalém, o candelabro dos sete braços e os quatro evangelistas de ouro que ornamentavam o Santo Sepulcro. Esse sepulcro era precisamente o do Grão-Mestre precedente: Guillaume de Beaujeu.

Jacques de Molay confiou também ao seu jovem protegido que as duas colunas que ornavam o coro do Templo (algo que nos lembra Salomão), à entrada do túmulo dos Grão-Mestres, eram ocas. Os seus capitéis desmontavam-se e podiam assim retirar-se as colossais riquezas que aí haviam acumulado. Jacques de

Molay fez jurar ao conde de Beaujeu que recolheria tudo e o conservaria para a Ordem, até ao fim do mundo.

O conde certificou-se da fidelidade de nove cavaleiros que tinham conseguido escapar aos esbirros de Filipe, o Belo. Todos misturaram o seu sangue e fizeram o voto de «propagar a Ordem no globo até se encontrarem nove Arquitetos perfeitos». Depois, o conde foi pedir ao rei autorização para retirar do túmulo dos Grão-Mestres o caixão do seu tio paterno, Guillaume de Beaujeu. Foi-lhe concedida e, então, retirou o caixão e o seu muito precioso conteúdo. Aproveitou para recuperar o conteúdo das colunas e, por certo, mandou transportar tudo para Chipre.

Em seguida, o conde de Beaujeu restabeleceu a Ordem mas instituiu novos ritos utilizando o emblema do Templo de Salomão e os «hieróglifos que com ele se relacionam».

Após a morte do conde de Beaujeu, o testemunho fora recebido por d'Aumont, um dos Templários que se haviam refugiado na Escócia. De então para cá a Ordem nunca mais teria deixado de existir.

A fieira escocesa

No entanto, outra tradição faz de d'Aumont o sucessor direto de Jacques de Molay, sem passar pelo conde de Beaujeu.

D'Aumont, mestre para o Auvergne, teria fugido na companhia de dois comendadores e cinco cavaleiros, disfarçados de pedreiros. A pequena hoste teria conseguido chegar à Escócia e refugiar-se numa ilha. Teriam contactado o comendador George de Harris e decidido com ele manter a Ordem. No dia de São João de 1313, quando de um capítulo extraordinário, d'Aumont teria sido nomeado Grão-Mestre da Ordem. O Templo teria então ocultado os seus rituais por detrás dos símbolos da maçonaria e os seus membros ter-se-iam feito passar por «pedreiros-livres», ou seja, franco-maçons. A partir de 1361, a sede da Ordem teria sido fixada em Aberdeen e, depois, teria emigrado de novo, sob o véu da maçonaria, para quase toda a Europa.

A tese de uma origem templária da maçonaria era cara ao baronete escocês Andrew-Mitchell Ramsay que, no século XVIII, procurava raízes prestigiosas para a franco-maçonaria. Na mesma ocasião, na reunião de delegados chamada de Clerinont, foram instituídos os graus de «maçons-templários». O barão de Hund, que participou nele, parece estar na origem da história do cavaleiro d'Aumont. Esta legenda fez carreira, sobretudo na Alemanha, onde as sociedades secretas pululavam literalmente.

Munido de uma carta de mercê assinada por Charles-Edward Stuart, o barão de Hund fez com que lhe concedessem o título de Grão-Mestre dos Templários, o que não deixou de levantar algumas contestações no mundo maçônico. De qualquer modo, foi assim que o barão de Hund criou a ordem da estrita observância templária, cujo ritual ainda é utilizado em algumas lojas com o nome de rito escocês rectificado. Paralelamente, sob a influência do lionense Jean-

Baptiste Willermoz, a lenda templária iria levar à criação de determinados «altos graus» na maçonaria, como os «cavaleiros benfeitores da Cidade Santa».

Não entraremos nos pormenores destes assuntos que animaram o mundo das lojas durante décadas. Limitemo-nos a reter a pretensão da franco-maçonaria de possuir uma legitimidade templária.

É inegável que podem ter existido pontos comuns, mais que não fosse através da maçonaria operativa, a das associações profissionais e dos mesteirais. Lembremo-nos daqueles companheiros que entraram na clandestinidade depois da queda da Ordem. Também eles puderam dar à maçonaria futura uma parte dessas lendas fundadoras e desses rituais que devem tanto à arquitetura. Mas continuemos a seguir a pista escocesa, para vermos se, para além de um desejo dos maçons do século XVIII de encontrarem raízes templárias, poderia cobrir um fundo de verdade.

O destino dos Templários ingleses

A Inglaterra e a Escócia mostraram muita relutância em alinhar o passo pelo de Filipe, o Belo. No entanto, depois de o próprio papa ter cedido às pressões do rei de França e pedido aos príncipes cristãos que prendessem os Templários que se encontravam nos seus territórios, a posição tornou-se desconfortável. Pelo menos, era preciso fingir. Portanto, foram dadas ordens, mas podemos perguntar-nos se não seriam acompanhadas pela instrução secreta de não se ser muito zeloso, porque não parece que tenham sido executadas muito fielmente. Eduardo II podia bem ser o genro do rei de França, mas a luta contra os Templários não era manifestamente o seu combate e não hesitou em dizê-lo e em escrevê-lo. Enviou até missivas aos reis de Portugal, de Castela, de Aragão e da Sicília, dizendo-lhes que não acreditava de todo nas enormidades de que eram acusados os Templários e que se tratava de «calúnias de pessoas más que estão animadas não pelo zelo da retidão, mas por um espírito de cupidez e de inveja».

Quando Eduardo, a pedido do papa, se viu obrigado a mandar proceder a detenções, as suas ordens precisaram que os Templários deviam ser bem tratados e não colocados «numa prisão dura e infame». Efetivamente, os tratamentos sofridos não foram demasiado terríveis. Assim, o mestre para a Inglaterra, Guillaume de La More, preso a 9 de Janeiro de 1308, foi instalado no castelo da Cantuária, onde dispunha de tudo quanto necessitava. A 27 de Maio, foi libertado e, dois meses mais tarde, foram-lhe concedidos os rendimentos de seis domínios do Templo, para sua manutenção. Infelizmente, as pressões continuaram e o rei teve de tomar novas medidas menos lenientes. Era-lhe tanto mais difícil resistir quanto era certo que, por toda a parte, os Templários faziam confissões e se tornava impossível negar algumas práticas muito pouco católicas da Ordem. Mas, entretanto, a maior parte dos Templários ingleses tivera toda a liberdade para tomar as suas disposições e esconder-se.

Quando, em Setembro de 1309, os inquisidores do papa chegaram a Inglaterra, espantaram-se com o pouco zelo posto nas detenções e Eduardo II teve

de, entre outras coisas, escrever aos seus representantes na Irlanda e na Escócia para que obedecessem às ordens do papado.

É claro que os inquisidores quiseram utilizar a tortura e, para tal, tinham de socorrer-se do braço secular. Eduardo II resistiu um pouco e apenas autorizou «torturas limitadas». Em Dezembro de 1309, teve de escrever de novo para apressar as detenções que decorriam muito lentamente mas, para além de escrever para que constasse, nada fez para tornar mais eficazes as operações. Em Março de 1310 e, de novo, em Janeiro de 1311, nova insistência de fachada junto dos seus funcionários, lamentando a liberdade de que os Templários continuavam a gozar. Os protestos veementes dos inquisidores só conduziram à prisão de mais nove cavaleiros. Desanimados, os inquisidores escreveram ao papa para se queixarem de que os não deixavam torturar os prisioneiros como entendiam e exigiram a transferência dos Templários ingleses para masmorras francesas.

Em breve, Eduardo II teve de resolver-se a deixar os homens da Igreja fazerem como queriam.

Por sua vez, a Inglaterra transformava-se num lugar de vilegiatura arriscado para os irmãos do Templo, mas a Escócia continuava a ser um refúgio possível. Aí, Eduardo II não detinha todo o poder e havia mais com que se entreter. Uma boa parte do país encontrava-se nas mãos de Robert Bruce que reclamava a independência da Escócia. Não só Bruce se batia contra as tropas de Eduardo II como, excomungado, não tinha qualquer razão para obedecer às ordens do papa. Ora, uma tradição forte afirma que os Templários ajudaram Bruce nos combates. Teriam sido eles, diz-se, a fazer inclinar a sorte da batalha a favor dos Escoceses, em Bannockburn, em 1314, um combate essencial para a sequência dos acontecimentos, porque decidiu a independência escocesa. Abandonados pelo rei de Inglaterra, os Templários haviam decidido bater-se no outro campo, mas isso significa também que, em 1314, ainda estavam constituídos como um corpo perfeitamente estruturado, pelo menos no território escocês.

Os Templários de Kilmartin

Numa obra particularmente interessante, Michael Baigent e Richard Leigh mostraram como a Escócia se tornou, talvez, num refúgio para inúmeros cavaleiros da Ordem. Lembram o fato de nenhum dos numerosos navios do Templo ter sido capturado, e pensam que essa frota se refugiou simplesmente na Escócia. Não os acompanharemos nesse campo. Com efeito, a frota templária do Mediterrâneo e, sem dúvida, uma parte pelo menos da do Atlântico, refugiou-se incontestavelmente em Portugal e em Espanha, sendo depois recuperada pelas ordens fundadas especialmente para acolher os Templários. Uma parte da frota templária talvez tenha tomado outro caminho, mais fantástico, pelo menos a acreditar no testemunho do mestre da Escócia, Walter de Clifton, e no de um dos seus companheiros, William de Middleton. Os dois homens afirmaram que um determinado número de Templários, entre os quais o comendador de

Ballantrodoch, haviam fugido «para além-mar».

Isso não impede que as naves templárias da Mancha e as que se encontravam na foz do Sena ou nos portos do Pays de Caux, ou até aquelas que tinham os seus ancoradouros, especialmente bem protegidos por uma cintura de comendas, na costa de Calvados, não se tenham sem dúvida dirigido para Sul. E, depois, há aquela lenda do tesouro do Templo, evacuado através da Mancha, por dezoito navios da Ordem. Para Baigent e Leigh, as naves templárias teriam contornado a Irlanda para irem dar à Escócia, perto da península de Kintyre e do Sound of Jura, no condado de Argyll. Nessa região, mais precisamente em Kilmartin, Baigent e Leigh, encontraram túmulos que podiam bem ser os dos Templários no exílio.

Simples, despojados, geralmente apresentam como único sinal de reconhecimento uma espada gravada idêntica à dos Templários dessa época. Vários túmulos semelhantes foram encontrados perto de comendas templárias conhecidas. A maior acumulação dessas pedras tumulares encontra-se no cemitério de Kilmartin, mas mais quinze cemitérios das proximidades ainda as conservam.

Os Templários teriam, pois, sobrevivido lá, vivendo em comunidade e prolongando a própria Ordem. Poderemos ver aí a origem das reivindicações da franco-maçonaria?

A Ordem do Templo e a de Saint-André-du-Chardon

As tradições templárias puderam perpetuar-se nesta região e especialmente no seio das famílias que tinham apoiado a ascensão de Robert Brace e permitido a independência da Escócia, como os Seton ou os Sinclair. Essas grandes famílias forneceram a maior parte dos membros da guarda escocesa, corpo de elite encarregado da proteção do rei de França. Teriam conservado aí, na sombra, os segredos do Templo. Os laços entre a Escócia e a França foram tão poderosos como más as relações com Inglaterra, e a França tomou resolutamente o partido da dinastia dos Stuart. Ora, foi junto dos Stuart que se fundou a franco-maçonaria especulativa em Inglaterra, nomeadamente através da *Royal Society*. Em 1689, podíamos aperceber-nos, entre os que rodeavam os Stuart, de uma «Ordem dos Templários na Escócia», cujo Grão-Mestre era John Claverhouse, visconde de Dundee, e essa ordem batia-se ao serviço dos reis escoceses.

Os Stuart tornaram-se reis de Inglaterra, mas o seu catolicismo foi mal aceito e foram expulsos do trono. Quando Jaime II teve de se exilar, foi acolhido em França por Luís XIV, que pôs à sua disposição o castelo de Saint-Germain-en-Laye. E foi precisamente a partir dessa cidade que a franco-maçonaria escocesa se espalhou em França. Os Stuart trariam na sua bagagem a palavra mais ou menos fiel da Ordem do Templo? Há que referir um pormenor curioso. Depois de uma última tentativa para recuperar o trono, Jaime II teve de fugir precipitadamente com o tesouro real. Há um mistério sobre o local onde aportou discretamente nas costas de França. Ora, o mistério desse local é desvendado em Saint-Germain-en-Laye, pintado sobre o túmulo de Jaime II, na igreja, em frente ao castelo real. Com efeito, a rainha Vitória mandou pintar, por cima do monumento, um fresco que

representa, nomeadamente, São Jorge, mas nele vê-se também a Manneporte de Étretat (Nome dado a uma das falésias escarpadas de Étretat), local provável do desembarque de Jaime. Aqueles que gostam das aventuras de Arsène Lupin podem gozá-las o mais possível. O que podemos perguntar-nos, com Maurice Leblanc, é se esse local não desempenhou um papel muito especial na História ao permitir relações discretas com Além-Mancha. Podemos pensar também que foi talvez de Étretat que partiu o tesouro dos Templários, encaminhado através do Vexin até à costa normanda. Mas isso seria outra história.

De qualquer modo, Jaime II fez reviver também uma ordem de cavalaria fundada, em 1593, pelo seu antepassado: a Ordem de Saint-André-du-Chardon. Os membros desta ordem infiltraram-se nas lojas jacobinas que se fundaram e disseminaram a partir de Saint-Germain-en-Laye.

Não há dúvida de que partes da tradição Templária foram veiculadas por esta via, mas é difícil saber o que nelas restava do modelo original.

O tempo deveria ter-lhes alterado o sentido. Para além mesmo do problema da maçonaria escocesa enquanto depositária dos segredos da Ordem, podemos perguntar-nos o que pôde ser transmitido na origem e qual era a sua importância. Não esqueçamos que, para o fim, os Templários parecem ter-se vergado a rituais que já não compreendiam - pelo menos, na sua maior parte. A detenção do conhecimento e da compreensão desses enigmas era, sem dúvida, apanágio de um círculo interno. Talvez até esse círculo se tivesse separado da Ordem há algum tempo, o que explicaria muitas coisas.

A pista belga

Na Flandres, parece que uma parte dos Templários entrou na clandestinidade. A criação, em 1382, pelo duque Auberto da Baviera, da Ordem de Santo Antão de Barbefosse, poderia ter tido como objetivo preservar as suas tradições. Curiosamente, a sede da Ordem foi instalada num oratório bem modesto, em Barbefosse, perto de Mons. Venerava-se aí um pelo da barba de Santo Antão. A Ordem atraiu alguns dos nomes mais importantes da sua época. Parece ter veiculado um ensinamento esotérico de que os irmãos Van Eyck teriam tido conhecimento. Os seus quadros constituem a prova disso.

Geralmente não se sabe «ler» os quadros dessa época, embora a maior parte seja rica em ensinamentos. Paul de Saint-Hillaire soube detectar, nas obras dos irmãos Van Eyck, todo um mundo de signos, de símbolos e até de frases inteiras camufladas nos pormenores dos quadros.

Na catedral de Gand, podemos admirar o políptico do cordeiro místico. Um dos cavaleiros representados traz a bandeira dos Hospitalários de São João de Jerusalém, outro a da Ordem do Santo Sepulcro e um terceiro brande o estandarte branco com cruz vermelha dos cavaleiros de Santo Antão de Barbefosse. No centro da cruz, um pequeno escudo ostenta a tau de ouro que esses cavaleiros inscreviam no meio das suas armas familiares para indicar a sua pertença à Ordem. Quem observar minuciosamente o quadro, pode descobrir nele uma multidão de

inscrições que mal se veem, textos crípticos que ocultam uma enigmática mensagem. Encontra-se lá, entre outros, o termo *AGLA* que nos informa da pertença dos irmãos Van Eyck a uma sociedade secreta que tinha esse nome. Não poderia tratar-se de um acaso, porque esse termo figura também noutras obras dos irmãos Van Eyck. Ainda por cima, no políptico, a palavra *AGLA* apresenta uma particularidade muito interessante: uma cruz templária encontra-se inserida ao centro, entre as letras *AG* e *LA*: a cruz do Templo. Ora, precisamente, alguns investigadores perguntaram-se se essa misteriosa sociedade não teria constituído uma ligação entre os Templários e os Rosa-Cruz.

De qualquer modo, o políptico do cordeiro místico esteve primeiro (em 1432) guardado numa cripta onde repousa uma cabeça, que se considera ser a de São João Baptista, pousada, tal como o Graal, sobre uma bandeja.

Perto do oratório de Barbefosse, no bosque de Saint-Denis, foi encontrada uma cabeça esculpida com dois rostos, um glabro e outro barbudo. Outrora, encontrava-se colocada sobre uma estrela octogonal que ostentava, na base, um *L* enigmático. Estaria ligada a um culto *baphométic*o dos Templários? Se era esse o caso, compreenderíamos facilmente a escolha desse oratório para sede da Ordem de Santo Antão de Barbefosse, que poderia então ter constituído um dos elos que ligam os Templários ao esoterismo do Renascimento.

SEXTA PARTE

ENIGMAS DO TEMPLO NO TERRENO

Para terminarmos esta exploração dos mistérios do Templo, vamos visitar três locais que ficaram marcados pelo selo da Ordem.

Iremos ao planalto de Larzac, onde ainda podemos visitar importantes vestígios que testemunham o poderio do Templo, e encontraremos lá um culto curioso pelo qual os Templários poderiam ter-se interessado.

Depois, iremos a Arginy, no Ródano, onde alguns investigadores esperam descobrir, um dia, o tesouro do Templo. Veremos que todas as pistas estão longe de ter sido exploradas a fundo, nesta região.

Por fim, acabaremos em Gisors, cujo nome também está associado ao fabuloso (mas talvez lendário) tesouro dos Templários. Aí, veremos que existiu efetivamente uma herança do Templo e que parece terem-nos sido deixadas mensagens cifradas, esculpidas na pedra por iniciados que tiveram conhecimento dessa herança.

Três locais entre centenas de outros que poderíamos ter escolhido. Três sítios onde se sente uma presença, onde podemos, talvez melhor do que em qualquer outro lado, compreender o que foi a Ordem. Três locais onde temos a impressão de que ela poderia renascer, de súbito, com toda a riqueza das suas diferentes facetas. Três pistas que nos iniciam no conhecimento, mesmo que possam deter-se, para nós, à entrada do subterrâneo, mesmo que nos deixem na

orla dos mistérios do Templo. Depois, cada um que realize a sua própria busca.

I

OS MISTÉRIOS TEMPLÁRIOS DO LARZAC

O domínio sobre toda uma região

O planalto de Larzac, situado na junção dos departamentos de Aveyron e de Hérault, estende-se por 1000 quilômetros quadrados. É rodeado por verdadeiras falésias de rochedos, que o transformam numa ilha no meio das terras. Uma ilha de solo calcário onde o cultivo se faz sobretudo em pequenas planícies protegidas e nas colinas que permitem conservar a umidade suficiente. A aridez do planalto far-nos-ia pensar numa região seca. Na verdade, chove frequentemente em Larzac, mas o solo calcário deixa passar essa água sem a reter. No entanto, não se perde porque jorra em abundância nos pequenos vales que rodeiam o planalto e onde os Templários souberam praticar uma cultura intensiva de cereais.

Foi em 1140 que os monges-soldados começaram a instalar-se na região, na sequência de uma doação do senhor de Luzençon. Parece que decidiram muito cedo pôr a mão em toda a região. Com efeito, aproveitando as dificuldades financeiras com que se debatia a abadia de Saint-Guilhem-le-Désert, compraram-lhe a igreja de Sainte-Eulalie, em redor da qual viria a desenvolver-se a sua primeira implantação importante. Outras doações se seguiram, mas os Templários também não se coibiram de comprar, trocar e até forçar um pouco a mão daqueles que se recusavam a ceder-lhes as suas terras. Racionalizaram a exploração econômica da região, baseando a sua produção na criação de bovinos e, sobretudo, de ovinos e cavalos, bem como na cultura de cereais, nomeadamente da aveia necessária aos milhares de cavalos que, depois, eram enviados para a Palestina, nas naves do Templo. O esforço de racionalização passou também pela deslocação de populações que viviam no planalto. Disseminadas originalmente, foram reagrupadas pelos Templários, em alguns locais, pequenas cidades fortificadas que foram providas de defesas. Assim, os habitantes estavam melhor protegidos, menos vulneráveis do que quando as famílias se encontravam isoladas. Isso permitia também uma melhor distribuição das tarefas. No entanto, poderemos perguntar-nos se os Templários não procuraram reagrupar as pessoas em determinados locais a fim de se protegerem das indiscrições. Simples suposição, temos de confessá-lo.

Depois da compra da igreja de Sainte-Eulalie, foi toda a cidade que lhes caiu nas mãos, na sequência de uma doação de Raymond Bérenger, conde de Barcelona e príncipe de Aragão. O documento afirmava:

"Em nome de Deus, eu, Raymond de Bérenger, tio do visconde de Millau, conde de Barcelona e, pela graça de Deus, príncipe de Aragão, para remissão dos

meus pecados e a salvação da alma de meu pai que foi cavaleiro e irmão da Santa Milícia do Templo de Salomão. Doo e concedo a Deus e a ti, irmão Élie de Montbrun, mestre em Rouergue, a cidade de Sainte-Eulalie e a região chamada Larzac situada no meu condado de Millau (ficando, no entanto, a salvo os bens dos diversos possuidores) e que vos seja permitido conservar essa região perpetuamente sob vossa jurisdição e nela alargardes os vossos domínios por compra ou doação ou qualquer outra forma e nela construirdes castelos-fortes e praças de guerra, e que ninguém tenha a ousadia de perturbar ou molestar os referidos irmãos ou o seu rebanho: se alguém ousar transgredir, incorrerá na cólera de Deus e na minha...

Feito no ano da graça da Encarnação do Senhor de 1159."

O documento dizia «ficando, no entanto, a salvo os bens dos diversos possuidores». É verdade, mas os Templários iriam fazer tudo para deles se apropriarem. As doações, por vezes longamente solicitadas, afluíram. Já em 1148, Amal du Monna cedera os seus direitos sobre a herdade de Caussenuéjols e, em 1150, haviam recebido de Bernard Escoda o «Viala du Pas-de-Jeux», que se apressaram a fortificar. Não iremos citar as múltiplas propriedades que lhes foram entregues assim. Digamos apenas que, em breve, dominavam o Larzac.

Estabeleceram, é claro, os seus centros mais importantes em Sainte-Eulalie, mas também em La Cavalerie e La Couvertoirade, onde a sua primeira propriedade lhes foi oferecida, em 1181, por Ricard de Montpaon. As três comendas foram fortificadas, o que não parece ter agradado ao conde de Toulouse, que compreendeu rapidamente que toda a região estava em vias de pertencer aos Templários e ser subtraída a qualquer outro poder que não fosse o deles. Em 1249, protestou e exigiu, sem o menor êxito, que as três fortalezas lhe fossem entregues.

Os Templários também não abandonaram a sua política de apropriação total. O que não lhes davam, compraram, forçando por vezes os antigos proprietários, cercados pelas terras dos Templários, a vender.

Um poderoso senhor das proximidades, o senhor de Roquefeuil, cujo castelo se erguia sobre o rochedo de Saint-Guiral, a 1365 metros de altitude, possuidor de inúmeras terras na região, rebelou-se contra esta política de apropriação e decidiu resolver ele próprio o caso. Possuímos uma memória redigida pelo comendador do Templo de Sainte-Eulalie a propósito dos «atos de rapina e outros crimes cometidos por Monsenhor Arnal de Roquefeuil a expensas da comenda de Sainte-Eulalie» e não são poucos: roubos de ovelhas que, por vezes, atingiam mil cabeças de uma vez só, de porcos, de cavalos. Roubos de armas e instrumentos diversos, de víveres, incêndios de casas. O conflito com a casa de Roquefeuil acabou por ser resolvido em 1258, por um acordo amigável. Mas, em 13 de Julho de 1277, o conflito reacendeu-se e agravou-se porque o senhor de Roquefeuil conseguiu apoderar-se de Saint-Eulalie e pilhou a cidade.

A política do Templo não era de molde a deixar felizes os senhores locais. Assim, tiveram também questiúnculas com os Jordains de Creissels, com a abadessa de Nonenques, o abade de Sylvanès, o de Saint-Guilhem, o conde de Rodez e até os habitantes de Millau. Estes últimos afirmavam ter o direito *ab antiquo* de levarem os seus rebanhos para o Larzac e de os abeberar nos charcos, de aí extraírem argila

e de cortarem madeira e lenha nas florestas. Mas os Templários lembravam que, sendo proprietários exclusivos do Larzac por escrito público, não podiam tolerar qualquer servidão.

A visita ao local: Sainte-Eulalie-de-Cernon

Um dos interesses da visita a esta região reside precisamente na concentração de vestígios templários importantes, e no fato de o Larzac não ter mudado muito desde esses tempos. É bom começar passeando por Sainte-Eulalie-de-Cernon. Partindo de La Cavalerie, desce-se até lá por uma agradável estradinha sinuosa bordejada por buxos enormes e cobertos de folhas. Situada num plano inferior em relação ao planalto propriamente dito, a povoação domina uma parede rochosa que margina o Cemon. Conservou as suas muralhas e inúmeros vestígios. No entanto, o recinto murado, tal como podemos vê-lo hoje em dia, data dos Hospitalários que sucederam, no local, aos Templários. De igual modo, a igreja deve muito às reconstruções de 1648, época em que, curiosamente, o seu sentido foi invertido, sendo rasgada uma porta na abside que dava para a praça. Antes, a entrada encontrava-se no lado oposto, isto é, mesmo no seio do castelo edificado pelos Templários. Embora tenha sofrido algumas modificações, o castelo conservou muitos elementos desse período.

Entre os vestígios puramente templários, temos de citar também a «torre de Quarenta», situada no alinhamento da igreja, que servia de celeiro para o trigo, e a «torre Muda». O resto deve muito às remodelações realizadas pelos Hospitalários, no século XVI.

O mistério essencial de Sainte-Eulalie-de-Cemon encontra-se, no entanto, a alguns quilômetros, ao longo de uma pequena estrada. Aí, erguem-se uma quinta e o local chama-se São Pedro. Mesmo ao lado da estrada, uma capela que remonta aos Templários. Os habitantes da quinta, inconscientes, pelo menos assim esperamos, transformaram-na em garagem para o seu trator e reboques. Essa capela merecia ser restaurada. Para mais, de acordo com a sua situação, possui sem dúvida uma entrada subterrânea que conduzia à comenda de Sainte-Eulalie permitindo uma entrada (ou saída) discreta, ao abrigo de qualquer vigilância. Um dia, um Ministério da Cultura menos povoado por ignorantes convencidos numa procura perpétua de modernismo a qualquer preço talvez venha a tomar a medida sábia de proteger esse local e de fazer investigações que, sem dúvida, poderiam ensinar-nos mais sobre os segredos do Templo.

O Viala-du-Pas-Jeux e La Cavalerie

O Viala-du-Pas-Jeux é uma quinta templária. No entanto, o imponente torreão-celeiro que ainda podemos admirar lá só foi construído perto de 1430. La Cavalerie, a igreja restaurada no século XVIII, conserva no seu interior alguns vestígios templários, mas tão escassos que mal se notam.

O castelo dos monges-soldados também desapareceu e as torres, as muralhas, devem-se sobretudo aos Hospitalários. Mesmo assim, não é difícil imaginar a presença dos irmãos da Ordem que reinou sobre todo o Larzac e que vamos encontrar de novo em La Couvertoirade.

La Couvertoirade e o culto das cabeças cortadas

La Couvertoirade é, sem dúvida, o local mais fascinante do planalto do Larzac. Esta cidade fortificada atrai, no Verão, chusmas de turistas e essa não é, por certo, a melhor época para aspirarmos no ar o perfume do Templo. Penetra-se nela pela «porte d'abal» (porta de jusante) a que se opunha a «porte d'amont» (porta de montante), hoje em dia desaparecida. Podemos visitar algumas torres, percorrer o caminho de ronda que domina as muralhas, admirar as casas, remontando as mais belas ao Renascimento. Podemos ir ver também a igreja e o castelo. Ali, o sonho medieval não está muito deteriorado.

Na verdade, na época dos Templários, a cidade ultrapassava largamente o perímetro atual, como provam as ruínas da igreja de Saint-Christol, situada a oitocentos metros a leste da povoação.

Os Templários haviam construído primeiro um torreão trapezoidal, assente numa pequena eminência calcária junto da qual construíram a sua capela particular. A igreja que, atualmente, fica ao lado dos vestígios do castelo, data dos Hospitalários que também aqui fizeram obras importantes, no século XV. Um charco ocupava uma parte da povoação e garantia, assim, uma reserva de água. Perto da igreja foram colocadas reproduções moldadas, muito interessantes, retiradas de túmulos descobertos nessas paragens. Trata-se de cruzes discoidais que parecem datar do século XIII, logo, da época em que os Templários ocupavam este local. Aliás, podem observar-se cruzes templárias esculpidas.

É bastante curioso encontrá-las ali porque a pátria de eleição deste tipo de pedras tumulares é sobretudo o País Basco. Refiramos, no entanto, que existem também algumas muito interessantes na parte provençal dos Pirenéus, nas Corbières e no Rossilhão. Especialmente em plena zona de influência do catarismo. É verdade que essas estrelas discoidais poderiam encontrar a sua origem na Bulgária e estar ligadas às doutrinas dos Bogomilos que propagaram precisamente as crenças que viriam a originar o catarismo. Deveremos, pois, ligar as cruzes discoidais do Larzac templário a essa heresia? Infelizmente, levantar a questão não é resolvê-la. De qualquer modo, não se trata por certo de pedras de demarcação, como alguns decidiram afirmar.

Outro mistério: a cabeça com barba esculpida que se encontra na igreja. Na verdade, provém do castelo dos Templários e podia bem lembrar o *baphomet*. Este último leva-nos a referir outro local muito próximo. Situa-se a cerca de seis quilômetros em linha reta, a noroeste de La Couvertoirade, mesmo sob a linha de alta tensão que passa quinhentos metros a sul da estrada provincial nº 7. Trata-se do «poço do medo». Existe lá um poço vertical com trinta e sete metros de profundidade que desemboca num entulho muito instável. Os que o exploraram

descobriram uma azinhaga de traçado tortuoso. Depois de um percurso extremamente perigoso, foram dar a uma sala onde os aguardava uma surpresa. Numa banqueta de pedra talhada pelo homem, encontravam-se alinhados sete crânios humanos. É difícil imaginar que se tenham corrido tantos riscos para instalar uma simples necrópole num local daqueles. Manifestamente, aqueles que organizaram aquela encenação atribuíam um interesse muito especial a esse local. Deveremos considerá-lo uma espécie de gruta iniciática onde seria praticado o culto das cabeças cortadas? Deveremos, uma vez mais, ver nisso a marca da Ordem do Templo? Isso lembra os sete crânios que são mostrados aos turistas em Gavarnie, nos Pirenéus. Uma lenda afirma que se trata de templários mártires (o que não impede que sejam substituídos regularmente porque são roubados com frequência). Diz-se que, todos os anos, na data da abolição da Ordem, aparece uma figura armada que grita três vezes: «Quem defenderá o Santo Templo? Quem libertará o sepulcro do Senhor?»

Então, as sete cabeças respondem em coro, três vezes: «Ninguém, ninguém, o Templo foi destruído!»

Mas aqui os crânios alinhados esperavam apenas, em pleno território templário, os espeleólogos corajosos que haviam tentado a exploração. Ademais, os locais próximos do poço não deixam a menor dúvida sobre a presença de instalações templárias nas paragens. Essas cabeças cortadas e o seu culto só podem conduzir-nos à demanda do Graal e aos rituais que estavam associados a esta. Não esqueçamos que, nas primeiras versões, não era uma taça que se encontrava numa bandeja e representava o Graal, mas sim uma cabeça cortada.

À procura de Saint-Guiral

Quando, de La Couvertoirade, olhamos para nordeste, apercebemo-nos da linha montanhosa das Cevenas, uma espécie de fronteira natural cuja linha azulada parece impedir o acesso a um reino celeste. Era aí que os Roquefeuil tinham o seu castelo que, na verdade, se devia reduzir a uma torre, ou pouco mais. Era daí que desciam quando vinham roubar os rebanhos dos Templários, no Larzac, da montanha de Saint-Guiral. Um local espantoso que cristalizou, ao longo da História, um conjunto de crenças e ritos que têm milênios.

Adrienne Durand-Tullou dedicou uma obra muito importante a esse pico pouco conhecido. Escreve:

"Desde os tempos pré-históricos, exerceu um verdadeiro fascínio sobre os homens que se fixaram, não só nas proximidades, mas também à beira do Mediterrâneo."

O cume de Saint-Guiral apresenta alguns vestígios que atestam a permanência de um culto nesse local. O castelo em si mesmo apenas deixou algumas pedras que correspondem à base de uma torre e as ruínas da sua capela. Para além dos vestígios de uma muralha de grandes pedras, dos restos de mais duas capelas, de uma pequena construção em ruínas junto de um ponto de água e de degraus talhados na rocha, descobrimos, nesse cume, vestígios que datam da época

céltica ou pré-Céltica. Um antigo *oppidum* rodeado de rochedos arranjados de forma a formarem um abrigo e um menir deitado no solo encontram-se ao lado das ruínas do eremitério. No entanto, o centro de atração dos peregrinos que passavam horas a subir a montanha era o «túmulo de Saint-Guiral». Com efeito, esse túmulo é formado por um bloco de granito que toma a forma de uma arca. Parece que deve tanto ao homem como à natureza, tendo aparentemente sido trabalhado. Foram gravados entalhes em enormes blocos de granito situados ao lado do «túmulo». Formam cadeiras, na tradição daquelas «cadeiras do diabo» por vezes ligada a antigos recintos megalíticos.

Adrienne Durand-Tullou refere:

"Uma espécie de terraço escavado na parede, completado por um murete que forma degraus de escada permite que se transponha uma passagem e chegar à base da plataforma. Verificamos então que os enormes blocos de granito que se encontram no local permitiram a realização de um sistema de defesa titânico, por junção de outros blocos cuja deslocação e disposição devem ter levantado problemas. Panos de muralha enormes, esconderijos escavados nas paredes remontam a uma época longínqua, talvez proto-histórica."

Isto poderia ser corroborado pelo culto taurino que acompanha esse santo. Para proteger os rebanhos das doenças, levavam-se os bovinos a Saint-Guiral. Depois de terem subido à montanha, obrigavam-nos a fazer o périplo do rochedo do cume. Geralmente, um dos mais belos animais, «amiúde um preto», «ficava no local». Nunca mais o voltavam a ver. Isto equivale a dizer que se realizava o sacrifício de um bovino, sinal de um culto antigo que se parece muito com o que encontramos em Carnac, perto de Saint-Cornely.

Um local singular a que se pode aceder por percursos de grande extensão. São fáceis de localizar graças ao mapa 1/25000 do I. G. N. nº 2641 leste. O melhor é, sem dúvida, aproximarmo-nos vindos pelo desfiladeiro de Homme-Mort, onde se encontra uma rocha com cúpulas. Uma toponímia muito interessante lembrará sem dúvida alguma coisa aos que se apaixonam pelos mistérios do solo de França. Para além desse desfiladeiro do Homme-Mort, não é que descobrimos, muito perto, um Blanquefort e até, mesmo ao lado do Saint-Guiral, o monte das Trois-Quilles?

Antes de vermos mais de perto quem era o santo ermita cujo nome é ostentado por este local sagrado, interessemo-nos, durante alguns instantes, pela família que tinha o seu castelo nesta eminência. São curiosos estes Roquefeuil, cujas origens alguns situam nos Pirenéus, uma região cátara.

A 21 de Fevereiro de 1002, foi redigido um codicilo ao testamento de Henri, visconde de Creissel e barão de Roquefeuil. Por esse ato, decidia fundar, a expensas suas, um hospital de pobres na montanha de l'Espérou. Para tal, legava, entre outros, os rendimentos de um território chamado «de felicidade». Ora, a carta 59 do cartulário de Notre-Dame-de-Bonheur referia, em 1145, a denominação de *monasterium Boni-Hominis*, o mosteiro dos homens bons. O termo homens bons era também o aplicado aos perfeitos cátaros, nos Pirenéus. Pura coincidência?

Curiosos, estes Roquefeuil e o seu culto a Saint-Guiral que teria feito parte

da sua família. De fato, será que esse santo misterioso existiu? Por certo que não. De qualquer modo, não encontramos o menor vestígio em parte alguma. Totalmente ausente do martirológio romano. A Igreja considera que nunca existiu o que, aliás, nunca impediu o clero local de enquadrar o culto local. Adrienne Durand-Tullou considera que o nome Guiral é a corruptela do de Saint-Géraud-d'Aurillac, o que justificaria não se encontrar registado sob o nome de Guiral. Alguns exemplos recolhidos em Corrèze e no Contal pareceriam poder dar-lhe razão se Guiral tivesse a mesma história que Géraud, mas o seu culto parece específico. Logo, vamos correr o risco de avançar uma outra hipótese e, para tal, começaremos por fazer uma breve passagem pela Bretanha. Em Langon, em Ille-et-Vilaine, existe uma capela designada, em 838, pelo nome de Ecclesia sancti Veneris. Aí, venerava-se Saint-Vénier, personagem de que seria muito difícil encontrar vestígios. Ora, em 1839, ao limpar a têmpera que cobria a abóbada de dupla curvatura da abside, descobriu-se, por debaixo, um fresco. Nele via-se uma mulher nua a sair das águas e a pentear os cabelos, acompanhada por peixes e por Eros montado num golfinho. Tratava-se de Vênus, adorada naquele local na época romana, e o nome Vénier apenas se limitara a ocultar o da deusa cujo culto haviam feito desaparecer pouco a pouco, fazendo passar as populações do paganismo para o cristianismo. Deixemos aí a deusa do amor e voltemos a Guiral.

O seu nome também poderia cobrir outro culto. Suponhamos que também ele não passe de um disfarce, não poderíamos ver em Saint-Guiral um saint-g(ui)ral? Hipótese audaciosa? Talvez!

Um quadro representa o santo, na igreja de Arrigas. Dois anjos parecem velar pelo monge ocupado a ler um livro enquanto, a seus pés, um crânio parece contemplá-lo. O crânio é um motivo representado amiúde para lembrar que tudo não passa de vaidade mas, no entanto, lembremo-nos das cabeças cortadas do poço do medo. Pensemos na assimilação do crânio e da taça nos velhos cultos célticos. Pensemos também que a peregrinação a Saint-Guiral era realizada na segunda-feira de Pentecostes, dia da descida do Espírito Santo à Terra.

Teremos de ver nesta ermida o culto do Graal? Uma lenda chamada dos Três Ermitas está ligada ao Saint-Guiral. Três irmãos da família Roquefeuil estavam apaixonados pela mesma rapariga. Ela decidiu que deveriam partir para a cruzada e disse que, quando do regresso, casaria com aquele que se tivesse mostrado mais valoroso. Partiram, mas a donzela nunca mais os viu voltar nem teve notícias deles. Julgou que todos três haviam morrido e ela própria morreu de desgosto. Os três irmãos, regressados da Terra Santa, chegaram mesmo a tempo de se cruzarem com o cortejo fúnebre. Então, decidiram fazer-se ermitas. Segundo uma versão desta lenda, os três irmãos Roquefeuil chamavam-se Alban, Guiral e Sulpice e a bela tinha o nome de Berthe de Cantobre. Ora, Cantobre (que pode traduzir-se por: que obra!) situa-se na plataforma rochosa que domina, do alto de uma centena de metros, a confluência entre o Dourbie e do Trévezel. Um Trèvezel que nos lembra muito o Trévizent da demanda do Graal.

Detenhamo-nos um pouco neste Sulpice, que se afirma ter vivido junto de Guiral. Tinha fama de ser o «Senhor das Águas». A abacial de Nant alberga as suas

relíquias na capela de Saint-Roch. Estão encerradas num cofre muito antigo que tem a forma de uma arca. Todos os anos, esse santo era festejado a 17 de Janeiro, quando de uma cerimônia que se desenrolava na «capela de Caux».

Ligam-se também Guiral e Sulpice ao Saint-Clair cuja capela domina a cidade de Sète. Esse santo, cuja cabeça foi cortada, era especialmente querido daquela família Sinclair de que falamos no capítulo anterior e que, recolheu, sem dúvida, uma parte da herança escocesa do Templo.

É verdade que tudo isso pode não passar de coincidência. Ainda por cima, a montanha de Saint-Guiral não fazia parte das terras do Templo. Mas podemos perguntar-nos se os Templários e Roquefeuil não caçariam nos mesmos territórios espirituais, o que poderia explicar a teimosia dos Roquefeuil em não permitirem que os Templários se apoderassem de todo o Larzac. Os senhores do Saint-Guiral também se interessariam pelo poço do medo?

Todos poderão meditar neste ponto ao visitarem La Couvertoirade e observarem um brasão esculpido numa casa particular da pequena cidade fortificada. Para além das estrelas de cinco pontas, vê-se nele um leão (lembrando aquele que figura nas armas dos Roquefeuil) sobrepujado por uma palmeira onde estão pousadas duas pegas (gralhas, como se diz Languedoque). Essas armas são de Jean-Antoine de Grailhe. A História apresenta coincidências que mereciam pesquisas aprofundadas. Com efeito, seria interessante saber se o culto das cabeças cortadas do poço do medo tem alguma relação com o *saint-g(ui)ral* e o seu crânio, e se a família de *Gra(i)l(he)* está ligada a esta estranha aventura.

II

ARGINY E O TESOURO DO TEMPLO

Que tesouro?

A realidade de um tesouro templário gigantesco está longe de ser evidente. Ainda por cima, o fato de, em inúmeros locais, os Templários terem conseguido escapar à sorte que Filipe, o Belo, pretendia reservar-lhes, permite pensar que teria podido ser recuperado pelos sobreviventes da Ordem. Mesmo que partamos do princípio de que, de um modo ou de outro, os altos dignitários tenham podido mandar colocar esse tesouro a salvo, nada prova que ainda se encontre no esconderijo que então lhe foi atribuído.

Mesmo assim, detenhamo-nos na história que já antes referimos: a da evacuação das riquezas da Ordem por um membro da família Beaujeu, a pedido de Jacques de Molay.

Segundo esse relato, o conde de Beaujeu teria conseguido convencer Filipe, o Belo, a deixá-lo recuperar o corpo de seu tio a fim de o inumar no Beaujolais, feudo da sua família. Teria aproveitado, segundo ordens e instruções do último Grão-Mestre, para recuperar as riquezas do Templo e fazê-las sair da capital. Para

tal, Guichard de Beaujeu teria reunido alguns companheiros seguros com os quais criara a sociedade secreta «Os Perfeitos Arquitetos». Convinha guardar o tesouro em local seguro e, a fim de poder velar por ele, Guichard teria decidido escondê-lo nas suas próprias terras. Aliás, não era para lá que tinha de levar os restos mortais de seu tio? Um destino diferente não teria parecido suspeito? A lógica mandava, com efeito, que Guichard levasse a sua preciosa carga para as terras dos Beaujeu, no Ródano.

Os Beaujeu da Dama de Paus

Não sabemos muito exatamente quando os Beaujeu se instalaram nesta região montanhosa do Beaujolais. O local fora considerado sagrado nos tempos antigos e fora palco de estranhos cultos ligados aos megálitos. Ainda existem alguns vestígios de um *cromlech* (Grupo de menires alinhados) a sudoeste do Beaujeu e, um pouco mais a sul, pedras com cúpulas chamadas as *Pierres-Fayettes.* Dispostas em círculo sobre um esporão rochoso, parecem vigiar o vale do Azergues. No entanto, fora numa outra propriedade muito próxima que Guichard teria escondido o seu precioso depósito, em vez de no castelo da família: em Arginy, no território da comuna de Charentay.

Transformado em quinta, o castelo de Arginy sofreu bastante, de então para cá. No entanto, conservou duas torres redondas cuja imagem se reflete nas águas pesadas e esverdeadas que as rodeiam. Conserva também um torreão que foi alvo do interesse de muitos pesquisadores de tesouros. As oito aberturas que se encontram no seu topo valeram-lhe o nome de Torre das Oito Beatitudes, ou torre da alquimia. Construído no século XI, o castelo foi muito reformado no século XVI.

Não se conhece muito bem a origem do topônimo «Arginy». Alguns julgaram que se tratava de uma deformação da palavra grega *arguros*, que significa *prata*. Outros viram nele *Argine*, a Dama de Paus, rainha dos tesouros. Diz-se também que a origem do nome remonta à guerra das Gálias. Um lugar-tenente de César, chamado *Arginus*, teria mandado construir um *castellum* naquele local, que teria conservado a memória do seu nome. Depois, um castelo teria ocupado o lugar do *castellum* e os condes de Beaujeu ter-se-iam tornado seus proprietários, no século XIII. Em 1253, Louis de Beaujeu abandonou o castelo familiar para se instalar em Arginy, onde os seus sucessores residiram também: Guichard VI, o Grande, em 1295, Édouard I, em 1331, Antoinette de Beaujeu, em 1343.

Em 1388, o castelo foi cedido à família de Vemet e, depois, em 1453, tornou-se propriedade de Jacqueline de Châlons, que pertencia à mesma família que o Templário Jean de Châlons. Em 1485, a propriedade mudou mais uma vez de família: encontrava-se nas mãos de Thomas de la Buslère. No Renascimento, e isso não deixa de ter interesse, foi adquirida por um amigo de Jacques Coeur: Claude de Vignolles. Restaurou o castelo, aumentou a propriedade, construiu a quinta flanqueada por uma torre octogonal que, mais tarde, recebeu o nome de «A Prisão».

Em seguida, a família de Rosemont adquiriu este domínio, em 1883. De

então para cá, inúmeras personagens, dizendo-se por vezes mandatadas por sociedades secretas, tentaram comprar o castelo de Arginy, propondo geralmente somas enormes, persuadidos de que se trata de um investimento e de que o tesouro da Ordem do Templo se encontra pura e simplesmente naquele local.

Os Beaujeu e o Graal

Para saber se o tesouro da Ordem tem a menor hipótese de se encontrar lá, ainda temos de saber o que foi esta família Beaujeu. As personagens que a compuseram são muito variadas. Houve Guichard III, que se distinguiu sobretudo por uma crueldade sem limites quando da cruzada contra os Albigenses. Houve Guichard IV, que foi camareiro de Filipe, o Belo. Tudo isso não milita nada em seu favor. Mas houve também Guillaume, que sucedeu a Thomas Béraut como Grão-Mestre do Templo, a 12 de Maio de 1273, e que morreu heroicamente em Acre, quando do cerco de 1291.

Recuemos um pouco mais no tempo e analisemos uma estranha história:

O filho de Guichard II de Beaujeu escorregou e caiu no rio onde estava a dar de beber ao seu cavalo. Afogou-se. Desesperado, seu pai pôs-se a rezar, rezar, e jurou construir uma igreja no local do drama se o seu filho lhe fosse devolvido, O milagre realizou-se e o filho de Guichard II ressuscitou. Beaujeu fez o que prometera: mandou erguer a igreja de Saint-Nicolas-de-Beaujeu, que foi consagrada, em 1131, pelo papa Inocêncio III.

Paul Leutrat relata outra lenda, contada por Pierre le Vénérable, abade de Cluny: estando Humbert III em guerra contra o conde de Forez, um dos seus companheiros de armas foi morto. Chamava-se Geoffroy d'Oingt. Alguns dias mais tarde, encontrando-se Milon d'Anse na floresta de Alix, o fantasma de Geoffroy apareceu-lhe e disse-lhe que a sua alma não estava em paz porque se batera por uma causa injusta e, ainda por cima, Humbert III não mandava rezar missas pelo seu repouso eterno.

O fantasma acrescentou que, aliás, isso não o espantava grandemente dado que Humbert de Beaujeu se comportava como um pagão, anexando, em seu proveito, as propriedades da abadia de Cluny. Compreendemos, assim, muito bem por que razão Pierre le Vénérable se tornou o contador desta história. O fantasma acrescentou que Humbert III devia imperativamente deslocar-se à Terra Santa. Milon d'Anse apressou-se a relatar toda a história ao conde Beaujeu, mas este não quis ouvir nada. No entanto, uma manhã, encontrou-se, por sua vez, cara a cara com o fantasma. A impressão foi desagradável e Humbert achou mais prudente obedecer. Aí, fez-se Templário, seguiu, portanto, os conselhos do fantasma e partiu para a Terra Santa. Mas ainda não tinham terminado os seus encontros fantásticos. Conheceu uma mulher jovem chamada Assirata. Na verdade, segundo o *Zohar*, esta sedutora habita no sexto palácio do demônio. Foi ela que deu à luz todos os espíritos que induzem os homens em erro, fazendo-os ver, em sonhos, coisas mentirosas.

Humbert regressou a França e a sua mulher, furiosa, descobriu que ele se

tornara templário. Ela conseguiu que o papa Eugênio III o fizesse sair da Ordem. Decididamente muito sensível aos argumentos femininos, Humbert assim fez e entregou o manto branco com a cruz vermelha. Em compensação por esse abandono, devia construir uma igreja em Belleville. Assim foi feito. A colegial foi construída com nove espaços entre as vigas. Uma sereia bífida foi esculpida na fachada virada para o Saône. Considerar-se-ia que representava Assirata? Num capitel da entrada, um leão andrófago segura, nas suas fauces, o corpo de um homem. Foi nesta igreja que vários condes de Beaujeu mandaram que os inumassem. Foi também o local de outro acontecimento lendário.

Depois do combate em que Geoffroy d'Oingt fora morto, Humbert e os seus companheiros tinham ido festejar a sua vitória em Meys, no coração dos montes do Lyonnais. Alguns afirmam que essa povoação fora o berço da família de Hugues de Payns. Quando dessa festa, Milon d'Anse teria roubado uma taça que, depois, dera a Humbert. Este último nunca mais se quis separar dela, pelo menos até ao momento em que a colegial de Belleville foi construída. Então, ele atirou a taça para o Saône e alguns murmuram que se tratava do Graal. Quando se via a imagem de alguém refletida nela, o homem aparecia desprovido do seu invólucro carnal, a menos que fosse um demônio.

A morte de Humbert também foi curiosa. A lenda diz que ocorreu precisamente em Meys, durante um banquete. Tirando a sua mulher, os que se encontravam reunidos em redor da mesa já estavam mortos. Para além daquelas pessoas que conhecera durante a sua existência e que o aguardavam do outro lado do espelho, também lá estava Assirata, a sua bela sedutora que faz lembrar outra ligada também aos Beaujeu.

Com efeito, no século XIII, Renaud de Beaujeu escreveu um romance ligado ao ciclo da Távola Redonda. Nele, descrevia como um cavaleiro só podia chegar ao termo da sua busca depois de ter triunfado sobre as tentações carnais. *Le Bel inconnu* [*O Belo Desconhecido*], herói e título do romance, depois de ter triunfado sobre tudo, nomeadamente sobre uma fada sedutora, terminava a sua busca na cidade Gastée. Uma sereia beijou-o e disse-lhe quem ele era verdadeiramente: Guislain, filho de Gauvain.

O belo desconhecido, que já não o era, casou com a sereia: a loura Esmérée. Este romance teve êxito suficiente para inspirar Ariosto e Tasso que se serviram dele, respectivamente, para descrever a ilha de Alcina e os jardins de Armida.

Assim fechava-se o círculo ligando a sereia, os Beaujeu e a demanda do Graal. Deveremos ver nessas ligações com o mundo dos espíritos uma das razões que teriam podido levar a fazer dos Beaujeu depositários do tesouro do Templo?Eis uma coisa que é muito difícil de dizer. Acrescentemos apenas mais um indício ao processo, indício que nos faria pensar que, mesmo antes da detenção, os Templários se teriam certificado de que poderiam utilizar o castelo de Arginy. Com efeito, dois cavaleiros do Templo presos na sua casa de Mâcon, foram interrogados. Perguntaram-lhes, nomeadamente, o que haviam feito nas horas que antecederam a detenção. Reconheceram ter pernoitado, na véspera, no castelo de Arginy. Que faziam lá? Deveriam ter parado, para dormir, na sua comenda de Belleville, situada

a cerca de seis quilômetros. Não se conseguiu saber mais sobre o motivo que os conduzira àquele local.

Por outro lado, vimos que, depois dos Beaujeu e dos Vemet, Arginy passou, em 1453, para Jacqueline de Châlons. Podemos perguntar-nos se não teria um interesse familiar particular ou uma missão a cumprir, ao tomar conta de Arginy. Com efeito, o templário Jean de Châlons que residia na casa de Nemours, interrogado perante o papa, teria declarado que vira três carroças cobertas de palha deixarem a cidadela do Templo de Paris, ao cair da noite, na véspera da detenção. Essa caravana era conduzida por Gérard de Villers e Hugues de Châlons. As carroças teriam transportado os cofres que se julgava conterem o tesouro do Grande Visitador de França, Hugues de Pairaud. Este depoimento existiria nos arquivos secretos do Vaticano sob a cota *Register Aven*, nº 48 Benedicti XII, Tomo I, fólios 448-451. Mesmo assim, tomamos este testemunho com prudência, dado que não temos mais provas para além do que dizia Gérard de Sède. Mas é certo que poderia reforçar a hipótese de um depósito em Arginy.

A busca do tesouro e os fantasmas de Arginy

Devia existir uma tradição familiar a propósito deste tesouro, porque desde muito cedo alguns se dedicaram a procurá-lo. Assim, Anne de Beaujeu mandou que se realizassem buscas. Resignou-se a abandonar esse projeto em circunstâncias dramáticas. Um dos homens encarregados do trabalho pôs a descoberto um subterrâneo. Entrou nele e, de súbito, os que tinham ficado do lado de fora ouviram um grito horrível que os gelou de terror. Não ousaram mover-se. Um quarto de hora mais tarde, o homem saiu. Andava mecanicamente, titubeante. Uma parte do seu crânio parecia ter sido esmagada e via-se sair o cérebro. Chegado perante os seus camaradas petrificados, ergueu os braços e caiu. Já estava frio.

Anne de Beaujeu mandou parar as buscas e não se soube mais nada. No entanto, isto ensina-nos alguma coisa: que o segredo exato do eventual enterramento não chegara a Anne de Beaujeu que, caso contrário, teria sabido chegar mais facilmente ao tesouro. Ou o segredo familiar deixara de ser transmitido por uma causa qualquer, ou já não tinha razão de ser porque o tesouro já fora recuperado e levado para outro lugar.

Não foi essa, sem dúvida, a opinião de Pierre de Rosemont, depois de se ter tornado proprietário do local. Decidiu recomeçar as buscas e começou por procurar elementos em velhos manuscritos conservados nos arquivos da abadia de Pommier-en-Forez. Os seus trabalhos permitiram, infelizmente, compreender o que acontecera ao operário de Anne de Beaujeu. Com efeito, depois de se terem retirado cem metros cúbicos de terra que, obstruíam a entrada do subterrâneo, apareceu uma galeria que mergulhava na vertical. Um operário desceu, preso por uma corda. A dada altura, sentiu sob os seus pés «como que uma pipa» que girava. Na verdade, tratava-se de uma enorme mó de pedra. Havia outra mó ao lado e o pé, apertado entre as duas, foi esmagado até ao tornozelo. O infeliz tivera a presença de espírito para puxar de imediato a corda e os seus camaradas tinham-no

içado logo, evitando que fosse engolido ainda mais pelas mós.

Tal como Anne de Beaujeu, Pierre de Rosemont decidiu que era melhor ficar por ali a correr o risco de acontecer ainda pior. Mandou murar a entrada da galeria e lançar cento e cinquenta carroças de terra no subterrâneo. Proibiu os seus filhos de voltarem a falar no assunto e acrescentou, como único comentário: «Apenas tenho a dizer que o espetáculo é por baixo e não em cima.»

Isso não impediu um dos seus filhos de retomar as buscas, em 1922. Encontrou um subterrâneo junto à Torre das Oito Beatitudes e descobriu lá documentos que datavam da Revolução, mas nada mais.

Trinta anos mais tarde, foram utilizados outros meios. Um industrial parisiense, chamado Champion, trouxe ao local um astrólogo e alquimista de renome - Armand Barbault -, bem como um especialista do ocultismo - Jacques Breyer. Muitas outras pessoas, incluindo alguns notáveis, se juntaram a eles para tentarem desvendar o segredo de Arginy. O seu grupo acabou por dar origem à «Ordem do Templo Solar».

Não seguiram a via dos seus predecessores nem se lembraram das palavras de Pierre de Rosemont. Não olharam para baixo, mas sim para cima e concentraram os seus esforços na Torre das Oito Beatitudes. Estavam persuadidos de que o segredo de Arginy era a pedra filosofal que permite a transmutação dos metais. Para desvendarem o segredo, entregaram-se a longas sessões de espiritismo, durante as quais tentaram entrar em contato com os espíritos dos Templários. Jacques Breyer colocara um pombo numa gaiola, todos se haviam concentrado e o sinal de contato deveria ser dado pela ave que bateria as asas a partir do momento em que houvesse contato com o Além. Os participantes ouviram onze pancadas que pareciam dadas no exterior, no topo da torre. Isso viria a repetir-se inúmeras vezes, sempre entre a meia-noite e as duas horas da manhã e, de cada uma das vezes, simultaneamente, a noite tornava-se silenciosa, os animais calavam-se. Na sequência dessas pancadas, Breyer e os seus amigos tiveram várias «conversas» com onze templários. A transcrição desses diálogos com o Além é bastante incoerente e não foi feita qualquer revelação sobre o tesouro. Eis um método que não era verdadeiramente muito eficaz mas que, pelo menos, não provocava a morte de nenhum operário.

Cansado, sem dúvida, destas vãs sessões noturnas, Armand Barbault achou mais expedito mandar chamar um médium seu amigo e, efetivamente, este indicou em breve a localização de um subterrâneo. Começaram de imediato as escavações. Nesse momento, o Sr. Champion teve de deixar Arginy, chamado com urgência por causa de negócios. Armand Barbault perdeu um dos seus próximos e os operários começaram a abandonar a obra sem dar explicações. Parou-se tudo.

No entanto, houve outras tentativas de contato com os Templários, porque os nossos investigadores sentiam que não conseguiriam nada enquanto os manes dos irmãos do Templo lhes não dessem luz verde. Numa noite de São João organizaram «um grande esconjuro», durante o qual Barbault entrou em comunicação «com o guardião do tesouro» por intermédio de um médium. Este último afirmou: «Vejo um cofre montado sobre carris. Uma mão articulada e com

uma luva de ferro mergulha magicamente no cofre e retira de lá moedas de ouro. Agora, há um grande monte delas sobre a mesa. A mão continua a tirá-las. Outras mãos, com avidez, estendem-se para o tesouro... mãos com garras que de súbito se tornam peludas, monstruosas, horríveis. O mestre dos guardiões do tesouro é um cavaleiro deitado num caixão. Fala, mas mantém-se rígido no seu túmulo. Desejaria sair. Para tal, seria necessária uma grande cerimônia com os sete esconjuros rituais.»

Com isto, os pesquisadores tinham avançado muito... Aliás, o próprio médium achou que os entes troçavam deles e que nunca iriam revelar-lhes a localização do tesouro. Apenas um descendente dos Templários digno de continuar a sua missão poderia um dia sabê-la.

Deixaremos de lado alguns episódios sem grande interesse durante os quais alguns se julgaram reencarnações de Grão-Mestres do Templo ou imaginaram que seria possível «engravidar» uma jovem durante uma cerimônia mágica, esperando levar Guillaume de Beaujeu a reencarnar na criança assim concebida. Podem ficar calmos: a cerimônia nunca se realizou.

No entanto, Jacques Breyer pensou ter descoberto o segredo e decidiu revelá-lo numa obra intitulada *Arcanes solaires*. Escreveu:

"A mina das jóias está bem guardada. Cada porta é defendida por um dragão. Para encontrar, é preciso humildade, desinteresse, pureza. Eis as três chaves infalíveis quando as compreendes bem. O F. F. [o rei] a captar pelo artista mantém-se portanto: no ar; a verdadeira mina é em cima! Pobre alquimista! Por que te desvias do caminho?... Vá lá... pensa melhor, a grande arte é a luz."

Sem dúvida que as três chaves infalíveis foram mal compreendidas porque as buscas não deram qualquer resultado, apesar de sete anos de invocações, esconjuros e outras práticas dos «espíritos».

Do sol aos subterrâneos de Arginy

Mediante as suas frases sibilinas, Jacques Breyer teria querido dizer que o segredo do tesouro se encontrava na Torre das Oito Beatitudes, à altura das janelas, sendo a chave definitiva fornecida pelo sol que passava por uma delas. É também, em parte, a opinião da Sra Jeanne de Grazia, que dizia:

"Das oito janelinhas trilobadas da torre da alquimia, só uma está tapada por pedras e argamassa. Seria necessário desobstruí-la e ver a direção do feixe luminoso que nela penetra, a 24 de Junho. O sol do solstício deve desempenhar um papel importante, bater talvez numa pedra que dará uma indicação decisiva."

A Sra de Grazia diz ter descoberto, no local, alguns sinais-chave de um esconderijo importante, que figuram, em primeiro lugar, no brasão da porta de entrada e conduzem à torre da alquimia ou das Oito Beatitudes. Entre esses sinais, alguns símbolos alquímicos que encontramos também no interior do castelo. Poderiam dever-se ao barão de Camus, «iniciado do Renascimento», que estaria inumado, com a mulher, numa cripta situada oito a nove metros debaixo de terra. Alguns pensaram também que o mistério de Arginy estava ligado à sua localização especial que facilitaria determinados «contatos» e determinadas operações mágicas.

A própria arquitetura do castelo e, sobretudo, da Torre das Oito Beatitudes estaria em harmonia com o local e representaria uma parte importante do segredo. Seria por isso que Guichard de Beaujeu e os seus companheiros haviam fundado a sua sociedade dos «Perfeitos Arquitetos»?

Na verdade, o local é especial: três rios subterrâneos sobrepostos passariam sob o castelo, transformando esse lugar num nó telúrico importante. É certo que, quando o conde de Rosemont mandou abrir furos na sala inferior do torreão, o furo ficou inundado de imediato.

Outra pessoa que se interessou muito por Arginy: Gabrielle Carmi. Sonhos ligados a vários locais importantes que haviam sido ocupados pelo Templo obcecaram-na durante muito tempo, tanto mais que conduziram a uma descoberta concreta: a de um cofrezinho de concha encontrado numa aldeola de Seine-et-Marne. Gabrielle Carmi, que conta toda esta história numa obra intitulada *Le Temps hors du temps,* atribuiu muita importância aos seus sonhos. Um deles conduziu-a a um local, cujo nome não refere, mas que é incontestavelmente Arginy. Escreve:

"Sonho de novo com o castelo da torre isolada. Revejo a torre que está colocada como se fizesse parte de um conjunto de edifícios que continua, embora deles esteja separada [...]. Frente a ela, a oitenta metros mais ou menos, vi, sobre o solo, uma luz azul-elétrico imaterial, semelhante àquela que vi quando da descoberta do cofrezinho de concha, em Hermé. Essa luz formava dois desenhos, separados cerca de um metro e cinquenta, comportando cada um deles dois *S* separados por um intervalo. A uma determinada profundidade sob eles, vejo um cofre. Está colocado sobre uma laje num subterrâneo que forma, nesse local, uma sala circular, cujo acesso não vejo. O cofre é de pedra. Tem a forma de um pequeno sarcófago com cerca de um metro de comprimento. A sua tampa, também de pedra, é em duas abas. No interior do cofre, que está aberto, vejo um molho muito grosso de folhas de pergaminho. Estão juntas por duas placas, uma por cima e outra por baixo, ligadas por um cordão de metal escuro que forma uma laçada. As placas também são de metal escuro. Esse conjunto tem as dimensões habituais dos grandes livros de música gregoriana que vemos nas estantes das igrejas [...]. Vi a página que ostenta os sete pontos de ouro unidos pelas linhas. Vi também outras páginas desse livro, cobertas de sinais ou de letras de que, infelizmente, não me lembrava quando acordei. Tenho a certeza absoluta de que se trata de documentos de uma extrema importância, dos quais apenas uma parte se refere à regra dos Templários. Tive também a sensação de que estava em presença de um grande e verdadeiro mistério [...]. Alguns ensinamentos referem-se aos segredos e técnicas relativos à arte de construir, mas não apenas ao modo de juntar os materiais. As regras que devem ser seguidas para determinar a orientação, as formas e as proporções dos edifícios para que estes tenham o seu pleno valor iniciático estão lá determinadas [...]."

Gabrielle Carmi foi a Arginy. Aí, sentiu-se atraída por um determinado local, no sítio onde haviam aparecido os sinais luminosos do seu sonho. Sentiu a presença do cofre, sob os seus pés, num lugar onde, outrora, se erguera uma torre. Escavações superficiais permitiram revelar quatro degraus de escada. No entanto,

não se escavou mais e cobriram mesmo o buraco feito, tapando de novo os degraus encontrados. Gabrielle Carmi sentia também a presença de dois subterrâneos que convergiam para a localização do cofre. Um partiria da torre isolada e outro de um local mais próximo do castelo. Isto vale o que valem os sonhos, é claro, mas os de Gabrielle Carmi são bastante interessantes, tanto mais que os subterrâneos existem. Com efeito, já vimos que as escavações permitiram pôr à luz uma galeria na base da Torre das Oito Beatitudes.

As chaves do Paraíso

Antes de terminarmos esta estranha história, vamos fazer um passeio pelo mapa do estado-maior. Lembremo-nos de que a toponímia encobre muitas vezes a chave dos locais. Sirvamo-nos da carta do I. G. N. a 1/25000 cotas 2929 leste, 3029 oeste, 2930 leste e 3030 oeste.

Há vários elementos dignos de nota na toponímia da região. Em primeiro lugar, nomes de lugares ligados à história santa: Bethléem, Lazare, La Balthazarde, La Jacobée, La Zacharie, Saint-Abram. Há também um número espantoso de topônimos que se encontram amiúde e frequentemente muito próximos uns dos outros. Assim, apercebemo-nos de três Jérusalem, três Saint-Julien, três Saint-Roch, três La Rochelle, quatro Saint-Jean, dois Saint-Étienne, dois La Varenne, dois Saint-Paul, dois Saint-Abram, dois Saint-Pierre e um Razès que corresponde a um Razet. Estas duplicações, para não dizer mais, não deviam tornar nada fácil a identificação dos locais. É difícil saber de que Jerusalém se fala se não for fornecida qualquer explicação suplementar. Então, por que razão teriam criado esta curiosa meada de topônimos, tão difícil de desenredar? Não poderia servir de fio de Ariadne àquele que soubesse ir até ao fim?

Convém notar também, a cinco quilômetros a nordeste de Arginy, a existência de um conjunto de topônimos tipicamente templários: Le Bois des Épines, La Fonderie de Saint-Jean, Saint-Jean-d'Ardières e L'Épinay.

Devemos dizer que estamos muito perto de Belleville, onde se encontra um local chamado La Commanderie, perto de Sainte-Catherine.

Se nos ativermos a Arginy e aos lugares mais próximos, iremos ver uma Croix-Rouge e um local chamado Les Chevaliers.

Mas, sobretudo, há que notar, no meio das vinhas, a cerca de mil e duzentos metros para oeste da Torre das Oito Beatitudes, uma capela consagrada a São Pedro. Forma, com Arginy e um local chamado Le Nicolas, um triângulo equilátero. Não foi a São Nicolau que foi dedicada a capela misteriosa construída pelo conde de Beaujeu, depois da ressurreição do filho?

De qualquer modo, quase poderíamos apostar que existe um subterrâneo que conduz a Arginy, a partir da capela de São Pedro. Talvez, nela, a luz indique a entrada, desenhando no solo estranhos reflexos, depois de ter passado pelo prisma dos vitrais. Uma vez mais, o santo das chaves mostra, sem dúvida, o caminho do paraíso e das suas beatitudes.

III

GISORS: ET IN ARCADIA EGO

Um jardineiro que brinca às toupeiras

Em 1929, um jovem de 25 anos, Roger Lhomoy, conseguiu ser contratado pelo município de Gisors como guia e jardineiro do castelo. Tinha uma idéia na cabeça. Acabara de sair do seminário, onde já recebera ordens menores. Fora aí que lhe ocorrera essa idéia? Teria ouvido os homens de igreja a respeito de Gisors. Acontece que estava convencido de que a fortaleza daquela pequena cidade do Eure escondia um tesouro.

Uma vez contratado como jardineiro, estava em posição de confirmar se esse sonho era susceptível de apresentar alguma consistência. Mas, onde procurar? Por onde começar? O tempo foi passando sem que Lhomoy avançasse uma polegada. No entanto, ao fim de quinze anos, em 1944, começou as escavações.

Dado que não tinha autorização, apenas escavava de noite, utilizando um material perfeitamente rudimentar: pá, picareta, ferro, gambiarra e um guindaste improvisado. Tendo reparado num poço situado à esquerda da entrada da muralha do torreão, começou a desaterrá-lo. Dia após dia, ou melhor, noite após noite, cavava. Chegou assim a uma profundidade de vinte metros. Teve de ficar por ali, porque um desabamento quase o engoliu. Conseguiu sair de lá, sozinho, apenas com uma perna partida.

Restabelecido, Lhomoy só pensava em continuar as suas escavações, mas estava fora de questão regressar ao poço, cujas paredes haviam ficado fragilizadas pelos trabalhos precedentes. Decidiu recomeçar do zero e escavar cerca de quinze metros mais à frente, sempre no recinto do torreão. Primeiro, fez uma espécie de chaminé vertical, com dezesseis metros de profundidade, e depois escavou, a partir daí, uma galeria horizontal com dez metros de comprimento e recomeçou a escavar na vertical, ao longo de quatro metros.

Uma noite, quando se encontrava a vinte e um metros, sob o solo, o seu ferro bateu numa superfície dura. Pelo menos, foi o que afirmou. Estava perante uma pedra talhada, lisa. Libertando cuidadosamente a sua superfície, deu-se conta de que se tratava de uma parede. Conseguiu retirar algumas pedras, apenas as necessárias para passar a cabeça, os ombros e a gambiarra para o outro lado. Ouçamos o seu testemunho:

"Estou numa capela românica em pedra de Louveciennes, com trinta metros de comprimento e nove de largura, e com cerca de quatro metros e meio de altura até à chave da abóbada. Logo à minha esquerda, perto do buraco por onde passara,

fica o altar, também de pedra, com o seu tabernáculo. Para a minha direita, o resto do edifício. Nas paredes, a meia altura, sustentadas por apoios de pedra, as estátuas de Cristo e dos doze apóstolos, em tamanho natural. Ao longo das paredes, pousados no solo, sarcófagos de pedra com dois metros de comprimento e sessenta centímetros de largura: há dezenove. E na nave, aquilo que a minha luz revela é incrível: trinta cofres de metal precioso, dispostos em filas de dez. E a palavra cofre é insuficiente: seria melhor falar de armários deitados, armários que medem, cada um, dois metros e cinquenta de comprimento, um metro e oitenta de altura e um e sessenta de largura."

Então, Lhomoy decidiu prevenir as autoridades. Assim, numa manhã de Março de 1946, apresentou-se perante o Conselho Municipal, reunido em sessão plenária. Contou as suas escavações e o que vira e convidou os conselheiros a virem confirmar, eles próprios, que falava verdade. Todos se deslocaram até junto da base do torreão mas, uma vez lá, perante o poço improvisado escavado por Lhomoy, os convidados entreolharam-se: estava fora de questão descerem a essa verdadeira armadilha, podia haver um desmoronamento a qualquer altura. Aquele homem era louco. No entanto, a história espalhou-se rapidamente pela cidade e um homem mais corajoso do que os outros disse que era preciso tirar aquilo a limpo. Aliás, tinha alguma experiência na matéria, dado que era um ex-oficial de engenharia. Émile Beyne, comandante dos sapadores-bombeiros de Gisors, desceu, portanto, ao fundo do poço e, em seguida, avançou até ao fim da galeria horizontal. Só lhe faltava descer quatro metros na vertical. Literalmente sufocado no fundo desse poço estreito, Émile Beyne renunciou, todavia, a correr mais riscos. Subiu e, embora estivesse habilitado a confirmar o que Lhomoy dissera, não pôde testemunhar sobre a existência da capela.

No entanto, para a opinião pública isso foi suficiente para tornar credível o relato do jardineiro. Lhomoy aproveitou-se disso para se apresentar de novo na câmara, esperando obter ajuda para continuar as escavações e desenterrar o acesso à capela. Ora, teve uma surpresa desagradável: não só lhe foi recusada qualquer ajuda, como lhe disseram que o seu buraco iria ser tapado. Nesse mesmo dia, a edilidade mandou para o local uma equipe de prisioneiros alemães e foi tudo aterrado.

Lhomoy, abatido de momento, não se declarou vencido. Pediu uma autorização para as escavações, à Secretaria de Estado dos Assuntos Culturais, e foi-lhe concedida. Confortado com esta, dirigiu-se de novo à câmara municipal. Por estranho que pareça, recebeu como única resposta um discurso do adjunto do presidente da câmara de Gisors que tinha fortes parecenças com uma ameaça:

"Proíbo-o formalmente de dar seguimento às suas elucubrações de pessoa perturbada, dando-se por muito feliz por ainda não terem sido tomadas medidas para o internar, coisa que o destino poderá muito bem reservar-lhe."

Que a edilidade tomasse todas as precauções para que as novas escavações não pusessem em perigo o torreão e decorressem em condições máximas de segurança teria sido normal. Em contrapartida, que a edilidade se opusesse formalmente a essas escavações apesar da autorização do ministério é que é

surpreendente. Que, ademais, chegasse a ameaçar Lhomoy de o mandar internar, e de uma forma quase aberta, parece muito estranho.

Seis anos mais tarde, Lhomoy, que então vivia em Versalhes, encontrou dois sócios para levar a cabo as suas escavações. Uma vez mais, obteve uma autorização do ministério. A edilidade de Gisors não ousou utilizar os mesmos métodos de intimidação que da primeira vez. No entanto, pôs uma condição às obras: o depósito de uma caução de um milhão de francos e, ademais, o compromisso de entregar à cidade quatro quintos do valor do que fosse encontrado. Desanimados, os sócios abandonaram-no e Lhomoy viu desaparecer a sua última esperança de poder provar que dissera a verdade.

O tesouro do Templo?

Roger Lhomoy mentira? E, caso contrário, que poderiam conter os cofres da misteriosa capela subterrânea?

Para Gerard de Sède, não há a menor dúvida: trata-se «do» tesouro dos Templários, o verdadeiro, o único, o que foi evacuado graças ao jovem senhor de Beaujeu, segundo as indicações de Jacques de Molay. Para o autor de *Les Templiers sont parmi nous,* esse tesouro devia ser enviado para Inglaterra mas, por uma qualquer razão, teriam tido de parar no caminho e fora escondido em Gisors. Pelo meu lado, tenho alguma dificuldade em ver por que razão teria sido escondido ali, se é que passou pela região. Mesmo assim, veremos que, de uma maneira ou de outra, o mistério de Gisors está indissociavelmente ligado aos Templários.

Os Templários estavam muito presentes na região. Perto de Arquency, a comenda de Bourgoult e as quintas fortificadas de Authevernes e de Fours testemunham ainda a presença do Templo. Uma cruz templária de pedra continua ainda a vigiar a estrada que conduz de Gisors a Neaufles. Refiramos também a presença de túmulos ornados com cruzes templárias, que nos lembram um pouco os cemitérios templários da Escócia.

A uma distância razoável de Gisors, podemos citar várias comendas importantes: Saint-Étienne-de-Renneville (na comuna de Saint-Colombela-Campagne), Chanu (de que resta uma bela capela que, infelizmente, funciona como quinta), Brettemare, Bourgoult, de que já falamos e que possuía uma capela dedicada a São João Baptista, o Temple-du-Bois-Hibout, em Saint-Vincent-des-Bois, perto de Vernon.

Se nos debruçarmos sobre a toponímia local, poderemos encontrar vestígios muito precisos da presença do Templo. A nordeste, a pouco mais de vinte quilômetros de Gisors, encontramos um local chamado *Le Temple,* associado a um Bois-du-Temple. Muito perto de lá, Saint-Pierre-des-Champs e Saint-Pierre-des-Bois, Orsimont, Tête-d'Enfer, Maisons-Rouges, Ferme-de-la-Croix-Blanche, Ferme-de-Jouvence, Parc-à-Poulain e, alguns quilômetros mais à frente, a nordeste, Saint-Clair.

Dirijamo-nos agora um pouco mais para sudeste, de modo a fazermos um movimento circular a uma boa distância de Gisors. Encontramos Épiniéres, Orval,

Terres-Rouges, Orme e Épinette e, mais a leste, Bois-des-Bonshommes e Rouges-Eaux.

Voltemos um pouco mais a sul: Hêtre-de-l'Épinette, Âbime, Bois-Cornu, Bois-des-Moines, Buisson-Saint Pierre, Épinette, Haute-Épine, Mare-Rouge, uma vez mais, Âbime e Terres-Saint-Pierre surgem perante os nossos olhos.

Viremos para oeste de modo a ficarmos a menos de cinco quilômetros a nordeste de Gisors. Encontramos de novo Épine, Épinette e Croix-Blanche.

A leste de Gisors encontraremos Maison-Rouge, Fosse-Salomon, Veau-d'Or e Trou-Saint-Patrice.

A sudeste, serão Sainte-Marguerite, Épine, Croix-Blanche, Croix-Rouge e, um pouco mais longe, Ormeteau, Fontaine-Saint-Gilles, Épinette, Croix-Chevaliers, canal Saint-Clair. E, mais a sul, Rone-Épine, Terres-Rouges, Noyer-au-Coq, Enfer, Trésor, Paradis, Bois-de-l'Épinette, Maladrerie, Épine-au-Coq, Grand-Orme, Croix-Saint-Gilles e, mais uma vez, Maladrerie.

Agora, a sul de Gisors: Bois-de-l'Épine-Cagnard, Croix-Blanche, Saint-Gervais e Vallée-Catherine, Terres-Rouges, Archemont, Côte-Saint-Antoine, Côte-Blanche e Vallée-Dame-Noire.

Por fim, a oeste e a sudoeste, Épine, Croix-Rouge, Mont-de-L'Aigle, Fosse-Saint-Maurice, Moulin-Rouge, Saint-Clair-sur-Epte, Bois-de-Jouvence, Bois-de-Blaise e a abadia do Trésor.

Não se trata de pretender que todos estes topônimos marcam infalivelmente uma presença templária, mesmo que isso seja evidente mediante locais como Le Temple. Alguns destes termos são, sem dúvida, puramente descritivos ou apenas desprovidos de qualquer relação com a Ordem. Ainda por cima, todos estes nomes foram descobertos numa superfície bastante ampla, dado que cobre quatro cartas do I. G. N. a 1/25000; as 2111 leste, 2112 leste, 2211 leste e 2212 leste. Trata-se sobretudo de dar, àquele que pretenda realizar a sua própria investigação sobre os locais, alguns pontos de partida, algumas pistas que o possam ajudar nas investigações. No entanto, para os Templários terem escondido um tesouro no subsolo da fortaleza de Gisors, teria sido necessário disporem dos meios para tal.

Quando Rollon obrigou Carlos, o Simples, a conceder-lhe a Normandia, o Vexin foi cindido em duas partes: Vexin francês e Vexin normando. Na mesma altura, Gisors tornou-se cidade fronteiriça e continuou a sê-lo durante cinco séculos, marcando, após a conquista realizada por Guilherme, o Conquistador, o limite entre as possessões do rei de Inglaterra e as terras de França. Por isso, a praça tornou-se importante em termos estratégicos e foi alvo de disputas, ao longo dos séculos. A fortaleza que foi construída, compreendendo um torreão e uma muralha flanqueada por doze torres, parece pouco rigorosa no plano militar. Em contrapartida, o simbolismo talvez não tenha estado ausente das preocupações do seu construtor.

Em 1097, data do início da construção do castelo, os Templários ainda não existiam; logo, não tiveram nada que ver com o caso. Aliás, se o ocuparam, veremos que essa estada só durou três anos e que seria bastante espantoso terem realizado obras importantes.

Guilherme, o Ruivo, rei de Inglaterra, encarregara Robert de Bellême de construir a fortaleza. Este confiou a realização a um arquiteto chamado Leufroy. Aliás, esse nome liga Gisors a uma outra fortaleza que teve o mesmo arquiteto: a de Falaise. Também lá encontramos um estranho mistério sem dúvida ligado aos Templários, com inscrições murais semelhantes às da Torre do Prisioneiro, em Gisors. Ainda por cima, a toponímia em redor das duas cidades comporta um número apreciável de nomes idênticos, como: Saint-Clair, Terres-Rouges, Tilly, Villiers, Croissanville, Mesnil, Réveillon, Ormeau, etc. Seria necessário também lembrar a cruz de La Hoguette, perto de Falaise, que é como que o negativo da Gisors, na estrada de Neaufles. Seria preciso estudar a igreja Saint-Gervais-Saint-Protais de Falaise e a de Gisors, ou então examinar o conjunto da simbólica alquímica da igreja da Trinité, em Falaise. Mas voltemos à capital do Vexin que desempenhou, na história, um papel pouco conhecido.

Assim, Leufroy construiu a fortaleza de Gisors e alguns pensam que o fez respeitando dados astrológicos muito precisos. Notemos, de passagem, que este arquiteto foi também o dos castelos de Bellême e de Nogent-le-Rotrou e que, nestes dois casos, construiu uma capela subterrânea sob o torreão. Um indício que poderia dar alguma consistência às afirmações de Lhomoy. Acrescentemos que um texto antigo chamaria a esse Leufroy «cavaleiro do Templo», o que implicaria que teria entrado para a Ordem no final da sua vida, mas nem por isso faria dele Templário na época da construção.

É esta a primeira vez em que encontramos a Ordem do Templo na história de Gisors. O segundo encontro é mais curioso. Situa-se em 1099, quando Henrique I Beauclerc, rei de Inglaterra e duque da Normandia, confiou a guarda de Gisers a Thibaud Payen (Pagão), em virtude de um acordo celebrado com Luís VI, o Gordo. Thibaud, conde de Gisors, foi cognominado «Payen»porque, afirma uma crônica, «já grandote, ainda não fora baptizado». No entanto, se estudarmos um pouco melhor esta personagem com uma vida política agitada, ora aliado dos ingleses, ora amigo dos franceses, descobrimos-lhe um parentesco muito interessante. Com efeito, era filho do conde Hugues de Chaumont e de Adélaide Payen, que era irmã de Hugues de Payen, fundador da Ordem do Templo. No entanto, em 1109, Henrique I Beauclerc retirou a guarda da cidadela ao sobrinho do Grão-Mestre. Ora, isso equivalia a violar o tratado assinado com o rei de França. Seguiu-se uma guerra que durou anos e, por fim, o rei de França foi derrotado em Brenneville, em 1119.

O papa Calisto II serviu então de intermediário. Veio a Gisors e obrigou à assinatura de um tratado de paz, segundo o qual o herdeiro de Henrique I Beauclerc era vassalo do rei de França na Normandia, em virtude do que Gisors ficava cidade normanda excluída do Vexin francês. Os reis de França continuaram, mesmo assim, a olhar para Gisors com uma certa inveja. Luís VII conseguiu que lhe fosse outra vez cedida a fortaleza, em 1144. Dez anos mais tarde, Henrique II Plantageneta tornou-se rei de Inglaterra e, por sua vez, perguntou-se como iria recuperar Gisors, que todos disputavam como se fosse uma verdadeira jóia. Uma crônica revela-nos, aliás, que sentia «um afeto muito especial» por essa cidade.

Henrique conseguiu convencer Luís VII de que seria bom que unissem os seus respectivos filhos. O filho do rei de Inglaterra, Henrique, ficou portanto noivo de Marguerite, filha de Luís VII, e devia levar como dote Gisors e o Vexin. Mas, nesse ano de 1158, Henrique tinha cinco anos e Marguerite apenas três. Claro que estava fora de questão um casamento imediato. O arcebispo da Cantuária, o celebérrimo Thomas Becket, que conduzira as negociações pelo lado inglês, encontrara uma solução temporária. Hospedado no Templo de Paris, fizera um acordo com os seus anfitriões. Os Templários seriam feitos fiéis depositários do castelo de Gisors, enquanto se não realizasse o casamento. Assim, em Novembro de 1158, os cavaleiros do Templo Othon de Saint-Omer, Richard de Hasting e Robert de Pirou instalaram-se no castelo. No entanto, só lá iriam ficar três anos. Com efeito, impaciente, Henrique II mandou celebrar o casamento muito antes da data prevista e, em seguida, mandou que os Templários lhe entregassem a cidadela de Gisors. A complacência dos monges-soldados que, assim, respeitavam a letra, mas não o espírito da missão que lhes fora confiada, deixou furioso Luís VII. Sentiu-se troçado e quis mandar enforcar os Templários, mas estes não tiveram o menor medo dele e foram continuar a servir a Ordem na Terra Santa. Refiramos, de passagem, que estas três personagens não eram uns cavaleiros como os outros, mas três dignitários da Ordem. De qualquer modo, de novo senhor de Gisors, Henrique II dedicou-se a terminar a construção, sem dúvida com os conselhos de Arquitetos da Ordem do Templo.

Ao longo dos séculos, os reis de França e de Inglaterra nunca deixaram de lutar pela praça, que mudou várias vezes de mãos.

Alguns episódios curiosos viriam ainda a marcar com o selo do mistério a história de Gisors e da Ordem do Templo. Como lembra Gérard de Sède, foi em Gisors que se originou a intriga que conduziu à queda da Ordem. Com efeito, quando da sua retratação, o templário Ponsard de Gizy declarou:

"Estes são os traidores que propuseram falsidade e deslealdade contra os da religião do Templo: Guillaume Robert, monge que os submetia à tortura; Esquieu de Florian, de Béziers, prior de Montfaucon; Bernard Pelet, prior do Mas-d'Agenais, e Géraud de Boysol, cavaleiro do rei, todos vindos de Gisors."

Coincidência? Talvez, porque o acaso parece ter as costas largas neste assunto. Tirem as vossas conclusões: No reinado de Filipe, o Belo, o recebedor do Templo em Paris chamava-se Jehan de Gisors. A cabeça de mulher descoberta em Paris pelos investigadores que procuravam o *baphomet*, crânio que tinha a etiqueta *caput LVIII m* foi confiado a uma personagem chamada Guillaume de Gisors. Enquanto a detenção se realizou, em toda a parte, a 13 de Outubro de 1307, foi apenas em 29 de Novembro de 1308 que uma ordem escrita de Filipe, o Belo, mandou o bailio de Gisors prender os Templários desta cidade. Por que razão os tinham deixado em liberdade até essa data? E não é tudo. Com efeito, antes de ter sido conduzido a Paris, de aí ter sido declarado relapso e queimado, foi em Gisors que Jacques de Molay foi encerrado, em 1314. Por que escolheram essa fortaleza para prisão? E por que razão nunca foi trazido perante a justiça o templário Simon de Macy, guardião de Gisors, que se manteve no lugar? Por que razão Filipe, o

Belo, avocara pessoalmente o seu caso? Por que razão o mandou transferir para Gisors e encerrar na torre do castelo no sábado de Pentecostes do ano da graça de mil trezentos e catorze, prevenindo o bailio de Gisors, Guillaume Maillard, de que devia responder com a sua vida pela guarda desse prisioneiro, a quem ninguém devia falar? (A ordem está guardada no *British Museum* de Londres sob a cota M 33, Calígula D III Fo. 4).

Que mistério atraiu a Gisors as visitas de Henrique IV (que declarou, então, satisfeito: «Eis-me agora rei de Gisors»), Luís XIII, Mazarino, Luís XIV. Quanto ao marechal de Belle-Ile, neto do superintendente Fouquet, não hesitou em ceder ao rei a praça estratégica de Belle-Ile em troca do condado de Gisors e, é verdade, mais algumas bagatelas. Todo este interesse terá que ver com o nome da ruela que conduz ao castelo: a ruela do Grande Monarca? A cidadela esconderia um segredo da realeza?

A ocultação da verdade

A seguir ao aparecimento da obra de Gérard de Sède dedicada ao mistério de Gisors, e que relatava o testemunho de Lhomoy, o caso saltou para a ribalta. Roger Lhomoy foi convidado a participar num programa de televisão muito popular na época: *Lecture pour tous.* Então, a polêmica estalou, com os meios arqueológicos que tinham a seu cargo os monumentos de Gisors a perderem literalmente as estribeiras. O diretor da circunscrição arqueológica, o diretor dos arquivos departamentais do Eure, o conservador dos monumentos históricos e algumas personalidades da cidade subiram, alternadamente, ao púlpito repetindo incansavelmente a mesma mensagem: não poderia haver uma cripta sob o torreão.

A argumentação não estava à altura das vociferações, com alguns a não hesitarem em dizer que, na altura, não se sabia construir abóbadas de mais de dois metros sob terreno heterogêneo. Lhomoy foi apodado de doente mental. Mesmo assim, em Maio de 1962, André Malraux, ministro de Estado para os Assuntos Culturais, mandou selar o torreão de Gisors e deu ordens para que se realizasse uma campanha de escavações. Oficialmente, isso nada tinha que ver com as declarações de Lhomoy mas, na verdade, tratava-se pura e simplesmente de abrir as galerias que ele escavara e que a edilidade mandara soterrar. A 12 de Outubro de 1962, as obras tinham terminado e realizou-se uma conferência de imprensa junto à base do torreão. Chamaram Lhomoy. Fizeram-no descer ao fundo do seu buraco que fora desentulhado, mas que terminava num beco. Lhomoy subiu a chorar afirmando que tinham de escavar mais um metro e meio para encontrarem a cripta.

Em Fevereiro de 1964, o ministério decidiu, efetivamente, escavar um pouco mais para verificar as afirmações de Lhomoy. Podemos perguntar-nos por que razão o não fizeram de imediato. As primeiras escavações não teriam como única finalidade provar que não havia nada a procurar? E por que razão, quando da segunda campanha, em 1964, o local foi declarado zona militar e severamente guardado?

O ministério admitia procurar um tesouro, mas afirmou que as escavações

não tinham conduzido a nada. Que papel desempenhava André Malraux nesta história?

E Lhomoy dissera a verdade? Mentira? Podemos perguntar-nos se, na verdade, o jardineiro vira realmente a cripta. Suponhamos, por um instante, que, durante a sua passagem pelo seminário, Lhomoy tivera conhecimento, de um modo ou de outro, da existência de uma cripta em Gisors, mas sem conhecer exatamente a sua localização. Isso explicaria que, tendo sido contratado como jardineiro, nem por isso tivesse procedido a escavações durante quinze anos. Depois, um dia, ter-se-ia decidido a tentar a sorte e tentado escavar o poço, sabendo que não é raro os poços comunicarem com subterrâneos. Na sequência do desmoronamento que lhe valera uma perna partida, teria escavado, então, as suas famosas galerias de modo a cortar o subterrâneo a que provavelmente se ligaria o poço. Não podendo escavar mais, ter-se-ia decidido a falar da cripta e da descrição de que tivera conhecimento, esperando interessar a edilidade nas suas pesquisas. Sabe-se o que lhe aconteceu a seguir. Esta hipótese explicaria muitas coisas sem, por isso, pôr em causa a própria existência da cripta que é sem dúvida muito real.

A capela de Santa Catarina existe

Essa cripta existe, tal como é bem real a rede de subterrâneos que tece o seu pano no subsolo de Gisors. A história local conta que uma tal «Rainha Branca» foi cercada no castelo de Neaufles. Quando, ao amanhecer, as tropas inimigas se lançaram ao assalto, tiveram a surpresa de encontrar o local vazio e a Rainha Branca, saindo de Gisors com um grande número de tropas, caiu-lhes em cima. Espantados com um tal prodígio, os inimigos fugiram. Eis algo que pareceria atestar a presença de subterrâneos ligando Neaufles e Gisors. Para além deste tipo de tradições dificilmente verificáveis, temos, felizmente, elementos mais concretos para apresentar. Vários troços ainda percorríveis foram postos à luz na própria Gisors. Todos eles seguem um eixo norte-sul que parece testemunhar uma ligação entre o castelo e a igreja Saint-Gervais-Saint-Protais. No próprio recinto da fortaleza existe uma rede de caves que podem ser visitadas, com uma galeria central, dois subterrâneos perpendiculares e divisões que serviam para armazenamento de víveres. Uma outra secção encontra-se no prolongamento da primeira, e ainda se pode aceder a ela a partir das caves de casas sitas na rue de Vienne. Dirige-se para a viela de Épousées, mas está obstruída por um desmoronamento. Um pouco mais à frente, a continuação da galeria foi posta a descoberto em 1950 por uns empreiteiros. Tratava-se de um verdadeiro cruzamento de subterrâneos situados a seis metros de profundidade sob a viela de Épousées, perto do portal norte da igreja Saint-Gervais-Saint-Protais. Um inspetor do ensino que visitou o local, Eugène Anne, descreveu-os assim:

"Entre paredes espessas, cujas pedras são regulares e sólidas, abrem-se, à altura de um homem, quatro grandes nichos sobrepujados por abóbadas de arcos de volta inteira. Uma notável chave de abóbada reúne, no topo do cruzamento, arcadas românicas com um trabalho perfeito, com as pedras bem talhadas e

solidamente reunidas. O conjunto está num estado perfeito, e o calcário manteve-se quase branco [...]: parece bem que este local não era mais do que uma paragem no meio de uma via subterrânea que conduzia, da fortaleza vizinha, ao local da igreja. Com efeito, à direita do terceiro nicho, abre-se uma passagem estreita e negra, semi-obstruída por cascalho e que, como provam pesquisas recentes, cruza o solo da Grand-Rue e vem desembocar nas caves muito antigas de duas casas que se erguem desse lado e que a guerra poupou. Aí, encontramos de novo nichos e até colunas com capitéis esculpidos. Perto da igreja, o bombardeamento destruiu todas as saídas. Apressaram-se a cobrir tudo, sem fazerem a menor escavação a partir desse ponto.

Uma habitante de Gisors, Sr.ª Dufour, lembra-se bastante bem de antigos subterrâneos que se desmoronaram em consequência dos bombardeamentos durante a última guerra e descrevia-os assim, em 1963:

"Existia, por exemplo, a entrada de um subterrâneo na porta de Pont-Doré, onde outrora passava a primeira muralha da cidade e que transpõe um braço do Epte a algumas dezenas de metros a sul da igreja. Em 1942, uma operária de Tahon-les-Vosges levou para lá os seus camaradas para se abrigarem, numa noite de bombardeamento."

Hoje em dia, essa entrada está fechada. Citemos ainda um subterrâneo com oitenta degraus na sapataria chamada La Botte Bleue.

Acrescentemos que sarcófagos de pedra teriam sido vistos numa sala subterrânea posta a descoberto por um bombardeamento e, em seguida, coberta de novo.

Quanto à capela subterrânea que Lhomoy descreveu, sem dúvida sem a ter encontrado, mas baseando-se em informações precisas que poderia ter recolhido sobre ela, existe efetivamente, apesar de, de momento, se lhe ter perdido o rasto. Vários documentos antigos descrevem-na de forma precisa. Um texto de 1370, conservado nos Arquivos Nacionais, e que relata a evasão de um prisioneiro de Gisors, afirma:

"Quebrou um pedaço do soalho e abriu, pela força, um buraco por onde passou e depois quebrou e abriu outro buraco e entrou numa câmara perto da cela e daí subiu por uma parede de pedra e quebrou um soalho e entrou numa câmara perto da capela de Santa Catarina e depois entrou nessa capela na qual se encontrava a artilharia do nosso referido castelo."

Em 1629, no seu *Tableau poétique de Péglise de Gisors,* Antoine Dorival falava também da capela de Santa Catarina e descrevia o notável retábulo que nela se encontrava. No entanto, poderemos perguntar-nos se se trata da mesma capela, dado que uma parece ligada ao castelo e a outra à igreja.

Em 1696, Alexandre Bourdet, um amigo de Cyrano de Bergerac, ao redigir umas *Remarques sur l'histoire de Gisors,* apresenta até um esboço em corte da capela de Santa Catarina. Foi talvez este documento ou uma cópia que permitiu a Lhomoy fazer a sua descrição do local.

Em 1938, o abade Vaillant, pároco de Gisors, escreveu a um arquiteto parisiense a quem confiara um embrulho do arquivo. Na sua carta, exigia que lhe

fosse devolvido «um manuscrito latino datado do ano de 1500 que fala de trinta cofres de ferro». Um achado corrobora, aliás, estes vários elementos. Em 1898, ao mudar-se o pavimento da capela de Nossa Senhora da Assunção, na igreja de Gisors, retiraram-se umas lajes que estavam esculpidas na superfície voltada para baixo. Infelizmente, partiram-se em mil pedaços, quando foram retiradas. Reconstituiu-se pacientemente o *puzzle* e verificou-se que se tratava de um retábulo de altar com um metro e trinta de altura por um metro e oitenta de largura. Parece que se tratava do mesmo retábulo referido por Antoine Dorival, em 1629.

O conjunto destes elementos, incluindo a evasão do prisioneiro, permite pensar que, outrora, existia uma capela de Santa Catarina que fazia sem dúvida parte da igreja de Gisors e ficava por cima de uma cripta. Era nessa cripta que deviam terminar os subterrâneos que ligavam o castelo à igreja. A menos que tenha havido duas capelas de Santa Catarina, uma das quais sob o torreão. Acontece que este mistério nos leva a olharmos mais de perto os indícios que podemos encontrar, tanto no castelo como na igreja.

O prisioneiro de Gisors

Todos os visitantes do Castelo de Gisors saem muito espantados da Torre do Prisioneiro. Na verdade, descobriram-se lá verdadeiras esculturas, e não inscrições como é geralmente o caso, deixadas no local por um detido acerca do qual correm muitas lendas. Diz-se, entre outras coisas, que esse cavaleiro chamado Poulain era amante da Rainha Branca. Desses amores nasceu uma filha que não sobreviveu. No entanto, o rei, posto ao corrente, mandou encarcerar Poulain nessa torre do castelo. Evadiu-se mas, ferido, só teve forças para ir morrer nos braços daquela que amava.

Ela enterrou-o num subterrâneo, ao lado da sua filha.

Quem era essa Rainha Branca? A lenda não o diz, mas esta história parece essencialmente ser uma alegoria alquímica.

Visitemos a torre para sabermos mais. Chegamos lá por andares e os primeiros níveis a que acedemos atraem pouco a nossa atenção. No entanto, distinguimos neles algumas inscrições estranhamente semelhantes às da torre de Coudray, em Chinon. Foi aí também que, lembremo-lo, Jacques de Molay foi encerrado.

Quanto à cela famosa, a luz penetra nela dificilmente e o prisioneiro que nela gravou a sua mensagem devia trabalhar segundo os períodos do ano e as horas do dia, em função da deslocação, na parede, de um estreito raio de luz. E, apesar das dificuldades, o «prisioneiro» conseguiu esculpir, sem dúvida com o auxílio de um prego, verdadeiros baixos-relevos. Neles, vemos São Jorge a matar o dragão que uma donzela trás na ponta do seu cinto, bem como diversas cenas religiosas entre as quais episódios da Paixão, um enforcamento de Judas, uma ressurreição de Cristo, bem como cenas profanas: um torneio ou um baile em que participam personagens com a cabeça ornada com cocares de penas, como os índios. Mas podemos ler também um texto:

O MATER DEI MEMENTO MEI - POULAIN

Isto é: Oh Mãe de Deus, lembra-te de mim - Poulain.

Ora não há dúvida de que o prisioneiro nos fornece a chave para estas cenas. Perto desta inscrição, esculpiu uma estátua jacente, réplica invertida da que se encontra na igreja Saint-Gervais-Saint-Protais.

Não é ali que Poulain pretende levar-nos?

De Saint-Gervais-Saint-Protais a Rosslyn-Chapel: um modo de vermos com mais clareza

O edifício atual data de 1249, mas foi grandemente alterado em 1497 e, sobretudo, de 1515 a 1519, nomeadamente em tudo o que se refere à decoração.

De notar que as gravuras da Torre do Prisioneiro parecem datar do século XVI, a julgar pelos trajos.

Por cima do portal principal, um baixo-relevo representa a visão de Jacob adormecido, vendo sair dele os reis de Judá. Jacob, aquele que lutou contra o anjo e ficou coxo, aquele que conhecia o segredo para penetrar na cidade subterrânea de Luz, Jacob que sabia como um local pode ser «terrível». A árvore de Jessé que figura no interior conduz-nos ao problema da sua descendência.

Entrando na igreja, à esquerda, quase parece que quiseram lembrar-nos o prisioneiro. Com efeito, descobrimos aí uma curiosa escultura que representa Sainte Avoye, por detrás de grades. De notar que as religiosas de Sainte Avoye, cuja ordem desapareceu, estavam instaladas em Paris no local do bairro do Templo.

Um pouco por todo o lado, a decoração presta-se a uma interpretação alquímica, mas alguns pormenores precisos devem atrair mais particularmente a nossa atenção. Assim, a estátua colocada sob a tribuna do órgão. Ela representa David, com a espada na mão, depois da sua vitória sobre Golias. Mas um David idoso, que segura um livro. A seus pés... a cabeça cortada do seu inimigo oculta também um livro fechado. Esse livro não seria o símbolo da doutrina secreta do Templo que passa pelos mistérios do *baphomet*?

Sem dúvida que poderemos convencer-nos disso se observarmos mais de perto a estátua jacente esculpida na parede. A esse respeito, Antoine Dorival escreve, no século XVII: «É um esqueleto horrível ou o mestre perfeito.»

Aí está: encontramo-nos, de súbito, no seio da filiação maçônica da tradição templária ou, mais exatamente, da sua sobrevivência escocesa. Acompanhemos, por um instante, Gérard de Sède:

Com efeito, vista da nave, a disposição do conjunto que foi construído, no início do século XVI, a expensas das corporações e confrarias, é muito especial, dado que é exatamente a de uma loja maçônica quando da iniciação do grão-Mestre: à direita, um pilar reto, à esquerda, um pilar torto, tal como são, respectivamente, as duas colunas da loja, Jachin e Boaz, que imitam as do Templo de Salomão; ao fundo e entre as duas (ou, como dizem os maçons, na câmara do meio) o horrível esqueleto perante o qual o recipiendário é convidado à reflexão e que simboliza o cadáver de Hiram, construtor do Templo, o maçon mais completo

que já houve, o mestre perfeito. Esta interpretação talvez tenha sido «pedida», mas não deixa de ter interesse.

Ao lado, o «pilar dos curtidores de peles» também nos apresenta a sua mensagem. Considera-se dedicado a São Cláudio, patrono dessa corporação, e, no entanto, não é Cláudio que figura na inscrição, mas sim *CLAUS*, isto é, São Nicolau, patrono dos prisioneiros, mas também ligado às minas, a ponto de os alemães terem chamado Nickel, por sua causa, ao pequeno gênio das minas. O pilar ostenta uma inscrição que diz: *IE FUS ICI L'AN ISZ*, alusão a Ísis?

É na capela de Saint-Clair que se encontra a estátua jacente. Notemos, de passagem, outras inscrições ligadas a esse esqueleto, nomeadamente a seguinte:

FA Y MAINTENANT CE Q UE VOULDRA SAVOIR FAIT QUAND TU TE MOURRAS. («Faz agora o que quererás ter feito quando morreres»)

Eis algo que nos lembra muito a máxima tão cara aos iniciados do Templo de Bacbuc, em Rabelais: *Faz aquilo que quiseres.* E não se trata de um acaso.

Observemos também o curioso pilar «torcido» dos Delfins. Lembra-nos um outro pilar torcido muito interessante ligado também ao nome de Saint-Clair, pelo menos em termos fonéticos. Encontramo-lo na Escócia, com o nome de «pilar do Aprendiz», na capela de Rosslyn, edifício muito interessante no plano simbólico.

Conta-se que um mestre-pedreiro não quis terminar esse pilar sem ter ido a Roma para observar uma obra do mesmo tipo, e para não negligenciar um trabalho tão delicado. No entanto, quando regressou, encontrou o seu pilar terminado. Um aprendiz concluíra-o e de uma forma tão perfeita que o mestre-pedreiro ficou louco de ciúme. Matou o aprendiz e é a... cabeça deste último que veríamos esculpida por cima da porta ocidental da capela, ostentando uma ferida na têmpora direita. Em frente, uma... cabeça com barba, a do mestre que o matou. O tema dominante da decoração desta capela é o «Homem Verde», uma... cabeça humana com folhas de videira que saem da boca e das orelhas; cabeça cortada que garante a fertilidade da terra e o crescimento dos vegetais, tal como o *baphomet*. Não alongaremos mais em relação a Rosslyn Chapel, remetendo o leitor, para mais pormenores, para a obra de Michael Baigent e Richard Leigh. (Michael Baigent, Richard Leigh, *Des Templiers aux franc-maçons, la transmission du mystère, Éditions du Rocher).*

Todavia, isso pouco nos afastaria de Gisors, dado que Rosslyn Chapel foi construída por uma família que já encontramos, a propósito da pista escocesa. Uma família de fiéis de Robert Bruce, ligada à filiação do Templo, bem como à expansão da maçonaria jacobina: os Saint-Clair ou, como atualmente são chamados, os Sinclair; essa família da qual um membro, Sir Henry Sinclair, se lançou, em 1395, um século antes de Colombo, à conquista das Américas, tendo como destino o México. Nunca ninguém soube se lá chegou.

A propósito, a quem é dedicada a capela da estátua jacente de Gisors? A Saint-Clair, evidentemente.

Não vamos mais longe neste campo e deixamos a cada um o trabalho de descobrir todas as outras maravilhas que se escondem na igreja de Gisors. Antes de terminarmos, voltemos, durante breves instantes, a fazer uma visita ao nosso prisioneiro na sua torre, a fim de lhe agradecermos ter-nos conduzido a esta igreja

sob a qual se encontra, sem dúvida, a capela de Santa Catarina.

Um prisioneiro demasiado cortês para não ser iniciado

Vimos, perto da estátua jacente, o *Faz aquilo que quiseres*, caro a Rabelais. Ora, ao longo de toda a sua obra, este deixou uma mensagem oculta ligada a uma sociedade secreta da época: a *Agla*. Foi esta organização que já encontramos a respeito dos irmãos Van Eyck e da sobrevivência da Ordem do Templo no seio da Ordem de Santo Antão de Barbefosse.

Depois, a *Agla* transformou-se na Sociedade Angélica, cara a Júlio Verne e muitos outros escritores e artistas. Os seus membros adquiriram o hábito de deixar, nas suas obras, verdadeiras mensagens cifradas, servindo-se dos métodos utilizados em *O Sonho de Polífilo*, atribuído a Francesco Colonna. É importante saber que essa obra esteve na base do simbolismo utilizado numa boa parte dos modelos de arquitetura do Renascimento e, nomeadamente, na arte dos jardins. Aqui, não podemos alongar-nos mais sobre o papel da Sociedade Angélica que estudamos profundamente noutra obra.

Contentemo-nos, pois, com recorrer a Grasset d'Orcet, cujos estranhos artigos aparecidos na Revue Britannique, no final do século passado, estão cheios de ensinamentos.

Ele lembra:

Os adeptos de uma loja semelhante à Sociedade Angélica a que pertencia Rabelais, com a diferença de que era composta por nobres, e mais provavelmente por cavaleiros e clérigos de São João de Jerusalém, herdeiros da Ordem do Templo. Liga também os Templários aos adeptos da arte gótica, arte cifrada que preferia grafar Gál-tica, isto é, ligada a esses Goliardos que tinham uma especial veneração pelo galo (*gault*).

Em *O Sonho de Polífilo*, o herói está apaixonado por Polia, que personifica a sabedoria e o conhecimento, e é submetido a muitas provas para se juntar a ela. Nessa obra, Grasset d'Orcet decifra uma passagem segundo a qual o autor teria querido afirmar que era templário. Para ele, Polia não é uma mulher, é uma «polé», e Polífilo é outra. «As duas fazem um par, e o par, unido por uma cadeia ou malha, forma um cadernal ou uma talha que serve para elevar os fardos para bordo dos navios, as pedras para um andaime ou, mais simplesmente, o balde de um poço», que liga a Salomão.

Grasset d'Orcet explicita um pouco estes termos sibilinos. Para ele, a talha composta por um par (uma «polé fixa» e uma «polé livre», foi escolhida no Renascimento para lembrar os Templários que apareciam sempre aos pares no seu selo. Não entremos nos pormenores muito difíceis das interpretações de Grasset d'Orcet, porque isso não nos levaria muito longe, mas retenhamos que, para ele, a arte cifrada no meio de *O Sonho de Polífilo*, no Renascimento, estava diretamente

ligada à mensagem dos Templários. Ora, aquele que for visitar a igreja de Saint-Gervais-Saint-Protais com *O Sonho de Polífilo* na mão, terá bastantes surpresas. Irá encontrar os mesmos bucrânios, os mesmos motivos decorativos, os mesmos símbolos.

Interroguemos um pouco mais Grasset d'Orcet e não nos deixemos deter por aquilo que poderia parecer a utilização abusiva dos jogos de palavras. Saibamos que se limita a utilizar o método caro à Sociedade Angélica, cujos membros cifravam assim os seus escritos. Swift codificou, em cerca de sessenta regras, este tipo de cifra conhecida também pelo nome de língua púnica. Grasset d'Orcet lembra os Templários:

"Adoravam o sol em ascensão [*montant*] (sol, monte), donde o Salomão da antiga franco-maçonaria, cuja origem não é bíblica, mas gaulesa, porque era o antigo deus Belenos ou Pol, em grego Apolo, representado por um frango [*poulain*]: deixou o seu nome à proa dos navios, ou *poulaine*, que os gregos modernos continuam a ornamentar com uma cabeça de frango. Como o radical do seu nome quer dizer redondo, é provável que seja dele que provém o nome da *polé*, da talha [*palan*], do *par-talha* [*pair-palan*] e todo o resto da lenda da *polé* fina presa à *polé* livre."

Uma vez mais, os escritos de Grasset d'Orcet não devem ser tomados à letra. No entanto, também não são para desdenhar. O que nos diz aqui, é que as sociedades que recolheram a herança dos Templários, se reconhecem, no Renascimento, através das mensagens de *O Sonho de Polífilo* e que os seus adeptos se reconhecem pela denominação de «frango» (*poulain*).

Em Gisors, foram retirados tantos elementos de *O Sonho de Polífilo* para decorar a igreja que não podemos ficar verdadeiramente espantados ao lembrarmo-nos da inscrição deixada pelo prisioneiro:

O MATER DEI MEMENTO MEI - POULAIN

Poulain ou, dito de outro modo, a assinatura do iniciado que, por outro lado, nos põe na pista da igreja, etc. E no andar por cima do da cela do prisioneiro está gravado um barco, uma nave, cuja proa, a «poulaine», é fortemente marcada.

Podemos perguntar-nos se o artista da cela foi mesmo um prisioneiro, ou se se trata de um trabalho realizado de forma deliberada para deixar uma mensagem. Talvez esta última seja um meio de encontrarmos a via para sairmos da nossa prisão interior. De qualquer modo, as esculturas da Torre do Prisioneiro, em Gisors, transcendem, de longe, o simples testemunho da nostalgia de um homem, como gostariam de nos fazer acreditar. São o sinal de uma pista suplementar sobre os vínculos ocultos que ligam as sociedades iniciáticas modernas à Ordem do Templo. Talvez seja esse o verdadeiro tesouro de Gisors que os investigadores, cegos pelo engodo do ganho, se esqueceram de ver. Que cada um tire as suas conclusões, no local e na região onde encontramos, ao mesmo tempo, a sul de Gisors, um local chamado Saint-Gervais associado a um vale Catherine e, a norte, um Parc-à-Poulain.

Gisors é um dos elos da sobrevivência da Ordem, da propagação da sua mensagem? Alguns investigadores pensam até que, nesse local, se teria realizado

uma cisão no Templo. A partir de 1188, a parte iniciática teria abandonado a Ordem, o que explicaria muitas coisas. A separação teria sido feita no campo de *l'Ormeteau* ferrado, muito perto da atual estação de caminho de ferro de Gisors. Os iniciados do Templo, daí em diante separados da Ordem, teriam tomado o nome de Ordem de Sião. Mas isso seria uma outra história na qual seria muito difícil separar a verdade dos truques. De qualquer modo, é sem dúvida em Gisors que devemos lançar-nos na pista dos descendentes do Templo.

F I M

Esta obra foi revisada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.
Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.
Se quiser outros títulos nos procure:
http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

DIGITAL Source

Viciados em Livros
seu grupo de compartilhamento de ebooks

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

http://groups.google.com/group/digitalsource